

Sua cabeça travava uma
batalha feroz para negar o que
o corpo já sabia:
ela o desejava loucamente

BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*



TENSÃO

GAIL MCHUGH



ARQUERO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Créditos

Tensão

Título original

COLLIDE

Copyright © 2013 por Gail McHugh

Para minha mãe. Você tinha razão.

1

Encontros acidentais

ELA CALCULOU QUE O VOO de Colorado a Nova York duraria três horas e quarenta e cinco minutos, e depois desse tempo sua vida mudaria para sempre – mais até do que já havia mudado.

Agarrando as laterais do assento com as palmas das mãos suadas, Emily Cooper fechou os olhos enquanto as turbinas se preparavam para a decolagem. Nunca tinha sido fã de viajar de avião; na verdade, morria de medo. Apesar disso, se lembrava de momentos em que a tortura de estar a 30 mil pés de altura tinha valido a pena: quando saiu de casa para ir para a faculdade; a fuga para uma ilha tropical; ou uma visita à sua adorada família. No entanto, esta viagem não lhe dava a menor alegria, apenas sensações de perda e tristeza.

Olhando para ela, estava um dos motivos pelos quais ainda acordava todos os dias: seu namorado, Dillon. Percebia que ele estava ciente da expressão dela, que reunia toda a incerteza do que se encontrava adiante.

Segurando a mão de Emily, Dillon inclinou o corpo para a frente e afastou uma mecha de cabelo do rosto dela.

– Vai ficar tudo bem, Em – sussurrou. – Antes que você perceba, a gente já vai estar em terra outra vez.

Ela se obrigou a dar um sorriso e se virou, hesitante, olhando enquanto as montanhas cobertas de neve iam desaparecendo abaixo das nuvens. O coração apertou-se ainda mais dentro do peito ao se despedir do único lar que conhecera. Encostou a cabeça na janela e permitiu que a mente vagasse pelos últimos meses.

Ao final de outubro, no último ano de faculdade, recebera um telefonema. Até aquele momento, a vida lhe parecera... boa. Dillon havia entrado em seu mundo no mês anterior, as notas estavam como deveriam e sua colega de quarto, Olivia Martin, se revelara uma das melhores amigas

que teria. Ao atender o telefone naquele dia, Emily jamais poderia esperar aquela notícia.

“Os exames chegaram, Emily”, dissera Lisa, sua irmã mais velha. “Mamãe está com câncer de mama em estágio quatro.”

Após aquelas últimas palavras, a vida de Emily nunca mais seria a mesma. Nem de longe. Seu porto seguro, a mulher que mais adorava e o único dos pais que conhecera, tinha menos de três meses de vida. As longas viagens de fim de semana da Universidade de Ohio até o Colorado para ajudar a mãe em seus últimos meses tornaram-se corriqueiras para Emily. Assistia à mãe definhando, indo da alma forte e arrebatadora que um dia havia sido à mulher frágil e irreconhecível na qual se transformara antes de morrer.

Com uma turbulência súbita agitando seus nervos, Emily agarrou a mão de Dillon e o olhou. Ele lhe ofereceu um sorriso breve e meneou a cabeça, basicamente para lhe assegurar de que estava tudo bem. Deitando a cabeça no ombro cálido dele, Emily começou a pensar no papel que Dillon havia desempenhado naquilo tudo: os incontáveis voos entre Nova York e Colorado para estar ao lado dela, os lindos presentes que enviara para desviar seus pensamentos da loucura que consumia sua vida, os telefonemas tarde da noite para se certificar de que ela estava bem. E até mesmo as providências em relação ao enterro, os conselhos sobre a venda da casa onde Emily tinha passado a infância e, por fim, os arranjos para que ela se mudasse para Nova York. Era por tudo aquilo que o adorava.

Enquanto o avião aterrissava no aeroporto LaGuardia, em Nova York, Dillon observava a mão de Emily, segurando a sua com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. Ele deu uma risadinha discreta e inclinou o corpo para beijá-la.

– Viu só? Não foi tão ruim assim – falou, acariciando a bochecha dela. – Agora você é oficialmente uma nova-iorquina, gata.

Depois de circularem pelo aeroporto durante o que pareceu uma eternidade, Dillon chamou um táxi e eles se dirigiram ao apartamento que Emily ia dividir com Olivia. Esse era um assunto delicado para Dillon. Quando conversou com Emily sobre a mudança, ele esperava que fossem morar juntos. Mas ela achou melhor, pelo menos por ora, ficar com Olivia.

Atravessar o país inteiro já era uma situação um tanto complicada, e ela não queria acrescentar ainda mais pressão à coisa toda. Embora amasse Dillon – e ela certamente o amava com fervor –, uma vozinha em sua cabeça a mandava esperar. Morar junto era algo que viria um pouco mais tarde. Ele acabara aceitando, mas não sem antes brigar um bocado.

Ao chegar a seu novo lar, Emily saltou do táxi. Foi logo atingida pela paisagem e pelos sons da cidade. Alarmes de carros aos berros, freadas bruscas e sirenes gemendo assaltavam o ar. Gente falando e gritando, seus passos avançando pesadamente pelas calçadas de concreto apinhadas, o fluxo frenético de veículos quase colados uns nos outros, um mar de táxis amarelos; aquilo era diferente de tudo o que ela já tinha visto ou ouvido. O vapor que escapava dos bueiros lembrava fantasmas flutuando do asfalto quente.

A paisagem vasta coberta de árvores e os lagos límpidos do Colorado tinham sido substituídos por aço e concreto, barulhos estridentes e um trânsito caótico. Definitivamente, teria que se acostumar a isso. Respirando fundo, Emily seguiu Dillon para dentro do prédio. O porteiro inclinou o boné e chamou Olivia pelo interfone, avisando-lhe que haviam chegado. Subiram ao décimo quinto andar, gratos pela existência do elevador.

Ao entrarem no apartamento, Olivia deixou escapar um gritinho. Correu em direção a eles e abraçou Emily.

– Estou tão feliz por você estar aqui! – exclamou a amiga. – Como foi o voo?

– Resisti sem precisar de drogas ou de bebidas alcoólicas – Emily sorriu. – Então eu diria que foi tudo bem.

– Em ficou bem. – Dillon se aproximou e passou o braço pela cintura de Emily. – De qualquer forma, eu não deixaria que nada acontecesse a ela.

Revirando os olhos castanhos, Olivia cruzou os braços.

– Claro, porque você seria capaz de impedir a queda de um avião, Dillon.

Ele olhou sério para Olivia e colocou as malas de Emily no chão.

– É isso mesmo, Oliver Twist. Sou a porra do Super-Homem, lembre-se disso.

Emily deixou escapar um suspiro.

– Já faz um tempo que não encontro vocês dois juntos. Tinha esquecido quanto se curtem.

Olivia deu um sorrisinho afetado e pegou a mão de Emily.

– Vamos, deixe eu lhe mostrar a casa. – Puxando a amiga recém-chegada pelo corredor, Olivia se virou para Dillon: – Seja útil e desfaça as malas dela ou algo assim, Babaca-Mor.

Ignorando Olivia, Dillon afundou no sofá e ligou a televisão.

– Meu Deus, Olivia – disse Emily, rindo e a seguindo bem de perto. – De onde é que você tira esses apelidos?

– Pfft. – Olivia acenou, dispensando o comentário. – Ele facilita muito.

– Bem, já vi que os dois vão me levar à loucura.

– Não posso prometer nada, mas vou fazer o possível para me controlar, amiga.

Enquanto Olivia fazia um belo passeio com ela pela casa, Emily viu que o apartamento elegante e moderno tinha dois quartos e dois banheiros. Mesmo sendo modesta em tamanho, a cozinha tinha armários brancos antigos, bancadas de granito e eletrodomésticos em aço inoxidável. Uma janela imensa na sala dava para a Columbus Avenue, uma região nobre do Upper West Side de Nova York.

O apartamento era lindo, de tirar o fôlego e, sem Olivia, Emily jamais teria sido capaz de bancá-lo – pelo menos não sem a ajuda de Dillon. Embora Olivia trabalhasse e se sustentasse, era de uma família abastada, então dinheiro nunca tinha sido problema. Mas mesmo tendo crescido na região rica de North Shore, em Long Island, Olivia e o irmão, Trevor, eram duas das pessoas mais pé no chão que Emily conhecia.

Depois de ajudar Emily a se instalar, Dillon foi embora, mas não sem avisar que voltaria mais tarde, à noitinha. Pegando uma garrafa de vinho e duas taças, Olivia arrastou Emily até o sofá.

Jogando os cabelos louros claríssimos para o lado, sorriu com um misto de doçura e amargor.

– Sei que você passou por um monte de coisas, mas estou muito feliz que

esteja aqui.

O sorriso de Emily foi correspondente ao de Olivia. Suas emoções se dividiam entre a tristeza das circunstâncias que a levaram a Nova York e a felicidade pelo grande avanço em seu relacionamento com Dillon mudando-se para lá – mesmo que não estivesse morando com ele. Bebeu um gole do vinho e apoiou os pés no pufe.

– Também estou feliz, amiga.

Olivia a fitou, curiosa.

– O Babaca continuou infernizando você por vir morar aqui?

– Não, não infernizou mais, não – respondeu ela –, mas quer que eu me mude para algum lugar com ele até o final do verão.

– Bem, pode avisar ao Dillon que a briga é comigo. – Olivia bufou. Balançando a cabeça, Emily riu da declaração da amiga. – Estou falando sério, Em. Ele precisa lhe dar um pouco de espaço.

– Não se preocupe. Por um bom tempo não vou arredar os pés daqui. – Emily varreu o apartamento com os olhos, até que eles se detiveram em uma pilha de caixas de mudança num canto. – Não estou nem um pouco ansiosa para encarar aquilo ali. – Ela meneou a cabeça para seus pertences empacotados.

– Amanhã não vou precisar trabalhar – avisou Olivia, servindo-se da segunda taça de vinho. – Aí podemos cuidar disso. Por enquanto, vamos só relaxar um pouco.

Nas horas que se seguiram, foi exatamente o que fizeram: relaxaram. Não falaram de câncer. Não falaram de morte. Não falaram das expectativas da vida. Eram só duas amigas tomando uma garrafa de vinho no apartamento que dividiam enquanto uma delas iniciava uma nova fase de sua vida.

Duas semanas depois, Emily se viu parada diante de um restaurante italiano em Midtown.

Empurrou a porta do local, seu novo emprego de verão. Examinou o

ambiente em busca do homem que a contratara alguns dias antes: Antonio D'Dinato, um nova-iorquino nato, de vinte e tantos anos.

– Aí está você, Emily. – Antonio sorriu ao se aproximar. – Pronta para seu primeiro dia?

Sorrindo, ela olhou bem para os cabelos dele, castanho-escuros, na altura dos ombros.

– Pronta como nunca.

– Um pouco assustador para uma menina do interior do Colorado, mas estou certo de que você vai se adaptar perfeitamente.

Ela o seguiu até a cozinha, onde foi apresentada aos chefs de partie. Todos sorriram de maneira amigável, mas Emily sabia, por ter sido garçõete durante a faculdade, que aquela simpatia toda em breve chegaria ao fim. Logo estariam berrando com ela para vir pegar os pedidos na janela e sem dúvida seus rostos estariam menos joviais. Emily começou a vestir o avental preto enquanto Antonio lhe indicava uma garçõete da sua idade. Com um sorriso, Emily avaliou os cabelos da outra garçõete. Eram um arco-íris de todas as cores imagináveis, intercalados com mechas de louro platinado.

– Oi, eu sou a Emily. – Ela sorriu ao se aproximar da outra. – Antonio disse que vou acompanhar você hoje.

A garota retribuiu o sorriso e lhe entregou um bloquinho de pedidos e uma caneta.

– Então você é a nova gata do pedaço? Eu sou a Fallon; é um prazer conhecê-la.

– É isso, a nova gata. É um prazer conhecer você, também.

– Bem, não se preocupe com nada. Acho que comecei a trabalhar aqui assim que saí da barriga da minha mãe. – Ela arregalou os olhos cinzentos brincalhões. – Eu lhe mostro o básico e, antes que perceba, você já vai estar correndo por aí de olhos vendados.

– Por mim tudo bem. – Emily riu.

– Ouvi dizer que você é do Colorado...

– Isso mesmo. De Fort Collins, na verdade.

– Você toma café? – perguntou Fallon, oferecendo-lhe uma xícara.

– É um dos meus vícios, na verdade. – Emily aceitou. – Obrigada. Você sempre morou em Nova York?

– Nasci e cresci aqui. – Fallon sentou-se ao balcão, sinalizando para que Emily se juntasse a ela. – Ainda é cedo. A loucura começa daqui a mais ou menos uma hora.

Emily sentou-se ao lado de Fallon e bebericou o café. Olhou ao redor, para o salão, observando os ajudantes de garçom que arrumavam as mesas. Antonio conversava com eles num idioma que Emily imaginava ser espanhol. A voz dele se alterava, ansiosa, enquanto gesticulava para as ruas de Nova York.

– E então, o que a fez atravessar o país até a cidade que nunca dorme? – perguntou Fallon. – Você é atriz ou modelo? Qual dos dois?

– Nenhum dos dois – respondeu ela, tentando ignorar a dor em seu peito. Ainda parecia que tinham jogado sal na ferida recente. – Minha... é... Minha mãe faleceu em janeiro. Não tive mais nenhum bom motivo para ficar por lá depois que ela morreu.

A expressão de Fallon se abrandou.

– Sinto muito. A morte com certeza é uma merda. Meu pai morreu de infarto há alguns anos, então sei como você se sente. – Fallon deixou escapar um suspiro e desviou o olhar por um instante.

– Não importa a idade, a raça ou a nossa situação econômica, a morte sempre nos pega em algum momento.

Emily considerou o comentário sábio para a idade dela, mas, por outro lado, sabia que a morte tinha o poder de fazer as pessoas enxergarem a vida de forma bem diferente.

– É verdade. Sinto muito pelo seu pai.

– Obrigada. Não tem um dia no qual eu não pense nele. – Fallon fez uma pausa. – E o seu pai?

Veio para cá com você?

Mais um assunto delicado, mas assuntos delicados haviam se tornado abundantes e inevitáveis.

– Não. Não tenho nenhum contato com ele ou com a família dele desde

que tinha 5 anos. Na verdade, nem me lembro do meu pai.

– Só dou bola fora com você, hein? – brincou Fallon. – Desculpe. Será que é melhor eu perguntar sobre cachorrinhos ou algo assim?

Balançando a cabeça, Emily sorriu.

– Não se preocupe. Está tudo bem. Não tenho cachorrinhos, então isso seria um beco sem saída.

– Nem eu. São fofos, mas não lido muito bem com a ideia de cagarem a casa toda. – Fallon riu e prendeu os cabelos num rabo de cavalo. – E então... O que fez você vir para Nova York? Tem outros parentes aqui?

– Aqui, não. Tenho uma irmã mais velha na Califórnia. – Emily bebericou um gole do café. – Mas meu namorado, Dillon, mora aqui. Começamos a namorar no meu último ano de faculdade.

Fallon sorriu.

– Namoradinhos de faculdade, é?

– Não, na verdade ele já estava morando aqui quando a gente se conheceu. O irmão da minha colega de quarto foi visitá-la num fim de semana e o Dillon foi junto.

– Não é impressionante... como os caminhos das pessoas se cruzam? – Fallon fitou os olhos de Emily. – Quer dizer, se o seu Dillon não tivesse feito a viagem com o irmão de sua colega de quarto, vocês dois nunca teriam se conhecido. A vida é superesquisita.

Emily percebeu que tinha gostado de Fallon de cara.

– Concordo plenamente. O destino e os caminhos se apresentam para a gente. É como se tudo fosse um quebra-cabeça enorme que, no final das contas, acaba se encaixando.

– É isso aí. – Fallon sorriu. – E o que você estudou na faculdade?

– Pedagogia. Já comecei a mandar meu currículo por aí na esperança de arrumar alguma coisa para o outono.

Fallon franziu a testa, o piercing do lábio brilhando sob a luz.

– Então vai nos abandonar no fim do verão?

– Que nada! Depois disso provavelmente vou trabalhar meio expediente.

– Legal. – Ela se levantou, o corpo alto e esguio assomando o de Emily como uma torre. – E aí, gosta de sair, tipo clubbing?

Emily franziu a testa.

– Clubbing?

– É, clubbing – respondeu Fallon, requebrando os quadris.

– Ah, está falando de dançar?! – Emily riu. – Claro, em Colorado eu saía, mas ainda não fiz nada do tipo aqui.

– Maneiro. Adoro apresentar novatos à cena clubber.

– Bem, estou dentro se você quiser me levar. É só falar quando.

– Pode deixar. Estou saindo com um cara que tem uns 40 anos e ele me coloca para dentro das boates mais incríveis de Nova York, e de graça.

Emily assentiu e bebericou o café.

– O sexo é só um bônus – acrescentou Fallon.

Emily quase engasgou.

– Ah, claro, isso definitivamente seria um bônus.

– Pois é, foi o que pensei. – Ela sorriu. – Muito bem, novata, vamos nessa.

Emily passou o dia seguindo Fallon. Ela lhe mostrou como usar o computador e a apresentou a alguns dos clientes cativos do restaurante. Variavam de tipos ricos de terno e gravata ao cidadão comum, operário de obra. As coisas se agitaram por volta do meio-dia, e um dos garçons telefonou para avisar que estava doente, então Emily serviu algumas mesas sozinha. Mesmo sem conhecer o cardápio e sentindo-se insegura em relação ao sistema do computador, sobreviveu sem grande dificuldade. Ao final do turno, Fallon tagarelava para Emily, fazendo comentários sobre clientes que davam as melhores gorjetas e até sobre quais garçons eram os mais competitivos. Em geral, considerando que era seu primeiro dia, Emily achou que tinha se saído bem.

Quando estava indo embora do restaurante, Antonio a parou, segurando uma caixa para entrega.

– Emily, meu entregador pediu demissão – disse, com os olhos cheios de preocupação. – Por acaso você está indo em direção ao Edifício Chrysler?

– Não, mas fica a poucas quadras daqui, não fica?

– Isso, na Lexington com a 42.

– Precisa que eu leve isso até lá? – perguntou Emily, apontando para a caixa.

– Preciso, por favor.

Emily deu de ombros.

– Sem problema. Vou a pé e de lá pego um táxi para casa.

– Muito obrigado. – Ele lhe entregou a caixa, suspirando de alívio. – Vou acrescentar uma coisinha a mais ao seu salário na semana que vem.

– Não precisa, Antonio. Eu gosto mesmo de visitar os pontos turísticos.

– Não, eu insisto. Vemos você amanhã, Caipirinha.

Rindo, Emily balançou a cabeça, admirada com o novo apelido. Deu meia-volta sobre os saltos arredondados dos sapatos de garçonne e saiu rumo ao ar quente e úmido. O mês de junho em Nova York era, sem dúvida, mais quente do que no Colorado. Ela foi abrindo caminho pela cidade, os olhos arregalados, ainda admirada por estar morando ali.

O ar estava denso com o alvoroço do trânsito e com o aroma que escapava dos carrinhos dos ambulantes vendendo comida. Estava se acostumando a Nova York mais depressa do que imaginara.

Do metrô que vibrava sob seus pés ao desfile de rostos tão diversificados, tudo na cidade a impressionava. Era uma grande sobrecarga sensorial. Três curtos quarteirões depois, e um bocado suada, ela chegou ao destino.

Embora o pai tivesse lhe contado histórias sobre amor à primeira vista, até aquela tarde fatídica, Gavin Blake tinha acreditado que isso não passava de um mito. A atenção dele estava concentrada na loura do balcão de informações, mas seus olhos se fixaram em Emily no instante em que ela entrou. Ele notou o modo como ela sorriu para o segurança. Sua beleza o atingiu em cheio, de imediato. Porém, mais do que isso, sentiu-se atraído por ela como se houvesse uma corda amarrada à sua cintura e ela estivesse na outra extremidade, puxando-o. Piscando duas vezes, ele balançou a cabeça

diante daquela conexão magnética.

– Senhorita, posso ajudá-la com alguma coisa? – perguntou-lhe o segurança.

– Oi, vim fazer uma entrega – respondeu Emily, olhando para o recibo. – Sexagésimo segundo andar.

Antes que o segurança pudesse responder, Gavin gritou do outro lado do saguão:

– Eu posso subir com ela, Larry.

A recepcionista, que chamara a atenção de Gavin antes da entrada de Emily, fez um beicinho.

O olhar de Emily se voltou para o local de onde vinha a voz. Ela perdeu o fôlego quando viu o homem alto e arrasadoramente lindo que caminhava em sua direção. Sentiu-se meio sem equilíbrio.

Os olhos percorreram os cabelos muito negros, bem curtos e penteados em discreto desalinho. Os traços, tão bem esculpidos, eram de tirar o fôlego; a boca parecia ter sido entalhada com grande esmero por um escultor de enorme talento. Os olhos varreram depressa o corpo que parecia ser musculoso escondido sob o terno cinza de três peças. Tentando se mostrar pouco afetada por aquele pedaço de mau caminho, ela voltou as atenções para o segurança gorducho.

– Tem certeza, Sr. Blake? Eu posso levá-la até lá.

– Tenho certeza, sim, Larry. Eu já ia subir, mesmo. – Gavin se virou para Emily. – Deixe-me ajudá-la com isso. – Ele fez um gesto para a caixa.

A voz era quente como conhaque e fez o estômago de Emily se alvoroçar. Ela tentou encontrar as palavras.

– Está tudo bem, sério. Eu consigo segurar.

– Eu insisto. – Gavin sorriu. – Além do mais, é uma velha mania de escoteiro.

Ela podia esquecer os olhos azuis penetrantes ou o charme que emanava de cada poro; bastava o sorriso cheio de covinhas para convencer Emily, instantaneamente, de que era só ele mandar e inúmeras mulheres tiravam a roupa.

Todos os dias.

Com relutância, ela lhe entregou a caixa e tentou se mostrar impassível.

– Certo, muito bem, já que é assim, você acaba de ganhar seu distintivo pela boa ação.

– Ora, muito obrigado. Já faz um bom tempo que não ganho um. – Ele riu. Girando com um movimento muito lento, Gavin a conduziu aos elevadores.

Emily o seguiu e vislumbrou a própria imagem nas portas de alumínio escovado. Sabia que estava horrível, suada e com cara de quem está voltando do trabalho, e a única coisa que queria era sair correndo quando as portas se abrissem.

– Depois de você – disse Gavin, com um sorriso.

Enquanto Emily entrava, os olhos de Gavin devoravam os cabelos castanho-avermelhados sedosos que chegavam à cintura dela. Nunca fora fã de mulheres que usavam rabo de cavalo – muito menos quando a mulher em questão parecia recém-saída de uma guerra de comida –, mas naquele momento ela era a criatura mais magnífica que ele já vira. Entre o rosto em formato de coração, o corpinho mignon e o perfume que flutuava entre eles, Gavin estava com sérias dificuldades para respirar. Com um passo à frente, tentou ignorar a consciência excessiva da presença dela – mas era inútil.

– Pelo visto substituíram Armando – sugeriu ele, apertando o botão do sexagésimo segundo andar.

Emily tentou não se mostrar inquieta quando seu olhar encontrou o de Gavin. Aquela proximidade só fazia com que ela se desse conta de quão lindo ele era de fato. Uma força potente num espaço pequeno e confinado. Ela entreabriu os lábios para acalmar a respiração acelerada.

– Armando?

– É, Armando. – Gavin deu um sorriso afetado, baixando os olhos em direção à caixa de comida.

– Da Bella Lucina. Meu escritório pede comida de lá quase toda semana. É Armando que faz as entregas.

– Ah, sim. Mas não sou a nova entregadora. Quero dizer, eu trabalho lá.

Bem, isso é óbvio, já que estou usando o uniforme e é evidente que sou uma garota e não um cara. – Emily estremeceu diante da certeza de que soava como uma perfeita imbecil. Respirando fundo, começou de novo: – Sou garçonzete lá. Meu chefe me pediu para fazer esta entrega quando estivesse indo para casa porque o entregador se demitiu. – Ela começou a ficar vermelha e quis cair dura bem ali. Literalmente. Cair.

Dura. – Eu juro que sei articular frases completas.

– Dia longo no trabalho? Eu me solidarizo com você. – Gavin riu baixinho e avaliou o rosto dela.

Emily tinha os olhos mais verdes que ele já vira e uma pintinha minúscula perfeitamente posicionada logo acima do lábio.

Ela sorriu.

– É, foi um dia muito longo no trabalho.

A campainha do elevador soou no trigésimo nono andar. As portas se abriram e uma mulher entrou. Era tão alta quanto Gavin, em seus saltos agulha pretos, terno branco e cabelos acaju presos num coque.

– Ora, como vai, Sr. Blake? – cumprimentou ela, a voz rouca, enquanto apertava o botão do quadragésimo segundo andar. Ela abriu um sorriso sedutor assim que se inclinou em direção ao ouvido de Gavin. – Espero que possamos continuar de onde paramos na última vez em que o vi.

Gavin deu um passo atrás, sem grande cerimônia, o rosto ganhando uma expressão indiferente.

Limitou-se a assentir. A mulher sorriu e se virou para encarar as portas do elevador.

Gavin olhou outra vez para Emily, envergonhado por seu casinho de uma noite entrar no elevador de forma tão inesperada.

– E então... Você trabalha no Bella Lucina há muito tempo?

– Não, hoje foi meu primeiro dia.

– Emprego novo. Isso pode ser estressante – disse Gavin. – Espero que tenha corrido tudo bem.

– Correu, sim, obrigada.

Quando as portas se abriram, a mulher saiu e se virou para Gavin:

– Me liga.

Ele assentiu brevemente e ela se afastou. As portas se fecharam, deixando-o a sós com Emily outra vez.

– Ela não é minha namorada, caso você esteja se perguntando.

Emily o encarou, divertindo-se com aquela observação.

– E quem disse que eu estava?

A reação inesperada, combativa e sexy, causou arrepios em Gavin. Ele deu de ombros, como quem não quer nada, tentando decifrá-la.

– E quem disse que você não estava?

– Você não me conhece bem o bastante para supor nada do que eu poderia estar pensando – zombou ela, uma risada escapando dos lábios.

– Nisso você tem razão. – Gavin abriu um sorriso presunçoso e deu um passo à frente para ficar mais perto dela. – Mas tenho de admitir que gostaria de conhecê-la melhor.

Que ótimo! Ele não só era gostoso, com aquele terno elegante e caro. Era convencido também.

Emily piscou para ver se acordava de seu quase torpor, tentando ignorar quanto o perfume dele era sedutor.

– Não posso. Sinto muito. – Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Antes que Gavin tivesse chance de reagir, as portas do elevador se abriram no sexagésimo segundo andar.

– Eu fico aqui. – Emily se virou para pegar a caixa. – E agradeço por carregá-la para mim.

– Sem problema, eu também fico aqui.

– Trabalha neste andar? – perguntou Emily, obviamente confusa.

Sem querer dizer a ela que era o dono da empresa sediada naquele andar, Gavin optou por uma meia-verdade:

– Pois é. Sou o culpado pelo pedido.

Os olhos de Emily passearam pelos lábios deliciosos dele.

– Então quando entrei você já sabia que eu vinha para este andar?

– Eu tinha uns minutinhos. Estava aguardando por você lá embaixo, na portaria. Na verdade, eu estava lá na portaria esperando o Armando, mas em vez dele fui agraciado pela linda mulher diante de mim. Aí resolvi ser cavalheiro e ajudá-la com a caixa. – Ele saiu do elevador com passos fortes e graciosos. – Gostaria de me acompanhar no jantar? Tem mais do que o suficiente aqui para você.

– Eu... Eu não posso. Sinto muito – respondeu Emily, apertando o botão para a portaria.

– Espere! – Gavin inclinou o corpo para dentro do elevador, segurando a porta aberta. Tinha forçado a barra e estava se sentindo um babaca, mas tentou recuperar a pose da melhor forma possível. – Fui grosseiro e lamento por isso; minha mãe me deu uma educação melhor do que essa. – Passou a mão pelos cabelos, nervoso. – Eu adoraria levá-la para jantar um dia desses. Sei que um escritório não é um cenário nada romântico. É que eu trabalho muito. Mas, como falei, adoraria sair com você uma noite dessas.

Antes que Emily pudesse responder, uma graciosa mulher de cabelos castanhos falou de detrás de uma mesa:

– Sr. Blake, o senhor tem uma ligação na linha dois.

Sorrindo, ele se virou para encarar a mulher.

– Por favor, anote o recado para mim, Natalie.

Com os dedos trêmulos, Emily se apressou em apertar o botão para fechar a porta, que se fechou por completo antes que Gavin pudesse se virar. Encostada na parede, agarrou a balaustrada de latão tentando se recompor. O efeito que o estranho exercera sobre ela era enervante. Balançou a cabeça, arrependida por ter concordado em fazer aquela entrega. Ainda assim, conseguiu deixar o prédio e ir para casa.

– Ele era tão bonito assim? – perguntou Olivia, sentada à mesa da cozinha.

Emily pôs um dos dedos nos lábios.

– Pelo amor de Deus, Olivia! Fala baixo. Dillon está no meu quarto. – Os olhos voaram até a porta e se voltaram para Olivia. – Era, era bonito assim. De tirar o fôlego de tão lindo. De fazer você arrancar a roupa para ele devorá-la viva de tão lindo. Um colírio de tão lindo.

Olivia riu e rapidamente cobriu a boca.

– Ele me parece muito gostoso – sussurrou. Emily fez que sim com a cabeça e riu. – Acho que você precisa roubar o lugar do entregador em vez de ser garçoneite.

– Não sei, não. Foi só a reação mais esquisita que já tive a alguém. E estou morrendo de vergonha por ter me comportado assim. Uma criança da pré-escola teria se saído melhor.

Com um sorriso maroto, Olivia bebericou um gole de vinho, os olhos castanhos brilhando.

– Quem sabe você não tem uma ótima noite de sexo com o Cuzão se pensar no Sr. Alto, Moreno, Gostoso e Bonitão?

Emily deu um tapinha de leve no braço da amiga.

– Pare. Para mim, já chega de pensar no Sr. Alto, Moreno, Gostoso e Bonitão. – Emily soltou o rabo de cavalo. – Além do mais, amo o Dillon. O Sr. Alto, Moreno, Gostoso e Bonitão vai ser um mimo para alguma outra mulher, pode acreditar.

– Está bem, está bem. – Olivia riu baixinho. – Mas pelo menos você sabe que tem um reserva.

Antes que Emily pudesse continuar a discutir sobre seu recém-descoberto colírio, Dillon entrou vestindo seu melhor terno e gravata. Na mesma hora Emily esqueceu o estranho sexy, os olhos se banquetando nos cabelos louro-escuros úmidos e no belo rosto do namorado. Aquele era todo o colírio de que precisava.

– Pensei que a gente fosse ficar por aqui esta noite... – comentou Emily, se aproximando de Dillon e passando os braços ao redor de sua cintura. – Aluguei um filme.

Ele pousou os braços nos ombros dela. Era fácil fazer aquilo, já que era bem mais alto do que Emily.

– Vou jantar com um cliente em potencial. – Foi à geladeira e pegou uma garrafa de água. – Foi uma ligação inesperada. A gente assiste ao filme outra noite.

Emily franziu as sobrancelhas diante da indiferença do namorado.

– Quantos jantares inesperados você consegue ter em uma semana?

Depois de deixar escapar um suspiro audível, Olivia se pôs de pé e deixou o cômodo.

Dillon suspirou.

– Você sabe que isso faz parte da minha rotina, Emily. Sou corretor da bolsa. Preciso levar clientes para jantar de vez em quando para conseguir a conta.

– Eu entendo, Dillon. Entendo mesmo. – Emily entrou na cozinha e pressionou o corpo ao dele.

– Mas estou aqui há menos de um mês e sou sempre deixada de lado quando você tem essas reuniões. – Ela deu um puxão brincalhão na gravata dele. – A gente se via mais quando eu estava no Colorado.

Dillon deu um passo para trás, semicerrando os olhos castanhos.

– Você está parecendo uma universitária patricinha chorona. – Ele girou a tampinha da garrafa de água e bebeu um gole. – Relaxa. Não devo voltar muito tarde.

Uma ruga surgiu na testa dela.

– Uma patricinha chorona? O que isso quer dizer? Por que você voltou aqui para tomar banho então?

– Recebi a ligação depois que cheguei.

– Talvez você precise dormir na sua casa esta noite. – Ela desamarrou o avental e o atirou em cima da mesa. – Você tem saído para jantar com seus clientes pelo menos cinco noites por semana.

Dillon a encarou e elevou a voz:

– O que está tentando insinuar, Emily? Acha que estou mentindo para você?

– Não tenho a menor ideia. Só achei que você seria um pouquinho mais

presente do que tem sido

– respondeu ela, passando a mão pelos cabelos. – Quem sabe me ajudando a me adaptar?

Depois de tomar mais um gole da água, ele inclinou a cabeça para o lado.

– Eu a trouxe para cá com a minha grana. O que mais você quer?

– Isso foi golpe baixo, Dillon. – Ela bufou, semicerrando os olhos verdes.

– Eu não lhe pedi nada.

Eu poderia muito bem ter ficado no Colorado e a gente podia ter continuado um relacionamento à distância.

Dillon deu um passo à frente, ergueu a mão e acariciou o rosto de Emily.

– Não poderia, não. Você me ama e precisava estar aqui depois de tudo que aconteceu. – Ele deslizou o polegar pelo queixo dela. – E eu também a amo e preciso de você aqui. Agora pare de bobagem e me deixe sair para cuidar desse cliente. Volto mais tarde, está bem?

Analisando e reavaliando a situação às pressas, Emily ficou nas pontas dos pés e pressionou os lábios nos dele. Dillon aceitou o beijo e deixou escapar um gemido. Cerrando os punhos em meio aos cabelos dela, ele a puxou, encostando-a em seu peito.

Emily falou de encontro à boca de Dillon:

– Está certo. Faça o que tem que fazer. Nos vemos mais tarde.

– Então não vou ter que voltar para o meu apartamento? – Ele sorriu grudado aos lábios dela. – Se você insistir, de verdade, acho que posso dormir na minha casa.

– Pare de bancar o engraçadinho, Dillon. Estarei à sua espera.

– Prometo que você vai ter minha atenção exclusiva.

Dillon entrelaçou os dedos aos dela e Emily o acompanhou até a porta. Depois de lhe dar um último beijo, ela o observou sair.

Quando a porta foi fechada com um baque, Olivia retornou do quarto. Afundando no sofá, deu um tapinha no assento ao seu lado.

– Muito bem, desembuche. O que está acontecendo?

– Ele só está parecendo muito distante, sabe? – respondeu Emily, sentando-se ao lado da amiga.

– Olha, você sabe que eu não suporto o Dillon. – Olivia fez uma pausa e bateu o dedinho no próprio queixo. – Na verdade, eu o odeio. – Emily revirou os olhos e Olivia riu. – Mas em defesa dele, e só porque meu irmão e ele trabalham no mesmo escritório, eles realmente têm de cuidar de contas em potencial.

– Certo, mas por acaso Trevor sai cinco noites por semana por causa disso?

– Não, mas acho que o Dilluído é um corretor mais agressivo. Considerando que é um babaca, isso não me surpreende.

– Muito bem, amiga, já chega de esculhambar ele – disse Emily, balançando a cabeça. Olivia riu e Emily refletiu sobre as palavras da amiga. – Talvez eu esteja exagerando. Não sei. Acho que meu cérebro está entrando em curto nessa de tentar me adaptar à morte da minha mãe e à mudança.

Olivia colocou uma das mãos no ombro de Emily, os olhos se abrandando com compaixão.

– É muita coisa para absorver de uma vez só. Não imagino como seria passar por isso. – Olivia a puxou e lhe deu um abraço apertado. – Você é uma mulher forte, vai se sair bem. Eu sei que vai.

– Obrigada, Olivia, sério. Não sei o que teria feito sem você. Fui abençoada em tê-la como colega de quarto na faculdade e agora estou morando aqui com você. Sinceramente, vou ficar lhe devendo essa para sempre.

Olivia riu.

– Agora você pegou pesado no dramalhão. – Ela se levantou e pegou o filme que Emily havia alugado. Depois de colocá-lo no aparelho de DVD, se acomodou de volta no sofá. – Hoje é a noite das meninas.

2

Creme ou açúcar

EMILY ACORDOU NO DIA SEGUINTE mais uma vez fascinada com o corpo de Dillon, que ainda dormia. Deitou a cabeça no peito quente dele e começou a divagar sobre seu relacionamento. Era cheio de coisas estranhas, como o de qualquer outro casal. Ela sabia que se acostumaria, mas por enquanto o estilo de vida muito acelerado que o namorado levava era um grande desafio. De início, as diferenças não pareceram tão grandes porque a relação crescera e florescera no mundo dela.

Agora que Emily estava no dele, precisava aceitar muita coisa.

Ser um troféu não estava entre seus objetivos de vida. No entanto, desde que se mudara para Nova York, Dillon parecera querer forçá-la a assumir esse papel. Quando saíam juntos, ele a exibia para os poucos amigos que Emily tivera a chance de conhecer. Ela também notara uma mudança no comportamento de Dillon, tratando-a como se fosse seu dono. Às vezes era fofo – coisa de namorado –, mas na maioria das ocasiões tinha algo de autoritário e perturbador. Ainda assim, naquele exato momento, com os sentidos saturados dele e considerando tudo de bom que Dillon fizera por ela, Emily aceitava o relacionamento tal como era. Aninhou-se junto de Dillon, afastando uma mecha de cabelo rebelde da testa do namorado.

Ele se remexeu e sorriu.

– Você acordou cedo. – A voz soou rouca, por ter acabado de acordar. – Não fiz um bom trabalho colocando você em coma pós-sexo ontem à noite.

Aconchegando o rosto na dobra do braço de Dillon de maneira brincalhona, ela sorriu.

– Se tivesse conseguido me colocar em coma pós-sexo, nunca mais poderia transar comigo.

– Você está muito enganada, meu amor. Eu transaria com você de qualquer jeito, com ou sem coma.

– Você é nojento! – brincou Emily, rindo e sentando-se na cama.
Com um brilho predatório nos olhos castanhos, ele perguntou:
– Pronta para a segunda rodada?
– Você não prometeu me levar para tomar café da manhã hoje?
– Prometi. E vou.
– Bem, preciso estar no trabalho às dez e ainda tenho que tomar banho.
– Você sabe que, quando necessário, sou bom numa rapidinha – disse Dillon, pondo-se de pé e a puxando para si.

Incapaz de negar, ela cedeu, enquanto ele despia a ambos a caminho do banheiro. Emily encostou no armário do lavabo e o observou abrir o chuveiro. Sentiu a tensão que emanava do corpo dele enquanto Dillon caminhava para ela com um sorriso de menino que sempre a derrotava. Ele a puxou e a beijou com tanta delicadeza que Emily sentiu seus lábios estremeando junto aos dele.

Não conseguiria se libertar do encanto hipnótico daquele beijo nem se quisesse. Sentindo as mãos de Dillon alisarem cada pedacinho de seu corpo, marcando sua pele com aquele toque abrasador, seu sangue ferveu, fazendo o corpo desejar mais. Ele deslizou a boca pelo vale entre os seios dela e roçou o mamilo com a língua. Aquilo a enlouqueceu.

Erguendo os olhos para fitá-la, Dillon sugou e rodeou o bico rijo com a língua.

– Você gosta disso, não gosta?
– Sim – respondeu Emily, ofegante, enquanto as mãos dele agarravam os cabelos dela.

Num ritmo lento e enlouquecedor, ele enfiou os dedos em sua boceta úmida. A pressão era deliciosamente torturante e coincidiu com a contração súbita entre suas pernas. Dillon a beijou com mais intensidade quando sentiu as unhas dela se cravarem em suas costas. Gemeu quando Emily correu as mãos por seu peito, os dedos deslizando bem devagar pelo abdômen definido. Ela enlaçou a cintura dele com as pernas e Dillon a carregou para o chuveiro. Encostou-a na parede, e ela deixou escapar um arquejo de prazer quando ele a penetrou. Todas as terminações nervosas de

Emily se incendiavam enquanto os corpos pareciam se fundir.

– Nossa, como você é gostosa, Em – sibilou ele, a voz carregada de desejo.

Ela se agarrou aos ombros rijos enquanto a água quente escorria por seus corpos. O desejo dela crescia a cada pulsar e estocada. Com os lábios colados aos dele, Emily apertou mais as pernas ao redor da cintura, arqueando o corpo para junto do de Dillon, tomando para si tudo o que ele tinha para oferecer. Os olhos dele se arregalaram ao sentir a carne quente e escorregadia dela se contraindo ao seu redor. Emily gemeu de satisfação e completude ao sentir os espasmos e o tremor de Dillon. Enterrando o rosto no pescoço delicado da namorada, ele deixou escapar um grunhido gutural ao gozar. Quando Dillon se afastou, os olhares se cruzaram e se fixaram, buscando outra vez o equilíbrio enquanto a respiração voltava ao normal.

– Amo você, Emily – disse ele, colocando-a no chão com todo o cuidado e a puxando para junto de si. – Fico feliz que esteja aqui comigo.

– Também amo você e sinto muito pela forma como agi ontem, antes de você sair. – Ela lhe deu um beijo rápido no peito, as mãos emoldurando o rosto dele. – Vou tentar ser mais compreensiva em relação a essa sua agenda maluca.

Ele sorriu para ela com carinho.

– Eu sei que vai.

Passaram um bom tempo no banho. Dillon a ensaboou de maneira brincalhona e Emily retribuiu esfregando as costas dele. Deu-se conta de que o que ele dissera na noite anterior era verdade.

Precisava estar em Nova York com Dillon. Ela o amava. Não havia uma única fibra em sua alma que fosse capaz de morar tão longe dele outra vez.

Considerando que não teriam mais tempo de sair para tomar café da manhã, Emily acabou preparando o desjejum para os dois. Depois de limparem a cozinha, Dillon foi para o trabalho.

Emily também se arrumou para sair e ligou para a irmã, Lisa, que morava na Califórnia. Emily sentia muita saudade dela. Dez anos mais velha, Lisa era como uma segunda mãe. Tinha se casado com o namorado da escola, Michael, havia seis anos. Para suprir a ausência do pai, Emily

buscava em Michael a ajuda que teria lhe pedido caso estivesse ao seu lado. Lisa e Michael eram tudo para Emily. Encontrá-los antes da morte da mãe tinha sido difícil, mas estar em extremidades opostas do país significava visitas ainda menos frequentes. No entanto, haviam marcado uma data provisória para se verem dali a alguns meses.

Assim que desligou o telefone, Emily entrou num táxi e seguiu para o trabalho. De repente se lembrou de como a mãe havia desejado visitar Nova York. Tinha até comprado entradas para um espetáculo na Broadway, mas adoecera logo depois. O avanço rápido da doença a impedira de fazer a viagem. A lembrança tinha um sabor amargo e doce ao mesmo tempo. Ali estava ela, na cidade que a mãe desejara conhecer, mas não estavam juntas. Enquanto entrava no restaurante, Emily tentava afastar a tristeza.

– Ei! Não vai me dizer oi? – perguntou Roberto, o cozinheiro espanhol. – Eu gosto de você, Emmy. Gosto muito de você.

– Oi, Roberto. – Ela riu. – Também gosto de você.

Ele corou enquanto Emily batia o cartão no relógio de ponto. Fallon lhe disse que, como no dia anterior ela dera conta do trabalho no horário de pico, achavam que estava pronta para cuidar de uma área de mesas. Seus primeiros clientes foram policiais de Nova York. Antonio a observou atentamente enquanto ela os abordava.

– Oi, meu nome é Emily e vou servi-los hoje. – Sorrindo, ela sacou a caneta e o bloquinho do bolso do avental. – Os senhores vão pedir as bebidas por enquanto, ou já sabem o que vão querer?

O policial mais velho, um sujeito de cabelos grisalhos, retribuiu o sorriso.

– Você não é a nossa garçonete de sempre.

– Não, senhor. Comecei a trabalhar aqui ontem, então peguem leve comigo, está bem? – Emily virou-se e indicou Antonio atrás de si. – Meu patrão está de olho.

Com expressões simpáticas, eles riram, sem dúvida achando o comentário divertido.

O policial mais jovem brincou:

– Quem? Antonio? Que nada, ele é inofensivo.

O policial de meia-idade deu um sorriso afetado.

– Não se preocupe. Vamos tentar ser bonzinhos, mas às vezes somos um pé no saco.

– Bem, não sejam muito duros comigo, rapazes. – Emily estava contente por eles terem senso de humor. – O que vão beber?

Ela anotou os pedidos e os enviou para a cozinha. Atendeu mais algumas mesas antes de o corre-corre do almoço começar de verdade. O lugar foi de “bem tranquilo” para “um manicômio com todos os tipos possíveis de clientes”.

Quando Emily ia entregar o pedido de uma de suas mesas, Antonio a chamou e fez sinal para uma das baias reservadas no canto.

– Ei, Caipirinha, chegou mais uma pessoa no seu setor. Tudo bem atender mais uma mesa?

Ela ajeitou a bandeja junto ao ombro.

– Claro, estou bem. Já vou lá.

Ele assentiu e se afastou, apressado, em direção à porta para receber mais clientes.

Emily estendeu a mão para pegar um cavalete e apoiar a bandeja e em seguida distribuiu os pratos para o grupo de cinco pessoas.

– Precisam de mais alguma coisa?

Uma morena atraente com um vestido leve de verão ergueu um copo de refrigerante vazio.

– Um refil, por favor.

Emily deu um sorriso apressado e pegou o copo.

– Volto já.

Foi até a máquina de refrigerante, olhando em direção à nova mesa, mas mal conseguindo ver o cavalheiro solitário que ainda não tinha sido atendido.

– Merda – murmurou.

Voltando depressa para o grupo de cinco, Emily entregou a bebida à mulher.

– Desculpe por não ter trazido antes. Alguém mais precisa de alguma coisa? – perguntou outra vez, rezando para que ninguém pedisse nada. Todos balançaram a cabeça, negando.

Emily deixou escapar um discreto suspiro de alívio e lhes disse que em breve voltaria para ver se estava tudo bem. Afastando-se, tirou o bloquinho de pedidos do bolso e foi até a baia. Deslizando a mão pela testa suada, se aproximou da mesa e, sem querer, deixou cair a caneta. Ajoelhou-se para pegá-la, mas antes que pudesse fazê-lo, o cliente já estendia a mão em sua direção.

– Obrigada – disse Emily, ainda agachada. – É muita gentileza. Posso... – A voz falhou quando seu olhar cruzou com o dele.

Era o Sr. Alto, Moreno, Gostoso e Bonitão do elevador. Emily ficou sem fôlego ao vê-lo ali, sentado, muito à vontade. Precisou segurar a mesa para se equilibrar enquanto se levantava devagar.

Era ainda mais bonito do que ela se lembrava. Não que vinte e quatro horas pudessem apagar a imagem dele de sua mente, mas agora ele estava tão presente, másculo e atraente. Fez despertar o já tão conhecido comichão na pele dela. Estava sem o paletó, pendurado com capricho num gancho ao lado da baia. Usava uma camisa branca engomada e a ausência de cor só destacava ainda mais os límpidos olhos azuis.

Os lábios de Gavin se curvaram num sorriso.

– Você não parece muito feliz em me ver.

– Eu só estou um pouco... hum... – Ela lutava para encontrar as palavras.

Gavin não queria admitir que sua necessidade de vê-la outra vez era tão intensa a ponto de ter cancelado uma reunião com um cliente importante na esperança de pegá-la no trabalho. Também não lhe diria que quando as portas do elevador se fecharam na noite anterior sentira um estranho vazio pela partida dela.

– Você saiu tão apressada ontem! Nem tive a chance de lhe dar uma gorjeta.

– Aaahhh. – Emily prolongou a interjeição, tentando pensar no que dizer, já que Gavin parecia bloquear seus pensamentos. – Certo... Sobre a

forma como fui embora... Me desculpe. Quer beber alguma coisa? – Ela mordeu a tampa da caneta.

Gavin passou os olhos sobre os lindos lábios e sorriu diante daquela reação nervosa.

– Claro. Vou querer um café, por favor.

– Creme ou açúcar?

Ele inclinou a cabeça.

– Você põe?

– O quê?

– Creme ou açúcar no seu café?

– Por que quer saber? – indagou Emily, confusa com aquela pergunta.

– Bem, estou tentando descobrir o máximo que posso sobre você. Achei que café seria um assunto simples. Mas posso ter me enganado.

Emily deixou escapar uma risadinha.

– Isso parece coisa de stalker. Não acha?

– Hum... um stalker. Acho forte demais. – Ele riu, e o divertimento se refletiu em seus olhos. – Prefiro chamar de curiosidade.

Ela balançou a cabeça.

– Muito bem, mas você não respondeu à minha pergunta: vai querer creme ou açúcar?

– Você não respondeu à minha pergunta. – Ele arqueou uma sobrancelha perfeita. – Põe um dos dois no seu café?

Certa de que ia perder a batalha, ela cedeu:

– Sim.

– Ah, os opostos de fato se atraem. – Gavin se recostou no assento e cruzou os braços. – Vou querer o meu puro, por favor.

Emily piscou, olhando para aquele rosto sensual por mais alguns segundos. Ela se virou e caminhou outra vez até a mesa anterior, para perguntar se os cinco clientes precisavam de alguma coisa. Eles disseram que não, então ela entregou a conta. Depois foi até o balcão do café, sem fôlego por causa daquele homem desconhecido. Enquanto Emily preparava a

bebida, Fallon se aproximou depressa.

Com os cabelos pintados de preto, ficou boquiaberta ao olhar para Gavin.

– Caipirinha, você conhece aquele cara?

Emily respirou fundo e se virou para Gavin. Ele estava distraído com o jornal.

– Não... bem... mais ou menos, eu acho. – Ela colocou o café dele numa bandeja.

Fallon arrancou o bloquinho de Emily de dentro do avental, anotou seu nome e telefone nele e o entregou de volta.

– Pelo amor de Deus! Entregue isso a ele. Meus olhos nunca viram um homem tão gostoso!

– Gostoso é pouco. – Emily começou a se afastar, mas então se virou de volta. – Espere aí, e o namorado que tem idade para ser seu pai?

Fallon pôs as mãos nos quadris e deu um sorriso irônico.

– Quando tenho uma oportunidade, estou disponível para qualquer idade, raça ou gênero.

Balançando a cabeça, Emily riu e foi caminhando até a mesa de Gavin. Tentando controlar o coração acelerado, calculou a idade dele. Não parecia ter mais que 25 anos. Com a mão trêmula, serviu-lhe o café. Ele sorriu para ela com os olhos arregalados e deixou o jornal de lado.

– Já escolheu o que vai comer? – perguntou ela, baixando a vista para as abotoaduras de ônix e o relógio que parecia ser caro.

– Na verdade, ainda nem vi o cardápio – respondeu ele, pegando-o para dar uma olhada.

– Está bem, então volto daqui a pouco.

– Espere – pediu Gavin. – Tem alguma sugestão em especial?

– A única coisa que já comi aqui foi o sanduíche de queijo Asiago com cogumelos Portobello.

– Boa pedida. Vou querer isso.

Ela já ia anotar, mas se deteve.

– Tem espinafre. Tudo bem para você?

Mordiscando o lábio inferior, Gavin sorriu.

– Seu nome e telefone vêm junto?

Ai, que desgraça, ele e esses lábios, pensou Emily.

Tentando agir como se a pergunta não a tivesse afetado, ela arrancou o papel com o telefone de Fallon e o entregou a ele.

– O meu não. Mas minha amiga pediu que eu lhe desse o dela. – Emily meneou a cabeça em direção a Fallon que estava na recepção, observando-os. – Espero que faça o seu tipo.

Gavin não desviou os olhos de Emily por um segundo sequer.

– Não estou interessado nela – respondeu sem se abalar, empurrando o papel até a beirada da mesa.

– Como sabe que não está interessado? Nem se virou para ela.

Apoiando os cotovelos na mesa, Gavin deu um sorriso que suavizou os contornos da boca perfeitamente pecaminosa.

– Sei que não estou interessado nela porque a única mulher em Manhattan cujos nome e telefone eu quero está bem aqui na minha frente.

Emily se remexeu, desconfortável, a respiração presa no fundo da garganta.

– Bem, sinto muito. Tenho namorado.

– Imaginei – respondeu ele, cruzando as pernas de um jeito displicente.
– Seria quase impossível que não tivesse.

– E mesmo assim está pedindo meu telefone?

Observando a mão esquerda dela, Gavin sorriu.

– Sim. Não estou vendo nenhuma aliança no seu dedo e, enquanto não houver aliança, ainda posso ter esperança.

– Então está me dizendo que é infiel? – questionou ela, olhando-o com incredulidade.

– Eu não disse isso.

Sorrindo, Emily inclinou a cabeça.

– Bem, está supondo que eu trairia meu namorado para sair com você, o que automaticamente o torna infiel.

– Minha esperança é que você termine com seu namorado e saia comigo – acrescentou ele depressa, com um sorriso irônico. – Isso faz de mim um homem honesto.

Ela anotou o pedido.

– Honesto, não. Pretensioso, sim.

– Prefiro o termo esperançoso – argumentou Gavin, avaliando a forma como ela mordia o lábio, nervosa. – Posso ao menos saber o nome da linda garçonete que está me servindo?

Abalada pelas palavras dele, mas sem querer revelar seu verdadeiro nome, Emily respondeu:

– Molly. Meu nome é Molly.

Gavin ia abrindo a boca para falar quando Antonio chamou do outro lado do restaurante:

– Caipirinha, telefone para você!

Mesmo sem querer, Emily desviou a atenção de Gavin. Foi até a recepção para atender a ligação.

– E aí, o que ele disse? – perguntou Fallon.

Emily franziu a testa.

– Ele tem namorada.

– Merda, e eu fiquei esperando. – Fallon pegou a bolsa e se dirigiu à porta. – Pelo visto vou ter que me contentar com o velho por enquanto. Vejo você amanhã.

Com um aceno, Emily pegou o telefone. Era Dillon ligando para eles planejarem a noite. Depois de desligar, ela ficou contente por ele ter telefonado, trazendo seus pensamentos de volta para onde deviam estar. Respirando fundo, caminhou até o computador e digitou o pedido de Gavin.

Cumprimentou uma família de três pessoas que chegava e completou as tarefas paralelas que tinha deixado de lado.

Por fim, arriscou-se a olhar na direção de Gavin ao se sentar ao balcão do café esperando pelo pedido dele. Sentiu-se absurdamente dominada quando seus olhares se cruzaram. Ficou confusa.

Não sabia por que o olhar dele a abalava tanto e odiava o fato de, na verdade, gostar da forma como Gavin a encarava. Emily obrigou-se a sair de seu devaneio ao ouvir um dos cozinheiros chamá-la.

Entrou na cozinha, pegou a comida de Gavin e o bule de café.

– Um sanduíche de queijo Asiago com cogumelo Portobello e espinafre – disse ela, colocando o prato diante dele. – E um pouquinho mais de café para você.

– Obrigado.

Gavin correu os olhos até o pescoço de Emily enquanto ela se inclinava para servir a bebida. O perfume doce lhe atiçou os sentidos. Imaginando como seria deslizar os lábios por aquela linda pele, voltou a se concentrar no rosto dela e sorriu. Pigarreou, tentando afastar aquela imagem.

O coração de Emily estava disparado, as batidas falhando, enquanto ele a encarava.

– Posso lhe trazer mais alguma coisa?

– Na verdade, pode. Me desculpe – começou ele, tentando despertar do estranho encantamento no qual ela o colocara. – Recebi uma ligação avisando que preciso voltar para o escritório. Posso levar isto para viagem?

– Ah... Sinto muito por ter demorado tanto – disse Emily, pegando o prato. – Vou colocar numa embalagem para você.

– Não se preocupe. Eu deveria ter avisado antes. – Ele se levantou e vestiu o paletó.

Emily deu meia-volta e caminhou em direção à porta da cozinha.

Depois de deixar uma nota de 20 dólares em cima da mesa, Gavin sacou um cartão de visitas e duas notas de 100. Enrolou-as no cartão e as cobriu com uma nota de 5.

Emily voltou com a embalagem e a entregou a ele.

– Mais uma vez, sinto muito por ter demorado tanto. – Ela fitou os olhos dele. Na mesma hora, seus sentidos voltaram a se aquecer.

Gavin se inclinou para a frente, a centímetros do rosto de Emily. Pegou a mão dela e pôs o cartão e as notas em sua palma, o hálito suave junto ao seu ouvido:

– E eu já lhe disse para não se preocupar.

Emily ficou paralisada ao constatar que sua respiração se tornara tão irregular quanto os batimentos de seu coração. O hálito morno dele, tão perto dela, quase a fez perder a cabeça. Gavin irradiava uma energia sexual intensa que ela não tinha como negar – e estava bastante certa de que nenhuma fêmea de sangue quente seria capaz de fazê-lo. Sem conseguir formular uma frase, ela não respondeu.

Os lábios dele se abriram num sorriso encantador.

– Me ligue se mudar de ideia, Molly.

E com isso, ele deu meia-volta e seguiu porta afora. Os olhos de todas as mulheres do restaurante o acompanharam.

Emily soltou o ar, só então percebendo que estava prendendo a respiração. Contou o dinheiro, chocada, não só pelo valor da gorjeta, mas pelo fato de ele ter deixado o cartão também. O lado em branco estava virado para cima. Ela lutou contra a vontade de virá-lo. Suspirou, furiosa consigo mesma, enquanto tentava parar de pensar nele. Não adiantou. Gavin invadia cada canto de sua mente.

Não tinha como negar que o achava muito atraente. Ficara alarmada por não ter conseguido parar de encará-lo quando o vira pela primeira vez. Havia algo de misterioso naqueles olhos, de um tom azul tão claro que quase imploravam que ela se submetesse a ele, que o obedecesse e fizesse com ele algumas das coisas mais sacanas que sua mente podia imaginar. Talvez fossem os malares, quase proeminentes demais. Ou talvez o tom suave e rouco da voz que basicamente desarmara cada pensamento coerente que Emily tivera desde a primeira vez em que ele falou.

É claro que ele tem uma voz sensual para combinar com aquele olhar de alcova.

Sem dúvida era um gostosão, com voz e olhar sedutores. Mas Emily sabia que teria de resistir enquanto a sanidade estivesse no controle. Fez de tudo para entrar na cozinha sem conferir o nome e o telefone dele no cartão.

Agindo contra todos os demônios sexuais que gritavam dentro de sua cabeça para não deixar a oportunidade passar, ela atirou o cartão no lixo – e os dedos formigaram com a ausência do papel.

3

Respirando fundo

NO DECORRER DOS DIAS, Emily desempacotou o restante de seus pertences com relutância. Um contratempo na empresa de transportes atrasara a entrega. Mas naquela noite terminaria de guardar as últimas coisas, mesmo que aquilo a matasse. Olivia a ajudou a peneirar anos de recordações, que eram tudo o que ainda restava a Emily. Ela se agarrava às lembranças como se fossem os últimos batimentos de seu coração. O último objeto, na última caixa, a deixou sem fôlego, com o peito apertado e as emoções girando num redemoinho descontrolado. Com um suspiro, Emily desabou na cama e abraçou uma foto que exibia o sorriso orgulhoso da mãe em sua formatura do ensino médio. A barreira que Emily tanto lutara para construir nos últimos meses ruiu e as lágrimas começaram a cair. A realidade do que havia acontecido – o fato imutável de que nunca mais veria a mãe – a atingiu com força.

A tristeza tomou os olhos de Olivia, que via a amiga desmoronar.

– Não sei o que dizer, Emily. Gostaria de poder acabar com a sua dor.

Emily estendeu a mão para Olivia, grata por ela estar ali. As duas ficaram alguns minutos em silêncio, sabendo que não havia mais nada a ser dito. Pondo-se de pé, Emily secou as lágrimas, tanto as suas quanto as da amiga. Deu um abraço em Olivia e foi até o banheiro. Estava exausta, mental e fisicamente. Havia trabalhado em turno dobrado nos últimos três dias, e o cansaço a pegara de jeito. Ela ansiava por uma noite relaxante no sofá com Dillon. Entrando no chuveiro, afastou da cabeça qualquer pensamento que tivesse a ver com a mãe. Assim que saiu, vestiu um pijama confortável e se instalou no sofá com uma muito necessária taça de vinho.

Depois de um tempo, Olivia entrou na sala de estar usando um vestido de verão vermelho, os cabelos presos e uma clutch na mão. Olhou para Emily, esperançosa.

– Saia comigo e com Tina esta noite. Vai ajudar a levantar seu astral.

Sorrindo para Olivia, Emily pensou na nova namorada da amiga, Tina Reed, que tinha 24 anos e estava se formando pela Universidade Colúmbia. Depois de ser magoada por homens de mais, Olivia havia jurado não querer mais nada com eles, concluindo então que as mulheres talvez fossem mais a sua praia.

Suspirando, Emily passou as mãos pelos cabelos.

– Hoje eu só quero mesmo relaxar. – Ergueu a garrafa de vinho tinto e sorriu. – E estou planejando acabar com isto também.

Olivia lhe deu um beijinho no topo da cabeça.

– Está bem, mas se por algum motivo você mudar de ideia, é só ligar para o meu celular.

Emily assentiu e Olivia foi embora.

Olhando para o relógio, Emily viu que eram dez e quinze. Dillon já devia ter chegado. Será que estava preso em mais alguma reunião até tarde da noite? Não precisou pensar muito mais, pois meia hora depois o telefone tocou. Era Dillon, para avisar que estava numa boate no SoHo, comemorando uma conta nova. Insistiu em que ela fosse encontrá-lo. Emily tentou argumentar que estava exausta e pronta para dormir, mas ele não deu o braço a torcer. Sua insatisfação ficou clara ao telefone. Com um suspiro, Emily acabou cedendo: se arrastou até o quarto e se arrumou para sair, apesar de seu estado emocional e físico.

Não pode ser ela, pensou Gavin. Passou a mão no rosto, olhando para o outro lado da boate mal iluminada, em sua direção. Mas era. Molly – a garçonete que nunca lhe telefonara e que despertava todos os seus sentidos, filamentos e instintos masculinos. Molly – a garçonete que agora lhe parecia ainda mais estonteante do que ele tinha imaginado. Gavin ficou observando enquanto ela se deslocava em meio aquele mar de corpos espremidos ali.

Seus olhos se banquetearam com os cabelos castanho-avermelhados que caíam sobre os ombros e por cima de um vestido preto justo logo acima dos

joelhos. O decote perfeito e a curvatura do pescoço lhe entorpeceram a mente, despertando nele o desejo inegável e primitivo de possuí-la.

Seus olhos devoraram aquelas pernas – elegantes, longas e bem torneadas –, que se apoiavam em sapatos pretos de salto alto. Passando as mãos pelos cabelos, Gavin não conseguiu acalmar seu coração acelerado enquanto ela se aproximava. Estava prestes a caminhar até ela, cumprimentá-la e inalar seu perfume, porém uma discreta tossida de Dillon fez com que ele desviasse o olhar.

– Percebi que está olhando para ela, Blake, só que essa já é minha – observou Dillon com um sorriso maroto.

Gavin abriu a boca como se fosse falar, mas não disse nem uma palavra. Os olhos azuis retornaram à linda mulher que tinha invadido seu mundo havia alguns dias e depois se voltaram para Dillon.

– Espere aí, essa é a... Emily? – perguntou Gavin, a confusão estampada em seu rosto.

– É, cara. Eu falei que ela era bonita pra caralho.

Dillon fez um sinal para que Emily andasse mais rápido. Ela estava paralisada, como se houvesse criado raízes, e Gavin sabia por quê.

Ele tomou um longo gole de sua cerveja, um nó se formando na garganta enquanto se encostava no balcão. Sem conseguir desviar o olhar, continuou encarando a mulher que o amigo acabara de declarar sua.

Mordendo o lábio, Emily tentou controlar o pânico que a invadiu ao ver o Sr. Alto, Moreno, Gostoso e Bonitão com Dillon. O ar ficou pesado. O equilíbrio se tornava mais difícil a cada passo.

Não é possível que os dois se conheçam. Pelo amor de Deus, estamos em Manhattan, pensou Emily.

Quanto mais perto ela chegava, mais seu coração martelava. Um sorriso curioso, porém infantil, se formou nos lábios de Gavin, e uma covinha suave formou uma pequena fenda na bochecha dele.

Os olhos azuis penetrantes mostraram-se intensos e não piscaram. O olhar de Emily desceu até o peito dele. Os músculos estavam marcados sob a camisa. Ele ficava ainda mais bonito à vontade – se é que isso era possível –, usando uma camiseta informal de gola em V e jeans que pendiam

perfeitamente da cintura. Os olhos dele pareciam se cravar nela, sugando todo o oxigênio de seus pulmões. Respirando fundo, Emily se aproximou dos dois homens, tentando se concentrar apenas em Dillon.

O namorado a puxou pela cintura e tascou-lhe um beijo exagerado nos lábios. Depois de pedir um drinque para ela, posicionou Emily diante de si, com as costas coladas em seu peito. Ela tinha uma visão desimpedida do estranho quando Dillon disse:

– Gavin, esta é minha namorada, Emily Cooper. Emily, este é Gavin Blake.

Incapaz de desviar os olhos, Gavin pegou a mão dela e a levou aos lábios. Deu um beijo suave e hesitou, quase absorvendo o calor que irradiava da pele de Emily. Por fim a soltou com relutância.

– Definitivamente, é um prazer conhecê-la, Emily.

Maravilhada com a sensação causada pela barba por fazer de Gavin contra os nós de seus dedos, ela deu um breve meneio de cabeça.

– Ela é linda, não é? – perguntou Dillon.

Desviando o olhar para o chão, Emily corou, envergonhada pelo comentário. Ainda assim, ofereceu um sorriso largo, tentando recuperar a compostura em meio ao choque que lhe percorria o corpo.

O olhar de Gavin passou pela boca de Emily, os lábios vermelho-rubi fascinando cada centímetro de seu corpo. Depois encontrou os olhos dela, que eram uma variação entre verde e dourado. Linda, pensou. Mordiscando o lábio com força, Gavin falou:

– Você é um homem de muita sorte, Dillon.

O outro assentiu, engolindo o resto do uísque com gelo de seu copo.

– Vamos dançar, gata. – Ele pegou Emily pelos quadris e a arrastou para a pista de dança. Mesmo sabendo que não devia, Emily lançou um olhar para Gavin enquanto se afastavam.

Gavin tentou se manter impassível quando ela o espiou por cima do ombro. Tinha visto como Dillon a abraçara e o modo carinhoso como ela reagira. Observara o jeito como ela tinha fitado Dillon, olhos nos olhos, lhe dando toda atenção. Pedindo outra cerveja, Gavin lutou contra o desejo de

ir até a pista de dança para nocautear o amigo e tomar Emily em seus braços.

Sem conseguir registrar mais ninguém, Gavin dispensou diversas mulheres que se aproximaram.

Sabia que estava em território desconhecido e seus pensamentos eram irracionais, considerando que Dillon era um amigo íntimo, mas tinha a sensação de que Emily exercia uma influência doentia sobre ele. A situação colocava seu corpo e sua razão em conflito.

E Gavin não gostava nem um pouco disso.

Por fim, ele foi até Dillon quando Emily se afastou para ir ao banheiro. Dillon recostou-se no balcão, com um sorriso irreverente.

– Está desejando ser eu, amigo?

Gavin não conseguiu evitar uma pontada de inveja, embora não estivesse disposto a confessar.

– Só estava me perguntando como você conseguiu.

Não foi uma pergunta, mas uma declaração. Dillon costumava sair com multidões de mulheres bem mais desregradas do que Emily parecia ser.

Dillon jogou a cabeça para trás, rindo, e pediu uma dose de tequila.

– Você parece se achar o único deus da cidade.

– Não sou nenhum deus, Dillon, e você certamente também não – observou Gavin, apoiando o braço na beirada do balcão. – Mas sei que é preciso cuidar bem de uma mulher como essa.

Dillon fez um movimento sexual com os quadris.

– Ora, mas eu estou cuidando. Ela não tem a menor queixa nesse departamento.

– Não é disso que estou falando – rebateu Gavin, tentando afastar aquela imagem da cabeça. Ele abrandou o tom de voz: – Seja bom com ela, sério.

Inclinando a cabeça de lado, Dillon franziu as sobrancelhas.

– Desde quando você se preocupa com o jeito como trato as mulheres, hein, Sr. Eu-não-me-envolvo-com-ninguém? Você trepa com qualquer coisa

que se atire em cima de você, e elas têm muita sorte se ganharem um telefonema no dia seguinte.

– Não estamos falando de mim. Como eu disse, cuide bem dela.

– Gavin Blake está tentando me ensinar a tratar bem uma mulher. Isso é hilário. – Dillon virou o drinque e bateu o copo no balcão. – Vou me casar com Emily. Você vai ver. E, só para torturá-lo, você vai ser um dos padrinhos. – Dillon balançou a cabeça e riu, mas logo se recompôs, a expressão se tornando dura. – Como eu disse mais cedo, ela é minha. Você tem conquistas suficientes aonde quer que vá.

Antes que Gavin pudesse reagir, Emily chegou. Dillon lhe entregou uma cerveja e ela sorriu.

– Obrigada. E então, do que estão falando?

Gavin resolveu fazer um joguinho, já que Dillon estava zombando dele. Seus olhos se focaram na curva do queixo de Emily antes de grudarem nos olhos dela.

– Só estava me perguntando como meu amigo conseguiu uma mulher tão linda. Está claro que você é muita areia para o caminhãozinho dele.

Emily sentia como Gavin a observava. Seus olhos se cravavam nela, fazendo-a querer desnudar todos os seus segredos e emoções.

Que talento perigoso para os olhos de um homem, pensou.

Emily começou a falar, mas a voz de Dillon se fez ouvir acima da música ensurdecadora:

– Foda-se você e seu comentário. Muita areia para o meu caminhão, é?

Gavin afundou num banco junto ao balcão, sem a menor cerimônia.

– Isso mesmo! Ela é areia de mais para o seu caminhão.

– Se falar esse tipo de coisa deixa você mais tranquilo, beleza, cara. Mas é comigo que ela vai embora. – Dillon verificou uma mensagem de texto que tinha acabado de receber e se virou para Emily, paralisada diante da conversa dos dois. – Trevor está a caminho, gata. Preciso ir ao banheiro, mas não deixe que esse palhaço mexa com você enquanto eu estiver fora. Ele é um galinha. – Deu um beijinho no rosto dela e se afastou.

Gavin avaliou Emily com cuidado, o silêncio se estendendo entre os dois

enquanto ela bebericava a cerveja. Ele sentia os olhos dela em si, olhadelas nervosas que cutucavam o que restava de razão.

Toda vez que seus olhos se cruzavam, ele desejava se apossar deles e morar ali para sempre.

Perguntou-se se Emily teria sentido a conexão que havia entre eles quando beijara sua mão. Gavin tomou um longo gole de cerveja, tentando aliviar a secura na boca.

– E, então, Molly, está gostando de Nova York?

Já sabendo o que a aguardava, Emily riu.

– Na verdade, estou, sim, Sr. Stalker. Obrigada por perguntar.

– Não sou nem stalker, nem galinha, sério – disse ele, rindo do apelido.

– A parte sobre ser stalker pode ser questionável, mas, para ser sincera, já ouvi muita gente dizer que é galinha.

Emily mordeu o lábio ao se dar conta de quanto aquelas últimas palavras deviam ter soado ofensivas. Ainda assim, eram verdadeiras. Olivia lhe contara histórias sobre Gavin, o amigo rico de Dillon, que fazia enorme sucesso com as mulheres. Ela também lhe prevenira de que, quando o conhecesse, teria que fazer de tudo para não arrancar a camisa dele e olhar os botões se espalharem pelo chão com todas as suas inibições sexuais.

Certo, completamente gostoso.

Remexendo-se no assento, Gavin deu um sorriso.

– E de quem foi que ouviu isso?

– Olivia Martin.

– Hum, então você não deve conhecê-la tão bem assim – rebateu ele, fazendo sinal para que o barman lhes trouxesse mais uma rodada.

– Vejamos. Ela foi minha colega de quarto na faculdade e agora dividimos um apartamento. Eu a considero uma fonte bastante confiável, mas cada um sabe de si, não é?

– Perdoe-me pela minha péssima memória. Tem razão. Seu nome é Emily, não Molly. – Ele deu um sorrisinho cínico, passando a mão pelos cabelos. – É claro que conhece Olivia.

Ela sorriu com deboche.

– Sim, meu nome verdadeiro é Emily. Já sabemos disso, mas por que tenho a sensação de que você nunca vai me deixar esquecer?

Um sorriso delicioso se formou nos lábios dele.

– Ah, talvez eu deixe, talvez não. Mas isso você vai ter que descobrir. – Os dois riram, relaxando um pouco. – E então, o que Olivia disse a meu respeito?

– Ah, isso você vai ter que descobrir.

Divertindo-se com o raciocínio rápido dela, Gavin baixou a cabeça e riu. Seus traços se suavizaram assim que ele voltou a encará-la.

– Mas, em minha defesa, essa história toda de ser galinha é uma interpretação deturpada dos fatos. Só não encontrei a mulher certa ainda.

– Bem, parece-me que tem um monte de mulheres tentando chamar sua atenção agora mesmo. – Com um gesto amplo, Emily indicou um grupo de mulheres que se encontrava na ponta do balcão, todas olhando para Gavin. – Se quer saber minha opinião, é uma seleção bastante decente.

Embora se esforçasse, ele não conseguia afastar os olhos dela.

Gavin continuava a fitar Emily, querendo mais uma vez que ela soubesse que a única mulher que ele desejava já era comprometida.

– Infelizmente, a maioria delas só está interessada em uma coisa.

A confusão a fez franzir o cenho.

– Não é o mesmo que os homens querem, afinal?

– Não exatamente, mas gosto do seu modo de pensar. – Ele analisou o jeito nervoso como ela prendeu os cabelos atrás da orelha. Gostou daquilo mais do que deveria. – Não, falando sério, não quero parecer um babaca convencido, mas existe um limite muito tênue entre mim e o meu dinheiro.

O comentário teve um efeito estranho sobre Emily. Ela sabia que ele tinha dinheiro – a cidade inteira sabia. No entanto, partir do princípio de que as mulheres estavam atrás dele só por causa disso era indicativo de algum tipo de insegurança.

– Ah, então aos seus olhos toda mulher é interesseira? – observou ela, levando a garrafa à boca enquanto se encostava, descontraída, no assento.

Gavin tentou se concentrar nos olhos dela em vez de nos lábios.

– Não é nada disso. Sou errado. Me desculpe. – Ele pôs o copo vazio no balcão. – Mas é difícil saber quem é de verdade e quem não é. Quero uma mulher que goste de mim com ou sem dinheiro.

– Gavin deu um sorriso amarelo. – E, por algum motivo, pareço atrair as bonitas e burras também.

– Ah. – Emily se remexeu no banco, desconfortável com sua pressuposição. Tentou amenizar o efeito do que dissera. – Pelo visto você anda frequentando os lugares errados.

O barman pôs as novas bebidas diante deles. Gavin riu, gostando muito da sinceridade dela.

– Pelo visto, ando. Onde você disse que tem andado além do Bella Lucina?

– No apartamento de Dillon, mas obrigada por tentar outra vez – zombou Emily. Ela inclinou o bico da garrafa sobre os lábios, permitindo-se olhá-lo nos olhos por um pouco mais de tempo. – Talvez você deva procurar mulheres na biblioteca. Isso resolveria o problema de atrair as burras.

– Você é bastante engraçadinha, Emily – observou ele, virando o corpo para ficar de frente para ela. – Eu realmente estou começando a me ressentir por Dillon ter colocado as mãos em você primeiro.

Diante dessa declaração, o coração de Emily afundou no peito. Antes que pudesse responder, sentiu a mão quente de alguém em seu ombro e pensou que fosse Dillon.

Virou-se e deu de cara com Trevor e seu enorme sorriso, os cabelos louros e fartos caindo sobre a testa.

– Cheguei! Hora de começar a festa! – brincou ele, dando um tapinha no ombro de Gavin. Deu um abraço em Emily e se meteu entre os dois para pedir uma bebida. – Esta noite vai ser um porre só!

Emily sorriu, feliz em ver Trevor. Ficara muito próxima dele nos últimos meses. Além de ser irmão de Olivia, era um cara bacana. Mesmo antes de ela se mudar para Nova York, ele telefonara para saber se estava bem.

Trevor olhou pela boate por trás dos óculos.

– Cadê o Dillon? – perguntou, aceitando o drinque das mãos do barman.

– Deve ter se afogado na privada. – Gavin deu um sorriso irônico, fazendo um gesto em direção ao banheiro.

– Parece mesmo algo do feitio dele, ainda mais se estiver bêbado – brincou Trevor. – E você, como tem andado, cara? Parece que a gente não se vê há séculos.

– Bem. Tive que fazer umas viagens. Sabe como é. Mas devo passar a maior parte do verão na cidade.

– Vai dar sua festa anual do Dia da Independência na casa nos Hamptons, não vai?

– Com certeza – respondeu Gavin. – Na verdade, vou para lá esta semana, para dar uma geral na casa.

Trevor se virou para Emily, que não estava prestando atenção na conversa. Os olhos castanhos risonhos dele estavam arregalados de animação.

– Ei, Emily. Você vai, não vai?

Ela se mostrou confusa enquanto percorria a boate com os olhos, sabendo que Dillon já tinha sumido havia um tempinho.

– Vou aonde? – A voz dela foi sumindo, desviando os olhos de Trevor.

– À festa do Gavin nos Hamptons, no Dia da Independência. Dillon comentou com você, não foi?

Ela deu de ombros, voltando a atenção para Trevor.

– Ainda não mencionou, não, mas me parece divertido. Estou certa de que iremos.

A voz de Dillon interrompeu a conversa:

– Iremos aonde?

Ele se inclinou para beijar o pescoço de Emily.

– Acho bom que esses caras não tenham dado em cima de você enquanto estive longe.

Girando para ficar de frente para ele, Emily sorriu.

– Não se preocupe, eles estavam me entretendo. Você demorou. Está tudo bem?

– Tive que dar um telefonema rápido.

Um sorriso maroto se formou nos lábios de Gavin.

– Achamos que você tivesse caído na privada e estávamos prestes a juntar um grupo de busca. Mas não comece a se achar importante, pois não íamos procurar por muito tempo.

– Nossa, vocês dois são cruéis – disse Emily, rindo.

Trevor tomou um gole de cerveja.

– Você ainda não viu nada, Em. Eles só estão esquentando.

Dillon balançou a cabeça e olhou para Gavin.

– Uma vez espertinho, sempre espertinho, Blake. É sempre assim.

Gavin deixou a cabeça pender e riu. Bebeu um gole demorado da cerveja, olhou para Emily e depois, com relutância, para Dillon.

– E aí? Vocês dois vão à minha festa?

– Esqueci completamente – respondeu Dillon. – Mas é claro que estaremos lá.

Trevor inclinou a cabeça para o lado.

– Como assim, você esqueceu? Cara, faz dois anos que você vai.

Dillon puxou Emily, ancorando o corpo dela na frente do dele. Passou os braços pelos ombros dela.

– Tenho andado distraído por causa da patroa, aqui. Parece que não tenho conseguido pensar em mais nada.

Emily notou uma loura muito bem-arrumada se aproximando. Ela passou os braços pela cintura de Gavin e lhe deu um beijo no cantinho da boca.

– Achei mesmo que fosse você, Gavin. – A loura pediu um drinque e avisou ao barman para colocar na conta de Gavin. – Onde tem se escondido? – As palavras dela saíram arrastadas enquanto o agarrava com mais força, tentando manter o equilíbrio.

– Obviamente não longe o bastante – resmungou Trevor baixinho.

A mulher não ouviu o comentário, mas nem precisou. A expressão dele dizia tudo. Dillon semicerrou os olhos para espiar a loura.

Gavin sabia quem ela era e tentava se fazer de impassível. Deu um sorriso tranquilo enquanto passava o braço em torno da cintura dela, tentando mantê-la em pé.

– Estive viajando. Como você está?

– Ah, estou ótima. Obrigada por perguntar – respondeu ela, apoiando-se nele. – Quem temos aqui? Acho que ainda não nos conhecemos. Você é tão bonitinha. É um dos novos brinquedinhos do Gavin?

Emily abriu a boca, mas não disse nada, pois não queria ser grossa. Achou o comentário ridículo, afinal Dillon estava abraçado a ela.

Gavin lançou um sorriso irônico para Emily.

– Não, ela é namorada do Dillon. Estou louco para conquistar uma garota chamada Molly, mas infelizmente ela já tem dono.

Emily mordeu o lábio, tensa, e então desviou o olhar.

A loura olhou para Dillon com severidade, a expressão simpática abandonando seu rosto.

– É mesmo? Não sabia que estava namorando, Dillon.

Gavin se levantou e pegou a loura pelo braço.

– Vamos, boneca. Temos muito papo para botar em dia. Vamos dar uma volta. – Ele a conduziu para fora da boate e Emily ficou observando a forma como a mulher a encarava enquanto tentava se desvencilhar de Gavin.

– Quem era ela? – perguntou Emily, virando-se para Dillon.

– Ninguém – respondeu ele, de olhos arregalados. Passou a mãos pelos cabelos. – Só uma garota que fez faculdade com Gavin.

– Uma das ex-namoradas dele? – insistiu Emily.

Trevor olhou para Dillon, mas não disse nada.

– É, só uma garota que ele pegava – respondeu Dillon e pediu mais algumas doses ao barman. – Vamos tomar um porre, gata.

Gavin foi abrindo caminho por entre os corpos suarentos. Conduzindo a mulher para fora da boate, imprensou-a contra a parede. Baixando o olhar

para ela, encarou-a com uma expressão dura.

– O que você está fazendo, Monica?

Ela empinou o queixo em desafio e os olhos cor de mel ficaram vidrados.

– Como assim, Gavin? – Ela passou as mãos pelos cabelos. – Ele acha que pode me comer, dar o fora e começar a comer outra depressa assim?

Gavin deu um suspiro e um músculo latejou em sua mandíbula.

– O que você e Dillon tiveram foi exatamente isso, nada mais. Uma trepada sem compromisso.

Esquece.

Monica semicerrou os olhos.

– Não, Gavin. Se eu quisesse só isso, teria dormido com você. – Ela percorreu o peito dele com um dos dedos. – Quer me levar para casa? Posso acrescentar mais um nome à sua lista de conquistas.

– Você sabe muito bem que não tem a menor chance de isso acontecer – disse ele, agarrando o punho dela. – Você dois já terminaram há um tempão, então pare com essa merda.

– Que piada! A gente nunca parou de transar! – vociferou ela. – Eu estava de sacanagem com o Dillon lá em cima agorinha mesmo.

Baixando mais a cabeça, Gavin a obrigou a encará-lo.

– Lá em cima, é?

– É, talvez você devesse contar para aquela santinha que está com ele – rebateu ela, tentando se desvencilhar.

– Nem pense nisso – rosnou Gavin. – Que Deus me ajude se eu descobrir que você chegou a dois passos dela.

Arregalando os olhos, a voz de Monica ficou mais aguda e um sorriso curioso se abriu em seus lábios:

– O que é? Você está a fim dela? – Ela fez uma breve pausa e, como ele não respondeu, prosseguiu: – Está, não está? Grande amigo que você é, Gavin Blake. – Ela riu, passando as mãos pelos cabelos mais uma vez. – Todos esses meninos ricos do seu grupinho são um bando de babacas de cabeça fodida! Eu só lamento pelos nossos pais serem amigos!

Rangendo os dentes, Gavin a fitou por um segundo. Fez sinal para o segurança.

– Tome 100 pratas. Chame um táxi e tire esta mulher daqui... agora.

– Sem problema, Sr. Blake.

Ele estendeu a mão para pegar o dinheiro e segurar Monica. Ela lutou contra o homem troncudo, causando uma comoção ainda maior enquanto xingava Gavin de todos os palavrões possíveis. Por fim, foi colocada num táxi e mandada para casa.

Deixando escapar um suspiro pesado, Gavin voltou para a boate. Teria de contornar os danos na manhã seguinte, já que Monica Lemay era, de fato, filha de um dos amigos mais íntimos de seu pai.

Abrindo caminho de volta até o bar, Gavin se perguntou até que ponto o que ela dissera poderia ser verdade. Não achava que Dillon fosse incapaz daquilo. Era conhecido por ser infiel. Por outro lado, Gavin não rejeitava a hipótese de Monica mentir para ganhar Dillon de volta. Não seria a primeira tentativa desesperada para tentar reatar com ele.

Dillon viu que Gavin se aproximava. Disse a Emily que voltaria em breve e foi até ele, jogando o braço em volta do pescoço do amigo.

– Já cuidou de tudo?

Cruzando os braços, Gavin deu um passo para trás.

– Sim. Ela já foi. O que você está aprontando, caralho? Ainda está comendo a Monica?

Dillon deu de ombros com grande displicência.

– Estava, mas agora cansei. Ela não parava de ligar e me encher a paciência. Sabe como ela é.

Dillon já ia se afastando, mas Gavin segurou seu braço.

– Cara, sério, você está com uma mulher superbacana agora. Qual é a porra do seu problema?

Dillon puxou o braço.

– Lá vem você outra vez, todo preocupadinho com o que eu faço. Vai cuidar da sua vida. Eu já disse que não tenho mais nada com aquela vaca. – Ele tomou a bebida de um só gole. – Vamos, não quero desperdiçar mais

nada da minha noite com ela. – Começou a se afastar, então se virou: – Ah, eu disse a Emily que quem comia ela era você.

Antes que Gavin pudesse falar qualquer coisa, Dillon voltou para Emily, sorrindo enquanto a beijava. Gavin observava o amigo desempenhar com habilidade o papel de Médico e Monstro que conhecera ao longo dos anos. Ele não pôde deixar de notar a forma como Emily o fitava enquanto ele se sentava no banco.

– Você sabe mesmo escolher, Gavin – zombou Emily, inclinando a cerveja em direção à boca. – A biblioteca! Não se esqueça da biblioteca.

Gavin terminou a cerveja antes de lançar um olhar gélido para Dillon. Então passou a examinar Emily enquanto refletia sobre as palavras dela.

– Pois é, acho que tive minha cota de mulheres complicadas. – Fez sinal para que o barman lhe trouxesse mais uma. – Vou mesmo começar com a biblioteca conforme você sugeriu, Emily.

Durante as horas que se seguiram, Dillon tomou um porre inconsequente. As muitas cervejas e doses de tequila acabaram por derrubá-lo. Ao final da noite, Trevor e Gavin tiveram que ajudá-lo a chegar à caminhonete de Trevor. Já tendo perdido toda a paciência, Gavin o jogou no banco traseiro e fechou a porta. Trevor apertou a mão de Gavin e entrou no carro.

Emily ficou de pé no estacionamento, envergonhada pelo porre de Dillon.

– Sinto muito por isso. Ele perde um pouco a noção quando comemora uma conta nova.

Gavin encostou no carro, o olhar pousando nos lábios dela.

– Não tem a menor necessidade de se desculpar por ele. – Os olhos subiram para encontrar os dela. – Eu o conheço há tempo suficiente para saber como ele fica.

Respirando fundo, Emily estendeu a mão. Tentou parecer tranquila, mas a voz soou pouco natural e trêmula:

– Bem, foi bom conhecê-lo oficialmente, Gavin. Acho que vamos nos ver por aí.

Diminuindo a distância que os separava, ele estendeu a mão para ela. Sentiu-se paralisado por um momento enquanto fitava o fundo daqueles olhos verdes. Mas então simplesmente apertou a mão dela e sorriu.

– Também foi um prazer enfim conhecer você, Emily. Acho que nos veremos na festa do Dia da Independência.

Acomodando-se no banco do carona, ela assentiu e sorriu.

– Dia da Independência.

Gavin ficou observando enquanto o carro desaparecia no tráfego pesado de Manhattan, ao mesmo tempo que era tomado pelo choque por descobrir quem Emily era, de fato.

4

Detalhes inesperados

– SR. BLAKE, O CONSELHO ESTÁ satisfeito com os rendimentos deste trimestre. Para o próximo, estamos prevendo um crescimento ainda maior da Blake Industries, considerando a nova conta Armstrong que o senhor adquiriu.

Gavin passava os dedos ritmadamente pela superfície lustrosa da mesa de reuniões de mogno.

– Que ótima notícia, Barry. Já temos alguma novidade da conta Kinsman?

Dez pares de olhos se voltaram para o homem que folheava algumas pastas, nervoso.

Outro executivo entrou na conversa com excessiva avidez:

– Sim, Sr. Blake. Aceitaram a oferta e devem estar prontos para fechar até o final de julho. Já entreguei toda a papelada ao seu irmão.

Gavin se levantou da cadeira, assentiu satisfeito e deu a reunião por encerrada.

Depois que o último membro do Conselho saiu, ele caminhou até a janela do escritório, que ia do chão ao teto. Espiando as ruas de Manhattan lá embaixo, observava as vidas caóticas. Aos 28 anos, sabia que dominava o mundo. A Blake Industries era uma das maiores agências de publicidade de Nova York. No entanto, Gavin não tinha aquilo de que mais precisava para viver: amor. Estava ciente disso; droga, tinha mais consciência disso do que dos traços do próprio rosto. Embora viesse saindo com várias mulheres desde o fim de seu último relacionamento sério, poucas – se tanto – chegaram a despertar algum sentimento nele. Encontrar alguém que gostasse dele de verdade, por quem ele era, acabara se tornando... algo no mínimo interessante, desde o fim do namoro.

Enquanto olhava as pessoas minúsculas caminharem apressadas pelas calçadas lá embaixo, seus pensamentos voltaram a Emily. Fazia menos de 24 horas que descobrira quem era o namorado dela.

Gavin estava morrendo de raiva por Dillon tê-lo usado naquela confusão com Monica. Mas, apesar da atração por Emily, sabia que precisava dar cobertura ao amigo.

Ainda assim, seus sentimentos se alternavam entre a mentira que fora obrigado a contar e o desejo por ela. É claro que parte era atração sexual. Emily era linda, não havia como negar.

Entretanto, não fora isso que alimentara seu desejo por ela. Não conseguia definir exatamente o que era, mas era diferente de qualquer atração que já sentira. Tinha uma conexão com ela, algo lhe dizia que era com ele que ela deveria ficar.

A química entre os dois era inegável, uma corrente de atração que – Gavin tinha certeza – Emily também experimentara. Ele sentiu na primeira vez em que colocou os olhos nela, a energia que irradiava dos olhos de Emily enquanto ela o encarava. De pé em meio ao império que construía, enquanto o sol lançava seus raios sobre os gigantes de aço que cercavam as ruas, ele lutava contra o desejo arrebatador de lhe fazer mais uma visita inesperada. Balançando a cabeça diante daquela ideia insana, Gavin se deslocou até o outro lado do escritório. Sentou-se à sua mesa, folheou alguns relatórios e tentou tirar da cabeça a mulher que jamais seria dele.

Foi então que o irmão mais velho, Colton, entrou em sua sala.

Cruzando os braços em sinal de contrariedade, Gavin o fuzilou com o olhar.

– Onde você estava? Recebeu o recado que deixei com Natalie sobre a reunião?

Colton sorriu para Gavin com ironia.

– Devo dizer que você desempenha o papel muito bem, rapazinho. – Ele atravessou o escritório a passos largos, uma risada abafada saía de seus lábios.

– Pare de bancar o engraçadinho. É sério, o que aconteceu?

– Caramba, Gavin! Tive um compromisso familiar com Melanie e as

crianças. Teresa e Timothy apresentaram um musical na pré-escola.

– Por que não me avisou? – Ele franziu a testa, se recostando na cadeira de couro preto. Tinha um carinho especial pelos sobrinhos. – Eu poderia ter ido.

Colton fez um gesto dispensando o assunto, os olhos verdes brilhando.

– Não se preocupe. Eles se saíram muito bem sem o tio Gavin. – Colton riu e deu um tapinha no ombro do irmão. – E estou certo de que você ficou muito bem sem mim na reunião.

Gavin bufou e murmurou:

– Eles se transformam em um bando de tubarões quando os números não agradam.

– Qualquer negócio é assim. – O irmão deu de ombros e se sentou no sofá de couro preto. – As pessoas investem em nossa empresa e, em troca, precisamos produzir a receita que estão buscando.

Colocando-se de pé, Gavin ignorou aquelas palavras e caminhou de volta à janela.

– E então... vai garantir uma saída com Alicia? – sondou Colton.

Sem se virar, Gavin cruzou os braços e riu.

– Não posso negar que admiro sua forma de mudar de assunto sem hesitar, Colton.

– Tem um elogio sincero escondido em algum lugar nesta frase. Mas, sério, cara, já faz um tempo que Melanie está me enchendo o saco para dar um jeito de vocês dois se conhecerem. É só sair com a gente uma noite dessas e ver se a acha interessante.

– Já vi que vocês dois estão outra vez na missão “vamos arrumar um relacionamento estável para Gavin”.

– Missão? Não exatamente. Mas acho que já está na hora de você esquecê-la.

Virando a cabeça de súbito em direção a Colton, os olhos de Gavin se iluminaram com o mais nítido divertimento.

– Você acha mesmo que eu ainda não a esqueci? – Ele quase riu. – Já se passaram dois anos.

– Bem, ela sem dúvida o levou a se esquivar de criar qualquer outro vínculo... de longa duração, quero dizer. – Colton se levantou do sofá. – As mulheres não são todas iguais, rapazinho. Ela estava no relacionamento por todos os motivos errados.

A mandíbula de Gavin se contraiu de um modo quase imperceptível.

– Eu realmente não tenho a menor vontade de falar sobre isso – disse ele, a voz contendo um aviso.

– É justo. Você vai jantar com a gente hoje na casa da mamãe e do papai?

Ele vestiu o paletó com a mais discreta sugestão de sorriso brincando em seus lábios.

– Sim, estarei lá. A não ser que você e minha maravilhosa cunhada estejam escondendo uma mulher para mim debaixo da mesa.

Colton tirou as chaves do bolso, deu um sorriso maroto e deixou o escritório.

Quando Gavin enfim saiu, Manhattan estava completamente engarrafada. Com um suspiro, passou a mão pelo rosto e apertou com força o volante do BMW preto. Enquanto aguardava uma multidão de pedestres atravessar a rua, se deu conta de que estava na esquina ao lado do restaurante onde Emily trabalhava. O sangue deixou seu rosto quando a viu abrir a porta para ir embora.

Considerou parar e dizer oi, mas assim que a ideia lhe ocorreu, uma buzina interrompeu seus pensamentos. Fazendo um gesto obscuro com o dedo do meio para o motorista impaciente, Gavin engatou a primeira marcha e seguiu pelo trânsito. Olhou pelo retrovisor, tentando espiar Emily uma última vez. Foi então que a história absurda sobre amor à primeira vista que seu pai lhe contara despencou sobre sua cabeça com um estrondo.

Ela está em algum lugar por aí, meu filho, e quando você a encontrar, saberá no instante em que a vir.

Ela atrairá todos os seus instintos. Sem o menor respeito pela ordem

natural das coisas, ela simplesmente... vai aparecer.

– Porra, isso é hilário. – Ele riu, batucando os dedos no volante. – Devo estar louco por ficar pensando nessa garota.

Diante de tantas emoções conflitantes, Gavin passou a hora seguinte analisando suas crenças.

Enquanto a silhueta de Manhattan ia desaparecendo de vista para ser substituída pelas vastas extensões de árvores que cobriam o interior do estado de Nova York, ele jurou que tentaria parar de pensar em Emily – mesmo sem ter certeza de que isso era possível.

Passando a última camada de rímel, Emily desviou a atenção do espelho. A porta batendo anunciava a chegada de Olivia. Correu para a sala de estar.

– Passei o dia todo ligando e mandando torpedos para você – disse Emily, quase sem fôlego, enquanto calçava um par de sapatos vermelhos de salto alto. – Por que não me ligou de volta?

Olivia atirou a bolsa no sofá.

– Esqueci a droga do celular aqui. – Foi até a cozinha e pegou o telefone em cima da bancada.

Olhando para Emily, abriu um sorriso luminoso. – Você está maravilhosa. Qual é a ocasião especial?

– Nove meses de namoro com Dillon. Ele vai chegar logo – respondeu Emily, se aproximando de Olivia. – Você estava dormindo quando cheguei em casa ontem à noite. Nem imagina quem eu conheci.

– Pois é, fiquei me perguntando por que você tinha sumido. – Olivia digitou a senha de desbloqueio no celular. – Está bem, deixe-me adivinhar. Hum... Brad Pitt?

– Estou falando sério, Liv. Você nunca vai adivinhar.

– Não! Quero mais uma chance. – Olivia fez uma pausa. – Hum, o presidente Obama?

Emily riu e se afundou numa das cadeiras à mesa.

– Eu conheci o único, o exclusivo... espere... espere... Gavin Blake.

– Um tesão, não é? – perguntou Olivia, levando o telefone ao ouvido.

Emily sorriu.

– É, sim.

– Agora admita que minha descrição sobre aquele deus foi bem precisa. Se eu me lembro bem – Olivia bateu um dedo no queixo –, quando o descrevi você discordou com veemência, dizendo que nenhum homem poderia ser tão delicioso assim.

– É, você acertou na mosca. Mas aposto que quer ouvir os detalhes de nossos encontros anteriores.

Olivia fechou o celular às pressas.

– Anteriores? – Ela atravessou a sala em duas passadas largas e se atirou numa cadeira. – Você tem toda a minha atenção. Desembucha!

Emily inclinou o corpo para a frente e se apoiou nos cotovelos, posicionando os dedos sob o queixo.

– Deixe-me ver... Ah, sim... Ele é o homem que conheci naquele dia em que fui entregar comida no Chrysler Building.

Os olhos castanhos de Olivia se arregalaram, mas ela ficou em silêncio, o choque estampado no rosto.

Emily baixou a voz, que assumiu um tom rouco:

– Pois é, e ele é o cara que foi atrás de mim no trabalho e que deixou o nome e o telefone e... ah, uma gorjeta bem generosa.

– Ah, não é possível! O Sr. Alto, Moreno, Gostoso e Bonitão é o Gavin? – ganiu Olivia.

Emily assentiu e riu.

– Você está brincando, Em? Porque, se estiver, é muita sacanagem.

Recostando-se na cadeira, Emily cruzou os braços com um sorrisinho.

– Eu juro.

– Você devia sair com ele. – Olivia deu de ombros. – É óbvio que ficou mexida e que também mexeu com ele.

A falta de cerimônia com a qual Olivia disse aquilo surpreendeu Emily.

– Como assim?

– Você está com uma expressão meio abobalhada e sonhadora. Sei que

está se imaginando abocanhando aquele deus.

– Você só pode estar brincando.

Olivia ficou de pé e se pôs a caminho do quarto.

– Sobre a expressão abobalhada, sobre sair com ele ou sobre abocanhá-lo?

– Olivia, você sabe do que estou falando.

– Está agindo como se eu fosse incapaz de dizer qualquer uma dessas coisas, Em.

Chocada, Emily a seguiu. Encostou-se à porta de Olivia e pôs as mãos nos quadris.

– Você está falando sério?

Olivia tirou a roupa, foi até o banheiro e entrou no chuveiro.

– Não faço a menor questão de esconder minha opinião sobre o Babaca.

– Ah, é verdade. Afinal, o que você acha do meu namorado é o que importa – disse Emily, zombeteira, enquanto entrava no banheiro.

– Por que não dá uma provadinha no Gavin? – perguntou Olivia, impassível.

Emily foi enumerando os motivos nos dedos:

– Um, porque amo o Dillon. Dois, eu amo o Dillon. E três, adivinha só? Eu amo o Dillon.

Com a voz mais caprichada e sexy de que era capaz, Olivia cantou a música de Tina Turner:

– What’s love got to do with it? E o que o amor tem a ver com isso? – Riu.

– Você enlouqueceu de vez, Liv. E mesmo que eu não estivesse com o Dillon, você já destruiu as chances de eu um dia pensar no Gavin como uma possibilidade.

Olivia enfiou a cabeça por uma fresta da cortina do chuveiro.

– Como foi que destruí sua opinião a respeito dele?

– Vejamos... Ele é galinha é a primeira coisa que me ocorre. – Respirando fundo, Emily fez uma pausa. – Ah, e o fato de você não achá-lo capaz de

ficar com uma única mulher por mais de uma semana. Quer que eu continue?

Olivia fechou a torneira e saiu do chuveiro. Emily lhe passou uma toalha.

– Certo, ele começou a agir dessa forma depois que Gina terminou o noivado com ele. Antes desse rompimento infame Gavin era tudo que qualquer mulher poderia querer. – Olivia se enrolou na toalha.

– Ele foi noivo?

– Sim, senhora – respondeu Olivia, antes de vestir o short preto e uma camiseta branca. – Namoraram por quase cinco anos. Um dia, Gavin chegou em casa e ela tinha ido embora. Arrumou as coisas e partiu enquanto ele estava no trabalho.

Confusa, Emily franziu a testa.

– Por quê?

– Para ser sincera, ele nunca contou ao meu irmão o que aconteceu. E quando perguntei, ele não quis falar sobre o assunto, então não faço a menor ideia. – Olivia sacou a bolsinha de maquiagem de dentro da gaveta. – Mas você o viu. Vai ser gostoso assim lá no inferno! Ele é cheio da grana e, sério, é um cara decente.

– Por que você nunca saiu com ele, então?

– Ah, eu o conheço há tempo de mais. Apesar de eu ter o mais profundo respeito pela gloriosa genética daquele deus, meio que o enxergo como um irmão mais velho. Ia ser esquisito demais. – Olivia franziu o nariz, com nojo.

– Há quanto tempo ele é amigo do Trevor?

– Você está fazendo perguntas de mais para quem não está pensando em fazer bobagem – brincou Olivia.

Emily ignorou o comentário com um aceno e se virou para o espelho.

– Estou tentando entender melhor as coisas. Dillon não me conta nada sobre os amigos ou colegas de trabalho.

– Bem, se o que você quer saber é se Dillon e Gavin são amigos há tanto tempo quanto meu irmão e Gavin, a resposta é não.

– Ah, por algum motivo achei que todos eles tivessem feito o ensino médio juntos.

Olivia pegou o secador debaixo da pia, enfiou-o na tomada e ligou na potência máxima. Ergueu a voz enquanto secava os cabelos dourados.

– Não, Trevor e Gavin fizeram o ensino médio juntos. Trevor é supervisionado pelo Dillon na empresa; mas você sabe disso.

Emily assentiu.

– Quando meu irmão começou a trabalhar na Morgan & Buckingham, Dillon já era corretor lá.

Foi assim que ele conheceu o idiota do seu namorado. – Olivia riu e Emily revirou os olhos. – Quando Trevor estava se preparando para fazer a prova para se tornar corretor, Dillon perguntou se ele conhecia alguém que tivesse uma conta bancária decente. Querendo impressionar o chefe, meu irmão apresentou Gavin ao Dillon, e o resto você já sabe. São amigos há três anos.

– Legal. – Ou não, pensou Emily.

– E, ao que parece, a Blake Industries é a maior conta que o Dillon tem.

Emily deu de ombros.

– E daí? Grande coisa.

– E daí que... você pode agradecer ao Gavin por parte do dinheiro que seu namorado tem.

Emily pensou nas inúmeras noites que Dillon passava no escritório arranjando clientes. Embora Gavin tivesse alguma importância na prosperidade de Dillon, o namorado não se limitava a ganhar dinheiro com a Blake Industries. Emily tinha grande admiração por ele.

– Bem, muito obrigada por esse histórico extremamente instrutivo sobre os três. Você é um amor. – As duas riram.

Emily já ia saindo do banheiro, quando Olivia disse:

– Quer saber de uma coisa? – Emily parou e esperou. – Era Gavin quem devia ter ido nos visitar na faculdade naquele fim de semana, não o Dillon.

É uma loucura pensar que você poderia estar namorando com ele em vez de com o outro.

Um leve sorriso repuxou os lábios de Emily enquanto ela encarava a amiga. O toque do telefone de Emily interrompeu os poucos segundos de silêncio. Ela foi à cozinha para atender à ligação. Era Dillon, avisando que estava esperando lá embaixo.

Agarrando a bolsa, Emily caminhou até a porta com passos largos enquanto Olivia lhe mandava um beijinho de despedida.

– Você está incrível – sussurrou Dillon junto dos cabelos de Emily enquanto entravam no simpático restaurante à beira do Liberty State Park. Colocando a mão nas costas dela, ele chegou mais perto e mordiscou sua orelha. – E tenho que admitir que este lindo vestido vermelho vai ser tirado até o fim da noite.

Rindo, Emily ficou nas pontas dos pés para beijá-lo.

– E eu não tenho o menor problema em tirá-lo.

Ela levou um instante observando os traços de Dillon, suspirando satisfeita diante da beleza quase pueril. Os cabelos louro-escuros estavam naturalmente desalinhados, como se Emily tivesse acabado de passar os dedos por eles, e os olhos castanho-claros a faziam se lembrar de uma mistura perfeita de caramelo e chocolate.

Dillon fizera uma reserva para aquela noite especial, até mesmo se certificando de que a mesa tivesse vista para a baía. O restaurante contava com uma das melhores vistas da Estátua da Liberdade ao longe. O garçom os conduziu até um suntuoso pátio repleto de árvores e adornado com um trabalho sutil de paisagismo. Sob as estrelas, a vista do porto tirou o fôlego de Emily.

Embora fosse começo de julho, naquela noite em particular o ar tinha uma brisa revigorante e fresca.

Depois de fazerem seus pedidos e beberem duas taças de vinho tinto, Emily olhou para Dillon. Os olhos dele estavam fixos nela, que prendia uma mecha de cabelo por trás da orelha. Sentiu o rubor brincar em suas bochechas e sorriu.

– O que foi? – perguntou ela.

Deslizando o braço ao longo da toalha de linho, ele buscou a mão dela e acariciou os nós de seus dedos com o polegar.

– Você não faz ideia de como é linda. – Ele inclinou o corpo discretamente por cima da mesa.

– Ah, você está mesmo fazendo de tudo para dormir comigo esta noite.

Rindo, Dillon apertou a mão dela com mais força.

– Touché. Mas sei que vou dormir com você esta noite.

Emily balançou a cabeça, uma risada escapando-lhe dos lábios.

– Você está muito safadinho hoje.

Ele deu de ombros e se recostou, displicente.

– Estou mesmo. Mas também, como poderia não estar? – Com a cabeça, fez um gesto em direção ao decote dela, ligeiramente revelador. – Muito embora eu deva dizer que preferia que você usasse algo que a cobrisse um pouco mais.

Emily ajustou as alças do vestido, puxando-as um pouco mais para cima.

– Está tão ruim assim?

– Bem, gosto de guardar o que é meu só para mim. – Dillon pigarreou e tomou um gole de vinho.

– Muito bem, vamos falar de outra coisa antes que eu devore você aqui mesmo em cima da mesa.

Como foi o seu dia?

Sem encará-lo, Emily percorreu a beirada da taça com dois dedos.

– Foi bom.

– Qual é o problema?

– Agora estou me sentindo insegura, Dillon – respondeu ela, olhando o pátio em volta.

– Emily, não foi isso que eu quis dizer. – Ele estendeu o braço por cima da mesa e ergueu o queixo dela com um dos dedos. Os olhos dela encontraram os dele. – Eu só não gosto quando outros homens ficam olhando. Você está estonteante, mas, como eu disse, é só minha.

– Está certo, vou prestar mais atenção no que visto de agora em diante. –

Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. – Mas, para ser bem sincera, até que eu gosto quando outras mulheres olham para você.

– Ah, gosta?

– Gosto, sim. Sei que você está comigo e é só isso que importa.

– Bem, você é mulher, é por isso. Os homens têm outras coisas em mente quando ficam olhando dessa forma.

Interrompendo a conversa, o garçom chegou com mais uma garrafa de vinho e dois pratos de filé a Wellington. O restante da conversa girou em torno dos planos de Dillon de levar Emily para conhecer alguns pontos turísticos da cidade. Era algo pelo qual ela vinha ansiando, mas que ainda não tinha feito – pelo menos não com ele.

Ao chegar para buscar os pratos vazios, o garçom entregou um cardápio de sobremesas para Emily, deixando escapar o sotaque francês carregado:

– O chef recomenda o medley de crème brûlée que consiste em chocolate, baunilha e banana.

– Para mim, está ótimo – respondeu Emily, devolvendo-lhe o cardápio.

O suave choro de uma criança chamou a atenção de Dillon. Ele olhou para Emily.

– Esse bebê está me deixando louco. Você tem mesmo que pedir sobremesa?

Envergonhada, Emily sorriu, espiando o casal que tentava acalmar o bebê.

– É só um bebê, Dillon. E não, não tenho que pedir sobremesa, mas eu quero.

Dillon ergueu a cabeça bruscamente, fuzilando o garçom com os olhos.

– Muito bem, traga o tal medley para ela. Mas será que poderia tirar daqui essas pessoas com a criança que não para de berrar?

Surpresa diante da aspereza de Dillon, Emily parou de sorrir.

– Sinto muito, senhor, mas não posso fazer isso – respondeu o garçom, claramente desconfortável com o pedido.

Os olhos de Dillon se tornaram duros.

– Então sem dúvida há um gerente com quem eu poderia conversar.

Estupefata, Emily ergueu os olhos para o garçom e se meteu na conversa:

– Por favor, não há necessidade disso. Coloque a sobremesa numa embalagem para viagem para mim. Obrigada.

– Ela ficará destruída na embalagem, senhorita. Se não vai saboreá-la aqui, posso recomendar nosso cheesecake?

– Sim, está ótimo. E mais uma vez, obrigada.

O garçom assentiu e se retirou, apressado, em direção à cozinha. Emily arrancou o guardanapo do colo e o atirou sobre a mesa.

– Credo, Dillon, que diabos foi aquilo?

Ele se remexeu na cadeira, tentando desviar a atenção do casal com o bebê que se esgoelava.

Esfregou os dedos nas têmporas.

– Sinto muito. Tive um dia longo no escritório.

– Ainda assim, foi ofensivo. – Ela bufou, recostando-se na cadeira.

– Eu já me desculpei, Em. Só estou exausto de trabalhar tantas noites até tarde.

Uma onda de culpa a invadiu e Emily estendeu a mão por cima da mesa para segurar a dele.

– Eu sei que você tem trabalhado muito. Mas, sinceramente, o que vai fazer quando tivermos filhos?

O garçom voltou com a sobremesa e a conta. Dillon lhe entregou o cartão de crédito, com um pequeno sorriso se formando lentamente em seu rosto.

– Eu não ia querer que você estragasse este corpo maravilhoso tendo filhos.

– Bem, vou querer filhos em algum momento, então acho que você vai ter que aceitar meu corpo estragado algum dia.

Levantando-se da cadeira, ele abotoou o paletó e estendeu a mão para Emily. Ela se levantou com Dillon.

– Teremos muito tempo para bebês mais tarde, gata – sussurrou ele.

Assinou o nome no recibo quando o garçom voltou. – Vamos, tenho uma coisa especial para você.

Emily o seguiu pelo cais que contornava o restaurante, os olhos se deleitando com os arranha-céus. O cintilar das luzes nas janelas, indicando a presença de outras pessoas lá no alto, a impressionava. Uma brisa fresca soprou sobre sua pele quando ela tirou os sapatos para que os saltos não agarrassem entre as tábuas.

Caminhando de mãos dadas com Emily, Dillon foi carregando os sapatos dela e a conduziu até a beira do cais. Então passou o braço em volta da cintura dela.

– Feliz aniversário de namoro. Amo você, Em. Muito. – Ele lhe entregou um estojo de veludo preto.

O coração de Emily acelerou de ansiedade, ao mesmo tempo que o corpo tremia. Ela lambeu os lábios, devagar.

– Dillon... eu... nós... – Emily gaguejava, incapaz de concluir a frase.

Inclinando a cabeça para o lado, uma risada grave escapou feito um chicote dos lábios dele.

– Mas você acabou de falar em ter filhos comigo, Em. – Ele afastou uma mecha de cabelos do rosto dela com ternura. – Mas não é o que você está pensando.

Expirando alto, Emily o fitou. Os olhos castanhos tão familiares a encaravam. Ela abriu o estojo e encontrou um impressionante par de brincos de diamantes de um quilate. Emily arfou diante da beleza da joia. Dillon tirou os brincos que ela usava, pegou os novos na caixa e os pôs em suas orelhas. Olhando para baixo, Emily passou o dedo sobre um dos diamantes, bem de leve.

Dillon lhe acariciou o rosto com o dorso da mão.

– Ficam lindos em você.

Baixou a cabeça, forçando-a a encará-lo.

– Embora eu deva dizer que você ficou com cara de quem ia desmaiar quando entreguei o estojo.

Ela ergueu a mão e percorreu o contorno do queixo dele.

– São lindos. Muito obrigada. Eu só fiquei um pouquinho... nervosa, sabe? Não tenho certeza se estou pronta para me casar neste momento.

Um sorriso lento foi curvando os lábios dele enquanto seus dedos cálidos iam descendo pelas costas de Emily. Dillon a puxou para si.

– Esteja pronta em breve, gata. Porque vou me casar com você algum dia. – Com o hálito aquecendo a orelha dela, ele percorreu o contorno com a língua, sugando o lóbulo suavemente.

Os pelinhos da nuca de Emily se arrepiaram diante da atenção que ele dedicara ao local, gesto que Dillon sabia ser capaz de levá-la ao limite. Enfiando os dedos nos cabelos dele, ela o beijou. Ele correu a língua pela boca de Emily, ergueu as mãos até a cintura dela e a puxou, o beijo se tornando mais faminto a cada segundo.

Com os sentidos ficando acalorados demais para aquela exibição pública de afeto, Emily se afastou e pegou a mão dele.

– Vamos – chamou, arfante, tentando conter o alto grau de desejo que lhe percorria o corpo. – Muito bem, vamos conversar antes que eu devore você aqui mesmo no cais.

– Muito bem, mas a conversa termina assim que a gente chegar à minha casa. – Ele lançou um olhar sedutor enquanto apertava a mão dela. – Está certo, um assunto para conversarmos... um assunto para conversarmos... Ah, você pediu folga no trabalho para esta quarta, quinta e sexta, não pediu?

Emily parou de repente, as sobrancelhas erguidas em sinal de confusão.

– Para quê?

– Para a festa do Dia da Independência, do Gavin. Falamos sobre isso ontem à noite.

– Certo, mas vai ser na quarta. Por que eu precisaria de três dias de folga?

Dillon passou o braço pela cintura de Emily e continuou a conduzi-la em direção à sua Mercedes.

– Porque as comemorações da Independência de Gavin Blake não podem ser chamadas de uma festa normal. – Ele abriu a porta do carro para

ela. – São três dias de festa. Vamos dormir lá na quarta e na quinta, e voltamos para cá na sexta de manhã.

Emily se acomodou no carro e Dillon fechou a porta. Mais uma vez, ela sentiu o coração disparar, mas agora por um motivo bem diferente. O estômago revirou diante da ideia de passar duas noites na casa de Gavin nos Hamptons. Havia se preparado para voltar a vê-lo – tinha que fazer isso, afinal ele era amigo de Dillon e eles se esbarrariam de vez em quando –, mas isso era... diferente.

Dillon se acomodou no banco e o motor ronronou, ganhando vida. Mordendo o lábio, Emily o fitou:

– Já é segunda à noite, Dillon. Não vou conseguir três dias de folga. Falei com Antonio sobre a quarta e ele não viu problema, mas tenho certeza de que não vai gostar se eu tirar tantos dias seguidos.

– Então eu vou lá e falo com ele – afirmou Dillon em tom de superioridade.

– Você não vai fazer nada disso – retrucou ela, irritada. – Eu falo com ele quando chegar ao trabalho amanhã. Não ouse ir até lá dizer o que quer que seja.

– Calma, calma. – Ele riu, retirando as mãos do volante por um momento e as erguendo em sinal de rendição. – Caramba, Emily, eu só estava tentando ser gentil.

Revirando os olhos, ela encostou a cabeça na janela.

Perguntou-se duas coisas: primeiro, se conseguiria três dias de folga, o que lhe parecia quase impossível; e, e em segundo lugar, caso conseguisse, como seria capaz de passar dois dias e duas noites seguidos tão próxima de Gavin sem pirar completamente?

5

As muitas camadas

– CARAMBA, EMILY, quanta bagagem! – exclamou Olivia, olhando a mala da amiga enquanto deslizava uma mochila no ombro. – São só duas noites.

Emily ergueu a cabeça de súbito enquanto enfiava o restante da maquiagem numa bolsa.

– Você não vai ficar as duas noites, como eu. Não é tanta coisa assim, na verdade.

– Parece que você pôs o armário inteiro aí dentro – zombou Olivia, se aproximando. Jogando os cabelos louros para o lado, ela arqueou as sobrancelhas. – Mas é verdade, você vai passar mais de 48 horas perto de Gavin, então vai precisar ter roupas suficientes para trocar. Ouvi dizer que ele gosta de lingerie preta.

– Você é tão dramática, Liv. Será que dá para parar com as suposições? – Emily entrou na cozinha com a mala e Olivia a seguiu, fazendo cócegas na amiga. Emily deu um pulo, riu e a empurrou. – Ah, aliás, muito obrigada por me avisar que era uma viagem de duas noites. Por sorte Fallon vai poder cobrir meus turnos.

Olivia ergueu as mãos e deu de ombros.

– Ei, eu achei que você soubesse.

Ouviram uma batida breve à porta e Dillon enfiou a cabeça pelo vão.

– Está todo mundo vestido aqui dentro?

Emily fez um gesto como se cortasse a própria garganta e articulou o nome de Gavin.

Olivia fez que sim com a cabeça e respondeu, alegremente:

– Na verdade, não estamos, não. Você sabe que agora eu curto mulher, então estou com sua namorada com as pernas abertas em cima da mesa da

cozinha.

Emily balançou a cabeça e riu.

– É verdade. Esqueci disso, Ollie... Quer dizer, Olivia. – Dillon foi até Emily. – Todos os homens deram um fora em você.

– Vai se foder, Babacão... Quer dizer, Dillon. É o contrário. Eu é que desisti deles – sibilou Olivia, pegando a mochila do chão. – E minha namorada vai me encontrar lá, então é bom que você não dê um pio, Cuzão. – Dillon a olhou com um sorriso maldoso. Deu um beijo nos lábios de Emily. Olivia revirou os olhos. – A limusine já chegou?

Emily se mostrou confusa.

– Limusine?

– Como eu disse, gata, essa festa é uma loucura, do início ao fim. – Dillon ergueu a mala de Emily com um puxão, o peso evidenciado pela tensão dos bíceps dele. – Gavin manda uma limusine nos buscar todos os anos. E por acaso, sim, ela está lá fora, pronta e à nossa espera. Vamos. Já são quase três horas, então a hora do rush vai ser uma merda. – Dillon foi abrindo caminho porta afora, até o elevador.

Emily segurou o cotovelo de Olivia e sussurrou:

– Ele está na limusine?

Com duas sacudidelas decididas de cabeça, Olivia sussurrou de volta:

– Não, ele deve ter dormido lá ontem, para deixar a casa pronta.

Emily avistou a limusine preta e cinza assim que saíram do prédio. O motorista manteve as portas abertas com um enorme sorriso no rosto. Pegou as bagagens e as colocou no porta-malas. Emily entrou logo depois de Olivia e todos se acomodaram no longo assento de couro preto. Dillon não perdeu tempo, estendendo a mão em direção ao bar iluminado e preparando um drinque para si.

– Sempre entornando, não é, Cuzão... quer dizer, Dillon – observou Olivia, estudando o próprio rosto num pequeno espelho compacto.

Ele lhe lançou um sorriso gélido e inexpressivo.

– Virou minha mãe agora?

Emily respirou fundo.

– Será que vocês dois poderiam parar?

– Foi ela que começou.

Como se fosse criança, Olivia franziu o nariz e mostrou a língua para Dillon.

Balançando a cabeça, Emily deu um longo suspiro.

– Muito bem, a casa dele fica longe?

– Fica em East Hampton, então são umas três horas, considerando o trânsito. – Olivia se acomodou e esticou as pernas no banco. – Mas a viagem vale tanto a pena, Em. É um paraíso à beira-mar.

– E vamos passar para buscar Trevor? – perguntou Emily.

Olivia negou com a cabeça.

– Não, nesse momento ele está ajudando meus pais com uma babaquice qualquer na casa deles.

Vai nos encontrar lá esta noite.

– Quantas pessoas estarão lá?

Dillon puxou Emily para seu colo.

– Esta noite, não muitas. É só a pré-festa com alguns amigos. – Ele bebericou um gole do uísque com gelo. – Mas amanhã é diferente. Serão mais de cem convidados, todos cheios da grana.

Olivia riu, olhando para Dillon.

– Só você mesmo para saber de uma coisa dessas. Todo ano você tenta ganhar uma conta nova se insinuando para algum filho da mãe rico. Tenho que admitir que você dá duro nas festas. Como uma puta.

Os olhos dele endureceram, mas Emily se apressou em tapar a boca de Dillon.

– Vocês dois não vão dizer mais nada pelo resto da viagem.

Durante as horas seguintes, enquanto a ansiedade ia aumentando a uma proporção intolerável, Emily ficou observando a paisagem interiorana que substituía o concreto e o aço da cidade. Árvores amadurecidas, gramados e casas unifamiliares passavam voando por ela, fazendo-a recordar o lugar onde havia crescido. Sentira falta daquilo desde que se mudara para a

cidade.

Por fim, a paleta classe média desapareceu. A paisagem deu lugar a mansões espaçosas que acompanharam o oceano Atlântico. Eram casas iguais às que Emily vira em revistas. Seus olhos se arregalaram diante de tanta beleza. Baixando o vidro da janela, ela inspirou o ar salgado do mar. O motorista se aproximou de uma estrada particular sinuosa delimitada por um portão. Ele falou com alguém por um interfone antes de os portões de metal ornamentados começarem a se abrir, lentamente, permitindo que a limusine entrasse. Para além dos portões, um amplo gramado repleto de árvores exuberantes acompanhava a estradinha de pedra. Um jardim realçava a frente da casa, com flores de todas as cores imagináveis. Imensas colunas de cada lado de uma imensa porta de mogno chamaram a atenção de Emily. Para um dos lados, abaixo do nível do terreno da casa, ficavam quadras de tênis e de basquete. Ao longe, o sol que bruxuleava sobre o oceano transmitia a Emily uma sensação de paz – mesmo que apenas por um breve instante.

Olivia atirou um pedaço de gelo no rosto de Dillon, acordando-o do cochilo regado a álcool. Ela e Emily riram, observando-o piscar até despertar. Ele fitou Olivia com uma fúria de quem prometia vingança. O motorista abriu a porta e eles saíram para a luz do sol. Dillon alongou o pescoço para os lados, bocejando. Enfiou a mão no bolso, deu um tapinha nas costas do motorista e lhe entregou uma gorjeta.

Emily protegeu os olhos do sol enquanto observava a imensa casa de pedra, estarecida com seu tamanho. Apesar de assombrosa em todos os aspectos, ela se perguntava por que uma única pessoa precisaria de um lugar daqueles. E com esse pensamento fugaz, o motivo de sua recém-encontrada ansiedade – e respiração acelerada – saiu pela porta da frente.

Sem camisa.

O coração de Emily quase parou. Enquanto Gavin se aproximava do grupo, ela não conseguiu evitar admirar os trajes mais do que sumários. De passagem, seus olhos varreram os músculos abdominais bem definidos, segmentados por mais músculos rijos que iam dos ombros até os quadris.

Um V profundo que desaparecia sob a sunga branca fez o coração dela saltar de volta à vida.

Ele não era um homem robusto; tinha corpo de corredor – alongado e esbelto – com músculos na quantidade certinha para fazer a língua de qualquer garota dançar por trás dos lábios. Só então Emily se deu conta de que ele devia ser uns 15 centímetros mais alto do que ela. A pele dourada pelo sol a fazia morder a lateral da boca sem perceber, a ponto de sangrar. E para coroar aquela visão maravilhosa, ele tinha uma tatuagem intrincada de um dragão negro que serpenteava de dentro da sunga branca e terminava se enroscando nas costelas, na lateral esquerda do corpo.

O único pensamento de Emily naquele exato momento era: Onde exatamente esta tatuagem começa?

O calor lhe subiu às bochechas quando sentiu uma tensão nas pernas – espirais agudas de desejo que ela sabia que não devia sentir, fazendo-se presentes pelo corpo inteiro. Engoliu, nervosa, tentando fazer a umidade retornar à boca subitamente seca, e ralhou consigo por ter qualquer tipo de reação. Ele era sexy, proibido, perigoso, muito gostoso – e Emily tinha plena consciência disso.

Um sorriso contagiante invadiu o rosto de Gavin quando ele desceu da varanda. Apertou a mão de Dillon e meneou a cabeça em direção à limusine que deixava a propriedade.

– Como foi a viagem? Espero que meu motorista tenha cuidado bem de vocês.

– Ele sempre cuida bem da gente. – Dillon pegou suas malas e as de Emily do local onde o motorista as deixara.

Olivia lançou os braços em volta do pescoço de Gavin e o apertou.

– E aí, cara? – Ela sussurrou alguma coisa no ouvido dele e riu.

Emily teve uma boa noção do que Olivia dissera assim que os olhos de Gavin correram em sua direção e um sorriso maroto se formou nos cantos dos lábios dele. Segurando o queixo, ele riu, baixando o olhar e balançando a cabeça. Os olhos azuis retornaram a Emily.

– Fico satisfeito por você ter podido vir. Dillon comentou que talvez conseguisse ficar as duas noites.

– Tenho meus contatos. – Emily riu, não de sua tentativa de fazer piada, mas por causa do nervosismo avassalador.

– Hum, é muito bom ter contatos – observou ele, fitando os olhos dela por alguns segundos a mais. Respirando fundo, ele passou a mão pelos cabelos. – Muito bem, vamos começar os trabalhos para os próximos dias.

Enquanto seguiam os rapazes, Emily lançou um olhar expressivo para Olivia, sabendo que ela havia falado alguma coisa para Gavin sobre os encontros anteriores que Emily tivera com ele. Olivia riu e pestanejou como se fosse uma donzela em apuros.

O saguão de entrada, com um pé-direito equivalente a dois andares e uma cascata de escadas dos dois lados, era surpreendentemente simpático e acolhedor, e Emily se flagrou espiando pelo corredor longo em direção a uma vista impressionante para o mar. O sol entrava pelas janelas que iam do chão ao teto nos fundos da casa. Uma lareira vazada era o centro das atenções na sala de estar. Um reluzente assoalho de cerejeira escura conduzia a uma cozinha americana gourmet repleta de granito preto. Tons terrosos e profundos eram pincelados pela biblioteca, sala de sinuca e de jantar. O assombro de Emily era evidente. Dando um sorriso largo, Olivia apertou o braço da amiga.

– Eu avisei que era espetacular. E você ainda nem viu a sala de cinema, o segundo andar ou o oásis que fica no quintal, amiga.

Sentindo-se quase sem fôlego, Emily assentiu e seguiu Dillon escada acima, até o quarto que iam dividir. Olivia estava certa. O andar de cima não era menos impressionante. O mesmo mobiliário com realces e matizes mais quentes estava espalhado por ali. Ao entrar no banheiro da suíte, Emily se sentiu num spa. Acessórios europeus e um chuveiro fechado num boxe de vidro que ia do chão ao teto a fizeram querer ignorar a piscina e optar pelo vapor quente em vez disso.

Dillon preparou um drinque para si no barzinho do quarto e disse a Emily que a encontraria nos fundos da casa. Ela assentiu enquanto vasculhava seus pertences. Depois de aplicar uma boa quantidade de filtro solar, vestiu o biquíni preto, amarrou uma canga na cintura e desceu pelo corredor.

Gavin tinha parado para pegar os óculos escuros na ilha da cozinha. Viu Emily descendo as escadas e sentiu uma força atordoante invadir seu corpo. Algo dentro dele se contorceu.

Tanto esforço para tirá-la da cabeça.

O simples fato de olhar para ela já lhe dificultava a respiração. Não conseguia se concentrar em nenhuma característica de Emily em particular. Percorreu o corpo dela com os olhos, bem devagar.

Tinha certeza de que poderia morrer feliz depois de ver os cabelos castanho-avermelhados caídos sobre o sutiã do biquíni. Fechou os olhos com força, obrigando-se a pensar em outra coisa. Quando tornou a abri-los, seus olhares se encontraram, mas Emily desviou o seu na mesma hora. Implacável, Gavin sorriu e passou para a beirada da escada.

Emily parou no segundo degrau e olhou para Gavin. Ele a devorou por completo, só com os olhos. Eram vívidos, hipnotizantes, ornados por cílios espessos e escuros. Um sorriso tímido se espalhou pelo rosto de Emily.

– Oi. – Ela soou mais arfante do que pretendia.

A energia que fluía entre ambos era palpável. Gavin conseguia senti-la e estava quase certo de que Emily também. Umedeceu os lábios e a encarou por um instante.

– Oi.

A intensidade explícita do olhar de Gavin a deixou sem fala. Os olhos de Emily se desviaram para o mar, para além das janelas, enquanto esperava que ele passasse.

Gavin percebia que a deixava nervosa, e essa não era sua intenção. Mordiscou o lábio e pôs a mão no corrimão, hesitante.

– Sei que tudo isto é um pouco insano. – Ele fez uma pausa de um segundo e sorriu. – Bem, mais do que um pouco, mas eu só queria que você soubesse que me assusta tanto quanto a você. – A expressão dele se suavizou, transformando-se em preocupação, e o olhar se tornou mais focado. – Bem, o mais importante é que não quero que você se sinta desconfortável enquanto estiver aqui.

Quero que fique à vontade.

Emily respirou fundo enquanto mantinha os olhos grudados nos dele, sabendo que aquilo seria impossível. Precisava de alguma coisa que a distraísse do azul flamejante daqueles olhos.

Desceu os dois últimos degraus, tentando fazer com que a voz e todo o corpo se mostrassem indiferentes àquela situação.

– Agradeço por sua preocupação, mas, sinceramente, eu estou bem.

Gavin colocou as mãos na nuca e sorriu para ela.

– Tem certeza?

– Absoluta – respondeu Emily, olhando ao redor em busca de uma saída até a piscina.

– Ah, é por aqui – indicou Gavin. – Na verdade, vou com você. Tem uns amigos meus lá atrás que eu gostaria de lhe apresentar. – Depois que pegou os óculos, ele e Emily saíram.

Sorvendo o máximo de ar que os pulmões aguentavam, Emily permitiu que o aroma salgado do mar fizesse cócegas em seu nariz. Uma piscina com hidromassagem se debruçava sobre o Atlântico.

A vista era espetacular ali da colina. Uma lareira externa, um quiosque com bar e uma casa de hóspedes integravam o paraíso ao ar livre. Emily seguiu Gavin até o local onde Olivia e Dillon conversavam com dois homens.

Assim que a viu, Dillon pediu licença ao grupo. Os olhos dele diziam que precisava conversar com ela. Emily inclinou a cabeça para o lado em sinal de confusão e ia abrindo a boca para falar, mas parou ao perceber a expressão do namorado.

Parecia zangado.

Olivia revirou os olhos e balançou a cabeça, provavelmente achando o comportamento de Dillon irritante. Emily sorriu para os dois homens, aos quais ainda seria apresentada, e seguiu Dillon até o outro lado do quintal.

– Está de sacanagem comigo, Em? – perguntou Dillon quando já estavam longe o bastante de todo mundo. – Que porra é essa que você está usando?

Ela franziu o cenho enquanto tentava manter a voz sob controle.

– Você está de sacanagem comigo, Dillon?

– Não, caralho. Não estou, não. Falamos sobre isso na outra noite. Você não tem um maiô?

– Não, eu não tenho um maiô. Eu tenho um biquíni que está coberto por uma canga.

Bufando exasperado, ele esfregou o rosto com as mãos.

– Então pelo menos volte lá para cima e vista um short, porra.

– Eu não vou fazer nada disso – respondeu ela, pondo as mãos nos quadris. – Você está exagerando. Está um calor absurdo, eu pretendo entrar na piscina e me bronzear.

– Eu não estou brincando, Emily. Vou ficar numa posição muito desagradável se pegar qualquer um desses caras olhando para você.

Ela inclinou a cabeça para o lado, estudando o comportamento dele. A voz não deixava o menor espaço para argumentação e a última coisa que Emily queria era que ele ficasse bêbado e arranjasse uma briga. Ela saiu sem olhar para trás e seguiu até as escadas para fazer o que ele pedira. Muito irritada, certificou-se de estar usando o short jeans mais curto que tinha. Para melhorar, deixou a parte de cima do biquíni à mostra.

Quando voltou, Olivia estava deitada numa confortável cadeira de praia, falando ao telefone.

Emily se aproximou dos quatro homens, lançou um sorriso irônico para Dillon e, educadamente, pediu a ele que lhe preparasse um cuba libre. Dillon não pareceu muito satisfeito com os trajes novos, mas ficou óbvio que entendera, pela expressão nos olhos dela, que teria que ficar calado quanto a isso. Então foi preparar o drinque de Emily.

Gavin olhou para Dillon de cara feia e baixou os olhos em direção ao short de Emily. Sabia que Dillon a fizera trocar de roupa. Rangeu os dentes, sem entender por que o amigo não conseguia se orgulhar do que possuía. Ainda assim, um sorriso simpático surgiu nos lábios dele quando encarou Emily.

– Quero apresentá-la aos meus amigos, Chris e Joe. Rapazes, esta é Emily, namorada do Dillon.

Ela sorriu e apertou a mão dos dois. Observando que podiam passar por irmãos – os olhos, cabelos e traços eram bem parecidos – perguntou:

– Vocês são parentes?

Chris falou primeiro, arregalando os olhos castanho-esverdeados:

– Ótima observação! Na verdade, somos primos – disse, passando uma das mãos pelos cabelos cor de amêndoa.

Joe deu um sorriso maroto e bateu nas costas de Chris.

– Sim, infelizmente nossas mães são irmãs.

Emily riu com eles. Descobriu que os dois tinham feito o ensino médio com Gavin e Trevor.

Haviam se mudado para a Flórida e aberto um negócio de paisagismo depois de se formarem na faculdade. Quando Dillon lhe trouxe o drinque, Emily pediu licença para o grupo de rapazes e foi se acomodar em uma das cadeiras da piscina, ao lado de Olivia.

– Em, ele está começando a se tornar...

Emily ergueu um dos dedos, pedindo silêncio.

– Por favor, deixe para lá pelo menos por enquanto, Liv.

Olivia se apoiou sobre os cotovelos e franziu a testa.

– Deixar para lá?

– É, por favor. Não quero falar disso, está bem?

– Eu vou deixar para lá, amiga, mas tenho que lhe dizer que, a esta altura, o Babaca se transformou oficialmente num cuzão completo – observou ela, prendendo os cabelos num coque desgrenhado. Pegou o filtro solar e lambuzou a pele. – E você terá que se impor mais cedo ou mais tarde.

Ignorando o comentário de Olivia, Emily ficou observando as ondas quebrarem ao longe.

Enquanto absorvia o calor do sol, se concentrava em Bob Marley ao fundo, cantando “I shot the sheriff”.

Nas horas seguintes, o olhar de Gavin ficou passeando entre Emily e Dillon, travando uma guerra interior. Ele se posicionou à mesa com perfeição, de maneira a manter uma visão desimpedida dela enquanto tentava se concentrar na conversa com os amigos. No entanto, a mente vagava, sempre de volta à mão macia em que seus lábios tocaram quando ele a beijara alguns dias antes. Os olhos de Dillon queimavam com adoração quando Emily ria com Olivia. O sorriso dela era como uma droga viciante e

a voz tinha um som celestial. Embora tivessem se olhado de maneira furtiva durante todo o dia, Gavin acabara por admirá-la a distância, evitando tornar a situação ainda mais desconfortável.

Ao cair da noite, o pequeno grupo se sobressaltou diante de um barulho vindo da frente da casa.

Trevor decidira soltar alguns fogos para anunciar sua chegada, antes de se juntar aos outros nos fundos. Com um sorriso cintilante, foi entrando e bradando a frase que era sua marca registrada:

– Cheguei! Hora de começar a festa!

Tina, namorada de Olivia, chegou logo depois. Olivia deu um pulo, dando gritinhos de alegria, e lhe tascou um beijo, informando aos homens que a moça tinha dona. Chris ignorou Olivia e encarou a linda ruiva. Olivia deu-lhe um tapa no braço enquanto se afastava. Caminhando até Emily, Olivia anunciou:

– Tina, esta é minha melhor amiga, Emily.

– Oi, é um prazer conhecê-la. – Tina sorriu. – Já ouvi falar muito sobre você. É legal poder associar um rosto ao nome.

Emily se levantou e apertou a mão de Tina.

– O prazer é meu. Pelo visto você conseguiu encontrar o caminho sem se perder. Olivia estava com medo de que não achasse o lugar.

Tina se inclinou e deu um beijo na bochecha de Olivia.

– Amor, você estava preocupada comigo?

Olivia ficou vermelha.

– É claro que estava.

Dillon se aproximou de Emily quando Tina e Olivia se afastaram. Deixou escapar um suspiro e a puxou carinhosamente para si.

– Gata, sinto muito pelo que aconteceu mais cedo. Fui um babaca. Você me perdoa?

Ela buscou os olhos dele, tentando compreender a mudança repentina.

– Você está me deixando muito confusa. Nunca agiu assim quando eu morava no Colorado, Dillon.

– Eu sei, Em – sussurrou ele, pegando a mão dela. Levou-a até os lábios e a manteve encostada ali.

– É que eu te amo muito. Tenho medo de perder você, só isso.

– Eu não vou a lugar algum. Amo você mais do que imagina, Dillon. Acreditei o bastante em nós dois para vir para cá e ficar ao seu lado. Isso já devia significar o bastante.

Pondo a mão na nuca de Emily, Dillon trouxe o rosto dela para mais perto ainda.

– Você tem razão. – Ele se inclinou para lhe dar um beijo nos lábios e ela aceitou sem pensar duas vezes enquanto roubavam mais alguns minutinhos para fazerem as pazes. Dillon se afastou devagar e acariciou os cabelos dela com os dedos. – Vou pegar mais leve, prometo.

Emily sorriu, com esperança de que as palavras dele fossem sinceras. Brincalhão, Dillon lhe deu um tapinha na bunda, tascou-lhe outro beijo e avisou que ia jogar sinuca com Chris e Joe. Ela o observou desaparecer dentro da casa.

Foi caminhando em direção a Olivia e Tina, que estavam aninhadas numa espreguiçadeira, muito animadas por estarem juntas. Então Gavin apareceu com um baralho na frente dela.

– Então... Trevor me contou que você gosta de jogar pôquer.

Emily olhou para Trevor enquanto ele puxava uma cadeira. Seus olhos voltaram para Gavin.

– Eu jogo muito bem, devo admitir.

– Sei... e qual seria exatamente sua modalidade favorita? – indagou Gavin colocando uma caixa de mogno cheia de fichas de pôquer na mesa.

– Gosto do Texas Hold'em.

– Hum, muito bem. É o meu favorito. – Ele sentou-se na frente dela. – Podemos começar? – Gavin cortou o baralho.

– Podemos.

– A gente só vai assistir – avisou Olivia com grande animação. Lançou um sorriso divertido para Emily, que balançou a cabeça.

– Bem, vocês podem até achar que são jogadores experientes, mas vou

limpar a carteira dos dois.

– Trevor riu, olhando para ambos por cima dos óculos. Atirou uma nota de 100 na mesa. – Sou um profissional tarimbado. Não digam que não avisei.

Gavin se ofendeu com a afirmação.

– Vamos jogar por dinheiro de verdade? – perguntou Emily.

– Claro! – Gavin pegou duas notas de 100 e jogou no tampo. – Acabo de pagar a sua parte.

– Não precisa fazer isso – disse Emily, colocando-se de pé. – Vou pegar dinheiro com o Dillon.

– Não se preocupe com isso. Pego com ele depois que levar você e Trevor à falência – observou Gavin, lançando um de seus sorrisos pontuados por covinhas.

Trevor estava ocupado demais embaralhando as cartas para admitir ter ouvido a provocação de Gavin, mas Emily não estava ocupada a ponto de não notar aquele sorriso enlouquecedor.

Hesitante, ela se acomodou na cadeira e também sorriu.

– Acha que vai me levar à falência?

– Ora, tenho certeza de que sim.

Rindo, Emily se recostou.

– Isso é o que vamos ver, Sr. Blake.

O modo como o sobrenome dele deslizou pela língua dela fez Gavin tentar conter as emoções que ameaçavam transbordar de seu corpo. Ele lambeu os lábios enquanto a fitava e distribuiu as cartas.

Com as cartas em mãos, as bebidas fluindo e Olivia e Tina como espectadoras, o jogo começou.

Durante a hora que se seguiu, Gavin e Emily esgotaram as fichas de Trevor. E não pararam de zombar dele.

– Está bem, está bem. Mas só para que vocês saibam, estou muito bêbado; por isso joguei mal esta noite – defendeu-se Trevor, recolhendo-se para uma espreguiçadeira ao lado de Olivia e de Tina.

Olivia riu e consolou o irmão virando uma dose de tequila com ele.

– A velha desculpa do “bebi demais e joguei feito um idiota”. Um clássico – falou Gavin, rindo.

Trevor balançou a cabeça com uma expressão de derrota.

– Peguei pesado, não foi?

Gavin terminou a cerveja antes de responder:

– Eu diria que sim. Mas já usei essa desculpa muitas vezes – admitiu ele, dando as cartas para si e para Emily.

Depois de alguns minutos estudando-se mutuamente para ver quem teria a melhor mão, Emily pigarreou.

– Vou apostar tudo.

Ela empurrou a pilha crescente de fichas para o centro da mesa, um sorriso do tipo “eu o desafio” se insinuando nos lábios.

Gavin a observava com atenção enquanto tamborilava devagarzinho na garrafa de cerveja vazia.

Tentando desviar os olhos dos dela, baixou-os para as próprias cartas. Tinha dois reis e outro já se encontrava sobre a mesa. Chegando o corpo para a frente, inclinou a cabeça e sorriu.

– Talvez não queira fazer isso, Srta. Cooper.

Emily também chegou para a frente, imitando a arrogância de seu adversário. Enquanto fitava os olhos azuis que não piscavam, ela constatou que aquilo era mais difícil do que havia imaginado.

– Está com medo de arriscar?

Olivia, Tina e Trevor assistiam de perto, todos com expressões curiosas. Gavin deu um sorriso pretensioso e empurrou sua pilha de fichas para junto da de Emily.

– Eu guardo meu medo para pouquíssimas coisas nesta vida, mas seu blefe não é uma delas. – Ele riu e virou as cartas. – Eu gostaria de apresentá-la aos meus amigos: Os três patetas.

Olivia arfou.

– Que merda! Agora você se ferrou, Em. Ele acaba de aplicar o velho golpe dos Três Patetas em você.

Emily arregalou os olhos, fingindo-se horrorizada.

– Hum, é até possível que eu tenha me ferrado. – Ela deu um tapinha na borda das cartas. – Mas, considerando que tenho três ases, acho que estou bem por enquanto.

Emily abriu as cartas sobre a mesa enquanto o rosto se iluminava com um enorme sorriso de satisfação.

O pequeno grupo – incluindo Gavin – começou a rir histericamente. Emily puxou as três notas de 100 dólares de cima da mesa e as enfiou no bolso. Naquele momento, a tensão que vinha pesando tanto sobre os ombros dela quanto sobre os de Gavin – pelo modo como seus mundos haviam colidido – sumiu como um fantasma.

Por fim, Chris, Joe e Dillon voltaram lá para fora. Gavin levou alguns minutos para contar a Dillon sobre sua derrota arrasadora. O namorado olhou para Emily com um sorriso orgulhoso.

Depois o grupo ajudou Gavin a arrumar as coisas e todos resolveram que era melhor ir dormir.

Antes que o restante dos convidados chegasse, os rapazes costumavam fazer uma pescaria bem cedo no barco de Gavin, portanto descansar era uma necessidade. Eles se desejaram boa noite e foram para os quartos.

Já passava de uma da manhã quando Emily levantou da cama. Os roncos de Dillon, induzidos pelo álcool, não a deixavam dormir. Na tentativa de pegar no sono, ela o cutucou, ligou a televisão e até colocou um travesseiro sobre o rosto dele, com a esperança de abafar o barulho. Nada funcionou.

Concluindo que uma boa dose de ar puro talvez ajudasse, ela abriu silenciosamente as portas francesas que davam para uma varanda.

Foi como se o mar estivesse chamando por ela. Caminhou até a beirada da varanda e espiou as ondas quebrando sobre as dunas ao longe. Como seus sentidos já haviam começado a absorver os sons, odores e paisagens que a cercavam, o “olá” de Gavin a sobressaltou.

Ela se virou de repente, uma mecha de cabelo grudando nos lábios, e deu com ele sentado numa cadeira rústica de madeira.

– Meu Deus! – exclamou, mais alto do que pretendia.

– Não, não é Deus, sou eu, o Gavin. Gavin Blake – zombou ele, pegando uma cerveja de uma embalagem com seis garrafas. – Embora em algumas situações particulares já tenham se referido a mim dessa forma. – Ele riu.

Emily também riu e deu meia-volta.

– Eu não tinha percebido que esta varanda era ligada a outro quarto. Vou deixar você ter um pouco de privacidade.

– De forma alguma. Fique e tome uma cerveja comigo.

Com uma leve apreensão, Emily se aproximou de onde Gavin estava. Ele abriu uma cerveja para ela.

– Obrigada. – Ela pegou a garrafa e se afundou numa cadeira ao lado dele.

– De nada. E então, o que a traz a esta varanda no meio da madrugada?

– Não consegue ouvir isso?

As sobrancelhas de Gavin franziram em sinal de confusão enquanto ele olhava em volta.

– Bem, estou ouvindo as ondas.

– Sorte sua. – Ela suspirou. – Porque ainda consigo ouvir Dillon roncando.

– Ah, entendi. – Ele deu uma risadinha e apoiou os pés num pequeno pufe. – Nós, homens, somos impressionantes nesse quesito.

Emily balançou a cabeça e tomou um gole da cerveja.

– Com exceção de sufocá-lo até a morte, já tentei de tudo para ver se ele parava.

Gavin assentiu e deu uma piscadela.

– Hum, não é má ideia. Assim você ficaria disponível.

– Seja bonzinho – brincou ela.

– Sim, senhora – concordou ele.

Alguns minutos se passaram enquanto os dois ouviam as ondas quebrarem. O céu estava límpido, estrelado, e uma brisa fresca de verão soprava.

– Não vi você indo até o mar hoje – observou Gavin, pegando mais uma cerveja. Torceu a tampa e a atirou num jarro de terracota que já continha uma boa quantidade de tampinhas. – Não gosta de praia?

– Na verdade, eu adoro praia. – Ela respirou fundo enquanto o olhar desviava do dele e ia para o mar. – Algumas das melhores recordações que tenho da minha mãe são de dias intermináveis passados na praia.

Um peso invadiu o peito de Gavin. Ele sabia que a mãe de Emily tinha falecido. Quando estavam na boate, sentira vontade de lhe dizer alguma coisa, mas tinha achado pouco apropriado fazê-lo assim, do nada. Continuou a olhar para ela, buscando as palavras certas. Endireitou o corpo para fitá-la.

– Sinto muito pela sua perda e por tudo o que teve de passar – disse ele baixinho, por fim.

Emily apoiou o queixo nos joelhos dobrados e olhou para Gavin.

– Obrigada.

– Se não se importa, eu adoraria ouvir as recordações que você tem dela.
– Gavin falava com uma voz baixa e cautelosa enquanto a encarava.

Um sorrisinho repuxou os lábios de Emily.

– Sério?

Ele fez que sim e retribuiu o sorriso.

– Eu ficaria honrado.

Ela levou um minuto para compor as ideias.

– Bem, quando eu era pequena, ela juntava dinheiro o ano todo para a gente poder ir a Santa Cruz. Alugava um apartamentinho na beira da praia e a gente passava o dia todo fora. Soltávamos pipa por horas a fio e andávamos de bicicleta pelo calçamento. – Ela fez uma pausa e sorriu. – Ela adorava fazer anjos na areia, iguais àqueles que a gente faz na neve, deitando-se no chão e agitando os braços. – Ela deu uma risadinha diante da recordação e secou uma lágrima.

– Emily, eu... – sussurrou Gavin. Ela olhou para ele. – Minha intenção não era deixar você triste.

Por favor... me desculpe.

– São lágrimas boas, Gavin. Já faz um tempinho que não falo dela. Sério, você não me deixou triste.

Aquelas palavras deixaram Gavin estupefato. Ele perscrutou os olhos de Emily e encontrou traços de felicidade misturados a uma perda incalculável. Aquilo lhe partiu o coração. Ansiava por passar os dedos pelos cabelos dela e consolá-la. Queria abraçá-la e livrá-la da dor.

– Parecem lembranças maravilhosas.

– São mesmo – respondeu Emily, com o olhar perdido. – Foi difícil vê-la doente por tantos meses, mas, para falar a verdade, quando ela deu o último suspiro, senti uma onda de alívio. Enfim ela estava em paz. – Secando mais uma lágrima, Emily olhou para ele e depois para o mar. – Houve um momento em que cheguei a desejar acordar e descobrir que ela havia partido e que já não sentia mais dor. Ainda me sinto culpada por ter me sentido daquele jeito, mas não aguentava mais vê-la sofrendo.

As emoções de Gavin voaram até um lugar que ele não ousara visitar havia algum tempo. Mais uma vez, se viu lutando para encontrar a coisa certa a dizer. A voz não foi mais do que um sussurro:

– Sei que parece que vivemos em mundos completamente diferentes, mas temos algo em comum.

– Ele hesitou, sem saber se devia mencionar aquilo. Emily mostrou-se confusa. – Minha família quase perdeu minha mãe para um câncer de mama quando eu tinha 12 anos.

Emily deixou o ar escapar, sem ter a menor ideia do que dizer. A declaração dele a despertou de sua autopiedade.

E então Gavin fez uma coisa impetuosa. Sentindo uma súbita necessidade de tocá-la, inclinou o corpo e secou as lágrimas de Emily. Ela não se mexeu.

– Eu me lembro de como era vê-la doente e com dor. Nunca vou me esquecer do medo de não saber como seria a vida sem ela, embora eu saiba que vou ser obrigado a enfrentar isso um dia.

Também me lembro de me sentir exatamente da mesma forma que você. Queria que aquilo acabasse, ou que ela morresse para ter paz, ou que se curasse. Não aguentava mais vê-la daquele jeito. Eu costumava me martirizar por me sentir assim. Emily, só quero que você saiba que o que sentiu, que o que a gente sentiu, é uma reação humana muito genuína e normal.

Fungando, ela olhou para ele, notando a perfeição e sensualidade de seu rosto agora tocado pela tristeza. Por trás daqueles olhos azuis encontrava-se a alma de um homem que também enfrentara sua parcela de dor, e Emily não conseguia decidir o que era pior: perder a mãe ou conviver com o medo de o câncer voltar.

Com a preocupação estampada nos olhos, Gavin se inclinou para a frente e estudou o rosto dela.

Um sorriso débil foi surgindo em seus lábios.

– Agora que consegui estragar uma noite razoavelmente decente fazendo você chorar, que tal um jogo para melhorar o astral?

Por causa da variedade de emoções que a varriam, Emily soltou uma gargalhada.

– Você não estragou a noite. – Ela se levantou, secou as últimas lágrimas e esticou os braços acima da cabeça. – Eu estava precisando disso, acredite.

Gavin se levantou com ela e sorriu.

– Tudo bem, ótimo. Vai jogar comigo, então?

Ela lhe lançou um sorriso torto, olhando-o com desconfiança.

– Que tipo de jogo Gavin Blake sugeriria? E nada de gracinhas, por favor.

– Hum, aí você já está pedindo muito. – Ele abriu um sorriso maroto e, sem dizer mais uma palavra, empurrou o vaso de terracota cheio de tampinhas até o meio da varanda. Brincalhão, mandou que Emily se sentasse no chão com as pernas cruzadas a uns três metros do vaso. Com a expressão traindo sua curiosidade, ela fez o que lhe foi mandado. Então Gavin abriu as portas que conduziam ao seu quarto e desapareceu por um momento. Emily permaneceu sentada por alguns instantes, perguntando-se o que ele estaria fazendo. Quando voltou, trazia um suéter e um saco com

mais tampinhas. Aproximando-se, atirou o suéter na cabeça dela e riu.

– Você parece estar com frio. Vista isso.

Sentou-se no chão ao lado de Emily, com as pernas cruzadas, os joelhos dos dois se tocando de leve.

Sorrindo, ela tirou o suéter de cima da cabeça e o vestiu. Por um breve instante, tentou gravar na memória aquele cheiro, que a fez se lembrar de quando se encontraram no elevador. Não conseguia identificar o aroma com precisão: uma mistura de perfume, sabonete e loção pós-barba.

– E então, qual é o nome dessa brincadeira que estamos prestes a jogar?

Gavin mirou dentro dos olhos verdes. Sob a luz da lua, lhe pareciam um tanto angelicais.

– É difícil pronunciar – respondeu ele, fitando os lábios de Emily, tentando afastar de seu corpo o fascínio que sentia por ela.

– Diga.

Ele baixou a voz até um sussurro e, de propósito, foi hesitando entre cada palavra pronunciada:

– Chama-se: “Atire... a... tampinha... dentro... do... vaso”... bem... ali. – Ele apontou para o vaso.

Tentando ignorar quanto a voz sussurrada de Gavin era sexy, Emily deu um tapinha no braço dele.

– Uau, você é mesmo um espertinho, não é?

– Sou, sim, em todos os sentidos possíveis. – Ele lhe entregou duas tampinhas. – Você começa.

Mal conseguindo enxergar, Emily franziu o nariz enquanto focava o vaso. Atirou a primeira e errou por, pelo menos, um metro e meio. Os dois riram. Na vez de Gavin, ele fechou os olhos e acertou em cheio.

– É só uma suposição, então me perdoe se eu estiver enganada, mas acho que você já jogou isso mais de uma vez – observou ela.

– Ora, eu só joguei duas vezes, é claro.

Emily atirou outra e errou por apenas trinta centímetros.

– Duas vezes o caramba. Deve ter pelo menos quinhentas tampinhas

dentro desse troço.

Gavin sorriu para ela, irônico.

– Errou feio. Na verdade, são mais de mil.

– Você bebe com frequência?

Ele riu.

– Muitos verões, muitas festas e muitos amigos resultam em uma enorme coleção de tampinhas.

Ela balançou a cabeça.

– E por falar em coleção, notei diversos veículos estacionados na sua estrada de acesso. Uma moto, um BMW, um Bentley e não sei o nome do outro.

Ele sorriu.

– É um Nissan GT-R.

– Isso, um Nissan GT-R. Meninos e seus brinquedinhos.

Esfregando o queixo, Gavin espiou no fundo dos olhos dela por um segundo.

– Não temos todos de preencher o vazio de nossas vidas com alguma coisa?

Surpresa, Emily buscou o rosto dele, sem saber como responder.

Gavin lhe lançou um sorriso luminoso e atirou mais uma tampinha no vaso. Emily sabia que por trás daquela pergunta havia muito mais do que ela seria capaz de compreender. A primeira coisa que lhe ocorreu foi uma cebola. Gavin Blake tinha muitas camadas que precisavam ser descascadas.

Algumas eram o que pareciam ser, outras eram apenas uma fachada de ferro com a qual ele se revestia.

Depois de várias tentativas e erros com as tampinhas, que renderam risadas muito necessárias, Gavin olhou para o relógio e notou que passava das três da manhã. Levantando-se, ofereceu uma das mãos para Emily, que aceitou a ajuda.

A voz dele fluiu pelo ar como a mais requintada caxemira:

– Embora a noite tenha começado um pouco... triste, me diverti muito

com você, Emily – falou, baixinho, concentrando os olhos intensos nos dela.

Ela sentiu a carícia daquele olhar cálido aquecendo seu corpo por dentro e por fora. Foi afastando a mão da dele, devagar, e acariciou a própria nuca enquanto o fitava.

– Eu também, Gavin.

Ele sorriu, se afastou e abriu as portas francesas que levavam ao seu quarto, mas não sem antes se virar e olhá-la uma última vez.

Mordendo o lábio de nervoso, Emily entrou no quarto onde Dillon dormia.

O namorado ainda roncava.

Depois que fechou as portas, Emily se encostou nelas, em pânico, e mais uma vez sem fôlego.

Deslizando os dedos pelo pescoço, tentou racionalizar a atração visceral que Gavin exercia sobre ela, embora àquela altura estivesse cansada demais para entender qualquer coisa.

6

Fogos de artifício

UMA BATIDA À PORTA E UM gemido grave de Dillon ecoaram no cérebro ainda adormecido de

Emily. Forçando-se a abrir um dos olhos, ela viu a cabeça de Trevor espiando dentro do quarto.

– Porra! – berrou Dillon, ríspido. – Que horas são?

– Hora da pescaria – respondeu Trevor, animado demais.

Dillon esfregou o rosto, lançou um olhar duro para Trevor e se virou para Emily.

– Você vai se levantar?

Olhando para o relógio através das pálpebras pesadas, Emily viu que eram apenas sete da manhã, então apertou bem o edredom em volta do corpo.

– Não – gemeu, se virando. – Vá tomar uma chuveirada. Vou me levantar daqui a pouco.

Praguejando por ter sido acordado tão cedo, Dillon saiu da cama e caminhou até o banheiro com passos pesados.

Emily ouviu a porta se fechar com um baque quando Trevor saiu. A luz do sol entrava no quarto e ameaçava despertá-la de vez, mas ela se aninhou preguiçosamente. Respirando fundo, sentiu o perfume celestial, intoxicante e entorpecente de Gavin enquanto tentava dormir outra vez.

Gavin? Mas que...?

Dando-se conta de que ainda estava com o suéter dele, sentou-se às pressas. Em meio segundo arrancou-o do corpo, pulou da cama e, sem pensar muito, enfiou-o numa gaveta da mesinha de cabeceira.

Com dedos trêmulos, esfregou os olhos e tentou não pensar na reação

que Dillon teria se a visse com o suéter do amigo. Depois de alguns minutos, a ansiedade foi passando e Emily se acomodou de novo na cama, mas não conseguiu voltar a dormir.

Ainda resmungando, Dillon saiu do banheiro. Emily percebeu que ele parecia cansado, pálido e abatido. Depois de tentar acalmá-lo com uma massagem, deu-lhe um beijo no rosto e foi tomar uma chuveirada. Quando saiu, encontrou-o largado na cama vestindo uma camiseta e uma bermuda cargo, o braço protegendo os olhos.

– Quais são seus planos enquanto eu estiver pescando? – perguntou ele, a voz grave e indistinta.

– Vou ficar com Liv e Tina até elas irem embora – respondeu Emily, ligando o secador de cabelos na tomada. – As duas vão para a cidade mais tarde para passar o dia na casa da família de Tina.

Praguejando, ele se levantou com as pernas pouco firmes e deixou o quarto. Quando Emily desceu, já eram oito e quinze. Dillon estava sentado na ilha da cozinha com a cabeça escondida entre os braços dobrados, murmurando para si mesmo.

Gavin sorriu para Emily por cima do jornal. Como sempre acontecia quando ela aparecia, todo o corpo dele entrou em estado de alerta. Sentiu o sangue começar a pulsar mais depressa quando ela se dirigiu à ilha. O tecido branco e sedoso do vestido leve de verão deslizando pela coxas e contrastando com a pele de um tom moreno perfeito quase o deixou sem fala.

Gavin pigarreou.

– Dillon está prometendo nunca mais pôr uma gota de uísque na boca se os deuses da bebedeira permitirem que ele sobreviva a este dia. – Riu e tomou um gole de café. – Ele nunca soube beber.

Apesar de abafadas pelos braços, as palavras saíram claras e objetivas:

– Vai se foder, Gavin.

Gavin riu e olhou para Emily.

– Quer café?

– Parece uma ótima pedida. Obrigada. – Ela se sentou ao lado de Dillon.

– De nada – disse Gavin.

Gavin se levantou, pegou uma caneca no armário e serviu o café, depois foi até a geladeira.

Dando uma viradinha para trás a fim de fitar Emily, ofereceu-lhe um sorriso sábio.

– É só um palpite, é claro, mas você parece gostar de creme e açúcar no café.

Emily ficou boquiaberta, mas logo se recuperou. Gavin arqueou a sobrancelha com malícia e foi até ela. Quando Emily ia pegar a caneca, ele enfiou alguma coisa em sua mão. Ela olhou de relance para Dillon, que ainda se escondia da luz. Gavin pôs o café diante dela e se sentou.

Abrindo a mão, Emily viu o que segurava: uma tampinha de garrafa. Olhou para Gavin, que bebericava seu café calmamente, com o jornal na mão e um sorrisinho. Ela balançou a cabeça.

Assim que ouviu a campainha, Dillon endireitou o corpo e se virou depressa. Soltou um gemido quando Gavin foi atender. Emily o observou cumprimentar dois homens que pareciam ser seus parentes. O mais jovem era bonito e tinha a mesma cor de cabelo e traços bem delineados de Gavin, porém um corpo um pouco mais robusto. O mais velho, no entanto, era uma espécie de clone de Gavin, só que vinte anos mais velho, com alguns fios de cabelo grisalhos.

Ao entrar na cozinha, o homem mais velho arqueou as sobrancelhas que contornavam os olhos azuis enquanto batia nas costas de Dillon.

– Está com uma aparência meio amarrotada, meu filho.

– Bom dia, Sr. Blake. – Dillon se levantou para apertar a mão do homem. – Pois é, bebi um pouquinho demais ontem à noite.

– Bem, prepare-se para beber um pouco mais hoje, meu jovem – brincou o homem, erguendo uma garrafa de Grand Marnier e duas varas de pesca.

Balançando a cabeça, Dillon olhou para Gavin.

– O seu velho vai me matar de beber hoje, não vai?

– Tenho quase certeza de que essa não é a intenção dele. Não é, pai?

– De forma alguma! – Ele olhou para Emily com um sorriso encantador.

– E quem temos aqui?

Dillon passou o braço pela cintura dela.

– Esta é minha namorada, Emily. Emily, este é o irmão de Gavin, Colton, e o pai deles, Chad.

– É um prazer conhecê-los. – Ela apertou a mão dos dois.

– Emily, você tem alguma irmã para apresentar ao meu irmão? – Colton apontou para Gavin com o polegar. Gavin revirou os olhos e tomou o restante do café. – Minha mãe quer vê-lo casado em breve.

– Infelizmente, a única que tenho já é casada – respondeu Emily, rindo.

Colton passou o braço em volta do pescoço de Gavin.

– Que pena, maninho! A busca continua.

Com os braços cruzados, Gavin deixou escapar um suspiro e revirou os olhos diante da “missão” do irmão de lhe arranjar uma namorada.

Por fim, Trevor, Joe e Chris desceram para se juntar ao grupo.

– Mas que diabos você está vestindo? – perguntou Gavin, olhando para as roupas de Trevor.

Usando seu melhor chapéu de pescaria e um colete cheio de anzóis e de minhoquinhas de plástico, Trevor fungou, ofendido.

– Ah, sei lá, cara. – Ele despejou café dentro de um copo de isopor e continuou: – Pelo menos eu dou conta de entrar no barco. – Todos os homens caíram na gargalhada, menos Gavin, que apenas balançou a cabeça com um sorriso divertido e ignorou a provocação. Trevor deu-lhe um tapinha nas costas. – Por acaso o grande Gavin Blake ficou sem fala?

Gavin se levantou para pegar mais café.

– Muito bem, podem me sacanear, seus babacas. Mas, em minha defesa, herdei isso da minha mãe.

Emily franziu as sobrancelhas, confusa.

– Você não anda de barco?

O sorriso de Gavin foi se abrindo pouco a pouco, fazendo os olhos azuis cintilarem.

– Tecnicamente, ando, mas não quando o mar está agitado como nesta

manhã. – Ele bebericou um gole do café. – Fico meio enjoado.

Dillon se levantou, caminhou até ele e lhe deu um tapinha no ombro.

– Meio? Você sempre acaba rezando aos deuses do mar que lhe permitam sobreviver à viagem sem vomitar.

Balançando a cabeça, Gavin jogou as chaves do barco para o pai.

– Certo, vocês todos precisam dar o fora da minha casa agora mesmo. E isso inclui você, pai – acrescentou depressa.

Chad deu um tapinha nas costas do filho. A conversa e as risadas continuaram por mais alguns minutos enquanto os homens se preparavam para um dia no mar. Depois de se certificarem de que tinham gelo, comida, bebida e isca suficientes para durar até a tarde, estavam prontos para partir.

Emily seguiu Dillon até a porta para lhe dar um beijo de despedida e lhe pedir que pegasse leve com a bebida. Ela observou o grupo se dirigir ao barco.

Depois de fechar a porta, Emily se virou e encontrou Gavin sentado à ilha, com o café em uma das mãos e os olhos grudados no jornal. Ia subir, imaginando que seria um bom momento para acordar Olivia e Tina, mas antes que pudesse fazê-lo Gavin a chamou e pediu que se sentasse.

Enquanto se aproximava, ela teve uma conversa muito séria consigo mesma. Na noite anterior, tinha gostado de estar com ele mais do que deveria, e por isso desenvolvera algo mais do que apenas uma atração física por Gavin. Comichões inéditas percorriam seu corpo e uma ansiedade estranha causada pela proximidade permeava seus ossos – ainda mais do que antes.

E isso... não era bom. Sentada ao lado dele, Emily tentava ignorar a forma como os cabelos caíam em todas as direções, um tipo de desganhado pós-sexo. Aquilo o deixava com uma aparência... bem... ainda mais irresistível.

Passando as mãos nos cabelos, ele baixou o jornal e sorriu.

– Eu queria lhe avisar, com alguma antecedência, que esta casa vai ficar um pouquinho... caótica.

– Como assim? – perguntou ela, brincando com a bainha do vestido. –

Pensei que seus convidados não fossem chegar antes das três.

Os olhos de Gavin desceram rapidamente às coxas de Emily e logo voltaram ao rosto. Ele engoliu em seco.

– Bem, o bufê e a empresa que monta as tendas vão chegar em breve. Se você quiser, podemos ir à praia ou tomar um banho de piscina. – Emily se remexeu, nervosa, os olhos fixos nos dele. – Quero dizer, você... você pode ir à praia ou à piscina – ele rapidamente se corrigiu e mordeu o lábio. Meu Deus.

Emily observou aqueles lábios com atenção de mais e afastou a cadeira da bancada para se levantar.

– Está bem, vou ver. – Ela foi até as escadas. – Eu só vou... hum... acordar Olivia e Tina, agora.

Ele assentiu e ela subiu depressa.

Emily bateu rapidamente à porta e Olivia berrou para que ela entrasse. As duas já estavam se preparando para ir embora.

– Por que estão arrumando as coisas agora? – perguntou Emily. – Pensei que vocês só fossem embora depois das três.

Olivia jogou os últimos itens dentro da mochila.

– A mãe da Tina não está bem e ligou perguntando se a gente podia chegar mais cedo para ajudar na cozinha. – Ela se espreguiçou. – Argh, eu não estou nem um pouco a fim de fazer essa viagem de volta.

Emily apertou os lábios e desabou na cama. Deixando escapar um suspiro, encostou num travesseiro, claramente perturbada.

Olivia olhou para ela.

– Parece que você está surtando porque vamos embora. Mas já sabia que não íamos ficar o tempo todo, mesmo. O que houve?

– Gavin não foi pescar com os rapazes e vamos ter que ficar aqui sozinhos.

– É verdade... ele enjoa. Tinha esquecido. – Um sorriso surgiu no rosto de Olivia. – E por que você está tão incomodada por ficar sozinha com ele? Eu diria que é a oportunidade perfeita para provar uma coisa... deliciosa.

– Porra, Olivia! – disparou Emily. – Não estou brincando. Pare com essa

merda!

Olivia ficou imóvel e estupefata enquanto Emily se levantava e passava por ela feito uma flecha.

Atravessando o corredor a passos largos, Emily entrou no quarto, atirou a mala em cima da cama e começou a jogar as coisas lá dentro. Olivia entrou com cautela.

– O que você está fazendo, Em?

– Vou embora com vocês – respondeu ela, apressada. – Não vou ficar aqui com ele.

Olivia se aproximou e a segurou pelos ombros.

– Caramba, amiga, fique calma, está bem? – Emily se desvencilhou de Olivia e continuou a arrumar as malas. – Em, a mãe dele, a cunhada e os sobrinhos devem chegar daqui a pouco. Não vão ser só vocês dois.

Emily parou de repente. Atirou-se na cama e levou os dedos às têmporas na tentativa de acalmar os pensamentos desordenados.

Olivia sentou-se ao lado dela.

– O que está se passando nessa cabecinha?

Emily balançou a cabeça, a voz um pouco mais do que um sussurro:

– No fundo eu gosto do jeito como ele fica me encarando, Liv, e odeio isso. E odeio não conseguir evitar encará-lo de volta. Odeio o fato de ele ser amigo do Dillon e de estarmos todos juntos aqui. – Ela se virou para Olivia e fez uma pequena pausa. – E odeio o fato de estar tendo todos esses pensamentos, para começo de conversa. Devo tanto ao Dillon. Não deveria estar pensando no amigo dele desse jeito.

Pondo a mão no ombro de Emily, a expressão de Olivia se abrandou.

– Em primeiro lugar, você precisa parar de ser tão grata àquele imbecil. Ele fez o que qualquer bom namorado faria. Nada de mais.

Emily fechou os olhos e engoliu em seco. Dillon tinha superado suas expectativas, mas não ia discutir isso com Olivia. A amiga prosseguiu:

– Mas, é sério, a família de Gavin logo vai estar aqui. Além do mais, como é que você vai explicar para o Babaca que simplesmente decidiu ir embora, sem mais nem menos?

Emily ponderou a pergunta. Olivia tinha razão. Se usasse o pretexto de estar passando mal, Dillon perderia um ótimo dia porque voltaria para a cidade para ficar com ela. Emily assentiu.

Respirando fundo, ficou de pé e pegou um livro.

– Bem, acho que vou ficar por aqui lendo até ouvi-los chegar.

Olivia sorriu e se levantou.

– Muito bem, faça o que quiser. – Deu um abraço em Emily e seguiu para a porta. – Eu te amo.

– Eu também te amo, Liv.

Emily se encolheu na cama, abriu o livro e tentou relaxar. E foi exatamente o que fez: relaxou.

Leu aquele livro. Caramba, ela o leu inteiro e voltou ao início, mas, por fim, cochilou durante a segunda tentativa de afastar da mente a ameaça que se escondia por trás da porta fechada. Era pouco mais de meio-dia quando ouviu portas de carro batendo. Por uma janela de canto, olhou para baixo e viu duas mulheres caminhando em direção à casa, seguidas por duas crianças pequenas.

Recuperando-se do pânico, Emily desceu. Gavin tinha razão. A casa zumbia com profissionais vestidos de preto e branco preparando o bufê. Como não o encontrou em meio ao cenário frenético, caminhou até o quintal. Debaixo de uma dúzia de enormes tendas brancas, os funcionários forravam as mesas com toalhas azuis, vermelhas e brancas enquanto berravam pedidos de música para o DJ, que se preparava para trabalhar num dos cantos. Em cada mesa, imensos enfeites de centro prateados em forma de estrela ancoravam um patriótico sortimento de balões.

Emily varreu a multidão e seus olhos encontraram os de Gavin, do outro lado do quintal. Ele logo sorriu e fez sinal para que ela se aproximasse. Enquanto ia até lá, ela notou a expressão preocupada dele.

– Você está melhor? – perguntou Gavin, sussurrando em seu ouvido. – Antes de ir embora, Olivia me disse que você não estava se sentindo bem.

– Me senti um pouco mal mais cedo, mas já passou.

Ele arqueou uma das sobrancelhas, incrédulo.

– Tem certeza?

Ela assentiu.

– Bem, me avise se precisar de alguma coisa, está bem?

– Aviso, sim. Obrigada.

Ele sorriu e se virou para uma das mulheres que Emily tinha visto chegar.

– Mãe, quero lhe apresentar a namorada de Dillon, Emily. Emily, esta é minha mãe, Lillian.

– É um prazer conhecê-la, Sra. Blake. – Emily se ofereceu para apertar a mão dela e ficou surpresa quando a mulher se inclinou para abraçá-la.

– Pode me chamar de Lillian – exclamou ela, os enormes olhos verdes faiscando ao soltar Emily.

– “Sra. Blake” faz com que eu me sinta velha, e estou longe disso.

– Está certo. É um prazer conhecê-la, Lillian.

– Boa garota.

Emily sorriu e estudou os traços impressionantes de Lillian. Jamais teria imaginado que ela tivesse dois filhos adultos, muito menos que já tivesse enfrentado um câncer. Os cabelos castanhos retorcidos num elegante penteado brilhavam sob o sol. As maçãs do rosto salientes e a pele dourada e perfeita pareciam não envelhecer.

– Melanie, minha cunhada, está aqui em algum lugar – disse Gavin, o olhar percorrendo o quintal.

Antes que pudesse perguntar à mãe onde ela estava, os sobrinhos saltaram sobre suas costas, vindos do nada. Rolando pelo gramado com os dois, Gavin ergueu os olhos para Emily e riu.

– Bem, esta é a prole dela.

– Tio Gaffin! Para de me fazer cócegas – guinchava a menininha, os cachos dourados caindo no rosto enquanto ela atirava a cabeça de um lado para outro sob o ataque do tio.

– Eu te ajudo, Teesa! – gritou o garoto.

Como um verdadeiro herói salvando uma donzela em apuros, ele

começou seu próprio ataque de cócegas a Gavin.

Emily e Lillian riram, vendo os três rolando pelo chão. Por fim, as duas crianças venceram a batalha, unindo-se contra o tio. Gavin sucumbiu e implorou por ajuda enquanto ria.

Depois de um tempinho, levantando-se do chão, ele limpou minúsculas folhas de grama do calção de banho e olhou para Emily.

– Estes dois maluquinhos são meus sobrinhos, Teresa e Timothy. – Atirou-se de súbito em direção aos dois, como se fosse recomeçar a guerra de cócegas. Eles deram um salto para trás, rindo.

Gavin passou um dos braços pelos ombros de Emily e apresentou: – Esta é Molly... quero dizer, Emily. – Ela balançou a cabeça, sentindo o rubor se espalhar por suas bochechas. – É bom serem bonzinhos com ela. Não acho que esteja a fim de ser atacada por nenhum dos dois.

A garotinha ergueu os olhos para Emily e puxou seu vestido.

– Gostei do seu vestido Em-mi-mi.

Emily se abaixou e sorriu para a menininha bonita de rostinho sardento.

– Eu também gostei muito do seu vestido, Teresa.

– Você tinha um vestido que nem o meu quando tinha 3 anos?

– Não tão bonito quanto este que você está usando.

Teresa jogou os braços em volta do pescoço de Emily, quase a jogando no chão. Emily retribuiu o abraço.

Como um minicavalheiro, Timothy estendeu-lhe a mão.

– Você é namorada do tio Gaffin?

Emily apertou a mão do menino.

– Não, sou namorada do amigo dele.

– Nós somos gêmeos – disse Timothy com orgulho.

– Achei que fossem mesmo – retrucou Emily, sorrindo. – Bem, vocês são os gêmeos mais lindinhos que já conheci.

– Você vem nadar com a gente, Em-mi-mi? – perguntou Timothy, os olhos castanho-esverdeados faiscando enquanto afastava da testa uma mecha de cabelos louros.

– Hum.

Emily apertou de leve o nariz do menino.

– Acho que vou, sim. Só vou lá dentro vestir meu biquíni e já volto.

As duas crianças começaram a saltitar, aplaudindo, muito satisfeitas.

Emily abriu caminho pela multidão de funcionários do bufê e da decoração e subiu para se trocar. Tomando cuidado para não aborrecer Dillon, vestiu uma camiseta vermelha e cinza da Universidade do Estado de Ohio. Depois de tirar a maquiagem, tornou a sair.

Já na piscina com Gavin, as duas crianças atiravam água nele, animadas, enquanto o tio fazia uma boa imitação de tubarão – mergulhava, botava as mãos no alto da cabeça e nadava em direção a elas.

– A Em-mi-mi chegou! – gritou Teresa.

Gavin olhou para Emily e afastou os cabelos molhados do rosto.

– Gostou da minha imitação do filme Tubarão?

– Foi legal – respondeu ela sem muito entusiasmo enquanto entrava na água. – Mas tenho certeza de que faço melhor.

Ele deu um sorriso torto e ergueu uma das sobrancelhas num sinal de desafio.

– É mesmo?

– Não. Estou brincando.

Gavin riu e estendeu o braço para pegar uma bola de praia colorida.

– Muito bem, que tal um simpático jogo de vôlei na piscina? Meninas contra meninos, é claro.

Emily empinou o queixo em desafio.

– Manda ver, Blake.

Com os dois times posicionados de cada um dos lados da rede, o jogo teve início. As crianças soltaram uma sonora gargalhada quando Emily deu uma cortada e a bola acertou em cheio a cabeça de Gavin, jogando longe seus óculos escuros. Ele mergulhou para recuperar os óculos e, quando voltou à superfície, seus olhos se fixaram em Emily. Ele deu um sorriso prometendo vingança. Ela comemorou batendo a mão espalmada na de

Teresa, bastante satisfeita consigo e com o ponto conquistado pelas meninas.

Passando o braço ao redor dos ombros de Timothy, Gavin sussurrou alguma coisa ao ouvido do sobrinho. Jogou os óculos escuros em cima de uma espreguiçadeira e olhou para Emily com malícia. Ela percebeu que Gavin estava aprontando alguma. Balançou a cabeça e riu. Antes que pudesse prevenir Teresa das intenções malévolas do tio, uma enorme onda atingiu em cheio seu rosto.

Emily engasgou e cuspiu água. Deu um sorriso afetado para Gavin e o molhou de volta. Com toda a força que tinha em seu corpinho, Timothy atirou a bola de praia por cima da rede, marcando um ponto traiçoeiro para os garotos. Surpreendida pelo ataque súbito, Teresa começou a chorar. Sem hesitar, Gavin nadou até ela, pegou-a no colo e a levou até as escadas da piscina.

– Teresa, o tio Gavin sente muito, meu anjo. Eu não queria assustar você.

– Tio Gaffin, você machucou a Em-mi-mi.

– Não, Teresa, ele não me machucou. – Emily estendeu os braços, tentando convencê-la a vir se sentar ao seu lado. Teresa se acomodou no colo de Emily. – Só jogou água em mim.

Teresa fungou.

– O tio Gaffin é feio. Você devia bater nele.

Gavin franziu a testa de brincadeira enquanto arregalava os olhos.

– Você acha que ela devia bater em mim? – Teresa deu uma risadinha e assentiu. Gavin olhou para Emily e deu de ombros, apontando para o braço.

– Acho que Colton e Melanie estão criando umas crianças bem hostis. Manda ver, boneca.

Sorrindo, Emily fingiu bater nele e Gavin gritou como se estivesse magoadíssimo. Teresa deu outra risadinha, satisfeita com o golpe.

– Mamãe disse que você fez minha filha chorar, Gavin.

Ele se virou.

– Oi, Mel. É, eu a assustei um pouquinho, mas ela já está bem. Não está, pequena? – Ele fez cócegas nos dedinhos do pé de Teresa, que deu gritinhos e afastou os pés.

– A namorada do tio Gaffin bateu nele pra mim.

Com um gesto largo, Melanie fez sinal para que Timothy saísse da piscina. Atirou os longos cabelos louros por cima do ombro e arqueou uma das sobrancelhas para Gavin, em sinal de curiosidade.

– Ela não é minha namorada – observou Gavin, ficando de pé. – É namorada do Dillon. Emily, esta é a minha maravilhosa cunhada, Melanie.

Segurando a mão de Teresa, Emily se levantou e sorriu.

– É um prazer conhecer você – falou.

– O prazer é todo meu – disse Melanie.

– Seus filhos são uns fofos.

– Obrigada, mas aposto que você não diria isso se os visse berrando e brigando por causa de uma caixa ou de qualquer outra coisa do tipo.

Emily riu. Melanie se virou para Gavin com um sorriso endiabrado. O olhar de advertência dele dizia à cunhada que não fizesse aquilo, mas era em vão. Ela se virou para Emily de novo:

– Emily, você tem irmãs ou amigas disponíveis que poderiam interessar ao Gavin?

– Por acaso isso é de família?

Cruzando os braços, Gavin assentiu.

– Acertou na mosca.

– Eu até tenho uma irmã – respondeu Emily –, porém ela já é casada. Mas posso telefonar para umas amigas.

– Perfeito – respondeu Melanie, colocando uma das mãos no braço de Gavin.

Teresa puxou a perna da mãe enquanto esfregava os olhinhos sonolentos.

Melanie a pegou no colo.

– Emily, não deixe de ligar para elas logo. Meu cunhado está ficando

velho demais para continuar solteiro. – Ela saiu andando depressa em direção à porta dos fundos.

Gavin suspirou e passou uma toalha para Emily.

– Ela é... difícil, essa minha cunhada.

– Mas parece bem simpática. – Emily aceitou a toalha, tentando desviar o olhar da tatuagem, molhada e reluzente ao sol. Expirando, ela engoliu em seco e se concentrou no rosto dele. – Acho engraçado que todo mundo esteja tentando arranjar uma namorada para você.

– Pois é, nem me fale. Todos têm essa coisa estranha de achar um absurdo eu estar solteiro.

Quando Emily estava prestes a perguntar se ele queria mesmo que ela ligasse para algumas amigas, Dillon passou os braços pela sua cintura e lhe beijou no pescoço. Surpresa, ela deu um pulo e soltou um gritinho. Os demais pescadores foram entrando no quintal, queimados de sol, cansados e só um pouco embriagados. Depois de um bate-papo rápido sobre a quantidade de peixe apanhada por cada um e de implicarem com Gavin mais um pouco por não tê-los acompanhado, o grupo se dispersou para tomar banho.

– Estou vendo que você foi à piscina – observou Dillon, tirando a camiseta enquanto ele e Emily entravam no quarto.

Fechando a porta, livrou-se do restante das roupas e as atirou no chão.

– Que observador! – respondeu Emily, exausta por causa do calor.

Dillon foi para o banheiro, abriu o chuveiro e entrou no boxe.

– Espero que tenha mantido esse corpo que me pertence muito bem coberto na frente do meu amigo.

Emily revirou os olhos e buscou na mala um vestido vermelho esvoaçante. A mãe o comprara para ela quando fora visitar a irmã de Emily na Califórnia pela última vez. Ela o pegou com um sorriso e o pôs diante do corpo, olhando-se no espelho.

– Você não está me respondendo, Emily. Você se cobriu?

Entrando no banheiro, ela deixou escapar um suspiro de frustração.

– Dillon o que você está vendo neste exato momento? – Ela gesticulou

para o próprio corpo, a voz demonstrando uma leve irritação.

– O que estou vendo? A bunda da minha namorada gata aparecendo por debaixo da camiseta da faculdade. Por que você não entra aqui e dá ao seu homem o que ele está precisando?

– Acha que vou transar com você agora? – perguntou ela, os olhos quase saltando. – Tem um monte de gente lá embaixo.

– Entre no chuveiro, Emily – ordenou ele.

– O que há de errado com você, Dillon? Eu já disse que não.

– Venha logo, Em. É difícil vê-la assim e não ter vontade de dar umazinha – disse ele, saindo do boxe. Caminhou até onde ela estava, encostada na pia. – Não consegui parar de pensar em você enquanto estive fora.

Colando seu corpo ao de Emily, enfiou a mão na parte de baixo do biquíni, deslizando os dedos para dentro dela. Ela deixou escapar um pequeno gemido enquanto tentava afastá-lo com um empurrão.

– Viu só? Você gosta. – A voz dele ganhou um tom mais grave enquanto roçava os lábios nos dela.

Deslizando os dedos para dentro e para fora, usou a outra mão para descer a calcinha do biquíni pelas coxas. – Esta xoxotinha é minha. E de mais ninguém, Emily. Minha.

Enquanto ela o afastava outra vez, alguém bateu à porta do quarto. Olhando para Emily com frieza, Dillon arrancou uma toalha do porta-toalhas, enrolou-a na cintura e caminhou até a porta.

Era Trevor para lhe avisar que havia um cliente em potencial lá embaixo, ansioso para conversar sobre um plano de commodities. Em cinco minutos Dillon se vestiu e saiu para falar de negócios.

Emily foi deixada sozinha, perguntando-se no que o homem que ela tanto amava estaria se transformando.

Até ela se acalmar, tomar banho e se arrumar, já eram sete e quinze, e a festa estava muito animada. Confirmando a previsão de Dillon, devia haver pelo menos 150 pessoas espalhadas pela propriedade. Emily foi passando pela multidão de rostos desconhecidos enquanto procurava por ele. Como

não o encontrou, sentou-se em um dos bares montados no quintal.

Depois de virar uma dose de tequila, foi tomada por uma leve sensação de culpa por não ter dado a Dillon o pouco que lhe pedira. Ele havia cuidado dela durante o período mais difícil de sua vida, sempre a elogiando – fosse por seus atributos físicos ou intelectuais – e se certificara de que nada lhe faltasse, financeiramente falando. Fazer sexo na casa de outra pessoa – quer estivesse cheia ou não – não deveria ter sido um problema.

Antes que as deficiências de seu relacionamento pudessem pesar ainda mais em seu coração, Emily vislumbrou Gavin do outro lado da piscina, conversando com um grupo de mulheres. Notou que ele usava as mãos com intimidade – um toque na nuca para chamar a atenção de uma, um roçar no braço de outra enquanto falava ou um pequeno toque na lombar de uma terceira quando ria – e as mulheres só faltavam tropeçar nos próprios pés quando ele fazia isso. Emily engoliu em seco quando Gavin olhou em sua direção, percebendo que ela o observava. Ele pediu licença ao grupo de ansiosas “quero ser a Sra. Gavin Blake” e se aproximou de Emily.

Muito à vontade numa camisa de linho branca e bermuda cáqui, ele se encostou no balcão.

– Acho impossível que uma mulher linda como você esteja sentada aqui sozinha.

Sem nem pensar duas vezes, Emily balançou a cabeça.

– Você realmente é especialista no que falar e no que fazer com as mulheres.

Ele ergueu uma das sobrancelhas com uma expressão convencida e sorriu.

– Quanto a isso, eu não sei. No entanto, sou expert em fazer... o mais delicioso sanduíche de presunto do mundo. – Os dois riram. Ele olhou no fundo dos olhos de Emily e tomou um longo gole da cerveja. – Mas, sério, onde está o cara que deveria estar sentado ao seu lado nesse momento?

Ela estudou a multidão outra vez.

– Está por aí em algum lugar.

Enquanto os olhos de Gavin vasculhavam os convidados na tentativa de encontrar Dillon, ele viu Monica Lemay. Ela vinha se aproximando dos dois

e se insinuando com um sorriso malicioso. Ele pediu licença a Emily, apressado, avisando que voltaria logo.

Monica revirou os olhos com a aproximação de Gavin.

– Você também veio me dar uma advertência? – Ela ficou na ponta dos pés e mordiscou o lóbulo da orelha dele. Gavin se encolheu, afastando-se dela. – Não precisa fazer isso. Dillon já deixou claro que devo agir como se não o conhecesse e ficar longe daquela namoradinha dele também.

Gavin a fuzilou com o olhar, inclinando a cabeça para um dos lados, os olhos severos.

– Ah, é mesmo? Então por que você parecia pronta para ir falar alguma coisa para ela?

– Será que não posso nem pegar um drinque no bar? – perguntou ela, com um sorriso afetado e venenoso.

– Vá a um dos outros bares, Monica. – Gavin se inclinou, chegando bem perto do ouvido dela, baixando a voz até se tornar um sussurro frio: – Você é uma cobra. Não pense que não consigo enxergar exatamente o que você é. – Ele deu um passo para trás. – Fique longe dela. Está me entendendo? – Ela jogou os cabelos louros por cima do ombro e cruzou os braços enquanto desviava o olhar. – Monica, olhe bem para mim e me diga se eu não seria capaz de destruir seu mundo.

Ela ergueu uma das sobrancelhas, os olhos castanho-esverdeados arregalados.

– Que porra isso quer dizer, Gavin?

– Quer dizer que a Blake Industries possui mais de 75 por cento das ações da empresa do seu pai.

Posso vender cada uma delas amanhã com um único telefonema. – Ele chegou para a frente e ela recuou um passo. – Wall Street vai fazer uma farra e, até amanhã à noite, você e sua família vão estar catando restos nos becos do Harlem para sobreviver.

Ela arfou, indignada.

– Você não faria isso!

– Quer pagar para ver? – Ele se virou e deu de cara com Colton.

– Nossa, maninho, você parece estar furioso.

Gavin olhou para o local onde Emily continuava sentada, junto ao bar.

– Estou bem. Como vão as coisas?

– Mamãe precisa de você na cozinha – respondeu o irmão, passando a mão pelos cabelos. – Sei lá, algo sobre alguém que não consta da lista de convidados estar na porta tentando entrar.

Emily meneou a cabeça para Gavin quando seus olhares se cruzaram, cada qual de um lado da piscina. Ele ergueu um dedo para ela como se para avisar que em breve estaria de volta. Ela o viu se afastar em meio à multidão e entrar na casa. Reconheceu a mulher com quem ele estivera falando – era a mesma da boate, alguns dias antes. Perguntou-se por que ele convidaria uma ex e por que ela apareceria. Era óbvio que ainda tinham questões mal resolvidas.

Quando Emily foi pedir um drinque, um homem alto e musculoso, mais ou menos da mesma idade dela, veio se aproximando, um cheiro forte de álcool escapando pelos poros.

Afastando da testa uma mecha de cabelos castanhos, ele deu um sorriso torto.

– Que festa maneira, né?

Emily olhou para ele enquanto pegava a cerveja das mãos do barman.

– É, sim.

– E aí, você está acompanhada ou eu sou o cara mais sortudo desta festa por ter esbarrado numa gata solteira?

Que cantada sensacional, hein, babaca, pensou ela.

– Sinto muito, estou acompanhada.

Ele deixou escapar um arquejo de superioridade.

– Quem é o cara? Conheço todo mundo aqui. É bem capaz de eu dar uma porrada nele.

E está ficando melhor a cada minuto.

– Dillon Parker.

O homem franziu as sobrancelhas.

– Você não está com Dillon. Ele ainda está com a Monica. – O cara tomou um longo gole do drinque. – Pelo menos foi o que pensei.

Agora você tem a minha atenção, escroto.

– Quem é Monica?

– Você conhece o Gavin? – Emily assentiu e ele continuou:. – É a loura filé com quem ele estava conversando ainda agora, ao lado da piscina.

Este imbecil sem dúvida está bêbado.

– Não, você deve estar confundindo. A mulher com quem Gavin estava conversando é ex-namorada dele, não do Dillon.

O homem balançou a cabeça insistentemente.

– Gavin nunca saiu com a Monica. Nós crescemos juntos. Ele não a suporta. – Ele virou outra dose antes de prosseguir: – Já vim a muitas festas do Dia da Independência nesta casa. – Ele apontou para o outro lado do quintal. – E já testemunhei Dillon e Monica saindo aos tropeços daquela casa de hóspedes, em muitas manhãs, quase nus. Pode ter certeza de que eles trepavam.

Ao se levantar, atordoada diante do que acabara de saber, Emily tentou engolir em seco. Tinha a sensação de que navalhas afiadas deslizavam por dentro do seu peito.

– E aí, vai me dar seu telefone ou não?

Sem nem olhar para trás, Emily foi se embrenhando pela multidão. As vozes agudas, risadas e rostos alegres pareciam um borrão distante e indistinto. Uma fina camada de suor começou a lhe cobrir a pele enquanto o pânico se instalava. Dirigiu-se à luz acolhedora da casa. Passando pela cozinha, viu Gavin conversando com a mãe. Ele olhou em sua direção quando ela entrou na sala de estar.

Virando no saguão, Emily perdeu todo o ar e seu coração parou ao ver Dillon com Monica. Em seguida sofreu mais um golpe devastador, pois Monica passou o braço em torno do pescoço de Dillon e o puxou para si. Então aconteceu: o beijo. Sem entender direito o que estava havendo, Emily cobriu a boca com a mão enquanto as lágrimas brotavam. Incapaz de continuar olhando aquilo, deu meia-volta e bateu em cheio no peito de Gavin. Ele a segurou pelos braços, olhando seu rosto e, em seguida, para trás

dela, para Dillon e Monica.

– Eu... eu... tenho que ir embora – gaguejou Emily, a voz cheia de dor. – Por favor, chame um táxi para mim. – Ela correu para a frente da casa e saiu.

Pegando as chaves no bolso, Gavin a seguiu. Viu-a sentada no alpendre, tentando recuperar o fôlego, a cabeça aninhada entre as pernas. Aproximou-se e se ajoelhou ao seu lado. Segurando o queixo de Emily, ergueu o rosto dela.

– Eu levo você – sussurrou.

Ela balançou a cabeça com veemência.

– Não, sua... sua festa... – Secou as lágrimas. – Você não pode sair assim. Por favor, chame um táxi para mim, ou peça para seu motorista me levar.

Sem largar o queixo de Emily, Gavin a fitou nos olhos.

– Meu motorista não está aqui e não vou mandar você de volta para a cidade num táxi. Não estou preocupado com a festa. Vou levá-la.

Sem dizer uma palavra, Emily engoliu em seco, se levantou e caminhou em direção ao estacionamento. Gavin apontou o BMW. Abriu a porta, ela se acomodou no assento e, com os nervos ainda sensíveis, o observou dar a volta até o outro lado do carro.

Nenhum dos dois disse uma única palavra durante a viagem de duas horas e meia até Manhattan.

Enquanto o pôr do sol pintava o céu em tons de laranja, roxo e rosa, Gavin procurava algo a dizer, ciente de que tinha sua parcela de culpa por deixar Emily acreditar que Monica fosse sua ex-namorada. A dor dela era tão tangível que ele estava enjoado. Sabia que precisava se explicar.

Ao parar numa vaga na frente do prédio dela, fechou os olhos por um instante e respirou fundo.

– Sinto muito por ter mentido para você – sussurrou.

Emily afastou os olhos da janela do carona.

– Acha que estou com raiva de você? – A voz dela soou tão baixa quanto a dele, mas o choque diante do pedido de desculpas dele era nítido.

– E como poderia não estar? Eu menti para dar cobertura a ele. Embora

não soubesse que ele ainda estava... – Gavin respirou fundo e fez uma pausa. Emily sabia o que ele não queria dizer. – Eu sei quem ela é e foi por isso que a levei para fora na boate. Não queria que ela... machucasse você, Emily. Eu sinto muito.

Ela olhou bem fundo naqueles olhos azuis estáticos.

– Você nem me conhece, Gavin. – Ela secou as lágrimas das bochechas. – A responsabilidade de me contar a verdade não era sua, mas dele. Então, por favor, não se sinta na obrigação de me pedir desculpas.

Emily saltou do carro e parou, erguendo os olhos para o céu, onde fogos de artifício vermelho sangue e azul vibrante explodiam como estrelas cadentes. Nas calçadas, as pessoas comemoravam, batendo palmas para os fogos de artifício que estouravam por toda a cidade. Gavin desligou o motor, acionou o pisca-alerta e a seguiu até a entrada do prédio.

Emily parou de repente, passando as mãos pelos cabelos e voltando a chorar.

– Eu nem trouxe as chaves. Deixei a bolsa na sua casa.

Percebendo o desespero de Emily, o porteiro se aproximou, preocupado. Gavin explicou a situação. Em dez minutos a administração do edifício – sabendo que ela era moradora – entregou-lhe um novo jogo de chaves.

Para ter certeza de que Emily ficaria bem, Gavin a acompanhou até a porta do apartamento. Ele a observou tentando enfiar a chave na fechadura com as mãos trêmulas. Então pôs a mão sobre a dela para acalmá-la. Pegou a chave e abriu a porta. De pé, no vão da entrada, observou-a andar de um lado para outro da sala, nervosa. Quando Emily deu a volta até onde ele estava, Gavin se aproximou. A porta se fechou com um baque, fazendo eco.

– Obrigada por me trazer em casa – disse Emily com voz suave.

Olhando fixamente para ela, a voz dele traiu toda a sua preocupação:

– Tem certeza de que vai ficar bem?

Emily desviou o olhar vidrado para o chão. Gavin se abaixou um pouco, para obrigá-la a encará-lo. Os olhos azuis pousaram sobre os lábios dela por um breve momento e Emily decifrou os pensamentos por trás deles. Ela sabia. Sentiu a respiração presa na garganta e o coração começou a acelerar. Gavin tomou o rosto dela entre as mãos com ternura. Ela pôs as mãos

suaves sobre as dele, apoiando-se nelas e absorvendo seu calor.

– Emily – sussurrou ele, encostando a testa na dela, de olhos fechados.

Quando os abriu, ela o encarava. Ambos estavam ofegantes, os hálitos misturados, cálidos e agora tão próximos. A energia que fluía silenciosamente em torno dos dois era sufocante. Gavin chegou mais perto, o braço descendo até as costas de Emily, puxando-a para o calor de seu corpo. Ele se abaixou para beijá-la – o coração retumbando no peito – e nem o corpo, nem a mente permitiriam que mais um minuto se passasse sem que ele satisfizesse seu desejo. Emily abriu os lábios em protesto, mas a queixa se transformou num gemido quando a boca de Gavin cobriu a dela e a língua deu início ao ataque suave. Emily sentiu-se mergulhar no prazer daquele beijo enquanto o toque de Gavin destruía suas certezas e o último vestígio de autocontrole. Apesar da confusão em sua cabeça, o corpo decidia por ela.

Não. Faça. Perguntas.

Ao beijá-la, Gavin sentiu a doçura das cerejas naqueles lábios e a sorveu como se fosse o mais refinado vinho tinto. As mãos de Emily foram subindo pelos braços dele até chegarem à nuca, deixando um rastro de fogo sobre a pele. Um denso tremor de prazer percorreu seu corpo enquanto os dedos dela se enroscavam nos cabelos dele. Gavin deixou escapar um gemido ao sentir os seios macios contra seu peito. O perfume da pele dela e aquele corpo curvilíneo perfeitamente encaixado em seus braços o fizeram voar para um lugar até então desconhecido. Os dedos iam explorando os cabelos ondulados dela à medida que o beijo se aprofundava; eram tudo o que ele havia imaginado: pura seda. Emily puxava a camisa dele enquanto Gavin a fazia caminhar de costas, encostando-a na parede, a língua tomando toda a sua boca. Ele a beijava como se já tivesse feito isso mil vezes, como se Emily fosse sua. Aquela era a forma que imaginara que a beijaria desde o momento em que a vira

– desde o momento em que soube que a desejava.

– Você é tão linda – sussurrou. Os lábios percorriam o queixo delicado ao mesmo tempo que as mãos desciam à cintura. – Eu quero você mais do que qualquer coisa que já quis na vida.

Emily quase derreteu ao ouvir aquelas palavras. O corpo pressionado de encontro ao dele pedia mais. A cabeça pendeu para trás quando a boca dele

deslizou pelo seu pescoço, percorrendo a curva da sua clavícula e beijando sua pele. Quando Gavin deslizou a mão por baixo da barra do vestido dela e acariciou seu quadril, o coração de Emily quase parou. Sentiu os braços se arrepiarem enquanto enlaçava a cintura dele com uma das pernas, a mão de Gavin segurando sua cabeça por trás e a outra apertando-lhe a coxa com força. Ondas de calor desciam como cascatas pelo corpo trêmulo de Emily. Cada toque era um sussurro arrasador na pele. O pincelar lânguido da língua dele retornou à sua boca. Sugando o lábio inferior, ele engoliu seus gemidos de prazer enquanto a puxava para mais perto. Os sentidos de Emily eram abafados pelo cheiro, pelo toque, pelo sabor e pelos gloriosos gemidos de Gavin.

Gavin Blake... Amigo de Dillon, alguém que conhecia bem e de quem se tornara íntimo. Se Dillon descobrisse – apesar do que ele fizera –, sem dúvida ficaria furioso. De repente, Emily ficou perturbada, sem saber ao certo o que estava fazendo. Imagens tremeluzentes de Dillon e da vida a dois invadiram sua mente. Aquilo era ruim e ela sabia disso. Na cabeça dela, dois erros nunca resultavam num acerto. Foi invadida por uma onda de culpa misturada à raiva que sentia por Dillon e por si mesma. Embora o corpo lutasse contra a razão – e estava lutando com bravura –, ela precisava parar.

– Nós... Eu não posso, Gavin... – ela enfim conseguiu pronunciar as palavras.

Recuando, com os olhos azuis dilatados e trêmulo de desejo, Gavin estudou o rosto de Emily. Os lábios dela estavam inchados por causa do beijo e a respiração estava tão irregular quanto a dele. As lágrimas brotavam outra vez, mas ele também conseguia enxergar paixão ali. E seu coração se partiu em mil pedaços diante da expressão dela. Não queria magoá-la. Assentiu devagar, as pontas dos dedos acariciando as faces coradas por alguns segundos, antes de as mãos penderem para os lados, levando junto o calor emanado por Emily.

– Sinto muito – sussurrou ela, sem encará-lo.

– Não, Emily, eu...

– Por favor, Gavin, apenas vá embora. Preciso que você vá – pediu ela, fungando, ainda sem conseguir olhar para ele.

Gavin tentou desesperadamente descolar a língua do céu da boca para

conseguir dizer alguma coisa – qualquer coisa – que pudesse consertar a situação, mas não foi capaz. As palavras – as certas pelo menos – não existiam em sua cabeça.

E ele sabia disso.

Passando a mão pelos cabelos, nervoso, ele se virou, segurou a maçaneta e, com relutância, saiu.

Encurvada para a frente, Emily tremia, tentando recuperar o fôlego. Fechou os olhos, desesperada por se livrar da culpa, empurrá-la para longe e expulsá-la do organismo. Estava completamente pálida, com os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar. O estômago se revirava de nojo – não só pelo que acabara de fazer, mas também porque sabia que aquilo tinha sido bom.

Meu Deus, ela se sentira tão bem beijando e tocando Gavin e deixando que ele a tocasse. Escondeu o rosto com as mãos e chorou enquanto novas ondas de culpa quebravam por cada membro de seu corpo.

Sentindo-se mentalmente exausta, ela desabou no sofá, tentando recuperar a compostura enquanto secava as lágrimas. Parte dela tinha a sensação de estar morrendo enquanto imagens nítidas de Dillon beijando Monica invadiam suas lembranças. Olhando para o teto, Emily se perguntou se, de alguma forma, havia se deixado iludir, acreditando que Dillon não a estava traindo. Seus instintos estavam avisando havia semanas, mas ela se recusara a acreditar nos alarmes que disparavam.

Uma batida brusca à porta a acordou do que esperava ser um pesadelo. Antes que pudesse atender, a porta se escancarou. Dillon estava no saguão com suas malas. Engolindo com força a bile que veio subindo, Emily sentiu o estômago embrulhar quando se levantou do sofá. Fechando a porta às suas costas, os olhos dele cruzaram com os dela do outro lado da sala.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Emily, fuzilando-o com o olhar. – Vá embora!

– Você tem que me deixar explicar.

– Explicar o quê? Você estava beijando aquela mulher!

– Ela que me beijou – corrigiu ele.

– Mentira! Saia daqui! – Ela apontou para a porta.

– Você vai me deixar explicar. – Ele atravessou a sala, diminuindo a distância entre os dois.

– Você a beijou! – gritou Emily, cutucando o peito dele com um dos dedos. – Eu vi!

Dillon agarrou o pulso dela e chegou ainda mais perto.

– O que você viu foi ela se chegando para me beijar. Não viu quando dei um empurrão nela, Emily. – A voz dele saiu grave e serena.

– E quer que eu acredite nisso? – Ela quase gritou. – Você mentiu para mim quando me disse que ela era ex-namorada do Gavin!

Emily fez menção de seguir para a cozinha, mas Dillon agarrou-a pelos ombros.

– Eu não lhe contei sobre a Monica naquela noite porque não queria que você se sentisse desconfortável na presença dela. – Ela se virou de súbito e olhou para ele, incrédula. – Estou falando sério, Emily. Eu não queria que você soubesse que era alguém que eu tinha namorado. Eu sabia que, se descobrisse, ia querer ir embora. Achei que não fosse importante.

Ela deu um passo para trás, quase tropeçando.

– Gata, eu não estou mentindo – continuou ele. – Ela é obcecada por mim. Você acha que eu faria uma coisa dessas na frente de todo mundo, sabendo que você estava por perto? – Emily olhou para ele boquiaberta e de cara amarrada. Dillon passou os dedos pelos cabelos. – Não foi isso que eu quis dizer. Eu estava saindo do banheiro e ela me perguntou se podia falar comigo um instante.

Concordei e, antes que eu me desse conta, ela me puxou e me beijou. Foi isso que você viu, gata.

Porra, juro por Deus que dei um empurrão nela. Você deve ter dado as costas antes de eu fazer isso.

Balançando a cabeça, Emily levou a mão à boca depressa enquanto chorava. A mágoa apertava seu coração – a dor estava literalmente se debatendo pelo seu corpo. Será que tinha chegado a uma conclusão precipitada pelos segundos do beijo que havia testemunhado? Nunca se sentira tão confusa.

– Eu até avisei a Monica, quando ela chegou à festa, que ficasse longe de mim – sussurrou ele, aproximando-se com cautela e erguendo a mão para acariciar o rosto de Emily.

Sem parar de chorar, ela baixou o olhar, sem saber o que fazer ou o que dizer.

– Acabei de dar o maior esporro no Gavin por trazer você de volta para cá sem a minha permissão.

Emily ergueu a cabeça de súbito.

– Você... o viu?

– Sim, eu o vi indo embora – respondeu ele, enterrando o rosto no pescoço dela. – Você não devia ter vindo com ele, Emily. – Ela se afastou outra vez, os olhos verdes arregalados.

– Você não teria ido embora se tivesse me visto fazendo a mesma coisa?

– Não tenho certeza. – Ele fez uma pausa, mordendo o lábio como se tentasse decidir o que dizer.

– Só sei que não gostei de ele ter trazido você em casa sem me avisar, e de você ter vindo embora com ele.

Os traços de Emily se transformaram diante do choque causado por aquelas palavras.

– Você está com raiva de mim porque vim embora, Dillon?

– Meu Deus, gata, eu não estou com raiva de você. – Ele chegou um pouco mais perto e a mão roçou no pescoço dela. – Só quero que acredite no que estou dizendo. Ela não significa nada para mim. – Aproximando-se ainda mais, ele respirou de encontro ao rosto de Emily ao mesmo tempo que desceu as mãos até a cintura dela. – Eu me afastei dela, Emily. Juro que me afastei dela. Só que você não viu. – Com muito cuidado, ele cobriu a boca de Emily com a sua, a voz suplicante enquanto a beijava. – Amo você mais do que qualquer coisa neste mundo. Jamais a magoaria, gata.

Por favor, você precisa acreditar em mim. Eu amo você, porra. – Ele inclinou a cabeça dela para trás, puxou o corpo delicado para si e desceu a boca até seu pescoço.

– Dillon, por favor – gemeu ela, agarrando-o pela camisa. – Meu Deus,

por favor, não minta para mim – implorou, as lágrimas correndo outra vez.

– Gata, eu não estou mentindo. – Ele deslizou as mãos por debaixo do vestido dela e o retirou pela cabeça. – Amo você, Emily. Você é meu mundo. Não posso perdê-la – sussurrou ele, de encontro à boca macia, a respiração irregular contra a dela. – Sinto muito por você ter visto aquilo.

A indiscrição que ela cometera com Gavin a rasgou assim que ela fitou dentro dos olhos castanhos de Dillon. O ar fugiu de seus pulmões. A culpa se instalava em seu coração feito uma lança gelada.

– Diga que acredita em mim. – A respiração dele foi ficando pesada enquanto se ajoelhava diante dela, traçando círculos hipnotizantes com a língua em sua barriga. Deslizou a calcinha dela pelas coxas. – Diga que acredita em mim, gata.

Emily estava dividida entre aquilo em que queria acreditar e o que tinha feito com Gavin.

– Sim, acredito em você – disse ela. – Sinto muito, Dillon. Sinto muito.

Antes que pudesse se dar conta do que estava acontecendo, ele lhe arrancou a calcinha, a tirou do chão e a carregou até a cama. Abriu suas pernas e a prendeu sobre o colchão enquanto a língua deslizava lhe causando grande prazer. O corpo dela se contorcia de encontro à boca de Dillon enquanto ele lhe agarrava os quadris, sugando, lambendo e saboreando a essência de Emily. Os músculos dela entraram numa convulsão de êxtase e culpa enquanto os dedos dele entravam e saíam de seu calor. Precisando se livrar da culpa e desejando Dillon dentro de si naquele mesmo instante, ela se esforçou para se erguer.

– Dillon, quero você agora – gemeu, deslizando sobre os travesseiros.

Ele se livrou do restante das roupas, subiu na cama e mergulhou dentro dela. Ela agarrou os bíceps dele e atirou a cabeça para trás diante da sensação de tê-lo penetrando sua carne quente.

Dillon baixou a boca sobre a dela com violência e sufocou os gemidos enquanto Emily fechava os olhos. Então aconteceu. Imagens de Gavin a beijando, a sensação da língua de veludo e das pontas de seus dedos por todo o seu corpo – todos os pensamentos dela estavam consumidos por ele. Era Dillon quem se encontrava sobre ela, mas Emily só conseguia sentir o

toque, o cheiro e o sabor de Gavin.

Emily parou de se mexer, o corpo todo paralisado.

– O que foi? – sussurrou Dillon em seu ouvido, ainda se mexendo sobre ela.

– Acho que vou vomitar. – Ela saiu de debaixo dele e correu para o banheiro.

Ele deixou escapar um suspiro e se deitou de barriga para cima.

– Que porra é essa, Em?

Fechando a porta, ela caiu de joelhos diante do vaso sanitário enquanto lágrimas quentes brotavam. Posicionando o cotovelo sobre o assento, ela afundou as mãos nos cabelos, tentando recuperar o fôlego. Ficou sentada ali por alguns segundos, alguns minutos, talvez horas. Quando enfim se levantou, não soube dizer quanto tempo havia se passado.

Foi até o espelho e estudou seu reflexo. Depois de jogar água no rosto, voltou para o quarto, onde Dillon já havia adormecido. Enfiando-se silenciosamente na cama, enroscou-se nas cobertas na esperança de pegar no sono e rezando para não estar se metendo em algo que não pudesse controlar.

7

Intenções amigáveis

– MOÇA, VOCÊ NÃO TROUXE a nossa entrada.

Sem dizer uma palavra, Emily ficou encarando a mulher, inexpressiva. Os pensamentos dispersos obviamente não estavam onde deveriam. A mulher fuzilou Emily com os olhos.

– Alô? O jantar chegou e você não trouxe a nossa entrada.

– Eu... eu sinto muito – gaguejou Emily. – Já volto com ela.

Entrando às pressas na cozinha, avisou aos cozinheiros que precisava com urgência de uma porção de palitos de mozzarella empanados. Voltou à mesa, se desculpou outra vez e avisou aos clientes que a entrada chegaria em alguns minutos. Tentando recuperar qualquer chance de uma gorjeta, Emily ofereceu a sobremesa de cortesia. A mulher sorriu e aceitou, e assim o erro com a entrada logo se tornou coisa do passado.

Suspirando de alívio, Emily foi se sentar junto ao bar, grata por não terem feito nenhuma queixa... ou pelo menos assim achava.

– Caipirinha – começou Antonio –, o que foi que acabou de acontecer? A mesa dezesseis me disse que você esqueceu a entrada deles.

– É, sinto muito. Roberto está cuidando disso agora mesmo.

– Você ofereceu sobremesa a eles?

– Ofereci.

– Está tudo bem? – perguntou ele, colocando uma das mãos em seu ombro, mostrando-se preocupado. – Você parece meio fora do ar esta noite.

– Tem muitas coisas acontecendo na minha vida, Antonio. Sinto muito. Não vai se repetir.

– Se não estiver se sentindo bem, posso deixá-la ir para casa mais cedo – disse ele, o rosto repleto de preocupação.

– Obrigada, mas estou bem.

Ele assentiu e se dirigiu ao escritório.

Emily se arrastou pelas horas de trabalho que se seguiram. A noite passou num borrão enquanto ela tentava compreender tudo que havia acontecido. Ao final do turno, sentia-se física e mentalmente exausta.

Vasculhando a bolsa em busca da carteira, Emily abriu a porta para sair do restaurante e esbarrou no que parecia ser uma parede de tijolos. Um “ai” audível escapou de seus lábios. Ergueu a cabeça para se desculpar e seus olhos cor de esmeralda encontraram lindos olhos azuis.

– Nossa, você está bem? – perguntou Gavin, estendendo os braços para ampará-la.

Emily fez de tudo para não arfar diante do contato súbito dos dedos quentes e fortes em seus braços. Por um momento seus sentidos foram recompensados pela colônia que ele usava, pairando no ar. Um rubor coloriu as bochechas dela devido ao súbito aumento de sua temperatura corporal, e Emily sentiu que ia explodir em chamas. Quando Gavin baixou a vista para ela, mirou fundo em seus olhos – um gesto perigoso, pois uma garota poderia se perder de verdade naquele olhar, principalmente depois do que havia acontecido entre eles. Aquele beijo fora devastador, doloroso, eufórico e tudo mais que Emily havia imaginado que seria – tudo no mesmo pacote.

Maldito beijo.

Ela se perguntou se algum dia conseguiria retornar à superfície para respirar. Seu coração batia frenético, como uma borboleta tentando escapular da jaula que era seu peito. A presença de Gavin ali, de pé à sua frente, desnudava uma série de coisas nas quais Emily não queria pensar.

– Sim, estou bem – respondeu ela, sem fôlego, ainda em estado de choque. Os dois pareciam estar em transe, os olhares fixos, sem se desviar um do outro.

Gavin soltou os braços dela e pigarreou. O coração ficava apertado só de olhar para Emily. E diante daqueles olhos, não era capaz de acreditar que apenas uma semana havia se passado desde que vira seu lindo rosto pela última vez, beijara os lábios macios e tocara a pele cálida. Parecia uma

eternidade. Gavin odiava que seu subconsciente tivesse escolhido exatamente aquela noite, quando Emily estava vulnerável. Ele sabia que precisava se desculpar.

– Eu passei... – Ele fez uma pausa, tentando organizar as ideias. – Passei por aqui na esperança de encontrar você. Será que podemos conversar?

– O que temos para conversar? – perguntou ela, tentando esconder o nervosismo. Desviou o olhar do dele, sem querer pensar em quão sexy Gavin ficava naquele terno bem cortado e de gravata.

Ele umedeceu os lábios e a fitou por um momento.

– Acho que está claro, não está?

Ela o olhou, hesitante.

– É, está – admitiu, em voz baixa. – O que você tem em mente?

Respirando fundo, ele passou a mão pela nuca.

– Podíamos beber alguma coisa. Tem um café um pouco depois da esquina.

Um lampejo de dúvida atravessou o rosto dela.

– Não sei. Não tenho certeza se é uma boa ideia.

– Eu só preciso de cinco minutos, Molly... Quero dizer, Emily. – Ele abriu um sorriso luminoso.

– Ha-ha – disse ela, seca.

O sorriso se tornou ainda mais largo e ele ergueu as mãos, fingindo se render.

– Só cinco minutinhos?

Ela engoliu em seco, querendo recusar, mas seus esforços foram em vão.

– Está certo, mas nem um minuto a mais.

– Você tem minha palavra. É por aqui – disse ele, indicando-lhe a esquina da Rua 44.

Menos de meio quarteirão adiante, os dois entraram num pitoresco café. O aroma de pães e doces recém-saídos do forno enchiam o ar. Alguns clientes estavam acomodados num confortável sofá vermelho enquanto outros, sentados em mesas castanhas, navegavam na internet. Atrás do

balcão, o barista, com cara de tédio, anotou o pedido dos dois, que se retiraram para uma mesinha nos fundos.

Com um sorriso, Gavin ergueu o punho e deu partida no cronômetro.

– Muito bem, meu tempo começa... agora.

Encabulada, Emily olhou para baixo, as mãos se retorcendo no colo.

Gavin se recostou no assento e cruzou os braços, o rosto ficando sério.

– Emily, sinto muito pelo que fiz – sussurrou, com um olhar intenso. – Piorei uma situação que já era desconfortável e me sinto péssimo por isso.

Ela mergulhou no fundo dos olhos dele, incapaz de acreditar nas palavras que saíam daquela linda boca.

– Você não precisa se desculpar. O erro foi meu, não seu.

– Não, Emily, a culpa foi minha – disse Gavin, enfatizando cada palavra.

– Foi errado da minha parte me aproveitar de você. Eu tomei a iniciativa de beijá-la.

– Quando um não quer, dois não brigam.

– Certo, mas...

– Eu retribuí o beijo.

Um sorriso lânguido surgiu nos lábios dele, os olhos azuis faiscando.

– Então você queria me beijar?

– Está falando sério?

– Muito.

– Gavin.

– Emily.

Ela deixou escapar um suspiro.

– Bem, o que você espera que eu diga?

– Quero que diga.

– Diga o quê?

– Que queria me beijar.

– Você está louco – zombou ela. – E por que precisa me ouvir dizer isso?

Esfregando o queixo, Gavin estudou o rosto dela e sua expressão ficou séria de repente.

– Porque preciso saber que não a obriguei a fazer uma coisa que não queria.

– Você não me obrigou.

– Então diga, Emily.

O rubor subiu rapidamente pelo pescoço dela, até chegar às bochechas.

– Você não existe.

– Diga. – Ele prolongou as sílabas ao máximo.

– Está bem. – Nervosa, ela olhou ao redor. Voltando o olhar para o dele, cruzou os braços. – Eu queria beijar você, Gavin. Está feliz, agora?

– Não. Ainda me sinto um babaca por colocá-la naquela situação.

– Então acho que estamos quites, porque me sinto péssima pelo que fiz.

– Ela se levantou para sair. – De que serviu esta conversa?

– Eu queria que ficássemos amigos. – Ele se pôs de pé, na esperança de impedi-la de se afastar.

– E como fazemos isso, Gavin?

– Você admitiu que queria me beijar. Ficou mais do que óbvio que eu queria beijá-la. Agora podemos esquecer tudo e ser amigos.

– Simples assim?

– Simples assim – respondeu ele, embora percebesse a ausência de convicção por trás das próprias palavras. – Agora sente-se e termine de tomar sua xícara de café com seu novo amigo.

– Pelo visto, você é um amigo exigente – zombou ela, pegando a bolsa. – Mas é sério, tenho que ir. Dillon está me esperando no meu apartamento.

Gavin olhou para o relógio.

– Você me deu cinco minutos. Ainda tenho dois.

– Você está brincando?

Ele sentou-se outra vez, bebeu um gole do café e sorriu.

– Para que tantas perguntas, amiga?

– Vou repetir a mesma coisa que falei na sua casa – avisou ela, acomodando-se na cadeira. – Você é mesmo muito engraçadinho.

– De carteirinha. E aí, como tem passado?

– Já estive melhor e já estive pior.

– Certo, então não é necessariamente uma coisa ruim.

– Nisso você tem razão.

– Muito bem. Então, me fale sobre você.

– O que você quer saber?

Qualquer coisa. Tudo. Por que voltou para ele? Deslizando a mão pelos cabelos, ele deu de ombros.

– Qual é o seu sabor de sorvete preferido?

– Baunilha. E o seu?

– Eu também curto baunilha, mas sou mais chegado à chocolate – respondeu ele, observando a forma como Emily se remexia na cadeira, ansiosa.

Fez-se um longo silêncio – durante o qual Gavin mais uma vez olhou para ela daquele jeito intenso e inquisidor – e Emily notou que ele apertava os lábios, como se para se impedir de perguntar o que realmente queria saber.

– E qual é a sua cor favorita? – disse ele por fim.

– Gavin, posso fazer uma pergunta para você?

– O que quiser.

– O que estamos fazendo?

– Estamos brincando de “vinte perguntas” – respondeu ele, rindo.

– Não, não estamos. O que você quer me perguntar, na verdade?

Erguendo uma das sobrancelhas, ele se recostou e apoiou as mãos na nuca.

– Hum, você é boa em me decifrar. – Ele a observou por mais alguns segundos, analisando todos os contornos do rosto. – Gente que me conhece há muito mais tempo já disse que é difícil me entender.

– Acho você bem fácil de decifrar. – E ela achava mesmo. Embora ele mantivesse alguns aspectos de sua vida protegidos, era um livro aberto aos seus olhos. Ela tomou um gole do café. – Então, diga. O que quer saber de verdade?

Ele a estudou por um instante.

– Você está feliz com Dillon, Emily?

Ela mordeu o lábio, tensa.

– Por que quer saber isso?

– Somos amigos, e amigos fazem perguntas. Além do mais, foi você quem perguntou, não se esqueça.

– Certo, fui eu. – Ela olhou para baixo, para as mãos, e de volta para Gavin. – Sim, estou feliz com ele.

Apoiando o cotovelo na mesa, ele pôs o queixo na palma da mão.

– Por quê?

Emily franziu as sobrancelhas.

– O que quer dizer com “por quê”?

– Me dê detalhes. – Ele deu de ombros. – Por que ele faz você feliz?

Ela o encarou, os olhos intensos, mas seu celular tocou e quebrou a concentração.

Enquanto Emily atendia, Gavin se recostou na cadeira e a observou. Sabia que talvez tivesse ido longe demais ao fazer uma pergunta tão pessoal, mas não conseguia lutar contra os próprios instintos. Havia conversado com Dillon no dia em que saíra do apartamento dela. E o deixara pensar que acreditava na história dele, mas na verdade não acreditava nem um pouco. Conhecia muito bem o amigo. A única pergunta que lhe passava pela cabeça era por que Emily havia caído.

Emily se levantou e enfiou o telefone de volta na bolsa.

– Era Dillon. Tenho mesmo que ir.

Gavin colocou-se de pé e roçou a mão pelo braço dela.

– Espero que não tenha se zangado com a minha pergunta. Às vezes minha curiosidade me domina.

Ela engoliu em seco e fez que não com a cabeça.

– Não estou zangada com você, Gavin. No entanto, para responder à única pergunta que importa, sim, Dillon me faz feliz por muitos motivos. Mas você vai ter que deixar essa lista para outra hora, está bem?

Ele assentiu como se estivesse satisfeito com a resposta, embora a realidade fosse bem diferente.

No entanto, não ia insistir mais no assunto. Enfiou a mão no bolso.

– Ah, ia me esquecendo. Tenho uma coisa para você.

Gavin pegou a mão de Emily. Segurou-a só um pouco mais do que deveria, mas a pele dela era tão macia que foi difícil soltá-la. Por fim, sabendo que havia chegado ao limite de seu cavalheirismo, pôs uma tampinha de garrafa em sua palma.

Ela baixou os olhos e sorriu.

– Então vai ser assim? Vai me dar uma tampinha sempre que me vir?

– Foi uma das melhores partidas de “Atire a tampinha dentro do vaso” que já joguei. – Ele riu. – Então, sim, vai ser uma coisinha nossa. Assim como eu chamá-la de Molly de vez em quando.

Ela sorriu para ele.

– Obrigada.

Os dois saíram e Gavin chamou um táxi para Emily. Ele fechou a porta depois que ela entrou e inclinou o corpo para dentro da janela.

– Ela vai para a Columbus com West 74. – Entregou dinheiro ao motorista. – Isso deve dar para a corrida e a gorjeta. – Bateu na capota do carro, indicando ao taxista que podia partir.

Quando o carro ia se afastando do meio-fio, Emily pediu ao motorista que parasse. Saltou quando Gavin já estava indo embora.

– Gavin, espere! – gritou, perguntando-se o que exatamente estava fazendo. Gavin se virou, as mãos nos bolsos, e a encarou. – Eu só queria agradecer – disse ela, tentando acalmar a respiração. – Não só por pagar o

táxi, isso foi muito simpático, mas também por... por conversar comigo sobre minha mãe e por passar para me ver hoje. Sei que as duas coisas foram difíceis para você. Foram difíceis para mim também, mas... – Ela olhou para o chão e voltou a fitá-lo, obrigando-se a não mergulhar naqueles olhos. – Sei lá. Estou falando sem pensar. Tenho certa tendência a fazer isso.

Mas eu só queria agradecer... obrigada, Gavin.

Embora ele quisesse chegar mais perto – Deus sabia quanto ele queria – teve que se conter.

– De nada. – Ele a encarou por uns segundos a mais. – Nos vemos por aí, amiga?

Emily assentiu.

– Sim, a gente se vê por aí, amigo.

Gavin ficou observando enquanto Emily entrava de novo no táxi. Olhou até a vista doer. O veículo desapareceu em meio ao fluxo frenético de carros, transformando-se em pouco mais que um minúsculo ponto colorido. De algum modo, o corpo alto, de músculos rijos estava em oposição às suas emoções. Ele desejava Emily. Seu corpo ansiava por ela. Não era apenas luxúria. Porque tudo o que queria, de fato, era beijá-la e sentir o corpo dela colado novamente ao seu. Cada pedacinho dele queria abraçá-la e cuidar dela. Emily o trouxera de volta à vida. Não sabia ao certo por que ela o fazia sentir-se daquele jeito. Ele só sabia que a situação, como um todo, acabaria consumindo-o, o faria arder em chamas, espalhando suas cinzas por toda a cidade...

Ele teria que se contentar só com amizade.

– Oi, minha linda – disse Dillon quando Emily abriu a porta do apartamento. Ele se levantou do sofá, caminhou até ela e a puxou para seus braços. – Senti sua falta. Por que demorou tanto?

– Tivemos movimento até tarde – respondeu ela, tentando contar de forma convincente a mentira que abria um buraco em seu estômago. – Pegou o filme?

– Peguei. Vá tomar um banho que eu ajeto as coisas para a gente. – Ele coçou o peito e foi caminhando lentamente até a cozinha. – Ah, tem uma surpresa no seu quarto.

– O que foi que você fez?

– Nada de mais. – Ele jogou um saco de pipocas dentro do micro-ondas.
– Só estive pensando em você hoje.

Depois de deixar a bolsa sobre a mesa, Emily seguiu pelo corredor. Encontrou seis dúzias de rosas vermelhas espalhadas pelo quarto, cada buquê em um lindo vaso de cristal. Dillon até espalhou algumas pétalas sobre o edredom branco. Embora tenha ficado emocionada com o gesto, seu sorriso foi fraco. Sentiu o agradável perfume das flores enquanto tentava não se inflamar de culpa por ter acabado de voltar de um “encontro secreto” com Gavin. Já de banho tomado, retornou à sala de estar e se deitou com Dillon no sofá. O corpo dele se enroscou no dela possessivamente e Emily ficou fazendo desenhos com os dedos no peito nu dele, sem pensar em muita coisa.

Ela olhou-o nos olhos.

– Obrigada pelas flores. São lindas.

– Fico feliz que tenha gostado. – Ele beijou seus cabelos úmidos. – Como eu disse, pensei em você o dia todo.

– Você é um amor. – Ela roçou o nariz no pescoço dele. – Ah, esqueci de contar. Recebi resposta de uma das escolas para as quais mandei meu currículo.

– É mesmo. Que sensacional, gata. Onde fica?

– No Brooklyn. – Ela pensou por um instante. – Bush alguma coisa. Tenho que rever o que anotei.

Tenho uma entrevista na segunda.

– Bushwick?

– Isso, é esse o nome. – Ela sorriu, estendendo o braço para pegar a pipoca, na extremidade da mesa.

– Em, você não pode aceitar um emprego lá. Não é seguro.

– Dillon, eu vou ficar bem.

– Não, Emily. Você não vai aceitar esse emprego. Mande mais alguns currículos e espere pintar alguma outra coisa – disse ele em tom definitivo.

– Está falando sério?

– Gata, só estou tomando conta de você. Aquela região é perigosa – respondeu ele, encostando a boca na testa dela. – Você vai esperar outra coisa. Além do mais, já conversamos sobre isso: se precisar de dinheiro, eu lhe dou.

– Não é isso, Dillon. Já esperei o bastante e quero começar no próximo ano letivo.

Antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa, a porta se abriu.

Olivia entrou, a bolsa balançando alegremente no braço. Revirou os olhos para Dillon e fez um som de ânsia de vômito.

– Ollie, fale para a minha namorada como Bushwick é ruim.

Emily esperou a resposta de Olivia, mas ela não veio. A amiga ignorou Dillon, chutou os sapatos para longe e sentou-se em uma das confortáveis poltronas reclináveis.

– Oi, amiga – disse Olivia para Emily, um sorriso surgindo em seu rosto.
– Como foi seu dia?

– Hum... meu dia foi bom – respondeu Emily, incapaz de esconder um leve divertimento na voz. – Mas será que você poderia responder à pergunta de Dillon? Quero ouvir sobre esse bairro barra-pesada.

Ainda sem responder, Olivia desviou o olhar para estudar o esmalte rosa descascado das unhas.

– Liv, você poderia responder à pergunta dele?

Os olhos castanhos de Olivia se estreitaram para Dillon, como os de uma cobra.

– Sinto muito, Em, não falo com babacas que rifam o esperma comendo qualquer piranha que aceita pagar boquete para eles nas costas da minha amiga – sibilou ela, as palavras frias como gelo.

Emily quase engasgou tentando engolir a pipoca. Sentiu o corpo de Dillon enrijecer ao seu lado antes de ele se levantar do sofá.

Ele fuzilou Olivia com o olhar, embora a voz tivesse permanecido sinistramente calma.

– Vai se foder, sua sapatão.

Olivia abriu um sorriso com os dentes cerrados.

– Nossa, que coisa mais original. – Ela soou pouco afetada pelo insulto enquanto o aplaudia com ironia.

– Ah, meu Deus, Dillon, como você pode dizer uma coisa dessas? – Emily olhou para ele, chocada.

– Ela que se foda. – Foi até a cozinha e pegou algo na geladeira.

– Não, sério, vai se foder você, seu merda! – cuspiu Olivia.

– Caramba, será que vocês poderiam parar?

– Eu paro quando você enxergar que esse charme que ele usa na sua frente é falso, Emily! Ele a trai e você continua completamente alheia a isso!

– Olivia se levantou e brandiu um dedo para Dillon. – Mas ele está na minha casa, porra! Então ou ele me atura, ou dá o fora!

Dillon pegou a camisa em cima do sofá, vestiu-a e pescou as chaves no bolso.

– Dillon, espere! – Emily atravessou a sala para ir atrás dele.

– Manda essa vaca estúpida se foder! Ligo para você mais tarde! – Ele escancarou a porta e a bateu com uma força trovejante.

Com a saída dele, Emily ficou plantada onde estava, como se houvesse criado raízes. Seus pensamentos estavam turvos enquanto ela tentava digerir o que tinha acabado de acontecer. Virou-se e fuzilou Olivia com os olhos.

– Você prometeu que não diria nada! – Lágrimas quentes brotaram em seus olhos.

– Bem, quer saber de uma coisa, Em? Não consegui me controlar quando vi você toda coladinha nele, como se ele não tivesse feito nada! – Emily abriu a boca para falar, mas Olivia a interrompeu: – E, não é por nada não, amiga! Se em algum lugar desse seu cérebro você não achasse que fosse verdade, nunca teria beijado Gavin – rosnou ela, e suas palavras partiram o coração de Emily.

Emily respirou, tentando controlar o desejo súbito de dar um soco na cara de Olivia.

– Você não bate bem – declarou num tom de voz muito calmo, que fez até mesmo Olivia titubear.

– Como pode me dizer uma coisa dessas sabendo o que passei esta

semana inteira?

– Não foi minha intenção – retrucou Olivia, aproximando-se com cautela. – Só acho que você está em negação, Em. Acho que está negando o jeito como Dillon a trata e que sente alguma coisa pelo Gavin, ainda que seja uma coisinha de nada.

Um grito dolorido escapou da garganta de Emily.

– Não estou negando nada, Olivia. Eu amo Dillon e acredito nele. Por que é tão difícil para você entender isso? – Emily foi andando em direção ao seu quarto e parou à porta. – Eu não vi o beijo todo. Vi exatamente o que Dillon disse que vi. Aquela vagabunda o puxou e eu me virei antes de ele se afastar. O único motivo para eu ter beijado Gavin foi não ter testemunhado a cena toda. Eu estava com raiva. Minhas emoções tomaram conta de mim quando voltei para cá. Foi só isso, nada mais...

Um silêncio desconfortável caiu sobre o apartamento antes que Emily se recolhesse em seu quarto, enfiando-se na cama. Nunca tinha ficado tão magoada com as alfinetadas de Olivia.

Sentindo uma dor de cabeça súbita, tentou analisar os próprios sentimentos. Não podia perder a melhor amiga e se recusava a perder Dillon também. Odiava a expressão “estar entre a cruz e a espada”, mas era exatamente assim que se sentia. Duas das pessoas que mais amava se odiavam como nunca. A cabeça de Emily rodava enquanto a dor causada por toda aquela situação a oprimia.

Vinte minutos mais tarde, Olivia deu uma batida suave à porta e espiou pelo vão.

– Posso entrar?

Emily assentiu. Olivia sentou-se na cama.

– Sinto muito, Emily. Eu não devia ter dito aquilo. – Enfiou os cabelos louros atrás da orelha, os olhos vidrados. – Você passou por tanta coisa. Só quero vê-la feliz.

– Eu estou feliz, Liv. Por favor, acredite. Não posso deixar que você aja dessa forma com ele – falou, sentando-se. – Vocês dois vão acabar me dando um esgotamento nervoso.

Depois de um longo minuto de uma óbvia discussão interna, Olivia

bufou.

– Está bem, não vou dizer mais nada para ele, mas só porque amo muito você. Sabe como isso vai ser difícil para mim, não é?

– Sei, sim. E é por isso que eu amo muito você.

Elas se abraçaram apertado.

– Vou me certificar de que ele se desculpe pelo que disse.

Olivia deixou escapar uma risada de desdém.

– Não preciso de desculpas, Em. Além do mais, ele está enganado. Eu não sou sapatão. Como amante, promovo a igualdade de oportunidades. Gosto de homens e de mulheres, meu amor. – Balançando a cabeça, Emily riu. Olivia ficou de pé e caminhou até a porta. – Eu tenho calafrios só de dizer isto. Meu Deus, tenho calafrios... – Ela expirou e revirou os olhos. – Mas é que o Babacão...

Aliás, não vou abrir mão do apelido, certo? Bem, a maior parte de Bushwick é barra-pesada.

Alguma outra coisa vai pintar. Espere um pouco, você vai ver.

Um sorriso fraco surgiu na boca de Emily.

– Obrigada, vou seguir o conselho de vocês dois e aguardar.

Olivia soprou um beijo para a amiga e saiu do quarto.

Depois de ligar para Dillon e insistir veementemente em que ele se desculpasse com Olivia, Emily tentou dormir. Ficou se revirando na cama enquanto os pensamentos vagavam de volta a Gavin.

Tentava lutar contra as próprias emoções, lembrando-se o tempo todo de que amava Dillon, embora Gavin estivesse preso em sua memória como um parasita. Sempre que ele estava por perto, sua presença magnética deixava o ar denso. Quanto mais ela pensava a respeito, mais a ideia da amizade entre eles lhe parecia impossível. Havia variáveis perigosas demais. Emily sentia-se engolida pela própria confusão. Enquanto o consciente vagava em direção ao sono, a mente tentava travar uma batalha sangrenta contra aquilo que o corpo já sabia. Ela o desejava, e muito. Atire a culpa às favas, gritava ele. Por enquanto, pelo menos, a razão ia vencendo a guerra contra o corpo, optando por não arriscar a possível destruição de sua vida.

Mas maldito fosse ele e aquele beijo.

8

Para o inferno o autocontrole

NAS SEMANAS QUE SE seguiram, Emily voltou facilmente à rotina no restaurante e ficou satisfeita por Dillon estar trabalhando num horário mais normal. Ele já não chegava tão tarde da noite. Para Emily, as coisas começaram a se acalmar. Dillon conversou com um cliente que tinha um cargo importante no distrito escolar da cidade de Nova York e acabou conseguindo um emprego de tempo integral para ela em Greenwich Village. Ela estava animada porque, em menos de um mês, enfim daria início à carreira e ainda mais contente porque estaria cercada de alunos do primeiro ano. Desejara muito lecionar para essa faixa etária, pois achava que o início da educação de uma criança era o mais importante.

– Já está pronta, gata? – chamou Dillon, impaciente, sentado em seu sofá.

– Só mais dois minutinhos. – Ela prendeu as últimas mechas dos cabelos.

Estudou seu reflexo no espelho e concluiu que, apesar de a confusão de fios castanho-avermelhados não estar cooperando naquela tarde em especial, teria que ficar assim mesmo.

Colocou um vestido leve de alcinha, pegou um par de sapatos de salto alto marrons e foi para a sala de estar.

– Você está uma delícia – observou Dillon, aproximando-se. – Animada?

– Sim, mas você não precisa fazer isso. – Ela deslizou os braços ao redor do pescoço dele, os sapatos pendurados nas pontas dos dedos. – Tenho roupas suficientes.

– Tem, mas nada das grifes da Quinta Avenida. E eu adoraria comprar mais lingerie sensuais para você.

– Aposto que sim – devolveu ela, arqueando as sobrancelhas.

Ele inclinou a cabeça de Emily para trás e beijou seu pescoço.

– Você não tem nem ideia.

Olivia pigarreou, interrompendo-os.

– Aonde é que os dois amantes vão hoje? – perguntou, revirando os olhos.

Com um sorriso espertalhão, Dillon se aproximou dela e passou o braço sobre seu ombro.

– Ora se não é a pessoa que mais amo neste mundo.

– Me larga, Babaca – disparou Olivia, curvando-se para se livrar dele.

– Dillon vai me levar para fazer compras – respondeu Emily. Ela passou os braços em volta da barriga de Dillon e o puxou. Depois, se calçou. – O que vai fazer hoje?

– Vou finalizar meu quadro e levá-lo para a galeria, para a exposição. – Olivia se serviu de uma xícara de café. – Você vai, não vai?

– Não perderia por nada, amiga.

– Quer vir comigo fazer as unhas amanhã? – perguntou Olivia. – Tenho que fazer os pés também.

Dillon passou os braços pela cintura de Emily, conduzindo-a em direção à porta.

– Odeio interromper a conversa de mulherzinha, mas tenho que levar minha namorada, Ollie.

Emily virou o pescoço para fitar Olivia.

– Eu quero, Liv, estamos combinadas para o pé e mão. Nos vemos mais tarde. – Olivia balançou a cabeça e ficou observando enquanto os dois deixavam o apartamento.

– Sabe, você precisa parar de ser tão implicante com ela – disse Emily a Dillon um pouco depois, já acomodando-se no banco do carro dele. – Ela tem sido bem legal com você nas últimas semanas.

– Só estou brincando, Em. – Ele fechou a porta e Emily ficou olhando enquanto o namorado contornava o carro e assumia seu lugar no banco do

motorista. – Ela precisa aprender a levar as coisas na esportiva.

– Eu sei mas, por favor, por mim, deixe-a em paz, está bem?

Tomando a mão de Emily, ele se meteu no tráfego.

– Está bem, está bem, vou deixá-la em paz.

– Obrigada.

Ele levou a mão da namorada aos lábios e a beijou.

– Sem problemas. Mas me faça um favor. Tem uma pasta no banco de trás. Pode pegá-la para mim?

Ela desafivelou o cinto de segurança e estendeu o braço em direção à pasta. Depois de afivelá-lo outra vez, olhou para o material em suas mãos. O coração parou quando ela viu a logo da Blake Industries no canto superior direito. Apesar de não ter sido nem um pouco fácil, de alguma forma havia conseguido manter o “novo amigo” longe dos pensamentos durante as muitas últimas semanas, e agora, do nada, praticamente o tinha nas mãos.

– Tome. – Tentou passar a pasta para Dillon.

– Fique com ela por enquanto. Vamos dar um pulo na cobertura dele antes de irmos às compras.

Estou com uns documentos para ele assinar até o final da semana. – Ele correu a mão pelos cabelos louro-escuros. – Devo admitir que o cara é um pé no meu saco. O filho da puta vive retificando as malditas ações dele.

– Ah... bem... Eu fico esperando no carro enquanto você sobe, então. – Ela tentou se mostrar alheia enquanto olhava pela janela.

– Nem pensar. Primeiro, porque vai demorar um pouco para eu revisar umas coisas com ele e, segundo, porque quero que você veja o tipo de lugar no qual a gente vai morar um dia. A casa dele é espetacular.

Emily deixou escapar um suspiro. Quinze minutos depois, se viu saltando do carro na frente do prédio que abrigava seu maior pesadelo e seu sonho mais indecente.

Depois de atirar as chaves para o guardador, Dillon apontou para o topo do prédio imenso.

– Está vendo isto?

Emily levantou a cabeça, os olhos seguindo uma tirinha delgada de céu azul que se estendia até o topo do prédio. Ela assentiu.

– É lá que ele mora, como uma porra de um rei, com vista para tudo isto. – Dillon abriu bem os braços para incluir a região de Lenox Hill do Upper East Side. – Um dia, vamos viver como ele.

Ele sorriu e pôs a mão nas costas de Emily.

Com um toque no quepe, o porteiro os cumprimentou, chamando Dillon pelo sobrenome, como se fossem velhos amigos. Ao entrarem na portaria de estilo renascentista, Emily notou algumas pessoas caminhando de um lado para outro, exibindo algumas das roupas e joias mais caras que ela já tinha visto. Baixando os olhos para seu vestidinho de verão do Walmart e para os sapatos de salto da Payless, sentiu-se mais do que um pouco fora da sua zona de conforto.

A viagem de elevador até o septuagésimo quinto andar foi torturante. Ao ouvir o apito antes de as portas se abrirem, quis se enfiar dentro das paredes e se camuflar na textura da madeira. Durante a longa caminhada até o fim do corredor, sentiu-se como um pedaço de carne sangrento subitamente atirado aos tubarões.

Um tubarão em especial, na verdade.

Ao se aproximarem da porta, Emily passou a mão pela testa salpicada de suor, o coração descompassado. Dillon deu uma batidinha rápida e, depois do que pareceu uma eternidade, a porta se abriu. Por trás dela, encontrava-se uma ruiva estonteante e gostosona. Além do sorriso, não usava nada além de calcinha de renda cor-de-rosa e um sutiã combinando por baixo de uma camisa branca de Gavin. Desabotoada, para piorar.

– Uau, você está linda. – Dillon lançou para a mulher um sorriso cintilante, que logo desapareceu quando Emily o olhou de cara feia.

– Oi, Dillon – disse a mulher, com uma voz rouca, puxando-o para um abraço. – Cara, faz um tempão que a gente não se vê.

Cruzando os braços, Emily abriu um sorriso forçado. Dillon olhou para Emily, pigarreou e voltou a atenção para a mulher.

– Faz muito tempo, Natasha. Imagino que nosso grande homem esteja em casa. Eu não telefonei para avisar que ia passar por aqui.

– Pois é, ele está lá fora no terraço com o laptop. Tipo, sabe como ele é, né, só trabalho e zero diversão – comentou ela, rindo. – Por acaso eu estava saindo do banheiro quando você tocou.

Dillon assentiu.

– É, sei como ele é com trabalho.

– Quem é esta? – perguntou Natasha, fechando a porta quando eles entraram.

– Esta é a futura Sra. Parker. – Dillon sorriu e passou o braço pela cintura de Emily. – Emily, esta é Natasha Bradford. Ela é... amiga de Gavin?

– Eu sou o sabor que Gavin escolheu para este mês. – Ele riu como uma criança. Emily ficou ligeiramente boquiaberta. – Mas por mim tudo bem. Assim eu ganho coisinhas como esta. – Ela riu outra vez e passou um dedo brincalhão sobre um colar de diamantes.

– Ora se você não é uma menininha de sorte – replicou Emily, se esforçando para não vomitar.

– Sou, sim. – Natasha sorriu e inclinou a cabeça para o lado. – Então, vocês dois estão, tipo... noivos mesmo?

– Não, nós não estamos, tipo... noivos mesmo – respondeu Emily depressa.

– Ah, espera aí... eu achei... – Natasha olhou para Dillon, confusa, e deu um tapinha no braço dele. – Seu bobo, você me fez acreditar que... tipo... vocês estavam noivos quando disse que ela era a futura Sra. Parker.

– Ela vai ser, um dia.

Emily rezava para não ter que ouvir a palavra tipo mais uma vez.

– Está certo, entrem. Vou avisar para ele que vocês dois estão aqui.

Emily suspirou. Natasha se afastou para buscar Gavin.

– Gata, tenho que ir ao banheiro – disse Dillon, descendo por um longo corredor. – Volto já.

Emily assentiu. Num primeiro olhar, notou que a decoração contrastava radicalmente com o estilo acolhedor da casa dos Hamptons. Apesar de ser extraordinária à própria maneira, passava frieza e impessoalidade. Pisos de mármore, sofás de couro preto, esculturas abstratas de pedra e fotografias

colossais em preto e branco retratando diversas cidades abarrotavam a imensa cobertura sem que houvesse o menor traço de cor em lugar algum. Como uma exibição de sucesso absoluto nos negócios, era bem como o lugar no qual Emily imaginara Gavin morando quando o conheceu.

Não era um lar, mas apenas o que a cidade esperava dele. Mais uma das muitas camadas de Gavin Blake lhe vieram à cabeça.

Enquanto Emily se repreendia por analisar a casa dele, Gavin surgiu vestindo calças de pijama azuis – sem camisa. Ele – e a tatuagem de dragão – aqueceram o ambiente na mesma hora. Emily observou, sem fôlego, quando ele sussurrou alguma coisa ao ouvido de Natasha. Ela riu, o beijou no rosto e seguiu apressada pelo corredor, entrando em um dos quartos e fechando a porta.

Os olhos de Gavin pousaram em Emily enquanto ele tentava mascarar a excitação que sentia pelo simples fato de vê-la ali. Quando ficara uma semana sem vê-la, tinha parecido uma eternidade e este novo período, ainda mais longo, fora como uma sentença de morte. Sentindo o corpo relaxar com a simples presença de Emily, se aproximou dela com um sorriso.

– Sinto muito por isso. – Ele passou a mão pelos cabelos. – Ela tem aversão a roupas, ou algo do gênero.

– Mas tem paixão pela palavra tipo, então imagino que as coisas se equilibrem.

– Hum, eu nunca tinha notado isso – disse ele, coçando a barriga.

– Está de brincadeira? – Emily riu, tentando manter a atenção no rosto de Gavin e afastando o pensamento insistente que questionava onde aquela tatuagem começava.

Ele chegou mais perto e sussurrou ao ouvido dela:

– É claro que eu estou brincando. É um saco, mas não conte a ela que eu disse isso.

Emily achou que fosse desmaiar ao sentir a proximidade e o hálito quente dele em sua pele.

– Minha boca é um túmulo.

Com um movimento fluido, os olhos dele passaram aos lábios de Emily e

depois voltaram aos olhos.

– Me faça um favor e tente não chamar nenhuma atenção para esta boquinha bonita – sussurrou ele, os olhos azuis intensos.

Emily ficou boquiaberta, mas logo se recompôs.

– Quer beber alguma coisa? – perguntou ele, muito informal, baixando a cabeça para disfarçar o sorriso.

– Vai ficar me olhando enquanto eu estiver bebendo? Porque, posso estar enganada, mas acho que vou ter que usar a boca para tomar qualquer coisa.

Ele ergueu uma das sobrancelhas e deu um sorriso torto.

– Seria um enorme prazer para mim.

– O que seria um enorme prazer? – perguntou Dillon ao voltar do banheiro.

Emily se afastou de Gavin, quase tropeçando.

– Eu estava acabando de dizer a Emily que seria um enorme prazer mostrar o apartamento a ela – respondeu Gavin com toda a calma e impassibilidade possíveis.

– Bem, antes do tour pelo apartamento, vamos acabar logo com esta merda. – Dillon entregou a ele uma pilha de documentos. – Preciso da sua assinatura em cada um destes bonitões. Também quero conversar com você a respeito de alguns riscos que acho que está assumindo ao se livrar da CMEX. – Dillon foi até a cozinha para pegar uma bebida.

Gavin olhou Emily nos olhos.

– Eu sou completamente a favor de assumir riscos. Acho que deixa a vida um pouco mais... empolgante. Você não concorda? – Emily sabia bem a que ele se referia, e seu coração deu uma cambalhota ao fitá-lo.

– Só não acho que seja uma boa ideia se livrar dela – insistiu Dillon, abrindo uma garrafa de cerveja. Fez o caminho de volta até os dois. – A CMEX é sua segurança. Você tem muito dinheiro investido em fundos multimercado no momento. Pode não ser uma boa jogada.

– Você é o profissional – disse Gavin com um sorriso. – Vamos cuidar disso no meu escritório. – Ele se virou para Emily. – Por favor, sinta-se em casa. Natasha deve voltar num minuto. Tenho certeza de que ela vai manter

você... tipo, entretida. – Ele deu uma piscadela e sumiu corredor abaixo com Dillon.

Emily permaneceu um instante na sala de estar, muda como uma estátua enquanto tentava recuperar o fôlego. Lambeu os lábios enquanto o formigamento que Gavin provocava em seu corpo ia subindo do pé até o topo da cabeça.

Perigoso... para... cacete...

Com um suspiro, foi até o terraço na esperança de que o ar fresco acalmasse o caos em sua mente.

A cobertura ficava numa quina e a impressionante vista desimpedida do Central Park e do East River a encheram de reverente admiração. O terraço, por si só, era maior do que a sala de estar e os quartos dela e de Olivia juntos. Com todo o cuidado, espiou a cidade pela beirada, lá embaixo. Os cabelos chicoteavam à sua volta enquanto ela respirava o ar quente e úmido de agosto. Embora tivesse medo de altura, Emily sentiu-se em paz por causa da tranquilidade, da garantia de solidão, da ausência de gente naquele ponto tão alto. A serenidade durou pouco, no entanto, pois Natasha chegou, cruzando as portas francesas.

– É, tipo, de tirar o fôlego aqui fora, não é? – perguntou, entregando a Emily um copo de água gelada.

– Obrigada – disse ela. – É realmente lindo aqui em cima. – Estudou o tomara que caia preto e justo de Natasha. – E então, de onde você é?

– Califórnia. – Ela deu uma risadinha infantil.

– Sério? – Emily demonstrou um choque falso. – Eu jamais teria imaginado.

Natasha inclinou a cabeça, os cabelos vermelhos voando ao vento.

– Tipo, eu sei, né? As pessoas me dizem isso o tempo todo.

– Aposto que sim.

As duas mulheres se sentaram num confortável sofá.

– E então, tipo... Há quanto tempo você namora o Dillon?

– Vamos fazer um ano no mês que vem.

– Ai, que fofo. E ele é tão bonitinho também.

– Obrigada. E quanto tempo faz que você e Gavin... é... – Sem saber como fazer a pergunta, Emily levou o copo d'água até os lábios e tomou um gole.

– Que a gente transa? – Emily engasgou com a água. – Ah, meu Deus... Você está bem? – Natasha colocou a mão nas costas de Emily.

– Estou, é que... – Ela pigarreou diversas vezes. – É que desceu meio mal – explicou ela, apontando para a garganta. – Estou bem agora, obrigada.

– Bem, como eu estava dizendo, deixa eu ver, tipo... – Natasha fez uma pausa e bateu um dedinho no queixo. – Eu conheci o Gavin... tipo... há dois anos, quando a Blake Industries estava fazendo uma campanha para uma agência de modelos para a qual eu trabalhava. Não temos um relacionamento sério nem nada, mas a gente transa de vez em quando desde então. Tipo, quando ele me liga, eu venho. – Ela riu. – E eu quero dizer, correndo. Meu Deus, como eu gozo. Aquele homem sabe o que faz na cama. Tipo, é o melhor que já tive, sem brincadeira. E aqueles lábios, aquela língua. São tão, tipo... não só bons para beijar. Quero dizer, quando ele desce e...

– Parece que está esquentando aqui fora, não é mesmo? – Emily a interrompeu, levantando-se depressa. Ela abanou o rosto com a mão. – É, definitivamente ficou mais quente aqui fora.

Natasha franziu as sobrancelhas.

– Hum, não estou sentindo.

– Eu estou. Vou voltar lá para dentro para ficar no ar-condicionado.

– Ah, está bem... Vou com você – exclamou Natasha, saltando sobre os pés um pouco avidamente demais.

Não vem não, por favor...

Entrando na cobertura, Emily encontrou Dillon sentado no sofá de couro.

– Você está bem, gata? – perguntou ele. – Está pálida.

– Sim, estou bem. – Ela se aproximou dele. – Preciso ir ao banheiro antes de irmos embora.

Natasha fez beicinho e se atirou numa poltrona ao lado de Dillon, se encolhendo.

– Ah, não. Tipo, eu estava esperando que pudéssemos ir todos almoçar num restaurantezinho grego todo chique que acabou de inaugurar e que, tipo, estou super a fim de experimentar.

– Parece ótimo. – Dillon ficou de pé e foi até a cozinha pegar outra cerveja. – Na verdade, estou morrendo de fome.

– Dillon, a gente ia fazer compras, lembra?

– A gente vai depois. A Quinta Avenida ainda vai estar no mesmo lugar – observou ele, pegando o celular para fazer uma ligação.

Emily o fitou, furiosa, enquanto ele dava início a uma conversa com quem quer que estivesse do outro lado da linha.

– Ah, que bom! – Natasha bateu palmas.

Gavin entrou na sala de estar, ainda muito informal com suas calças de pijama. Ele começou a massagear os ombros de Natasha.

– Por que está aplaudindo?

– Ela está, tipo, superanimada porque todos nós vamos, tipo, sair para almoçar juntos. – Emily deu um sorriso malicioso para ele, semicerrando os olhos. – Então, tipo, preciso usar seu banheiro antes de irmos. Será que, tipo, dava para você me dizer qual desses corredores devo pegar para chegar lá?

Natasha sorria de orelha a orelha.

– Fica, tipo, no final daquele corredor, na última porta à sua direita. – Apontando, ele tentou conter uma risada.

Sem olhar para trás, Emily seguiu na direção indicada. Fechou a porta às suas costas.

– Puta que pariu, é inacreditável – murmurou ela enquanto estudava seu reflexo.

Depois de alguns minutos tentando aceitar que estava prestes a passar a tarde numa situação muito desconfortável, saiu e deu com Gavin encostado na parede oposta, os braços cruzados. Ouviu Dillon e a Garota da Califórnia rindo no outro cômodo, embora não desse para escutar o que conversavam.

– Você acha isso tudo muito engraçado, não acha?

Sorrindo, ele deu um passo à frente.

– E você, não?

Ela deu um passo para trás.

– Não tanto quanto você.

Sem se deixar abater, Gavin deu mais um passo adiante.

– Nós somos amigos, lembra?

Sem dizer nada, ela recuou mais um pouco, apenas para se dar conta de que estava contra a parede, as palmas das mãos suadas pressionadas contra a superfície fria.

Ele apoiou uma das mãos logo acima do ombro dela, inclinando a cabeça enquanto se abaixava para olhar dentro dos seus olhos.

– É só um almoço – disse ele, a voz grave e sedutora. – Amigos almoçam juntos o tempo todo.

Fechando os olhos, Emily tentou se concentrar na voz de Dillon no outro cômodo, mas o hálito doce de Gavin, tão perto, tornava tudo muito difícil. Arrepios lhe percorreram a pele.

– Você é louco. – O coração de Emily batia com tanta força que ela jurava que dava para ouvir.

– Você acha?

Engolindo com dificuldade, ela abriu os olhos e assentiu.

Ele mordiscou o lábio, deslizando-o lentamente por entre os dentes.

– Então posso fazer uma confissão, já que, ao que consta, pareço ser louco?

A voz rouca fez o estômago dela revirar outra vez.

Descendo as pontas dos dedos com suavidade pelos braços nus de Emily, Gavin pôs uma tampinha de garrafa na mão dela. Então inclinou o corpo, ficando a centímetros do ouvido dela, a voz não mais do que um sussurro:

– Eu me esqueci completamente de lhe dar isto quando você chegou. – Sorrindo, ele se afastou, entrou no quarto e fechou a porta.

Emily deixou escapar o ar que vinha prendendo e tentou restaurar seus batimentos a um ritmo normal. Sentiu um nó na garganta. Depois de enfiar a maldita tampinha dentro da bolsa, fez o caminho de volta até a sala de

estar e acomodou-se no sofá, ao lado de Dillon. Durante os quinze minutos seguintes, enquanto aguardavam Gavin se arrumar, aturou a detalhada e maçante explicação de Natasha sobre a recente cirurgia plástica a qual havia se submetido para empinar o bumbum. Natasha parecia ser uma garota boazinha e um pouco maluquinha, mas, quando Gavin chegou à sala, Emily ficou mais do que satisfeita em poder dar o fora dali.

Parecia impossível, mas a viagem de elevador até o térreo foi ainda mais torturante do que a subida à cobertura. A tensão existente no pequeno espaço era tão palpável que Emily a sentia roçando em sua pele. Os dois casais se encontravam frente a frente. Dillon e Natasha conversavam sobre opções de investimentos em ações que ele achava que ela devia fazer. Muito à vontade, Gavin se encostou na parede, sorrindo e abraçando Natasha pela cintura, mas sem tirar os olhos de Emily.

Ela o observava com a mesma intensidade. Ele vestia uma camiseta preta justa cujas mangas ficavam distendidas em torno dos braços musculosos e calças pretas que apertavam a cintura delgada.

Quando a campainha do elevador tocou, já no térreo, Emily saiu o mais rápido que pôde – para bem longe de Gavin.

Os casais decidiram que iriam até o restaurante no carro de Dillon. Natasha e Gavin se acomodaram no banco de trás e Emily perdeu a noção da quantidade de vezes que revirou os olhos ao ouvir a risadinha de Natasha a cada palavra sussurrada por Gavin. Não havia dúvidas de que se tratava de algo de teor sexual.

Quando chegaram, Dillon ajudou Emily a sair do carro, e Gavin fez o mesmo com Natasha.

Embora o saboroso aroma de comida grega despertasse o apetite de Emily, ela não estava com muita vontade de comer quando o maître os conduziu à mesa.

– Sabe, Emily, você é realmente linda – observou Natasha, do outro lado da mesa. – Alguma vez você, tipo, já pensou em ser modelo? Você tem mais de 18 anos, né?

– É... tenho 24. Mas nunca pensei em fazer nada parecido. Além do mais, gosto demais de comida

– falou, rindo, devolvendo o cardápio para o garçom.

Dillon buscou a mão de Emily e olhou para Natasha.

– De todo modo, eu não ia querer que ela trabalhasse como modelo.

– Por quê? Tipo, ela ia ganhar um dinheiro maneiríssimo, e eu tenho o melhor agente em Nova York. Poderia apresentá-lo a ela.

– Emily não precisa se preocupar com dinheiro. – Dillon se recostou. – É só uma coisa que eu preferiria que ela não fizesse, só isso.

Natasha deu de ombros e jogou os cabelos para o lado.

– Então, Dillon disse que você vai lecionar na cidade este ano – comentou Gavin, olhando para Emily.

– Isso – respondeu ela, pondo o guardanapo no colo. – Em Greenwich Village.

– Pois é, vai dar aula para o primeiro ano, assim não tenho que me preocupar com alunos se apaixonando por ela. – Dillon riu e inclinou o corpo para beijar o pescoço da namorada.

– Ah, mas você pode estar enganado quanto a isso, Dillon – disse Gavin. – Eu tive uma quedinha pela minha professora do primeiro ano.

Dillon bebeu um gole do uísque com gelo que pedira.

– Está falando sério?

– Estou. – Gavin se recostou na cadeira. – Se bem me lembro... – Ele fez uma pausa de um segundo e sorriu. – O nome dela era Srta. Molly. E, cara, vou lhe contar, fiquei mal por causa dela.

Ela me enlouquecia de um jeito que eu não conseguia entender direito.

Emily lançou um sorriso irônico para ele e revirou os olhos.

Natasha riu e deu um tapinha brincalhão no braço de Gavin.

– Tipo, você já corria atrás das mulheres naquela época, é?

– Pelo visto, sim. – Emily entrelaçou os dedos das mãos sob o queixo e o fitou, do outro lado da mesa.

Gavin ergueu uma das sobrancelhas e permaneceu em silêncio.

– Cacete, se não é o Dillon Parker!

Emily se virou e deu com um homem mais ou menos da idade deles, de sorriso largo e cabelos castanhos escuros penteados para trás com uma boa quantidade de gel.

– Caralho, não é possível! – Dillon se levantou, contornou a mesa e apertou a mão do homem. – Porra, onde você tem se escondido?

– Em Cancun, com as deliciosas señoritas, mas estou de volta e mais quente do que nunca.

Dillon se virou para Emily.

– Gata, este é um velho amigo meu de faculdade, Keith Jacobs. Keith, esta é minha namorada, Emily.

Ela apertou a mão dele e Dillon o apresentou a Gavin e a Natasha. Seguiu-se uma troca de amenidades e Dillon pediu licença para conversar com Keith no bar por alguns minutos.

Emily se virou para Natasha:

– E então, Natasha, já teve a oportunidade de visitar a biblioteca pública de Nova York?

– É... Bem, ainda não, mas gosto de ler revistas. Deve ter algumas por lá, não é?

Gavin sorriu para Emily divertindo-se muito com a observação estúpida feita por Natasha. Ele sabia bem a qual conversa ela estava se referindo ao mencionar a biblioteca.

– Tem sim, sem dúvida. – Emily arregalou os olhos verdes. – Você teria centenas, senão milhares, de revistas nas pontas dos dedos. – Tomou um gole do muitíssimo necessário cosmopolitan e sorriu.

– Aposto que eles têm uma tonelada de exemplares da Vogue, também.

Natasha pareceu contente.

– Obrigada pela sugestão. Tipo, eu vou ter que ir lá um dia. Mas agora vou retocar a maquiagem.

Já volto. – Ela se levantou, deu um beijinho casto na têmpora de Gavin e atravessou o restaurante, rebolando enquanto ajeitava o tomara que caia.

– Essa foi boa – observou Gavin, inclinando o corpo por cima da mesa. – Eu já disse isso e vou repetir: você é uma garota bem engraçada.

– Sério, Gavin? Um homem da sua importância saindo com uma cabeça de vento como esta?

Acho que você não estava mesmo brincando quando disse que se sentia atraído pelo tipo cem por cento beleza e zero cérebro.

Ele deu de ombros.

– Eu já falei que todos nós temos nossas formas de preencher os vazios de nossas vidas. Ela me dá o que eu preciso e eu dou a ela o que ela precisa. Me parece justo.

– Ah, é verdade, afinal quem poderia sentir falta do pedregulho que ela traz pendurado no pescoço?

– Você parece... zangada? – devolveu ele, a voz monótona e o rosto impassível.

Emily perdeu a paciência, mas manteve o tom de voz num sussurro.

– Você quer saber por que estou zangada? – Ele assentiu, sem tirar os olhos de cima dela. – Estou zangada por você, tão espalhafatosamente, fazer questão de me deixar desconfortável. O que aconteceu com aquela coisa de querer ser meu amigo?

– Estou dificultando as coisas para você? – perguntou Gavin, zombeteiro.

– Está sim, Gavin – disparou ela, baixinho, os nós dos dedos brancos em torno do copo.

Com o desejo por ela preso dentro de si – incendiário, sufocante e pronto para explodir – ele se inclinou um pouco mais para a frente, baixando a voz.

– Ótimo, porque sempre que você está por perto, eu perco cada pinga de autocontrole que ainda tenho.

Emily sentiu um nó na garganta ao ouvir aquelas palavras inesperadas. Expirou com vontade, o som pesando no ar enquanto ondas de comichões tomavam todo o seu corpo. E, para piorar, a cada segundo que Gavin a fitava daquela forma, Emily ia sentindo o calor aumentar. O impacto criou uma explosão entre suas pernas, causando uma reação em cadeia de raiva misturada a um desejo ainda maior do que antes. Emily retribuiu o olhar carregado de desejo dele, demonstrando traços de desafio enquanto tentava

recuperar o fôlego.

– O que você quer de mim?

– Eu quero que você se renda àquilo que vejo toda vez que me aproximo de você. – Muito lentamente, ele lambeu os lábios. Os olhos azuis brilhantes endureceram com um desejo palpável. – Quero que você se renda ao modo como tremeu nos meus braços quando a toquei, ao modo como fica mais ofegante quando olho para você.

Ela o encarou, o coração ribombando, sem conseguir formar uma única frase.

– Eu amei a sensação dos seus lábios nos meus e estou quase certo de que você sentiu o mesmo.

Também adoro a maneira como quase consigo sentir você ficando molhadinha agora. – Ele fez uma pausa antes de dizer, num sussurro ríspido: – Vai fingir que não sente nada por mim, Emily?

Ele nem a estava tocando e, no entanto, estava certíssimo: a calcinha dela estava úmida. Emily odiava o fato de ele estar certo. Odiava o fato de ele notar cada reação física e emocional que provocava nela. E odiava o fato de desejá-lo tanto. Que desgraçado!

– Não vou responder à sua pergunta.

– Você não gosta de responder a perguntas – afirmou ele através de dentes cerrados, tentando lutar contra o desejo de arrastá-la para cima da mesa e tomá-la nos braços.

Poderia ter devorado cada centímetro dela bem ali. Como um tornado que arranca do solo tudo que está em seu caminho, a simples presença de Emily funcionava como um ímã. Que desgraçada!

– Não, Gavin. Eu não gosto de responder às suas perguntas – sussurrou ela rapidamente em resposta. – E pelo visto nem vou precisar fazer isso, porque seu preenchedor de vazios está chegando.

As pupilas de Gavin abandonaram os olhos dela e se dilataram com a compreensão do que Emily acabara de dizer. Recostando-se displicentemente, ele colou um sorriso artificial nos lábios quando Natasha se aproximou. Antes de se sentar, ela o puxou para beijá-lo. Emily foi tola por não desviar os olhos. Sentiu náusea ao ver Gavin deslizar a língua

quente pela boca de Natasha. Não sabia por que sentira-se assim ao observá-los, mas ficou furiosa, mesmo ciente de que não tinha o menor direito. Quando o beijo chegou ao fim, os olhos azuis de Gavin passaram a fitar Emily. O olhar foi vacilante, com uma forte sugestão de algo semelhante a um pedido de desculpas.

Um dos cantos da boca de Natasha subiu com um sorriso satisfeito antes de ela se sentar ao lado dele.

– Desculpe por eu ter demorado tanto, mas, tipo, tive que tirar tudo da bolsa para encontrar o batom.

Emily respirou fundo e quase deu um pulo ao sentir o aperto da mão enorme de alguém em seu ombro. Virou-se e viu Dillon. Tentou fazer com que o coração desacelerasse do choque frenético causado pela conversa que tinha acabado de terminar.

Enfim o garçom trouxe a comida. Emily e Gavin passaram o restante da refeição trocando olhares acalorados, o que fez Emily brincar nervosamente com os talheres o tempo todo.

Depois de ser obrigada a aguentar uma hora de uma conversa entediante sobre a preocupação de Dillon com as escolhas de Gavin a respeito de seu portfólio de ações, Emily ficou exultante quando os casais enfim retornaram ao carro, encerrando uma tarde que deixara seu estômago revirado.

Ficou praticamente em silêncio durante o percurso até o outro lado da cidade para deixarem Gavin e Natasha, mas, se Dillon notou a sua súbita mudança de comportamento, não comentou. Ao chegarem ao edifício de Gavin, Emily alegou que não estava se sentindo bem, um pretexto para ficar no carro enquanto Dillon os acompanhava até a entrada. Beijou a bochecha de Natasha e se despediu de Gavin com um aperto de mão firme. Enquanto Dillon voltava ao carro, os olhos de Emily foram atraídos por Gavin, que manteve a porta aberta para Natasha enquanto esta saltitava portaria adentro, sacudindo os cabelos para todos os lados. Antes de segui-la, Gavin se virou, as mãos enfiadas nos bolsos da frente, e lançou um último olhar para Emily, penetrante e cheio de desejo, que ficaria cauterizado em sua lembrança pelo restante da tarde.

Dillon se recostou no assento e sorriu:

– Pronta para ir às compras na Quinta Avenida?

Embora sentisse como se tivesse acabado de fugir de um manicômio, Emily abriu um sorriso artificial e assentiu.

– Sim, vamos dar o fora daqui.

9

Jogo perigoso

O CLIMA DO MEIO DA MANHÃ no Central Park estava agradável, embora mais frio do que o normal para a segunda semana de agosto. Emily abriu uma pequena manta sob a sombra de uma das árvores de bordo. Pondo a mochila ao seu lado, pegou dois sanduíches, duas garrafas d'água e seu romance favorito, O morro dos ventos uivantes. Só faltava Dillon. Olhou para o relógio. Ele já estava vinte minutos atrasado. Com a cidade zumbindo com seu barulho diário e incessante – até mesmo na paz serena do parque – ela resolveu telefonar para ele e descobrir por que estava demorando tanto.

Dillon atendeu ao primeiro toque, uma pitada de culpa na voz:

– Por favor, não fique zangada comigo. – Surpresa com a forma como ele atendeu, ela ficou calada. – Em, você está aí?

– Sim, estou aqui, mas você não. Onde está?

– Estou em Nova Jersey, mas...

– Em Nova Jersey? Dillon, eu estou sentada no Central Park!

– Emily, será que você pode me deixar explicar?

– Tudo bem, Dillon, explique.

– Você se lembra do magnata japonês do qual falei, que estava interessado em investir na Morgan & Buckingham? – Ele fez uma pausa, aguardando a resposta dela, mas não obteve nenhuma. – O Takatsuki Yamamoto?

– Vá direto ao assunto.

– Que merda, Emily, estou tentando. – Ela suspirou e ele prosseguiu: – Ele chegou do Japão ontem à noite e só vai passar dois dias aqui. Pediu para conversar comigo, pessoalmente. Meu chefe me ligou de manhã cedo e me mandou vir para cá. – Enquanto Emily esperava, Dillon respondeu a uma

pergunta feita por alguém que se encontrava ao fundo. – Gata, tenho que desligar. Desculpe, mas esta conta é muito importante.

Mais uma vez, Emily ficou calada.

– Por favor – suspirou ele. – A gente combina de novo outro dia.

– Eu sei. É só que pedi folga e estava mesmo ansiosa para...

– Emily, pare de tentar fazer com que eu me sinta culpado – disse Dillon num tom irritado. – Isso é importante para mim. Eu chego à sua casa no máximo às seis. – E, com isso, ele desligou.

Depois de se recuperar do choque por Dillon ter desligado na sua cara, Emily ficou de pé e, com relutância, começou arrumar os apetrechos do que deveria ter sido um encontro romântico.

Guardava a manta na mochila, quando ouviu alguém chamar seu nome ao longe. Antes mesmo de se virar para ver quem era, um formigamento familiar foi subindo por sua espinha. Já sabia. Quando enfim se virou, Gavin vinha atravessando o parque, correndo e sorrindo, com os sobrinhos ao lado.

A mochila escorregou pelos dedos de Emily enquanto ela estudava os trajes informais: uma camiseta branca de gola em V, bermudas cargo creme e um boné azul dos Yankees. Conforme ele se aproximava, Emily tentava pôr os pensamentos em ordem.

Não era só o fato de a presença dele pulsar dentro dela. Não era porque o perfume dele lhe embriagava os sentidos, ardendo em sua mente e importunando todos os seus sonhos. Não era nem mesmo aquele maldito beijo. Era o charme resolutivo, a autoconfiança ousada, a atração insana e a inegável dominância que ele exalava por todos os poros. Todas essas coisas formavam um coquetel letal, que assustava e fascinava Emily. Era como se, toda vez que eles se encontravam, ocorresse um paradoxo distorcido: por mais que sentisse necessidade de fugir, Emily também sentia-se inegavelmente atraída por ele. De repente, sentiu que a eletricidade no ar aumentava. Uma espécie de tensão parecia pressionar seus pulmões, deixando-a sem ar. Para piorar tudo, a visão dele a inundou de lembranças do último encontro, duas semanas antes.

Respire, Emily...

– Em-mi-mi! – gritou Teresa, correndo para ela.

Ajoelhando-se para abraçá-la, Emily ergueu o olhar para Gavin.

– O que estão fazendo por aqui? – perguntou, da maneira mais casual que pôde, considerando as circunstâncias.

Gavin se curvou para a frente, apoiando as mãos sobre as coxas, tentando recuperar o fôlego. Em seguida se apurou e sorriu.

– Estou de babá e decidi trazer estes dois pirralhos para jogar futebol.

Timothy passou os braços pelas pernas de Emily.

– O tio Gaffin também levou a gente para dar pão pros patinhos.

Gavin passou a mão pelos cabelos de Timothy.

– É verdade. Foi um verdadeiro banquete para o Donald e a Margarida.

– Que legal – disse Emily. – Magnata dos negócios e babá num único pacote.

– Pode acrescentar isso ao meu currículo. – Ele riu.

– Não consigo acreditar que vocês me viram aqui.

– Bem, na verdade, eu não vi. Foram eles – informou Gavin.

– O tio Gaffin mandou a gente dizer que viu você primeiro, Em-mi-mi – confessou Teresa, enrolando um dedinho nos cabelos de Emily. – Mas foi ele que viu e que falou pra gente dar um oi.

Erguendo uma das sobrancelhas, Emily observou o rosto de Gavin ganhar um leve tom rubro.

– Usando crianças para contar uma mentirinha, hein?

Ele balançou a cabeça e sorriu.

– Droga, você me pegou. Pode acrescentar isso ao meu currículo também. O que está fazendo aqui?

– Dillon vinha me encontrar, mas teve que ir a Nova Jersey. – Ela ergueu a mochila do chão. – Na verdade, eu estava me preparando para ir embora.

Teresa fez beicinho.

– Você pode ficar e jogar futebol com a gente, Em-mi-mi?

– Hum – respondeu ela, voltando a olhar para Gavin. – Acho que não.

Talvez outro dia...

Teresa franziu a testa.

– Não vai precisar aguentar a tortura de passar muito tempo comigo – informou Gavin, com um sorriso malandro. – Colton e Melanie devem chegar em dez minutos para buscar as crianças.

Emily sorriu timidamente, quase o desafiando.

– Tudo bem, então. Acho que consigo aguentar quinze minutos de desgosto. – Ela pôs a mochila no chão. – Você aguenta?

– Hum, eu aguento, e muito bem. Você sabe jogar futebol?

– Eu aprendo rápido.

– Sou um ótimo professor.

Ele deixou cair a bola e deu um chute ágil. Teresa e Timothy correram atrás dela.

– E estar perto de você não é tortura, Gavin – disse Emily, correndo atrás das crianças.

Ele a alcançou.

– Certo, você deixou claro que é só desgosto. Mas não se preocupe, vou mesmo tomar isso como um elogio. – Emily apenas balançou a cabeça e riu.

Durante os quinze minutos seguintes, embora tenha jogado um pouquinho, Gavin passou quase todo o tempo de fora, só olhando Emily brincar com as crianças. Sentado a uma mesa de piquenique, seus sentidos sempre vacilavam quando se tratava dela. O olhar dele passeou pelo corpo de Emily, decidindo-se, por fim, pousar no rosto, admirando aquele sorriso. Ele ouvia as risadas dela enquanto tentava registrar o modo como os sobrinhos se agarravam a Emily. Crianças possuem um senso aguçado sobre as auras das pessoas, por isso o comportamento dos dois só servia para confirmar o que o coração de Gavin já sabia: que a presença de Emily era magnética. Consumia a todos, engolindo-os por inteiro, sem deixar espaço para arrependimentos.

Enquanto ela corria com as crianças, ele observava os cabelos ondulados balançando, o sol de verão criando uma auréola castanho-avermelhada. O desejo que sentia por ela serpenteava pelos ossos, atingindo a medula. Desde

a primeira vez que pusera os olhos nela, Emily causava sensações estranhas em seu peito sempre que o encarava. Gavin sentiu um embrulho no estômago e se deu conta de que poderia se afundar ainda mais caso ela o fitasse daquele jeito com muita frequência.

A mente dele rejeitou os próprios sentimentos, ciente de que nada podia fazer para satisfazer seu desejo. A única coisa de que Gavin tinha certeza era que suas emoções estavam presas num emaranhado de proporções épicas. Ficar perto de Emily era o máximo da dor autoinfligida, mas ele estava disposto a aguentar por um único motivo: ser agraciado pela presença dela.

Gavin foi arrancado de seus pensamentos ao ouvir Colton chamar seu nome.

Depois que ele e Emily abraçaram as crianças e se despediram de Colton e de Melanie, Gavin foi com ela juntar suas coisas.

– Sr. Blake, é sempre um prazer – disse Emily com um sorriso, estendendo a mão.

Gavin não a aceitou porque sabia que, se a tocasse, não seria capaz de resistir ao desejo de puxá-la para si. Passando a mão pelos cabelos, deu um passinho para trás. Emily pôs a mochila no ombro.

Gavin sentiu as palavras presas na garganta.

– Espere, é só isso? Vai me largar aqui sozinho assim?

– Você já está bem grandinho. Acho que é capaz de encontrar alguma coisa para ocupar sua tarde.

Ele riu por um instante, mas logo ficou sério.

– É que achei que esta podia ser uma oportunidade para eu me redimir.

– Se redimir? Por quê?

– Pelo meu comportamento da última vez em que nos vimos. Desculpe se a deixei desconfortável, mas... – Ele baixou a voz e a fitou nos olhos. – Não estou me desculpendo pela forma como me sinto em relação a você, Emily. São meus sentimentos e não tenho como negá-los. Mas eu realmente só preciso ser seu amigo.

Ela engoliu em seco, nervosa.

– Gavin, já conversamos sobre isso e... – começou, a voz tão baixa

quanto a dele.

Interrompendo-a, ele chegou mais perto.

– Eu prometo, juro por Deus, que dessa vez não vou dizer nada que a deixe desconfortável. Eu só queria falar como me sinto, mas agora chega. – Ele deu um passo atrás, sem desviar os olhos dela. – Você me enlouquece por algum motivo que não consigo entender e não sei se algum dia compreenderei. Só sei que acho você a mulher mais impressionante... – Ele respirou fundo. – Sei lá.

Tem alguma coisa em você que... a torna diferente de qualquer outra mulher que já conheci. E por causa de tudo isso, eu me disponho a colocar meus sentimentos de lado só para ser seu amigo.

Só para estar perto de você, pensou.

O coração de Emily falhou e seu estômago revirou, numa sensação perturbadoramente agradável, enquanto ela avaliava o rosto de Gavin. Emoções verdadeiras rodopiavam por trás daqueles olhos e alguma coisa, lá no fundo, lhe dizia que ele estava sendo sincero.

– Muito bem, vamos tentar de novo. Quer que eu fique aqui com você mais um pouco?

Gavin respirou fundo, enchendo os pulmões, o nó em seu peito se desfazendo ao se dar conta de que estivera prendendo a respiração enquanto aguardava a resposta dela.

– Você gosta de beisebol, não gosta?

– Como sabe disso?

– Naquela noite em que descobri que você se chamava Emily, e não Molly... Antes de você chegar à boate, Dillon me contou que a namorada dele era fanática por beisebol.

– Quer que eu jogue beisebol com você? – perguntou ela, franzindo as sobrancelhas.

– Você pode visitar todos os pontos turísticos mais espetaculares que Nova York tem a oferecer, mas não conhece a cidade de verdade até ir a um jogo dos Yankees. – Ele sorriu. – Era para Trevor ir ao jogo comigo hoje, à uma da tarde, mas ele cancelou de última hora. – Gavin sacou ingressos do

bolso traseiro e os exibiu. – Tenho entradas para a temporada inteira, mas ia ser uma pena desperdiçar estas daqui.

– Você quer que eu vá a um jogo dos Yankees com você?

– Quero.

– Não sei – disse ela, olhando para o chão e de novo para ele. – Talvez isso seja um pouco de mais.

Ele abriu um sorriso lento, os olhos azuis cintilando com malícia.

– Imagino que num estádio com mais cinquenta mil pessoas eu consiga me controlar e não tentar atacá-la.

Emily fez uma cara pensativa.

– É verdade. Mas eu não sou fã dos Yankees. Vou torcer para o adversário. Será que você conseguiria aguentar isso?

Com os olhos arregalados, ele pôs uma das mãos sobre o peito, como se ela tivesse acabado de ferir seu coração.

– Hum, continue falando assim e talvez encontre um jeito de fazer com que eu não a admire tanto. Sou um torcedor fanático dos Yankees, Srta. Cooper. Mas está bem, acho que aguento me sentar ao lado de uma não fã que eu mesmo levei ao estádio.

Ela balançou a cabeça e riu.

– Está certo, vou considerar esse passeio amigável, mas sob uma condição.

– Qualquer coisa – disse Gavin, pegando a mochila dela.

– Espere, você nem sabe o que é.

Ele pôs a mão nas costas de Emily e começou a conduzi-la para fora do parque.

– Não tem problema. Seja o que for, estou certo de que consigo lidar.

Ela parou de repente e riu.

– Ou você me ouve ou não vou a lugar algum, Gavin Blake. Está me entendendo?

– Sou todo ouvidos.

– Isto, por exemplo. – Ela indicou a mão em suas costas. Gavin sorriu e a

retirou. – Nada de me tocar, nada de me despir com os olhos e nada de fazer isso... essa coisa maldita e idiota que você faz com a boca quando morde os lábios.

– O fato de eu morder o lábio a incomoda tanto assim?

Só porque me deixa louca de tesão...

– Sim. É irritante.

Ele arrastou o lábio inferior lentamente por entre os dentes, terminando com um estalar voluptuoso.

– Bem, o mesmo vale para você então.

Ela inclinou a cabeça e deixou escapar um suspiro.

– Espertinho. Você já me avisou sobre chamar qualquer tipo de atenção para meus lábios. – Ela cobriu a boca com a mão, abafando o restante das palavras. – Está melhor assim? – Ele assentiu e riu. – Só que eu não fico olhando para você como se quisesse arrancar suas roupas, nem o tocando.

Ele deu de ombros.

– Já que estamos sendo sinceros, você não faz ideia de quanto eu adoraria que você me tocasse.

– Viu só, é exatamente disso que estou falando – disse ela, afastando a mão da boca. Emily deu meia-volta para ir embora.

Deixando escapar uma gargalhada sonora e rouca, ele correu até ela e a segurou delicadamente pelo cotovelo. Emily olhou para a mão dele. Gavin a soltou depressa e sorriu.

– Emily, só estou brincando. Ora, vamos, são só piadas... Eu sou assim mesmo.

Ela ergueu uma das sobrancelhas, incapaz de se manter séria diante dele, com aquele sorriso inocente e infantil. Sabia que ele era tudo, menos daquele jeito.

– Se quer que eu vá com você hoje, controle suas mãos, Blake. Entendeu? Ou então eu vou lhe dar uma lição.

– Opa! Sexo violento! – Ele deu um sorriso torto. Ela suspirou. – No entanto, eu não passo de um servo diante do seu desejo de que eu aja como um cavalheiro. – Ele fez uma reverência brincalhona.

- Agora vamos. Temos que pegar a linha quatro.
- Espere, nós vamos de ônibus?
- Não. É a linha quatro do metrô.
- Ah, eu achei que fôssemos de carro.
- De jeito nenhum. – Ele pegou a mochila das mãos dela e a atirou sobre o próprio ombro. – Vamos fazer isso ao estilo de Nova York, boneca.

Apesar da surpresa por estar de fato passando o dia com Gavin, Emily o seguiu. Duas quadras adiante, pegaram o metrô. Considerando que ela viajou cercada por um casal de adolescentes que se amassava como se estivesse numa festa de amigos, um sujeito usando vestido florido que falava sozinho enquanto comia comida chinesa com as mãos e um enorme grupo de torcedores agressivos berrando “Dá-lhe, Yankees”, Emily ficou mais do que satisfeita quando enfim chegaram ao estádio.

Uma vez lá, os dois foram comer. Emily pediu um cachorro-quente e uma garrafa d’água e Gavin escolheu um pacote de amendoim e uma cerveja. Ele lhe mostrou seus lugares, bem atrás da última base. Gavin parecia uma criança numa loja de doces e Emily achou bonitinho que um homem com tanto poder ficasse tão animado com um jogo de beisebol.

Gavin olhou para o relógio enquanto o estádio ia enchendo.

- Ainda temos um tempinho. O jogo vai começar daqui a meia hora.

Emily assentiu e olhou para o celular, notando que tinha perdido uma ligação de Dillon. Ela se remexeu no assento e pensou na encrenca em que havia se metido. Ponderou se devia ou não contar a Dillon onde estava, mas antes que pudesse se aprofundar demais em seu dilema, Gavin falou:

- Vamos brincar de vinte perguntas enquanto esperamos o jogo começar.
- Ele enfiou um amendoim na boca. – Eu começo.

- De jeito nenhum, você começou da última vez. Eu começo.

Ele riu.

- Você não perde tempo, não é?

- Geralmente não.

- Está certo, me parece justo. Pergunte alguma coisa.

Os pensamentos de Emily vagaram pelo que queria perguntar a ele, embora não soubesse se deveria. Ainda assim, era sua vez de se permitir ser dominada pela curiosidade.

– Quero saber por que você e sua noiva terminaram.

A expressão de Gavin se fechou enquanto ele olhava para as arquibancadas. Emily notou o azul brilhante dos olhos mudando como se uma nuvem tivesse passado pelo céu – e naquele momento se arrependeu por ter tocado no assunto.

Gavin se inclinou para a frente, pôs a cerveja no chão e olhou outra vez para Emily.

– Hum, a primeira pergunta que lhe fiz da última vez em que jogamos foi sobre seu sabor de sorvete favorito. Pelo visto, você está indo direto na jugular.

– Me desculpe, eu não devia ter perguntado – sussurrou ela, baixando o olhar.

– Não, tudo bem. Eu só não esperava isso logo de cara. Mas me sinto confortável em conversar com você.

Emily ergueu a cabeça de súbito.

– Mesmo?

– Pois é, por algum motivo, eu me sinto, sim. – Respirando fundo, ele se recostou e hesitou por alguns segundos. – Ela me abandonou porque a Blake Industries estava indo à falência. Meu pai ofereceu recursos para mim e para Colton a fim de mantê-la aberta. Mas nós, os Blakes, temos certa tendência à teimosia e recusamos a ajuda dele, pois sabíamos que conseguiríamos colocá-la nos eixos outra vez, sozinhos. – Ele passou a mão pelos cabelos. – Eu expliquei tudo para ela, disse que teríamos que reduzir um pouco os custos até eu reerguer a empresa. Ela argumentou que eu devia aceitar o dinheiro do meu pai e me chamou de louco por achar que conseguiríamos nos recuperar sem a ajuda dele. Mas Colton e eu estávamos firmes na decisão de não aceitar o dinheiro. Depois que ficamos noivos, ela passou a morar comigo, na minha cobertura. Um dia, voltei para casa depois do trabalho e encontrei uma carta, escrita com uma letra linda, dizendo que ela não podia correr o risco de não viver a vida que eu tinha oferecido até

então. – Ele pegou a cerveja, tomou um gole e suspirou. – Cinco anos juntos e o adeus veio numa carta.

Emily buscou os olhos dele e viu a sua dor.

– Você a amava – sussurrou.

Gavin deu de ombros.

– É, ela partiu meu coração. Achei que ela me amasse pelo homem que eu era, sem o glamour e sem o dinheiro. Quero dizer, quando a gente se conheceu, eu estava no meu último ano de faculdade, ainda não era tão bem-sucedido. Ela traiu a esperança que eu tinha no amor quando foi embora. – Ele apertou os lábios. – Não me entenda mal. Hoje, quando olho para trás, sei que não fomos feitos um para o outro. Em primeiro lugar porque ela se preocupava demais com a maneira como os outros nos viam, e isso podia querer dizer qualquer coisa: dos carros que dirigíamos às festas que frequentávamos. Ela não era assim quando nos conhecemos; a mudança foi gradual. Nossa maior diferença foi que ela sempre deixou claro que nunca ia querer ter filhos. Eu a amava o bastante para cogitar uma vida sem crianças, mas, como eu disse, analisando tudo, não teria valido a pena abrir mão de ter uma família por ela.

Emily abriu um leve sorriso.

– Você quer ter filhos?

– Um monte, todos enfiados bonitinhos numa minivan – admitiu ele.

– Gavin Blake numa minivan?

– Sem dúvida – respondeu ele, pegando a cerveja. – Uma bem maneira, verde-floresta.

Emily observou-o de rabo de olho ajeitando o boné de beisebol, um pouco chocada com tudo o que ele acabara de lhe confessar. Começou a compreender a necessidade dele de preencher seus vazios.

– Você nunca mais a viu depois disso?

– Vi, sim. Recentemente, para dizer a verdade.

– E como foi? – perguntou ela, relutante.

– Foi... interessante. Eu a encontrei por acaso numa festa. Ela falou um monte de merda, disse que estava contente pela empresa estar indo tão bem.

Admitiu que sentia minha falta e que ainda me amava, e depois confessou que me abandonar foi o maior erro de sua vida. – Ele enfiou mais um amendoim na boca e sorriu. – Já pode imaginar aonde estou querendo chegar com isso, certo?

– Posso. Agora que você está bem de grana outra vez, ela o quer de volta.

– Na mosca. Eu sabia que você era esperta. – Ele bebericou um gole da cerveja. – Além do mais, o nome dela é Gina e o meu, é claro, é Gavin, dois Gs. Eu acho que era um aviso, ou algo assim, de que estava destinado a não funcionar.

Embora ele tivesse dado uma risadinha, Emily percebeu a dor que ainda havia em seus olhos e resolveu deixar o assunto de lado.

– Recebi o convite que você mandou para mim e para o Dillon.

– Eu ia mesmo lhe perguntar isso – respondeu Gavin, acenando para um dos vendedores de cerveja. Pediu mais uma e se virou para Emily. – Achei que poderia lhe interessar, considerando... bem, você sabe.

– Sim e obrigada pelo convite, mas o que sua mãe faz, exatamente?

– Ela sabe que é abençoada por ser uma sobrevivente, então montou uma organização para captar recursos para mulheres que sofrem de câncer de mama; que estão no meio da luta ou em remissão, e familiares de mulheres que morreram da doença. As doações coletadas no evento beneficente são divididas entre o financiamento de tratamentos em progresso, extras ou, infelizmente, para gastos com funerais.

Emily soltou a respiração.

– O gesto dela é lindo.

– É, sim. Este vai ser o décimo ano desde que ela fundou a organização. O evento sempre acontece em outubro, durante o mês de conscientização e combate ao câncer de mama. É bastante espetacular, também. Black-tie, champanhe e todos os ricos de Nova York reunidos por uma noite para gastar o dinheiro com alguma coisa além de uma bosta de um cruzeiro para as ilhas Fiji ou um carro novo.

Emily riu.

– Bem, nós com certeza estaremos lá.

– Fico feliz por isso.

Sem uma única nuvem no céu, a cerimônia de abertura começou e, logo depois, o jogo estava a toda. Um estalo do taco ruidoso, atirando a bola para fora do campo, já deixou os Yankees animadíssimos. Durante toda a partida, Gavin chamou uma atenção indesejada para Emily, fazendo com que os torcedores dos Yankees que estivessem próximos o suficiente para ouvi-lo soubessem que ela estava torcendo para o time mais fraco, os Baltimore Orioles. Pessoas à sua volta a vaiavam toda vez que os Orioles faziam um ponto. E então ela dava uma cotovelada brincalhona em Gavin, prometendo pensar numa forma de retaliação. Ainda com fome e mais relaxada com a situação como um todo, Emily pediu um pretzel e decidiu tomar uma cerveja com ele. Ao final da sétima entrada, o jogo estava empatado, quatro-quatro, com todas as bases lotadas e os Yankees rebatendo.

Gavin deu um sorriso malandro para Emily e esfregou as mãos.

– Seus passarinhos estão prestes a perder.

– Você parece bastante confiante em relação a isso. – Ela riu. – Eu não teria tanta certeza assim.

Os olhos de Gavin se concentraram no canto daquela linda boca, onde havia uma manchinha de mostarda. Sem pensar, ele levou a mão até o lábio de Emily e o limpou com o polegar.

Sobressaltada com o gesto inesperado, ela se encolheu.

– É que... tinha mostarda no seu lábio – justificou-se ele. Controlando o enorme desejo de lambe o dedo, Gavin usou um guardanapo.

– Você desrespeitou a regra do “não me toque” – reclamou ela, arfando, ignorando o que o corpo lutava tanto para negar. Por mais breve que tivesse sido, o toque fora insanamente gostoso, o que era muito, muito ruim.

Ele fitou os lábios dela e, em seguida, voltou aos olhos.

– Eu poderia ter deixado aí.

– Ou ter me avisado, espertinho.

Gavin deu um sorriso tão contagiante que Emily não conseguiu evitar espelhá-lo.

– Pelo visto vou ter que cumprir a promessa e lhe dar uma lição por não jogar limpo.

Ele arqueou uma das sobrancelhas em sinal de incredulidade.

– Não que eu seja contra demonstrações públicas de afeto, sobretudo vindas de você, mas como pretende fazer uma coisa dessas num estádio lotado?

Emily abriu um sorriso malvado e inclinou o corpo para a frente, cutucando o ombro de uma mulher na fileira diante deles. Ela e a amiga que a acompanhava se viraram.

– Lamento incomodar – disse Emily à loura. – Meu amigo aqui gostaria de lhe dar o telefone dele. Achou você muito bonita, mas não teve coragem de abordá-la. Você tem namorado?

Gavin sorriu, balançou a cabeça e só faltou enterrar o rosto nas mãos de tanta vergonha.

A mulher e a amiga riram.

– Eu tenho, mas posso terminar o namoro por ele.

– Bem, não faz diferença. O fato de você ter namorado não é um problema para o meu amigo aqui – replicou Emily, fria. – Tem papel e caneta?

A mulher vasculhou a bolsa, sacou uma caneta e arrancou um pedaço do talão de cheques.

Entregou os dois a Emily, que os passou para Gavin.

– Tome aqui, companheiro. Anote os números para a moça bonita. – Ela riu e o cutucou com o cotovelo. – E deixe de ser tão tímido com as mulheres.

Exibindo seu sorriso cheio de covinhas, Gavin rabiscou depressa e devolveu o papel à loura. Ela deu uma olhada rápida e sorriu.

– Gavin, é? É um nome bonito para combinar com esse seu rostinho. Com certeza vou ligar.

Gavin assentiu e Emily riu.

– Você não tem escrúpulos – sussurrou ele, atirando uma casca de amendoim na cabeça de Emily.

Rindo, ela tirou a casquinha dos cabelos.

– Eu avisei.

Depois de muitas cascas de amendoim, o jogo terminou com os Yankees vencendo por três pontos. Durante toda a viagem de metrô de volta para Manhattan, Gavin demonstrou grande orgulho em lhe recordar o placar. Também confessou que o número que rabiscara para a mulher era falso. Em sua defesa, alegou que não curtia mais louras. Balançando a cabeça, Emily riu e o repreendeu. Ele a acompanhou no táxi para se certificar de que Emily chegaria bem em casa.

Pedindo ao motorista que mantivesse o taxímetro ligado, saltou com ela para levá-la à entrada do prédio.

Mais uma vez, Emily lhe estendeu a mão.

– Foi um prazer passar o dia com você, Gavin.

– Posso apertar sua mão? Não quero desrespeitar mais regras.

– Pode, sim.

Ele apertou a mão dela, sentindo a mesma onda de calor que lhe invadia toda vez que tinha a oportunidade de tocá-la. Sentindo-se como uma entidade cheia de malícia – egoísta e desejosa – ele a soltou, por fim.

– O prazer foi todo meu.

Respirando bem fundo, Emily o observou caminhar de volta ao táxi e partir. Enquanto subia de elevador, a cabeça foi ficando agradavelmente confusa, pensando naquele dia maravilhoso. Tentou se acalmar, ciente de que não devia ter passado a tarde com Gavin de forma alguma. O saldo era infernal, mas a libertação era doce, de uma forma perturbadora. Havia aprendido coisas a respeito dele que jamais imaginara serem possíveis. Algo se mexeu em seu peito, um desejo aumentado por Gavin misturado à dor pelo que ele havia sofrido.

Em um esforço para tirá-lo da cabeça, Emily se concentrou na ideia de que Dillon devia estar à sua espera. Para seu alívio, ele estava confortavelmente esparramado no sofá quando ela entrou em casa. Durante a hora seguinte, ele a encheu de detalhes sobre como havia conseguido uma das maiores contas que a firma conquistara nos últimos dez anos.

Depois de ponderar se devia ou não lhe contar sobre o dia com Gavin, Emily decidiu não fazê-lo, afinal não queria estragar a alegria de Dillon. Agora só faltava convencer a si mesma de que esse era o real motivo para manter o encontro em segredo. Então resolveu a discussão que incendiava sua mente da forma mais simples que pôde: ele não perguntou sobre o seu dia, então ela não contou.

10

Só um pouquinho

– MEU DEUS, EM, SERÁ que você poderia ocupar só mais um pouquinho do espelho? – brincou

Olivia, batendo com o quadril no de Emily na tentativa de ver o próprio reflexo. – Você está incrível. Agora deixe eu me ver.

Emily passou os dedos pelos cabelos, tentando lhes dar um pouco mais de volume sem uma dose desnecessária de laquê.

– Você está no meu banheiro, amiga. Vá usar o seu.

Suspirando, Olivia franziu a testa.

– Gosto mais do seu; então chegue para lá. Além do mais, sua amiga está esperando na sala, então deixe de ser grossa. Estarei pronta em um segundo, aí a gente pode se divertir até cair!

Rindo, Emily deu uma última olhadinha no espelho e saiu do banheiro. Pegou a roupa sobre a cama – uma saia preta curta de sarja e uma camisa vermelha de manga curta. Depois de se vestir, calçou sapatos pretos de salto e pediu a aprovação de Olivia. Brincalhona, Emily deu uma voltinha.

– Você está supersexy – disse a amiga.

Emily sorriu e foi para a sala de estar.

Fallon deu um pulo do sofá com os olhos cinzentos arregalados.

– Caramba, Emily, como você fica bonita depois de um banho!

Pondo as mãos na cintura, Emily deu um sorrisinho torto.

– Vou tomar isso como um elogio.

– Mas é, Caipirinha. É um elogio. – Ela jogou os cabelos ruivos com uma mecha completamente branca sobre o ombro. – Até hoje só a vi naquele uniforme preto e branco horroroso que eles nos obrigam a usar.

– Bem, muito obrigada, Fallon. Para outra garçonete que vive metida

num uniforme preto e branco horroroso, você também não está nada mal. Eu nunca conseguiria usar meias-arrastão como essas.

Fallon pôs a perna sobre a mesinha de centro e abriu um sorriso malicioso.

– O que, essas velharias? Ora, se eu pudesse, viveria enfiada numa meia-arrastão de corpo inteiro.

Bem, apesar de em geral eu não me importar com o que as pessoas pensam, a sociedade não consideraria isso muito apropriado, não é mesmo?

Emily balançou a cabeça e riu.

– Acho que talvez você tenha razão.

Olivia veio do quarto, usando um vestido vermelho e sapatos de salto combinando. Os cabelos estavam presos acima dos ombros e o vestido se ajustava como uma luva ao corpo violão. Depois de dar uma voltinha para Emily e Fallon, ela foi até a cozinha, pegou três copinhos e os encheu com uma boa dose de tequila.

– Vamos lá, senhoritas – gritou Olivia. – Vamos tomar umas para esquentar.

As três se deliciaram com uma dose, animadas com a noitada de farra. Depois de virarem uma segunda dose, ouviram uma breve batida à porta. Dillon entrou.

– Por que você se dá ao trabalho de bater, Babaca? – perguntou Olivia, revirando os olhos. Emily lhe deu uma cotovelada na barriga. Olivia arfou e se corrigiu: – Quero dizer, Dillon, é claro.

Ele lançou um sorriso gélido para Olivia e então seus olhos passaram a Fallon. O olhar voltou a Emily com uma expressão confusa.

– O que você está fazendo? Achei que fosse sair comigo hoje...

Emily atravessou a sala e passou os braços pelo pescoço dele.

– Não. Eu lhe avisei, outro dia mesmo, que teria uma noite só de meninas com a Fallon e a Olivia.

Dillon segurou os quadris dela de leve e se inclinou em direção ao seu ouvido, falando baixinho:

– Posso conversar com você no quarto, só um segundo?

Emily assentiu e ele pegou a mão dela, conduzindo-a depressa. Fechou a porta do quarto e cruzou os braços.

– Que porra é aquela lá fora? – sussurrou ele.

– Do que você está falando?

– Da maluca fantasiada de gótica, de blusa e saia de couro preta. Meu Deus, ela está usando uma merda de uma coleira com espetos, Emily. Tem piercings no lábio, no nariz, na sobrancelha e sabe-se lá onde mais.

Emily gemeu, se deslocando em direção à porta, mas Dillon a deteve, segurando-a pelo braço. Ela o encarou.

– Vai mesmo falar mal dela para mim? É uma garota legal, Dillon. Quem liga para a aparência dela?

– Se minha namorada vai sair com alguém, eu me importo com a aparência dessa pessoa. – Ele inclinou a cabeça e semicerrou os olhos. – Que tipo de atenção você acha que ela vai atrair com essa aparência?

Emily puxou o braço com força.

– Não estou preocupada com o tipo de atenção que ela vai atrair – sussurrou, num tom acalorado.

Ele passou as mãos pelos cabelos.

– Bem, que tipo de atenção acha que você vai atrair vestida desse jeito?

– Não vou ter esse tipo de conversa com você agora, Dillon. Não mesmo – avisou ela com uma voz grave e hostil, tentando passar por ele mais uma vez.

Dillon a agarrou pela cintura.

– Está bem, está bem. Sinto muito. Você está linda. – Ele aninhou o nariz no rosto de Emily enquanto pousava os braços dela no próprio ombro. – A qual boate vocês vão?

Emily suspirou.

– Cielo.

– Na Doze West?

– É.

– Muito bem, vou ligar para uns caras do trabalho e sair para fazer

alguma coisa com eles esta noite. – Ele a puxou e grudou os lábios nos dela.
– Você fica me devendo uma.

Com a boca ainda colada à dele, ela falou:

– Eu avisei sobre esta noite.

Ele soltou um gemido grave enquanto sugava o lábio dela.

– Devo ter esquecido. Voltei a trabalhar até tarde por causa da conta nova, você sabe. – Deslizou as mãos pela cintura dela. – A que horas você volta?

– Não sei – respondeu Emily, se esquivando do abraço. – Mas tenho que ir, elas estão me esperando.

Ele a puxou para mais um beijo e depois a acompanhou até a cozinha. Emily o apresentou rapidamente a Fallon. Com o olhar, avisou a ele que não dissesse nada que pudesse envergonhar qualquer um dos dois. Dillon apenas sorriu, embora Emily percebesse que continuava contrariado.

Depois que as três juntaram o que levariam para a noite, ele as seguiu até lá fora, chamou um táxi e pagou a corrida.

Antes que saíssem, porém, Dillon enfiou a cabeça pela janela traseira.

– Não voltem muito tarde, está bem? Vamos almoçar com meus pais amanhã.

Emily assentiu e ergueu o rosto para beijá-lo. Com isso, o motorista se afastou.

– Seu namorado é... simpático – comentou Fallon, os dedos percorrendo o teclado do celular com destreza. Olivia riu, mas tentou disfarçar cobrindo a boca.

– Obrigada, Fallon – disse Emily, prolongando cada sílaba enquanto encarava Olivia. – Ele pode ser meio superprotetor de vez em quando, mas é um bom rapaz.

Enquanto Olivia ria – dessa vez sem tentar disfarçar –, Fallon praguejou:

– Ah, merda! Um amigão meu está dando uma festa na casa dele em Staten Island hoje à noite. – Ela continuou a trocar mensagens de texto freneticamente. – O apartamento dele é incrível e ele dá festas de matar. Vamos para lá em vez da boate.

– Eu topo qualquer coisa – disse Olivia, vasculhando a bolsa. Ela olhou para Emily. – Tudo bem por você?

– Não estamos arrumadas demais para uma festa na casa de alguém?

Fallon sacou uma garrafinha de dentro da bolsa e tomou um gole. Fez que não com a cabeça.

– Não, pode acreditar. É uma festa do tipo vale-tudo. – Ela passou a garrafinha para Emily. – Beba, é minha especialidade.

Emily a aceitou e cheirou o conteúdo.

– O que é?

– Tome logo um gole, Em – disse Olivia, muito animada. – Você vive preocupada com o quanto bebeu.

– Eu já estou meio alta por causa daquelas doses de tequila e já tinha tomado um pouco de vinho enquanto me arrumava. – As duas a olharam de cara feia, esperando que provasse logo da garrafinha. – Está certo, tudo bem. – Ela deu uma última cheirada no líquido e bebeu um pouco.

Começou a tossir e a piscar, tentando conter as lágrimas. – Que diabos é isto?

Os olhos de Fallon se iluminaram numa risada silenciosa.

– Aguardente caseira, querida.

– Agora, sim – disse Olivia, ainda mais animada, estendendo a mão para a garrafinha. – Tomei esse troço uma vez quando estava no ensino médio. – Ela entornou uma boa dose, franzindo o rosto por causa do sabor, ao mesmo tempo que balançava a cabeça.

– Certo, então vamos à festa do meu amigo?

Emily deu de ombros.

– Vamos nessa.

Forneceram as novas coordenadas ao motorista e, depois de meia hora, pararam diante de uma elegante casa de três andares em Staten Island. Olivia pagou a diferença ao taxista e as mulheres desceram, todas um pouco vacilantes por conta da aguardente. A música ribombava pelas janelas fechadas, fazendo o chão vibrar. Soluçando, Emily riu, elas subiram as escadas e entraram na casa.

Havia várias torres de caixas de som em cada canto do primeiro andar, amplificando a música a ponto de Emily não conseguir ouvir nem os próprios pensamentos. Passou os olhos pelo ambiente e se deu conta de que Fallon não estivera brincando. Sem dúvida era uma reunião “vale-tudo”. Tinha desde gente vestindo roupa informal a trajes rebuscados, como se estivessem a caminho de uma formatura, além de garotas que não usavam quase nada: a multidão era uma mistura de todos os tipos de convidados.

De mãos dadas, Emily, Olivia e Fallon serpentearam pela multidão de mais de cem pessoas, até que enfim encontraram o dono da festa, Jacob, amigo de Fallon.

Depois de cumprimentá-lo com um abraço, Fallon berrou mais alto do que a música:

– Jakey, estas são Emily e Olivia.

Sem dizer nada, ele ofereceu um sorriso largo e pegou cada uma delas no colo, abraçando-as como se as conhecesse havia anos. Uma vez que as colocou de volta no chão, Emily e Olivia caíram na gargalhada.

– Bem-vindas a mi casa, senhoritas! O álcool está na cozinha. Tem lap dances de graça com algumas das strippers mais gostosas de Nova York no escritório lá embaixo; uma mesa de sinuca nos fundos da casa; banheiros estrategicamente localizados em cada andar; e, se vocês decidirem perder a cabeça com alguém, tem um monte de quartos com camas king-size no segundo e no terceiro andar – listou ele de uma só vez.

– Caralho, que máximo! – exclamou Olivia. – Você tem strippers aqui?

Passando uma das mãos pelos cabelos cor de cenoura, ele deu um sorriso diabólico.

– Elas sempre vêm em massa às minhas festas.

Olivia buscou as mãos de Emily e de Fallon.

– Meu organismo precisa de umas doses agora mesmo, garotas. – Ela se virou de volta para Jake e lhe deu uma piscadela: – Valeu, amigão.

Ele assentiu e se embrenhou outra vez pela multidão. As mulheres se esquivaram de diversos corpos dançantes, de um sujeito correndo de um lado para outro com uma cueca enfiada na cabeça enquanto uma garota com seios desnudos o perseguia, e de diversos casais no maior amasso.

Acabaram chegando à cozinha, onde um bar muito bem abastecido as aguardava.

Depois de mais duas doses de tequila, as três foram para o quintal e se meteram numa partida de uma hora de “vira-copo”. Emily escolhera rum, então agora sua cabeça começava a ficar, no mínimo, agradavelmente turva. Voltando para dentro da casa com Olivia ao seu lado, ela se recostou numa parede.

– Olivia – começou, com a voz arrastada –, eu estou legal...

– Eu sei que você é legal, Em – devolveu a amiga, a voz pura animação, também arrastando as palavras. – Mas pare de se gabar.

Balançando a cabeça, Emily riu.

– Não, você não me deixou acabar de falar, sua vaca. – A cabeça despencou para um dos lados. – Eu estou tentando... – ela soluçou – lhe dizer que estou legal... – mais um soluço – de beber.

– Eu também, garota. – Olivia riu e guinchou feito um porco.

Emily balançou a cabeça mais uma vez.

– Não, mas eu... – soluço – tenho quase certeza de que estou vendo coisas também. – Ela apontou para a porta com os olhos semicerrados. – Veja só. Aqueles dois caras que acabam de entrar... – soluço. – São a cara do Gavin e do Trevor.

Olivia deu uma gargalhada.

– Sua bobona, você não está vendo coisas. São mesmo o Gavin e o Trevor.

Emily ficou com uma expressão confusa enquanto espiava as duas imagens indistintas caminhando diretamente para onde estavam.

– Você está brincando comigo, né? – Soluço. – Como é que eles iam saber – soluço – que a gente estava aqui?

Olivia mordeu o lábio enquanto oscilava de um lado para o outro.

– Como eu sei que você anda amiguinha do Gavin, resolvi ligar para o meu irmão. Eles estavam juntos. – Ela franziu a testa para Emily, num gesto inocente. – Aí contei uma mentirinha para o Trevor para fazer os dois virem até aqui.

Antes que Emily pudesse perguntar sobre a mentirinha, Gavin e Trevor chegaram até elas, ambos com os rostos cheios de preocupação. Gavin pôs as mãos nos ombros de Emily.

– Você está bem? – Os olhos varreram o corpo dela automaticamente, como se avaliassem se estava machucada.

Ela o fitou com uma expressão perdida.

– Onde está ele, porra? – perguntou Trevor a Olivia, cerrando as mãos.

– Vá com calma, maninho! – Olivia riu. – Ele já foi posto para fora.

Os olhos de Trevor passaram a Emily. Ergueu-lhe o queixo e virou-lhe a cabeça de um lado para o outro.

– O cara machucou muito você?

Agora ela estava com as mãos de Gavin em seus ombros e os dedos de Trevor sob seu queixo.

Olhando para Olivia com ar confuso, deixou escapular um soluço.

Olivia agarrou o braço de Trevor.

– Ele não a machucou. Ela só ia começar a dançar com o cara, mas ele foi ficando meio saliente.

Como eu disse, o dono da festa o botou para fora.

Gavin deu um passo atrás e tirou as mãos dos ombros de Emily.

– Liv, você disse que o cara deu um tapa nela.

Olivia enterrou o rosto dentro do copo.

– Eu disse? – Ela riu.

– Disse, Olivia. Você fez parecer que ela havia apanhado e sido jogada no chão – vociferou Trevor.

Fallon foi chegando aos tropeços e interrompeu o que estava prestes a se transformar numa discussão fraterna em público. Ela estudou Gavin por um segundo.

– Ei, você é o cara do restaurante. Aquele para quem mandei Emily dar o meu telefone.

Ele sorriu.

– É, acho que sou eu mesmo.

Fallon retribuiu o sorriso e desviou os olhos para Trevor.

– E você quem é?

– Eu sou o irmão mais velho da exagerada aqui. – Ele apontou para Olivia e voltou a atenção para Fallon. – E quem é você?

– Eu sou uma garota que curte muito garotos louros de óculos.

– Que simpático... eu me encaixo nessa descrição. E eu sou um cara que curte uma garota que diz o que pensa. Quer dançar?

Fallon pegou a mão de Trevor, entrelaçando os dedos nos dele, e o conduziu até a sala de estar.

Trevor se virou para Gavin e fez sinal de positivo para o amigo. Gavin riu.

– Entããã – disse Olivia, esticando a palavra ao máximo, um sorrisinho maroto brincando em seu rosto. – Vejo vocês mais tarde. – Ela sumiu em meio à multidão, a risada ecoando acima da música.

Gavin se virou para Emily e notou o brilho vidrado e revelador em seus olhos.

– Bem, pelo visto você deve estar se sentindo ótima agora.

Ela chegou mais perto dele e inclinou a cabeça para cima a fim de olhá-lo.

– Alguma vez alguém já lhe disse que você é muito shmexy?

– Shmexy? – Ele riu. Não esperava aquela pergunta. – Você não quer dizer sexy?

– Não, tem shmexy e tem sexy. E você, meu amigo, é shmexy.

Ele ergueu uma das sobrancelhas, aquela voz rouca de operadora de telessexo o deixou imediatamente excitado.

– Hum e qual dos dois é melhor?

– Shmexy.

– Bem, muito obrigado. Você é bastante shmexy, se me permite dizer.

Emily agarrou a mão dele e caminhou em direção à cozinha.

– Venha tomar uma dose comigo, Gavin.

– Você já não bebeu o bastante?

Ela parou de repente, e o peito de Gavin bateu nas suas costas. Emily se virou subitamente e deu de cara com ele, que lhe agarrou a cintura para ajudá-la a se equilibrar.

– Alguma vez alguém já lhe disse que você tem os olhos azuis mais incríveis, lindos e shmexy?

– Por que tantas perguntas, amiga? – quis saber ele, se divertindo um bocado.

– Nós somos amigos e amigos fazem perguntas.

Com todo cuidado, ele ajeitou os cabelos de Emily atrás dos ombros e sorriu.

– Sim, já me disseram que tenho olhos bonitos.

– Não, eles não são só bonitos. – Ela soluçou. – Eles... – Fez uma pausa, umedecendo os lábios. – São olhos de alcova.

– Então eu sou shmexy e tenho olhos de alcova, é?

Assentindo, ela entrelaçou as mãos nas dele outra vez e o arrastou até a cozinha. De pé diante de um estoque sensacional de bebidas alcoólicas, ela pegou um copo plástico vermelho da enorme pilha e o entregou a Gavin.

– Escolha seu veneno, homem shmexy de olhos de alcova.

Cruzando os braços, Gavin a avaliou por um momento.

– Acho que vou segurar a onda com a bebida por enquanto.

Emily arregalou os olhos, o corpo oscilando.

– O quê? Não, você vai tomar uma dose comigo. – Ela roçou as pontas dos dedos no rosto dele. – Por favorzinho...

Como se a forma fofa e infantil de ela lhe pedir aquilo não fosse o bastante, os dedos macios em seu rosto o fizeram questionar seu instinto de não beber com ela, considerando que Emily já estava bastante bêbada. Gavin engoliu em seco.

– Só uma dose.

Ela ficou radiante.

– Vamos lá, de volta à questão anterior. Escolha seu veneno.

– Escolho bourbon. – Ele meneou a cabeça em direção a uma garrafa de George T. Stagg.

– Este? – perguntou ela, empunhando a garrafa escolhida.

Ele assentiu e lhe entregou o copo. Emily começou a enchê-lo e não parou.

– Ei, espere aí, sua assassina! – Gavin riu e tomou o copo dela. Caminhando até a pia, despejou três quartos do conteúdo. – Isto deve bastar por enquanto.

Emily articulou a palavra chato e, mais uma vez, tomou a mão de Gavin, rebocando-o para a sala com sua energia frenética.

– Dance comigo – pediu, rouca, encarando-o com um sorriso sedutor.

– Não, vou só dar uma relaxada aqui. – Gavin apontou para um sofá cheio de gente que parecia estar tão chapada quanto Emily. – Vá em frente. Vou me recostar e assistir com o mais óbvio apreço masculino.

Desafiadora, ela empinou o queixo.

– Pfft, você é quem sai perdendo, amigão.

Ele riu e ficou observando quando ela saiu rebolando por entre a multidão.

Em algum momento Emily acabou encontrando Trevor e Fallon no maior amasso. Gavin a viu olhando para ele. Os cabelos desgrehados criavam uma tumultuosa cortina castanho-avermelhada que ia e vinha enquanto o corpo de Emily se movimentava, provocante, ao som da música. Ele precisou de todo o autocontrole que possuía para não se levantar e agarrá-la. Mas sabia que dançar com ela bêbada daquele jeito, combinado ao seu próprio estado de excitação exacerbada, seria perigoso. Emily sem dúvida estava dando um show para ele. Encostou-se no peito de Fallon e foi acariciando o próprio corpo com as mãos até chegar à cintura. Os olhos de Trevor se arregalaram diante da performance, mas ele continuou atrás de Fallon, roçando os quadris na bunda dela.

Os olhos de Emily encontraram os de Gavin e ela o chamou com um dos dedos. Ele semicerrou os olhos e inclinou a cabeça, fingindo-se confuso

enquanto apontava para si, como quem perguntava se era com ele mesmo. Ela assentiu. Ele articulou a palavra “não” e apontou para uma garota desmaiada ao seu lado. Embora não pudesse ouvi-la, Emily riu, sorrindo de orelha a orelha, ao mesmo tempo que continuava a requebrar de encontro a Fallon.

Gavin desviou a atenção de Emily quando a garota inconsciente ao seu lado se sentou de súbito e concluiu que a almofada na qual estava deitada era o lugar perfeito para vomitar. Uma de suas amigas testemunhou a cena nojenta, arrastou a menina do sofá e a ajudou a chegar ao banheiro.

Colocando-se de pé, Gavin atravessou a sala de estar, esquivando-se habilmente de vários bêbados que se seguravam uns aos outros de forma a permanecerem em pé.

Recostou-se na parede e varreu a multidão com os olhos à procura de Emily. Quando a encontrou, Trevor e Fallon não estavam mais com ela. No lugar deles havia um sujeito que ia deslizando as mãos até a cintura dela, os olhos a despi-la, a boca em sua orelha – não, espere – agora estava em seu pescoço. Gavin a avaliou brevemente e ela lhe pareceu satisfeita com o que estava acontecendo – embora Gavin não estivesse. Uma onda de ciúme correu o corpo dele, e com apenas alguns passos chegou até Emily. Com os ombros apurados, um músculo latejando na mandíbula e os olhos tomados de uma calma letal, Gavin atravessou o outro homem com um olhar furioso. Gavin não disse uma única palavra, mas nem precisou, pois o bêbado logo compreendeu o que ele queria dizer e foi se afastando aos poucos, até sumir.

– Você veio dançar comigo – suspirou Emily, a pele brilhando de suor.

Sem avisar, ela deslizou as mãos pelo peito rijo e musculoso de Gavin. Depois enlaçou o pescoço dele e puxou seu rosto para perto.

– Gosto de dançar com homens shmexy.

Com os rostos a poucos centímetros de distância, um aumento súbito de calor regado à adrenalina correu pelas veias de Gavin. Sua boca formigava de ansiedade enquanto fitava os lábios carnudos de Emily, recordando-se da sensação daquele beijo. Tentou – Deus sabe que tentou – manter as mãos longe dela, mas não conseguiu. Quando se deu conta, estava deslizando-as lentamente pela cintura de Emily, demorando-se enquanto enroscava os

polegares no cóis da saia.

Ele a puxou, se refestelando ao sentir o suor dela em sua pele.

Foi a vez de Emily morder o lábio enquanto os olhos penetravam os dele com a mais pura e genuína luxúria. A música pulsante e o membro rijo dele de encontro à sua barriga só a incitavam ainda mais. Um gemido suave lhe escapou dos lábios, mas ela não soube dizer se Gavin percebeu.

Então ela se virou, arqueou as costas de encontro ao peito dele e ergueu a cabeça. Mal chegava aos ombros dele. Muito devagar, ele puxou os braços dela e os posicionou ao redor do próprio pescoço.

Enquanto os dedos dela se emaranhavam em seus cabelos, Gavin ia descendo as mãos pela curva dos cotovelos dela, roçando as laterais dos seios para, por fim, retornar à cintura. Com seus corpos se movimentando em sincronia e 50 Cent cantando “Just A Lil Bit” ao fundo, Emily sentiu o coração tropeçar quando os lábios de Gavin roçaram sua orelha.

Agora ela queria se virar outra vez e ficar de frente para ele, ver aqueles lindos olhos e absorver cada centímetro daquele corpo delicioso, mas quando tentou fazê-lo, Gavin a segurou no lugar. Ele a estava provocando e ela sabia disso. O toque dele ia deixando um rastro de calor cortante a cada centímetro da pele sensível. Fazia com que ela ansiasse por mais. A atenção dele estava rapidamente se tornando um vício do qual ela achava que nunca iria se cansar. Emily poderia ter ficado naquela posição a noite toda, não fosse uma necessidade fisiológica.

Virando-se depressa, fitou-o no fundo dos olhos.

– Preciso ir ao banheiro. – As palavras saíram muito ofegantes.

– Eu a acompanho – respondeu ele, secando o suor da própria testa.

– Não precisa.

Ele sorriu de maneira quase inquisitiva.

– Não vou deixar você sair perambulando sozinha por este cenário caótico.

Brincalhona, ela flexionou o bíceps.

– Sério, eu sou durona.

– Bem, você é uma menina linda e durona, então eu me sentiria melhor

tendo certeza de que não vai ser atacada a caminho de eliminar um pouco do álcool do organismo.

Ela deu de ombros.

– Acho que você está certo.

Pegando-a com delicadeza pelo cotovelo, ele a conduziu até um dos banheiros do primeiro andar. A longa fila dava voltas em torno da cozinha, então resolveram tentar um dos toaletes do andar de cima. Emily espiou aquele monte de degraus com certa tristeza. Gavin sorriu diante da reação dela e a ajudou a subir. Para seu desespero, a fila estava ainda maior. Ele deu uma gargalhada sonora e rouca diante da expressão de Emily. Ela balançou a cabeça e explicou que havia um terceiro andar com ainda mais banheiros. Gavin a ajudou a subir as escadas outra vez. O último andar estava praticamente vazio e não tinha fila, então Emily resolveu o problema em dois minutos.

Quando voltou, encontrou Gavin encostado na parede, os olhos colados nos dela enquanto ela se aproximava. Troçando da posição na qual ele se encontrava, ela se pôs ao lado dele, os ombros quase se roçando. Virou a cabeça para olhá-lo.

– Obrigada por se certificar de que eu não fosse atacada até chegar aqui em cima.

Descolando-se da parede, Gavin se postou na frente de Emily – tão próximo que sentia o calor emanando do corpo dela.

– Sem problema. Está pronta para voltar lá para baixo?

Cavando a própria destruição, ela fez que não com a cabeça. Os sons da música e da festa, vindos lá de baixo, foram sumindo. Além da própria respiração acelerada, Emily só conseguia ouvir a voz de Gavin e sentir o hálito quente lhe acariciando o rosto como uma pluma.

Gavin sentiu as emoções se infiltrarem pelos os olhos dela. Tesão. Desejo. Necessidade. Tudo isso espelhando as próprias emoções. Ele chegou mais perto. Os olhos dos dois não se desviaram.

– Me diga o que você quer – sussurrou ele.

Sem responder e agindo por impulso, ela pressionou o corpo contra o dele, sentindo-se em meio àquela solidez. Lentamente, enlaçou o pescoço

dele, olhou fundo em seus olhos e inalou o aroma suave e almiscarado da colônia dele. Ancorou-o com um olhar lascivo, os lábios de ambos a centímetros de distância, o hálito dela, doce e permeado pelo álcool, dançando diante do rosto dele.

– Diga, Emily. – As palavras saíram num rosnado grave enquanto ele agarrava seus quadris. – Eu preciso ouvir você falar.

Mesmo em meio ao seu torpor alcoólico, ela sabia o que ele queria dizer.

Com a respiração ofegante, ela mal conseguiu pronunciar as palavras.

– Eu... eu quero você.

Com o peso do corpo, Gavin a encostou na parede e lambeu o ponto macio abaixo do lóbulo da orelha dela.

– Diga quanto você me quer – pediu ele, ofegante.

O calor pulsava na barriga dela e formigava por todo seu corpo enquanto a língua dele ia desenhando uma linha úmida e tórrida pescoço acima.

– Oh, Deus, Gavin – gemeu ela, estremeando. – Você está nos meus sonhos, nos meus pensamentos, na minha pele.

Antes que Emily pudesse recuperar o fôlego, ele tomou sua boca. Os lábios dele provocaram um choque, rompendo o ritmo e a estabilidade de seu coração pulsante. Ele tinha sabor de menta, de um pouco de álcool e de alguma coisa típica de Gavin. Um calor delicioso se espalhou por todos os músculos, fibras e células do corpo dela. Com uma das mãos espalmada na base das costas de Emily, Gavin mergulhou a outra nos cachos embaraçados de seus cabelos. Ela gemeu baixinho enquanto o calor da boca dele deslizava com facilidade pelos próprios lábios. O ataque ao seu sistema nervoso foi quase esmagador, não lhe permitindo um único pensamento coerente. Ele certamente a deixara sem fôlego na primeira vez em que se beijaram, mas naquele exato instante, furtivo como um gatuno, ele tentava lhe roubar o coração.

Com álcool, tesão e desejo correndo nas veias, Emily mal se deu conta de que saíram aos tropeços, rumo a algum quarto vazio. Gavin fechou a porta com o calcanhar. Ele gemeu ao afastar brevemente os lábios, dando a Emily apenas tempo suficiente para arrancar a blusa dele. Os dedos de Gavin se

atrapalharam tentando desabotoar a camisa dela, mas por fim conseguiu e a jogou no chão. Os dois ficaram cara a cara, ambos com o peito arfando – Emily só de sutiã, saia e saltos, e Gavin só de calça –, fitando-se por um segundo.

A conexão entre os dois se fez sentir. Sem afastar os olhos dos dela, Gavin baixou a cabeça e grudou os lábios nos de Emily outra vez, o sabor ainda melhor do que ele lembrava. As mãos foram vagando pela pele macia enquanto ele estudava cada centímetro, lendo a carne dela como um romance escrito em braile. Tudo nela era delícia pura. Ele a beijava como se o breve período que haviam passado separados o tivesse privado das necessidades humanas mais básicas. Emily deixou escapar um gemido enquanto a língua dele deslizava por sua orelha, pelo pescoço e pela clavícula.

Aquele gemido levou o corpo e a mente de Gavin além do limite. Os dois desabaram na cama.

O nome de Dillon passou depressa pela cabeça de Emily, junto com a culpa pelo que estava prestes a fazer, mas tais pensamentos desapareceram quando Gavin puxou seu sutiã de renda branca.

Pressionando os joelhos entre os dela, fazendo com que se abrissem, ele inclinou a cabeça para baixo e lambeu a suave curva de seus seios. Envolvendo o bico enrijecido com os lábios, sugou delicadamente. Emily sentiu-se corar e ficar mais excitada enquanto pressionava o corpo contra a boca de Gavin, se contorcendo diante do mais ardente desejo. A língua dele desenhava círculos lânguidos, fazendo o calor abrasador aumentar segundo a segundo.

Gavin puxou a saia dela acima da cintura, os beijos se tornando frenéticos enquanto a mão acariciava a pele suave entre as pernas de Emily. Ela gemeu quando ele baixou sua calcinha. E ela perdeu o fôlego mais uma vez quando aqueles ardentes olhos azuis pararam para observar sua reação assim que Gavin deslizou dois dedos – e depois um terceiro – para dentro de suas dobras úmidas. Ela arqueou as costas com aquela sensação, arfante, sem desgrudar os olhos dos dele.

Ergueu os braços, embrenhando os dedos pelos cabelos de Gavin e o puxou de volta aos seus lábios.

À medida que o beijo se tornava mais profundo, Gavin reagiu com um gemido longo e intenso, que apenas aumentou o fervor de Emily.

A boca que cobria a dela era quente e faminta – a língua deslizava para dentro e para fora, se deliciando com a doçura dela até buscar por mais. O corpo pulsava de prazer enquanto as unhas de Emily se cravavam nos ombros de Gavin, rasgando, se enterrando enquanto ela rebolava os quadris, apertando-os contra a mão dele.

Recuando, Gavin descolou os lábios de Emily enquanto continuava a penetrá-la com os dedos, a respiração dela ficando cada vez mais acelerada enquanto o olhar dele percorria seu lindo rosto.

Fitando aqueles olhos salpicados de verde e dourado, um nó se formou no peito de Gavin, quase o impedindo de respirar. Ela era o fruto proibido e Deus sabia quanto ele queria prová-la. Faria qualquer coisa para tê-la. Ansiava desesperadamente por ela. Precisava dela. Mas percebeu que, por mais que ardesse por aquele momento, não podia possuí-la bêbada. Não se permitiria tomá-la daquele jeito: na casa de um estranho. Ele a queria quando ela estivesse consciente e sóbria – e na cama dele. Queria acordar com ela ao seu lado e precisava saber que o álcool não a estava influenciando. Tirou os dedos de dentro dela numa tentativa de parar, mas assim que o fez, Emily segurou seu punho e enfiou os dedos úmidos na boca, sugando cada um deles como um pirulito.

O gesto simples foi tão deliciosamente lascivo que Gavin sentiu o sangue correr pelo corpo ainda mais depressa. Mais uma vez, colou os lábios aos dela, sufocando os gemidos de Emily enquanto tornava a mergulhar os dedos em seu calor. Ele a beijou com mais vontade, grunhindo quando ela ergueu a perna para lhe a enlaçar cintura. Quando Emily largou os cabelos dele e correu os dedos pela barriga definida para desabotoar sua calça, Gavin soube que precisava parar de novo. Com um esforço torturante, brutal e agonizante, ele se levantou da cama de repente, o peito arfante.

Atravessou o quarto até a extremidade oposta, alisando os cabelos.

Deitada em choque na cama, tentando recuperar o fôlego, Emily olhou para ele com o rubor do desejo ainda florescendo em suas faces.

– Qual é o problema? – arquejou, com a voz irregular.

– Não posso fazer isso, Emily. – Ele pegou a blusa no chão e a vestiu. Pegando a camisa dela, atirou-a sobre a cama, certificando-se de não chegar perto demais. Caso o fizesse, não haveria como recuar. – Levante e se vista.

Emily se sentou, sentindo a humilhação percorrê-la, e vestiu a camisa.

– Eu pensei que você quisesse isso.

Sem saber o que dizer, olhando para aquele lindo rosto e ainda tentando acalmar os próprios hormônios, Gavin engoliu em seco e apenas balançou a cabeça.

– Ai, meu Deus, eu sabia que isso ia acontecer – sussurrou Emily, ficando de pé aos tropeços, a cabeça ainda zonzinha. – Você não me quer. Nunca me quis. Eu não passo de uma de suas conquistas doentias e pervertidas para preencher seus vazios. Mais um peão no jogo de “vamos foder a cabeça das mulheres”.

Com duas passadas breves, Gavin cruzou o quarto. Segurando o queixo dela, roçou o polegar pelo lábio inferior.

– Não, Emily, me ouça.

Ela arrancou a mão dele do rosto com um tapa enquanto as lágrimas começavam a brotar.

– Não consigo acreditar nisso. Estou me sentindo uma idiota.

– Emily – sussurrou ele. O fato de ela estar obviamente bêbada o fazia sentir-se bem inferior ao homem que pensava ser. – Por favor, não pense que não quero você. O que acaba de acontecer... – falou, apontando para a cama. – Esse pouquinho que tive de você, me faz querer muito mais... só esse bocadinho deixa qualquer uma com quem já estive no chinelo. Eu desejo você mais do que qualquer coisa. Só não quero que seja assim.

Aparentemente imune à declaração, Emily tentava abotoar a camisa.

– Você não me quer. Preciso ir embora. – Ela fungava, tentando se dirigir à porta.

Gavin a segurou pelo cotovelo e a virou, pondo as mãos em seus quadris. Ela tentou se afastar, mas entre a pegada firme dele e a quantidade de álcool em seu organismo, a tentativa foi inútil. Ele baixou a cabeça e a fitou nos olhos.

– Acha que foi fácil para mim me conter, Emily? Você não tem a menor ideia do quanto quero fazer isso com você... tocá-la outra vez – sussurrou, acariciando o rosto dela –, voltar a sentir seu gosto. – Ele lambeu os lábios, saboreando o que restava dos fluidos dela. – Enfim ter você embaixo de mim. – Os dedos dele iam penteando os cabelos dela, suavemente. – Eu já disse... desejo você mais do que qualquer coisa, mas não aqui nesta casa, não com você bêbada.

Uma ruga de reprovação se formou entre as sobrancelhas de Emily enquanto ela secava uma lágrima do rosto.

– Ah, agora a epifania aparece, não é? – Ela se afastou do controle dele com rispidez e se aproximou da porta, cambaleante. – Vá para o inferno, Gavin.

Ainda tentando ajudá-la, Gavin a pegou no colo com um movimento único e gracioso, como um recém-casado carregando a noiva. Sem escolha, Emily agarrou o pescoço dele, ainda arfante.

– Me ponha no chão.

– Você mal consegue andar.

– Consigo andar perfeitamente bem. Agora, me ponha no chão!

Gavin ignorou o pedido e abriu a porta com um puxão. O corredor que antes estivera vazio mais parecia um prostíbulo de primeira linha, com casais se beijando e se apalpando em tudo que era canto. Saber que ele tivera Emily presa naquele quarto numa cena não muito diferente daquela, apenas o deixou ainda mais nauseado. Desceu a escada correndo com ela no colo. Embora Emily estivesse se contorcendo para escapar, suas tentativas eram vãs. A cabeça pendia para trás e os olhos se fechavam a cada passo de Gavin. Nem mesmo a música ensurdecadora foi capaz de tirá-la de seu estupor alcoólico.

Perscrutando a multidão de corpos ébrios, o olhar de Gavin cruzou com o de Trevor, que estava numa espreguiçadeira com Fallon enroscada em seu colo. Trevor franziu a testa quando viu Gavin com Emily. Parecendo estar, ela própria, inconsciente, Fallon permaneceu na poltrona quando Trevor se levantou e foi até o amigo.

– O que houve com ela?

– Não está se sentindo muito bem – respondeu Gavin. – Vá buscar sua irmã e me encontre no carro.

Emily ergueu a cabeça do ombro de Gavin, devagar. Sorriu para Trevor.

– Eu estou ótima, Trevor – disse com a voz pastosa. – Mas Gavin é um babaca.

Ela fechou os olhos e a cabeça despencou mais uma vez sobre o ombro dele, os braços pendiam, moles. Trevor arqueou uma das sobrancelhas.

– Não pergunte agora – observou Gavin. – Apenas faça o que eu disse.

– Bem, tenho quase certeza de que vou para a casa de Fallon esta noite – exultou Trevor. – Vai nessa, coloque Emily no seu carro que vou achar Liv e mandá-la sair.

Gavin assentiu e seguiu desviando das pessoas. Alguns caras assoviavam e davam vivas, gritando que ele estava indo para casa com “uma chapadona filé”. Lutando contra o desejo de colocar Emily no chão e sair nocauteando todo mundo, Gavin continuou a serpentear pela multidão e, por fim, saiu pela porta da frente. Os olhos de Emily tremularam e abriram quando Gavin tentou colocá-la de pé para abrir a porta do carona.

– Eu não vou na frente com você, Gavin – disse ela, sem nenhuma firmeza.

Cambaleando para longe dele, Emily se agarrou à porta traseira e foi deslizando pelo banco de trás. Uma fração de segundo depois, já havia desmaiado.

Balançando a cabeça, Gavin contornou o carro, entrou, deu partida no motor e parou na frente da casa. Alguns minutos depois, com a ajuda do irmão, Olivia se sentou no banco do carona.

– Certifique-se de que minhas duas meninas cheguem em casa direitinho – alertou Trevor. – Ligo para você amanhã, cara.

Gavin assentiu.

– Eu te amo, irmãozinho. – Olivia riu e soprou um beijo quando iam se afastando. Depois de olhar para Emily no banco de trás, tirou os saltos e colocou os pés sobre o painel do carro. – Cacete, ela foi a nocaute, hein?

Gavin não respondeu, olhava fixo para a frente.

Olivia virou-se mais uma vez para espiar Emily e voltou os olhos para Gavin.

– Ih, merda. Aconteceu alguma coisa entre vocês?

Balançando a cabeça, ele apertou o volante com mais força ainda.

– Me faz um favor, Olivia. Quando ela acordar, diga que parei por todos os motivos certos, só isso.

Conhecendo-o há tempo suficiente, Olivia não insistiu e passou o restante do caminho em silêncio. O único momento em que Emily despertou foi quando Gavin parou para pagar o pedágio na ponte Verrazano-Narrows. Murmurou alguma coisa inaudível e logo dormiu de novo. Quando chegaram ao prédio, Olivia também já estava cochilando e Gavin teve que acordá-la.

O barulho de portas de carro batendo despertou Emily, que se sentou com o corpo vacilando.

Com a vista turva, mal conseguia enxergar Gavin ao lado do carro, conversando com Olivia.

Deslizando pelo banco traseiro, Emily escancarou a porta e quase foi ao chão ao tentar sair. Gavin a segurou pelo braço antes de os joelhos baterem no concreto.

Emily lhe lançou um olhar gélido e puxou o braço.

– Não me toque!

Agarrando-a pela cintura, Gavin prendeu o corpo dela contra o seu e a colou na carroceria, a respiração ofegante e a expressão dura. Os olhos de Olivia se arregalaram diante daquela cena.

– Entre, Liv – disse ele sem se virar para olhá-la. – Eu subo com ela daqui a um minuto.

– Gavin, sinto muito. Foi tudo culpa minha, eu não deveria...

– Olivia, a culpa não é sua. Entre logo – ordenou ele, mais ríspido.

Olivia cobriu a boca com a mão e se afastou.

Emily olhou para ele com um sorriso sarcástico.

– Você gosta mesmo de partir o coração das garotas, não é?

Com o olhar calculista penetrando o dela como fogo, a mão imensa de Gavin passou por trás da nuca de Emily e a puxou para um beijo. Ela não resistiu. Na verdade, se agarrou aos cabelos dele, puxando-o com força de encontro ao próprio corpo. Gemendo grudado à boca delicada, Gavin dominou o beijo com facilidade. Não se importava com os olhares de quem passava – não queria nem saber se Dillon os veria! A única coisa que lhe importava era que Emily soubesse quanto a desejava.

E tão rapidamente quanto iniciara àquele beijo, Gavin deu-lhe um fim. Mais uma vez no papel do marido recém-casado, ele tomou Emily nos braços e a carregou através do saguão do prédio e para dentro do elevador. Ao colocá-la de pé, seus olhares se encontraram. Foi uma questão de segundos até se beijarem outra vez, chocando-se com violência. Deu-se início a uma disputa de poder das mais ferozes: mãos deslizando para cima e para baixo, as costas de Emily pressionadas contra a parede, os cabelos de Gavin sendo puxados, as pernas dela em torno da cintura dele, grunhidos e gemidos de ambos os lados. O desespero de Gavin para arrancar as roupas dela e se plantar em seu interior, ali mesmo, no elevador, crescia depressa.

Quando as portas se abriram, eles pararam. Gavin passou as mãos pelos cabelos, desarrumando-os ainda mais, e Emily ajeitou a saia. Entrando no apartamento, encontraram Olivia adormecida no sofá. Ele seguiu Emily até o quarto e a viu se deitar na cama. Sem olhá-lo outra vez, ela rolou, deixou escapar um suspiro e desmaiou.

Cruzando os braços, Gavin encostou no vão da porta. Seus olhos observaram o peito de Emily subindo e descendo, adormecida. Se não fosse a porta da frente ter se fechado com um baque, chamando a atenção dele, teria passado a noite toda a observando. Gavin foi para o corredor e entrou na cozinha, onde encontrou Dillon jogando as chaves sobre a bancada.

– Que diabos você está fazendo aqui? – perguntou Dillon, desconfiado.

– As meninas foram a uma festa numa casa em Staten Island e a Emily teve um problema com algum babaca. Olivia ligou para Trevor e fomos lá para ver se estava tudo bem.

Dillon franziu a testa.

– Espere aí, elas foram a uma festa? Ela mentiu para mim, porra! Era para terem ido à Cielo. – Gavin estava prestes a responder, mas Dillon

continuou: – E por que ninguém me ligou?

Sem gostar do tom de Dillon, Gavin inclinou a cabeça e semicerrou os olhos azuis.

– Acho que decidiram ir à festa em vez de ir à boate. Da última vez que verifiquei, mulheres tinham o direito de mudar de ideia. – Gavin deu um passo à frente. – Se prestasse atenção na porra do seu telefone de vez em quando, teria visto que Trevor tentou, sim, ligar para você. Por que não experimenta limpar sua caixa postal para alguém poder lhe deixar uma merda de um recado, hein?

Dillon cruzou os braços, a expressão gélida.

Gavin o encarou por um segundo, tentando controlar a adrenalina, e sua voz soou assustadoramente tranquila:

– Conforme eu disse, fomos até lá, nos certificamos de que estava tudo bem e eu as trouxe de volta. – Tirou as chaves do bolso sem afastar os olhos dos de Dillon. – Seja um bom namorado e tenha aspirinas e água à disposição quando Emily acordar. Ela vai precisar.

Sem mais uma palavra, Gavin foi embora.

11

Mar de incerteza

NA MANHÃ SEGUINTE, Gavin preparou um bule de café na esperança de que a bebida forte afastasse seus pensamentos de Emily. Caminhando até uma janela, viu o céu tomado por nuvens cinzentas e ameaçadoras. Elas combinavam perfeitamente com seu astral. Sentia uma crescente agitação pela falta de autocontrole enquanto lembranças dos doces lábios de Emily se enredavam por seus pensamentos. O aroma do perfume dela permeava seus poros e o intoxicava. Embora o corpo ainda zumbisse de prazer pelo encontro, a mente estava presa num emaranhado de emoções.

Uma batida à porta interrompeu seus devaneios acalorados. Ao abri-la, deu de cara com Trevor e seu sorriso largo. Estava num estado de espírito bem melhor que o de Gavin.

– Caramba, cara, você está com uma aparência de merda – comentou Trevor, acomodando-se no sofá com as longas pernas esticadas à frente.

Gavin se serviu de uma xícara de café e se empoleirou numa banqueteta na cozinha.

– Não consegui dormir.

– Sinto muito, meu chapa. Eu dormi como um bebê, nos braços de Fallon.

– Pelo visto, correu tudo bem.

– Mais do que bem – replicou ele, a vitória estampada no rosto. – Na verdade, gostei muito dela.

Tem uma personalidade divertida, bacana e, para melhorar, é meio doidinha. Quero dizer, gosta das duas coisas.

Levantando uma das sobrancelhas, Gavin deu um sorriso cretino.

– Sua irmã também gosta das duas coisas.

Trevor estremeceu.

– Você tinha que acabar com meu bom humor? – Gavin deu de ombros. Trevor o encarou por vários segundos, parecendo ler alguma coisa em seus olhos. – E então, vai me contar o que está acontecendo entre você e a Emily?

– Não tem nada acontecendo entre mim e Emily – interrompeu ele, ríspido.

– Cara, a gente se conhece há catorze anos. Senti que havia alguma coisa rolando entre vocês dois e a noite de ontem só confirmou isso.

Gavin se levantou e caminhou até a janela enquanto pensava no que dizer. A resposta foi lenta e apreensiva:

– Eu caí feio.

– Cara, não me diga que você trepou com ela.

Ele se virou e o fuzilou com os olhos.

– Não, eu não trepei com ela, Trevor!

– Bem, então que diabos está rolando?

Mordendo o lábio, Gavin caminhava pela sala como um animal enjaulado. Não sabia explicar como se sentia em relação a Emily. Também não sabia como Trevor o enxergaria depois que confessasse tudo. A única coisa que sabia é que não conseguia identificar muito sentido nas próprias emoções e que, naquele momento, não se importava. Sentia o que sentia.

Fim de papo.

– Cara, desembuche.

Gavin passou as mãos pelos cabelos com alguma rispidez e o fitou da outra ponta da sala.

– Acho que estou me apaixonando por ela.

Com reprovação no olhar, Trevor ficou boquiaberto. Ele se levantou e se aproximou de Gavin.

– Você tem consciência de que Dillon é nosso amigo, não tem?

Gavin franziu o rosto.

– Que tipo de pergunta é essa?

– Ora vamos, Gavin. Como você foi se apaixonar pela namorada de um amigo nosso?

– Eu a conheci antes de saber que ela era namorada de Dillon – respondeu ele entre dentes cerrados. Ele foi até a bancada e virou o restante do café.

– Espere aí, eu pensei que você a tivesse conhecido naquela noite, na boate.

Gavin deixou escapar um suspiro profundo, levando a mão à nuca.

– Não! É complicado. Ela foi fazer uma entrega no meu escritório. Tentei pedir o telefone dela...

– Ele fez uma pausa, o estômago revirando enquanto recordava a primeira vez que vira Emily. Até mesmo agora, pensar nela o deixava sem ar.
– Ou, talvez eu tenha tentado dar meu telefone a ela.

Não lembro direito. Isso foi em junho. Fui até o trabalho dela no dia seguinte para vê-la e fomos apresentados alguns dias depois.

Trevor caminhou de volta para o sofá e afundou no assento.

– Olha, cara, vou ser brutalmente sincero com você. – Gavin o espiou do outro lado da sala. – Dillon está planejando se casar com ela... em breve.

Mais uma vez, quase sem ar, Gavin engoliu em seco e se recostou na bancada.

– Ele lhe disse isso?

– Com certeza mencionou alguma coisa para você, não?

– Mencionou, mas não achei que estivesse falando sério. – Uma dor visceral lhe revirava o estômago ao mesmo tempo que o peito se apertava diante daquela ideia. – Além do mais, ele não a ama. Você acredita mesmo que ele parou de sacanagem com a Monica? Eu não acredito.

– Conhecendo Dillon como conheço, você deve ter razão. Mas para lhe dizer a verdade, não penso nisso. O que ele faz é problema dele. A Emily está com ele pelos motivos dela e, até onde me diz respeito, ela escolhe enxergar o que quer. Simples assim.

– Bem, não é tão simples assim para mim – rebateu Gavin, erguendo a voz.

– Mas tem que ser. Você precisa acabar com o que quer que esteja acontecendo entre vocês dois.

– Não acho que consiga. – Hesitando, ele respirou fundo e baixou um pouco a voz. – Era para ela estar comigo.

– Cara, isso só pode acabar em desastre. Gavin, sério, você precisa pensar no que está fazendo.

Pense bem. Ela também ama o Dillon.

– Ela não o ama, nada – zombou ele. – Só está confusa, ou algo assim. Ele até pode ser meu amigo, mas, assim como faz com todo o resto, ele fode com a cabeça dela e a arrasta para dentro de algum senso deturpado de necessidade.

– Não. É você que está fodendo com a sua cabeça achando que ela não o ama. Preste atenção no que está dizendo, cara. Repense e escute, com honestidade, o que está falando. – Embora Gavin não tivesse dito nada, seus olhos endureceram como estilhaços de vidro. – Olha, cara, eu só estou sendo sincero. É uma situação ruim. Eu sei que é, e você também sabe.

– Não estou negando que seja uma situação ruim! – Gavin jogou as mãos para o alto, as palavras explodindo como um trovão. – Por acaso tenho cara de babaca? Uma cobra é uma cobra, não importa o número de vezes que troque de pele! Ele não presta para ela!

Bufando, Trevor foi até a porta. Ele se virou e olhou para Gavin.

– Você é como um irmão para mim, cara, mas acho que está tentando transformar Dillon em vilão por causa das suas necessidades pessoais. E, para falar a verdade, está me colocando numa posição bem escrota. Já dá para perceber que essa merda vai feder e eu não quero tomar parte nenhuma nisso.

Ora, cacete! A última coisa que ele queria era colocar Trevor no meio da confusão. Sentando-se outra vez, Gavin olhou para o amigo do outro lado do cômodo, a derrota em seus olhos pesada feito chumbo.

– O que eu faço?

– Precisa esquecê-la. Essa merda toda é um erro. E o mais importante: precisa se lembrar de que Dillon é seu amigo. – Trevor soltou o ar pesadamente e balançou a cabeça antes de sair. – Ligo para você mais tarde,

meu chapa.

O conselho era simples. Apenas a esqueça. As palavras não podiam ser mais verdadeiras. Aquilo podia ser um tremendo erro, mas o homem que as recebia não conseguia enxergar isso. Recusava-se terminantemente a fazê-lo. Emily jamais seria um erro para Gavin, não importava quantas pessoas ele pudesse magoar – incluindo ele próprio. Tudo o que ele e Emily podiam ser era real. Dizer que era para ela estar ao seu lado não foi apenas um impulso no calor do momento. Não era apenas uma sensação. Desde a primeira vez que seus olhares se cruzaram, ele sentira isso nas profundezas da alma, bem no fundo de sua essência. Ela era feita para ele em todos os sentidos. Embora fosse a própria definição de inacessível, sua mente e seu coração gritavam para que ele atirasse tudo ao vento e deixasse as coisas se incinerarem por completo. Dessa forma, mergulharia num mar de incertezas para fazê-la sua, e temia que nenhum amigo ou inimigo fossem capazes de impedi-lo.

Apenas rezava para que a mulher que ocupava seus pensamentos o correspondesse.

Emily acordou com a sensação de ter engolido um punhado de pregos. A garganta ardia, como se estivesse em carne viva enquanto imagens das imprudências da noite anterior dançavam em sua mente. Espalhando-se feito bolas de gude, os pensamentos só faziam as têmperas explodirem numa terrível dor de cabeça. A culpa pelo que havia feito com Dillon e com seu relacionamento ardia quase tanto quanto seu desejo acalorado e insaciável por Gavin.

Com a respiração superficial e trêmula, ela ergueu a cabeça e espiou pelo quarto. Dillon não estava na cama. Suspirou aliviada quando os olhos passaram pela mesinha de cabeceira. Junto com um bilhete explicando que voltaria em breve, ele deixara também duas aspirinas e um copo d'água, que ela bebeu com avidez. O líquido frio e os comprimidinhos mágicos lhe ofereceram algum alívio, embora nem de longe fosse o que ela necessitava de fato.

Gemendo, fitou, infeliz, a luz esmaecida que se insinuava pelas cortinas da janela. Puxou as cobertas outra vez acima da cabeça. Queria que a imagem de Gavin sobre ela – beijando-a, acariciando-a e sentindo seu sabor

– se transformasse num borrão, derretesse, retrocedesse, fosse banida para algum lugar onde ela nunca mais a encontrasse.

Impossível!

No entanto, quanto mais revivia o inegável prazer que ele lhe causara, mais Emily o desejava.

Aquele beijo dominante, porém suave; as carícias ternas, porém enérgicas; ah, Deus – o jeito como os dedos haviam cavado dentro dela... tudo lhe atiçava os sentidos com o doce sabor daquilo que ele seria realmente capaz. Nem mesmo a pior das ressacas poderia impedir seu corpo de querer mais. O cheiro do perfume dele nos seus cabelos ajudava ainda menos na hora de afastar quaisquer pensamentos que quase a levavam ao orgasmo, bem ali, sozinha na cama.

Apesar de tudo isso, a cabeça estava sob ataque, assaltada pela voz da mãe. Dillon é um bom rapaz, Emily. Agarre-o e nunca mais deixe-o ir embora.

Lembrou-se com perfeição de todas as vezes em que Dillon a ajudara quando a mãe estivera doente. Emily praticamente perdera a razão antes de ela morrer. Paralisada de medo e incapaz de ajudar nos dias derradeiros, não fora ela quem fizera a vigília da mãe. Tampouco fora sua irmã, Lisa, que havia sofrido um acidente quase fatal alguns dias antes. Fora Dillon. Ele auxiliara a mãe dela vezes sem fim. Ele segurara seus cabelos enquanto ela vomitava num urinol, ao passo que Emily permanecia sentada, sedada, numa poltrona do outro lado do quarto, em completo estado do choque diante do que acontecia à sua volta. Além de pagar as contas do hospital e arcar sozinho com os custos do funeral, ele dera condições para que Emily e Lisa ficassem com o pouco que restara do seguro de vida.

E é assim que eu retribuo?

Os pensamentos fizeram brotar lágrimas quentes e impotentes enquanto ela escorregava da cama e caminhava de má vontade até o banheiro. O que ainda restava do álcool se revirava em sua barriga vazia. Foi então que ela se deu conta de que ainda vestia as roupas da noite anterior. Estremeceu ao arrancá-la do corpo, desejando queimá-la junto com a lembrança do que havia acontecido.

A fim de livrar a pele da maquiagem acumulada e do perfume de Gavin em seus lábios, jogou água morna e ensaboada no rosto, sentindo mais uma vez o estômago se revirando de tanta culpa.

Olhou para o espelho sentindo nojo, raiva e ódio – mas naquele momento decidiu que não iria se chafurdar sob o próprio escrutínio pelos seus atos. Estava bêbada; era essa sua história e haveria de se ater a ela. Sóbria, era certo que nada daquilo teria acontecido. O corpo talvez desejasse Gavin, mas não havia a menor chance de sua mente querer a mesma coisa. Mesmo com todo o prazer que representava, ele não passava de um companheiro em forma de serpente para o demônio sexual que habitava sob a pele dela. Pelo menos, era isso que Emily tentava dizer ao seu cérebro confuso naquela manhã de domingo.

Debruçada sobre a pia, ela quase morreu de susto ao sentir um toque suave em seu ombro.

– Meu Deus, Dillon, você me assustou – disse Emily, a voz tímida e repleta de um pânico agudo que ela tentava desesperadamente esconder.

Será que ele sabe? Será que estou diferente? Ai, Deus, será que ainda estou com o cheiro de Gavin?

Ele deu um sorriso gentil, o tom de voz baixo, até mesmo tranquilizador.

– Você está tremendo, gata. – Ele afastou os cabelos grudados no rosto dela. – Vamos entrar no banho, está bem?

Engolindo o ácido que não parava de se acumular em sua garganta, Emily assentiu enquanto tirava a calcinha, o corpo todo tremendo. Largou a peça no chão e tirou o sutiã, sem desviar os olhos dos de Dillon. Pegando-a pela mão, ele a conduziu até o chuveiro e abriu a água. Fez um gesto para que ela entrasse. Com a respiração irregular por causa do nervosismo, ela o viu se despir.

Pegando o sabonete, passou-o pelo corpo, apressada, na tentativa de se livrar do que restava da saliva de Gavin em seus poros. Entrando no chuveiro, Dillon pressionou o peito contra as costas dela enquanto lhe massageava os ombros. Respirando muito fundo, ela deixou a cabeça pender para trás, tentando aproveitar ao máximo o calor da água.

– Olivia já acordou? – perguntou ela, tentando puxar conversa.

– Acho que não. A porta do quarto dela ainda está fechada. – Ele continuou a massagem. – Deve ter se levantado do sofá, porque era lá que estava desmaiada quando entrei ontem à noite.

– A que horas vamos encontrar seus pais? – perguntou ela, relutante.

– Temos que nos arrumar assim que terminarmos aqui. – Emily assentiu.

– E então, você estava bem chapada ontem à noite.

Ela estendeu a mão para pegar o xampu e mordeu o lábio.

– É, estava, sim.

– O que você fez, Emily? – A voz dele soou dura o bastante para fazê-la sentir um arrepio na espinha.

Tentando recuperar o fôlego, ela se virou para olhá-lo.

– O... o que você quer dizer?

Com os olhos grudados nela, Dillon ergueu a mão e para lhe acariciar o queixo.

– Você mentiu para mim.

Com o coração aos pulos, Emily balançou a cabeça, lutando contra as lágrimas.

– Eu... não menti para você.

Ele pegou o xampu, despejou um pouco na mão e fez espuma. Com os olhos ainda colados aos de Emily, juntou os cabelos dela e se pôs a lavá-los.

– Encontrei Gavin ontem quando cheguei.

Tentando esconder o pânico que ela sabia estar estampado em seu rosto e desejando se afogar, engasgar, sufocar um grito ou, quem sabe, até mesmo morrer bem ali, naquele chuveiro, Emily o encarou de volta, incapaz de formar uma frase. Um nó se formou na garganta, quase a deixando sem ar.

– Ele me contou que vocês não foram à Cielo.

Engolindo o tal nó, o oxigênio voltou a circular em seus pulmões com uma forte rajada.

– Ah – disse ela, sem fôlego. – É, a gente decidiu ir a uma festa na casa de um conhecido da Fallon.

– Certo, você mentiu.

– Eu não menti, Dillon – sussurrou ela, enxaguando o xampu dos cabelos, ciente de que estava ocultando uma mentira bem maior. – Foi uma mudança de última hora. Só isso.

Puxando o corpo dela para junto do seu, Dillon deslizou a boca pela curva do queixo dela.

– Tudo bem, uma mudança de última hora sobre a qual não fui avisado. – Ele passou os braços ao redor da cintura dela. – E se eu tivesse ido à Cielo, Emily? Eu teria achado que alguma coisa tinha acontecido com você.

– Você tem razão – concordou ela. Era o mínimo que podia fazer, considerando... bem, considerando tudo. Sabia que ele poderia ter dado um telefonema para saber como ela estava, mas não ia testar a sorte. – Eu devia ter telefonado. Bebi demais e, sinceramente, nem pensei nisso. Sinto muito. Da próxima vez, eu ligo.

Parecendo satisfeito, Dillon entregou o sabonete a ela e se virou, colocando as mãos no azulejo.

– Pode lavar minhas costas? – Fazendo espuma com o sabonete, Emily atendeu ao pedido dele. – Não estou bem certo de que vai haver uma próxima vez. Você saindo com aquela maluca de novo...

– Mas, Dillon, ela...

– Não estou a fim de discutir com você, Emily. Nunca a vi tão fora do ar. Tentei acordá-la, mas você nem se mexeu. – Ele alongou a cabeça e os ombros. – Num determinado momento, achei que tivesse sofrido uma intoxicação alcoólica, até enfim murmurar alguma coisa. Ela obviamente não é uma boa influência para você. Fim de papo. Você não vai sair com ela outra vez.

Sem saber o que dizer, Emily deteve os movimentos. Virando-se, Dillon empurrou a cabeça dela para trás, cuidadosamente, e a beijou nos lábios. Havia lágrimas silenciosas escorrendo pelas bochechas dela, mas Dillon não conseguia vê-las por causa da água. Naquele exato momento, não tinha como contestar as palavras ridículas dele. Não conseguia. Não tinha a

energia necessária. Não lhe sobrara quase nenhum espírito de luta. Não depois da gracinha autodestrutiva que aprontara menos de doze horas antes com o amigo dele. Quando Dillon começou a fazer amor com ela, não foram só as mãos dele que lhe alisaram a pele. A culpa também estava ali, se manifestando dentro dela como uma doença. Ela usaria o que lhe restava de suas forças para evitar a vergonha esmagadora que ameaçava engoli-la por inteiro.

Sentada num restaurante italiano no Upper East Side, Emily pegou os talheres e olhou para Joan Parker, mãe de Dillon, do outro lado da mesa.

– Sim, na verdade, começo na semana que vem.

– Mas que fantástico! – continuou Joan, entrelaçando os dedos. – Fico contente pelo meu Dillon ter conseguido um emprego em Greenwich Village para você. As escolas de lá são maravilhosas. – Subitamente, o rosto de Joan se transformou de desgosto. – Mas devo dizer que fico horrorizada só de pensar que você chegou a cogitar um emprego em Bushwick, entre tantos lugares. É um horror, um horror absoluto.

Embora a declaração não a tivesse chocado, Emily estremeceu por dentro, mordendo a língua para não dar uma resposta malcriada. Joan era conhecida por só se cercar de gente que andava em carros que valiam uma pequena fortuna. Com seus cabelos pintados de louro em salões caríssimos, aplicações mensais de Botox e unhas de acrílico, Emily não sabia ao certo se ainda restava algo de original no corpo da mulher – até mesmo os seios eram questionáveis. A única coisa verdadeira naquele “manequim” era o fato de ela ser uma senhora arrogante, interesseira e esnobe.

– Ora, Joan, estou certa de que Emily não tinha o menor conhecimento da demografia da cidade quando enviou seu currículo – opinou Henry, o pai de Dillon. Passando uma das mãos pelos cabelos castanhos, ele se recostou na cadeira e a brindou com um sorriso amável. – Não estou certo?

Emily assentiu.

– Está, sim, Sr. Parker. Eu simplesmente visitei o site do Departamento de Educação do Estado de Nova York e me candidatei a todas as vagas disponíveis no meu ramo.

Buscando a mão de Emily, Dillon lançou um olhar fulminante para a

mãe.

– Eu me responsabilizo por completo por não a ter prevenido sobre determinadas regiões. Ela não tinha a menor ideia de onde procurar.

Emily sorriu para ele, apertando sua mão com um pouco mais de força.

– Ah, Dillon, meu amor, só você mesmo para defender a óbvia falta de pesquisa dela antes de se mudar de estado. – Joan deu um tapinha, com toda a doçura, nas costas do filho, mais ou menos no mesmo instante em que o sorriso de Emily desapareceu. – Era só o que teria sido necessário: um pouquinho de pesquisa para impedir...

Interrompendo-a, Emily controlou a voz, com todo cuidado, tentando manter a ponta de hostilidade ao mínimo.

– Caso não lembre, tinha muita coisa acontecendo na minha vida. Eu devo ter me esquecido no meio de... Bem, eu não sei... Da morte da minha mãe. – Emily corou a réplica com uma adorável inclinação de cabeça.

– Ora, é claro que eu não me esqueci disso – falou Joan, jogando os cabelos por cima do ombro. – Eu só estava dizendo...

– Mamãe – advertiu Dillon. – Já chega. – Ele baixou os talheres e colocou os cotovelos na mesa, a expressão em seus olhos ordenando, com toda firmeza, que ela se calasse.

Com um arquejo, Joan se remexeu no assento e ajustou a gola do terninho Chanel que, de acordo com as suposições de Emily, devia ter custado o equivalente a dois meses do aluguel dela e de Olivia.

Passando o braço por trás do encosto da cadeira da mulher, Henry olhou para ela:

– Isso, vamos deixar o assunto de lado.

Joan assentiu de má vontade e estendeu a mão para a taça de vinho tinto.

– Está bem.

Durante a meia hora seguinte, Emily permaneceu muda, tentando bolar algum plano para sair dali. Cegueira repentina, falência respiratória aguda e até mesmo uma parada cardíaca figuravam em sua lista de enfermidades imaginárias que serviriam de pretexto para sua partida. A tensão no ar era

espesa como neblina. A enxaqueca entorpecedora causada pela ressaca só intensificava a necessidade de ir embora. Ficou grata quando o pai de Dillon quebrou o silêncio, contando uma das suas piadas infames sobre uma prostituta e uma galinha.

Dillon olhou para Emily depois que o garçom retirou os pratos.

– Gata, você vai pedir sobremesa, não vai?

Ela fez que não com a cabeça. Pensando bem, chegou a cogitar seriamente pôr mais uma garfada de comida na boca só para vomitar a mesa inteira e conseguir se safar do pesadelo. A ideia não era de todo ruim.

– Na verdade, vou, sim.

Enquanto esperava o tiramisù, Emily olhou para Dillon e notou que ele começava a suar e que quase toda a cor estava sumindo de seu rosto. Se não estava enganada, a aparência dele estava tão ruim quanto as sensações que a permeavam. E isso era péssimo. Colocando a mão no rosto dele, Emily perguntou:

– Você está bem?

Ele assentiu e, com a mão trêmula, sacou o guardanapo de cima da mesa, secando o suor da testa.

Emily lhe passou a água e, com alguns poucos goles, ele secou o copo. Ela olhou para os pais dele para sondar a reação de ambos em relação ao estranho comportamento do filho e viu os dois sorrindo como o Gato de Cheshire de Alice no País das Maravilhas.

Hein?

Quando seus olhos voltaram a Dillon, ele se levantava da cadeira e uma das mãos deslizava não tão elegantemente para dentro do bolso da calça. Nos segundos seguintes, as visões e sons pareciam estar em câmera lenta.

Seu coração começou a saltar como um ratinho assustado correndo do predador.

Dillon afastou a cadeira da mesa.

Tumtum....

Lentamente, se abaixou sobre um dos joelhos.

Tumtum... Tumtum...

Sacou uma caixinha de veludo.

Tumtum...

Tumtum...

Linha isoelétrica...

Piiiiiiiiiiiiiiiiiiii...

Em algum lugar em meio a tudo aquilo que Emily estava testemunhando, sua mente nebulosa registrava outros clientes deixando escapar gritos de alegria enquanto observavam seu namorado.

Uma secura espessa – que deixaria o deserto do Saara no chinelo – se apossou de sua língua. Com a visão turva, varreu a multidão com os olhos – a maioria das pessoas exibia sorrisos largos e algumas apontavam para ela. Um sujeito gritou: “Vai nessa, amigão”, finalizando com um assobio dado entre os dedos.

Fitando-o ajoelhado à sua frente, Emily se viu numa ansiedade infinita que fez com que ela gaguejasse a maior parte de suas palavras:

– Dillon... O que... o que você está fazendo? – sussurrou ela.

Com a respiração acelerada, ele levou a mão de Emily à boca, deu um beijo suave e, com a voz baixa e trêmula, disse:

– Eu te amo, Emily.

Ele abriu a caixa, exibindo um anel de noivado com um diamante de lapidação quadrada que devia ter bem mais do que três quilates. Os olhos dele luziam com o que pareciam ser lágrimas.

– Você torna minha vida completa de todas as formas imagináveis. Você me daria a honra de se tornar minha esposa?

Ainda tentando processar o pedido e buscando desesperadamente um ritmo normal para sua respiração, Emily tomou o rosto dele entre as mãos, a voz mais baixa do que um sussurro:

– Dillon, podemos conversar em particular, por favor?

Quase na mesma hora o sorriso dele sumiu, mas antes que ele pudesse responder, a mãe se pronunciou. Ela contorcia o rosto como se estivesse ofendida.

– É claro que você vai dizer sim para meu filho – irritou-se.

Henry lançou um olhar letal e silenciador para a esposa.

Sem resposta, Emily mordeu o lábio e baixou os olhos para as próprias mãos, que retorcia sobre o colo.

Dillon se levantou, lentamente, oferecendo à mãe um olhar de escrutínio. Estendeu a mão e tomou a de Emily com todo carinho.

– Hum... Está bem, gata. – A voz saiu baixa e falhou. – Tem um salão de festas aqui que a gente pode usar.

Emily deixou escapar o ar. Com a cabeça baixa pela vergonha, ela o seguiu até os fundos do restaurante. De soslaio, viu os observadores se endireitarem em suas cadeiras e voltarem a atenção a suas refeições. Os sussurros discretos por todo o restaurante soavam alto em seus ouvidos, como uma fanfarra escolar.

Dillon fechou a porta do salão, a pergunta silenciosa pairando no ar. A expressão de desalento em seus olhos dizia tudo enquanto ele caminhava devagar e de braços cruzados até uma janela.

A voz de Emily foi pouco mais do que um sussurro, mas ainda assim se fez ouvir na outra extremidade, onde ele estava imóvel.

– Eu só preciso de um pouco de tempo, Dillon. É só isso.

Sem se virar para ela, ele respirou e a voz saiu tão baixa quanto a dela:

– Eu não entendo, Emily. Já conversamos sobre isso várias vezes. Achei que você me amasse.

Emily soluçou, apesar da resolução de que manteria as coisas sob controle.

– Meu Deus, Dillon, é claro que amo você. Mais do que pode imaginar.

As palavras deixaram um sabor podre, enquanto pensamentos assombrosos da noite anterior lhe azedavam o estômago. A última coisa da qual precisava era pensar em Gavin, mas de nada adiantava.

Lá estava ele, acomodando-se em seus pensamentos. O sorriso... os olhos... a risada... Tudo nele só fazia aumentar a confusão. A teoria de Emily sobre sua mente não desejá-lo foi estilhaçada por completo. E, de uma hora para outra, o coração ficou mais pesado.

– Nós nem moramos juntos ainda. Achei que esse seria o primeiro passo antes do casamento.

Dillon se virou para olhá-la.

– Eu queria que você fosse morar comigo quando veio para Nova York, Emily. Foi você que não quis assumir esse compromisso. – Enquanto Emily tentava se recompor, ele atravessou o salão. Com a mão trêmula, acariciou o rosto dela. – Amo você. Este é o nosso próximo passo, meu amor. Por favor, me diga se isso tem alguma coisa a ver com o que seu pai fez com a sua família. Eu nunca faria isso com você, Emily. Juro por Deus.

A visão de Emily retornou a uma lembrança de quase vinte anos. Por mais que negasse ter qualquer recordação de seu pai... tinha, sim. Uma em especial: da manhã em que ele saiu de casa e da vida dela em definitivo. Sua mente era inundada por lampejos do rosto confuso da menininha de 5 anos erguendo a vista para fixar um vulto alto – de alguém que, mesmo sendo tão novinha, Emily já sabia amar com paixão. Os bracinhos minúsculos se agarrando à perna dele, tentando fazê-lo ficar, invadiram sua memória como uma visita indesejada. Mesmo tentando – e Deus sabia que tinha tentado –, não conseguira segurar com força o bastante. Ele era forte demais para seu corpinho.

Ainda podia ouvir o choro torturante da mãe e da irmã enquanto ele as xingava com palavras bêbadas que seus ouvidinhos inocentes nunca deviam nunca ter testemunhado.

Agarrando um ursinho de pelúcia, Emily o seguiu aos tropeços até a porta da frente, chamando-o. Era um dia de sol. Essa era outra coisa da qual se lembrava. O sol brilhava em cima dele, formando uma silhueta, como a do anjo que ela acreditava que ele fosse, enquanto se afastava e entrava no carro. Lembrava-se de ter pensado que ele voltaria. Mas não voltou. Independentemente de quantas vezes ela se sentara com seu chá de mentirinha e suas bonecas à sua espera, ele nunca apareceu. E ela passou a infância fazendo isso: esperando por uma pessoa que nunca mais retornaria. Ele desapareceu por completo. Sumiu feito um fantasma. A lembrança revoltante fez aflorar mais um monte de lágrimas nos olhos já inundados.

No entanto, aquelas recordações perturbadoras nada tinham a ver com o fato de ela não desejar um casamento precipitado. Estava com medo. Na

verdade, estava apavorada. Precisava morar com Dillon antes de tomar uma decisão. Pelo menos era assim que se sentia naquele momento. Pensando bem, talvez devesse ter ido morar com ele desde o início, mas não podia mudar o passado. Todavia, agora o passado chegava batendo à sua porta de muitas formas perversas. Embora não fosse permitir que a culpa pelo que fizera na noite anterior influenciasse a resposta que daria a Dillon, certamente a fazia questionar seu juízo moral – bêbada ou não.

– Não tem nada a ver com o meu pai – sussurrou ela, fitando os olhos castanhos. – Eu só preciso de alguns dias para pensar direito.

Apertando os lábios, Dillon assentiu laconicamente.

– Está certo, vou lhe dar todo o tempo de que precisar.

– Está zangado comigo? – perguntou ela, derramando mais lágrimas.

Ele fez que não com a cabeça e secou o rosto dela, com carinho.

– Não estou zangado com você, Emily. Chocado e confuso, sim, mas não zangado.

Dillon a puxou para seus braços e deu um beijo no topo de sua cabeça. O corpo de Emily tremia de encontro ao dele enquanto ela soluçava um pouco mais. Não queria enfrentar os pais dele – em especial a mãe –, tampouco queria percorrer o restaurante outra vez. A vergonha era esmagadora.

Sentindo a ansiedade dela de alguma forma, Dillon lhe entregou o papel do serviço de manobristas e a acompanhou até uma saída na lateral do prédio.

Saindo até um pequeno beco, Emily se virou para olhá-lo, relutante. Encarando-a, Dillon hesitou por um instante antes de buscar a bolsa dela que havia ficado na mesa. Os olhos dele continham uma tristeza que Emily sabia ter causado, e os ombros que antes mostravam tanta autoconfiança estavam caídos. O homem que ela aprendera a enxergar como muito seguro de si havia perdido alguma coisa naquela tarde de domingo de final de agosto. O coração dela se apertou ainda mais do que poderia ter imaginado. A expressão de dor nos olhos de Dillon ficaria eternamente gravada em sua lembrança. Quando ele fechou a porta, as palmas das mãos de Emily estavam escorregadias de suor e seus olhos estavam vermelhos de tanto

chorar, e o corpo doía com uma tristeza profunda muito particular.

Alguns dias... eu só preciso de alguns dias, e depois, darei a resposta a ele...

12

Fora da minha cabeça

AS PALAVRAS ERAM SIMPLES; o design, elegante e discreto. O escritório de Gavin estava em silêncio, a não ser pelas constantes e ritmadas batidas do cartão tipografado na mesa. Perdera a conta de quantas vezes o lera ao longo do dia.

Diante de nós, a estrada se estende... um futuro repleto de amor atemporal...

Emily M. Cooper & Dillon R. Parker
Convidam para celebrar seu noivado
Sábado, 23 de setembro de 2012, às 18h
The Diamond Room
30 West 59th Street
Oferecido por Joan e Henry Parker
RSVP 212-981-1275 até 15 de setembro

Embora não parecesse, além do som do convite batendo contra a mesa de Gavin, havia outros ruídos na sala, mas era preciso estar muito perto dele para ouvi-los. Eram a aniquilação de seu coração e sua respiração ofegante. Gavin não estava surpreso. Mas o convite era a prova de que Emily iria em frente com aquela história.

Gavin tinha ficado sabendo da notícia alguns dias antes. Dillon se mostrara muito empolgado ao anunciar o noivado, suas palavras eliminando tanto a esperança de Gavin quanto o ar de seus pulmões. Durante a breve conversa com Dillon, Gavin se sentira ao mesmo tempo o

Médico e o Monstro, afinal tinha que agir como se estivesse feliz pelos dois. Sabendo que seu tom precisava conter algum traço de animação, representara melhor do que havia esperado ao parabenizar o amigo. Depois de desligar o telefone, precisou de todo o seu autocontrole para não atirar o aparelho contra a parede. Mas não importava. A espada já fora cravada em seu coração, mutilando-o.

Gavin estava tão concentrado no convite que quase não notou quando Colton entrou em seu escritório. Erguendo os olhos do anúncio torturante, espiou o irmão. Colton sabia o que estava acontecendo e tinha uma expressão preocupada. Gavin sabia o que ele ia dizer e, merda!, não queria ouvi-lo.

– É assim mesmo, rapazinho. Você precisa tirá...

– Cala essa merda dessa boca, Colton – sibilou ele. – Você não tem a menor ideia do que está se passando pela minha cabeça neste exato momento.

O choque no rosto de Colton foi visível e as sobrancelhas se arquearam sobre os olhos verdes.

– Então vá atrás dela, Gavin. Quando a gente quer uma coisa tanto assim, não desiste com facilidade. Em vez disso, luta até não poder mais. Está no sangue dos Blakes, então devia ser fácil para você. Além do mais, nunca conheci um filho da puta mais teimoso que você.

Gavin quase engasgou numa risada amarga, embora tenha ponderado brevemente sobre a proposta do irmão. Sabia que podia invadir a vida de Emily e tentar minar as defesas dela. A ideia de mantê-la prisioneira em seu apartamento, em seus braços, em sua cama, até fazê-la ceder e jurar ser só dele se tornava mais atraente a cada segundo. Sabia que ela escondia o que sentia por ele e compreendia seu medo de se libertar. O risco era enorme para ambos. Depois que confessassem a necessidade de estar juntos, o julgamento dos outros seria complicado, mas eles poderiam suportá-lo juntos.

Mas de que adiantava ir atrás dela? A ideia de passar algum tempo com Emily e talvez – não, com certeza – se apaixonar só para no fim ela decidir que não queria estar ao lado dele queimava o seu coração. Gavin teria que ser um perfeito idiota para ao menos cogitar isso. Mas, meu Deus, ele não

podia fazer nada além de fechar os olhos e pensar nela. A incapacidade de fazer alguma coisa o consumia.

– Você perdeu a cabeça? Lutar por ela? Eles vão se casar!

– Você está me perguntando se eu perdi a cabeça? – indagou Colton, incrédulo, sentando-se diante de Gavin. – Irmão, você não só aceitou o convite para a festa de noivado como também aceitou ser um dos padrinhos de Dillon. Quem foi que perdeu a cabeça aqui?

– Porra, como eu poderia recusar? – grunhiu Gavin. – Lembre-se de que tenho que agir de forma mais ou menos normal perto dele.

Colton deu de ombros.

– Diga que está doente.

Gavin deu uma risada forçada.

– Pode acreditar, é bem capaz de eu marcar uma viagem para fora do país até lá. – Levantando-se da cadeira, ele pegou o paletó e vestiu-o. – Estou precisando de uma merda de um drinque.

– Estou inclinado a concordar.

– Você vem ou não vem?

– Claro, se eu puder escolher o lugar.

– Pode escolher.

Vinte minutos depois, estavam diante de um bar no East Village. Gavin ficou impressionado com o bairro e com a escolha de Colton. Uma verdadeira meca para artistas, músicos, estudantes e escritores, o St. Mark's Place era um agito só durante o happy hour. O objetivo de Gavin era simples: ficar chapado para se livrar das imagens de Emily que não saíam de seus pensamentos.

Tinha quase certeza de que uma quantidade decente de bourbon ajudaria no exorcismo.

Chapado.

Isso aí. Ele queria ficar completamente chapado.

Quando iam saindo do carro de Gavin, Colton fez uma parada brusca.

– Ora, mas eis aí algo que talvez arranque Emily da sua cabeça. – Ele

indicou uma mulher que estava tendo problemas com o carro.

Gavin a estudou enquanto ela tirava a cabeça de debaixo do capô. Com o celular ao ouvido, parecia estressada e agitada, e os olhos cor de caramelo encontraram os de Gavin. Lindos cabelos longos – da mesma cor dos olhos – chicoteavam ao vento, assim como a saia na altura dos joelhos.

Vacilante sobre os saltos, atirou a alça da bolsa no ombro enquanto fechava o capô.

Colton deu um cutucão no braço de Gavin.

– Vá lá dar uma forcinha.

– Ela está no telefone. Tenho certeza de que já tem alguém a caminho para ajudá-la.

Foi só Gavin acabar de falar que a mulher se aproximou deles, chorando.

– Lamento incomodar, mas será que um dos dois cavalheiros teria um celular que eu pudesse usar? O meu acabou de ficar sem bateria.

– É claro, sem problema – respondeu Gavin, vasculhando o bolso e lhe entregando o telefone.

– Obrigada. – Ela fungou e aceitou o aparelho. Apressada, digitou uns números e se afastou um pouco.

Gavin olhou para o irmão.

– Vá pegar um lenço de papel ou algo assim. Fico aqui esperando com ela.

Colton lhe lançou um sorrisinho insolente que o fez revirar os olhos. Quando abriu a porta do bar, os sons de um conjunto de jazz que tocava ao vivo foram despejados sobre as ruas barulhentas da cidade.

A mulher voltou para onde Gavin se encontrava.

– Muito, muito obrigada. Meu irmão tem uma empresa de reboques e logo estará aqui.

– Sem problema – disse ele, enfiando o celular de volta no bolso. – Pelo visto, a junta do cabeçote queimou.

Ela fungou de novo. Olhou para o carro e outra vez para Gavin.

– Você consegue saber sem nem olhar?

– É que tem uma fumaça branca saindo pelo escapamento. Isso costuma ser um sinal bastante certo.

– Ah, você é mecânico?

Gavin sorriu.

– Não, só gosto de carros. – Envergonhada, ela retribuiu o sorriso. – Mandei meu irmão buscar um lenço para você.

– Obrigada. Eu me sinto boba chorando desse jeito. Mas as últimas semanas foram meio difíceis.

Apesar de se sentir mal pela mulher, ele não tinha mesmo a menor ideia do que dizer. Por isso ficou aliviado quando Colton retornou.

Entregando-lhe o lenço de papel, perguntou:

– Conseguiu chamar alguém?

Ela assentiu e disse que estava esperando sua carona chegar.

– Enquanto espera, por que não entra comigo e com o meu irmãozinho?
– perguntou Colton, lançando para Gavin um sorriso torto. – Por nossa conta, é claro.

Gavin controlou o desejo súbito de atirá-lo do outro lado da rua.

Após uma breve hesitação, a mulher aceitou:

– Na verdade, parece ser uma boa ideia. Um drinque cairia bem.

Abrindo a porta, Colton mandou mais um sorriso malicioso para Gavin.

– Conheço um monte de gente que está precisando de um drinque hoje.

Gavin balançou a cabeça e seguiu os dois para dentro do bar. As melodiosas notas de um saxofonista tocando “La Vie en rose” enchem o ambiente. Ao longo dos anos, Gavin não conseguira evitar cair de amores pelo jazz. O estilo musical, do qual o pai era um grande fã, fora uma constante durante sua infância. Ele deu um sorrisinho ao se lembrar dos pais requebrando na varanda dos fundos da casa ao som daquela mesma canção. E, como a letra se encaixava com o que ele sentia por Emily, aquela fora uma das canções que imaginara dançar com ela – os corpos grudados, o dela firmemente aninhado em seus braços. A ilusão que criara de ambos

juntos já não podia estar mais longe da realidade. Como um fogo ardendo, o desejo que sentia por ela – e a necessidade por mais do que algumas doses de bourbon – se embrenhavam em seus pensamentos.

Depois de encontrarem uma mesa perto da pista, a mulher, que se apresentara como Stephanie, foi até o banheiro para retocar a maquiagem e disfarçar a aparência chorosa. Pedindo de pronto três doses de bourbon e uma cerveja, Gavin se jogou àquilo que se transformaria no entorpecimento que tanto buscava. Segundos depois de o garçom entregar as bebidas, Gavin virou duas das doses e olhou de cara feia para o irmão.

– Nem comece.

Sorrindo, Colton se recostou confortavelmente na poltrona.

– Eu não disse nada.

– Nem precisa. – A voz de Gavin era um aviso contundente. – Sua cara diz tudo e, sério, não estou com o menor saco no momento.

Com um arquear apropriado da sobrancelha, Colton riu.

– Então, deixe-me ver, você está escolhendo o caminho que inevitavelmente o fará chafurdar na autopiedade?

– Você não tem noção mesmo, não é?

– Pelo contrário, irmão, eu tenho, sim. Como lhe disse antes, ou você luta ou abre mão dela.

Balançando a cabeça, Gavin virou a terceira dose.

– Não preciso dos seus conselhos, Colton.

– Sei que não, rapazinho. No entanto, pode beber o quanto quiser para esquecer a Emily, ou pode se aproveitar da linda donzela em apuros que deve estar limpando o rímel dos belos olhinhos lá no banheiro agora mesmo.

– Então agora você quer que eu me aproveite das mulheres, é? – bufou Gavin, ofendido, enquanto abria a cerveja. – Você não só está me irritando, como é uma contradição ambulante.

Colton riu.

– Você entendeu o que eu quis dizer. Arrisque-se com alguma coisa mais palpável do que aquilo que vem perseguindo.

A observação displicente atingiu-o em cheio, mas a aproximação de Stephanie poupou Colton de levar um fora. Ela sentou-se em frente a Gavin e sorriu.

– Desculpem a demora.

– Sem problemas – replicou Gavin. – O que vai beber?

– Vou querer uma Absolut com cranberry e um toque de limão-galego.

Gavin fez sinal para o garçom e lhe passou o pedido. Olhando mais detidamente, viu que a mulher era tão linda quanto Colton observara. Os cabelos, de um rico castanho avermelhado, eram brilhantes, apesar de um pouco despenteados, e os olhos claros e amendoados, contornados por cílios espessos, em geral o deixariam com uma cantada ou duas na ponta da língua – mas não aquela noite. Sem se deixar perturbar ou afetar, Gavin manteve a conversa com ela casual e se concentrou na batalha interna que travava por Emily. Colton, por sua vez, se encarregou de entreter Stephanie, fazendo um ou outro comentário divertido à custa de Gavin.

Com o passar da noite, Gavin notou que Stephanie o fitava com mais interesse. Querendo se crucificar por não estar dando a mínima para ela, pediu outra rodada de drinques e tentou lhe dar um pouco mais de atenção. Descobriu que ela estudava jornalismo e que se formaria em maio do ano seguinte. Tinha crescido em Lindenhurst, uma cidade de médio porte, em Long Island, com um irmão mais velho e um mais novo. Gostava de belas-artes, de música, de viajar, de comer bem, da família, dos amigos e de dias preguiçosos de verão.

Ainda assim, com todos os belos atributos que ela sem dúvida possuía, Gavin não conseguia parar de compará-la ao que mais queria, ao que mais desejava e àquilo de que mais precisava.

Emily...

Nenhum arrepio percorria sua espinha quando Stephanie falava. Nada acendia dentro dele quando ela ria. Nem mesmo o leve toque dela em seu braço vez por outra lhe provocava alguma reação.

Nada.

Por isso sentia-se um completo babaca por sequer estar batendo papo com ela, que estava claramente interessada nele.

E, para Gavin, estava mais claro ainda que ele não correspondia.

Ainda assim – fosse porque o álcool cumprira seu objetivo ou pelo fato de ele ter se convencido, por fim, que ter Emily em sua vida era má ideia – ao final da noite, Gavin se viu trocando números de telefone com Stephanie.

– Ela tinha mesmo que vir com a gente? – perguntou Olivia, o rosto retorcido de repulsa.

– Você acha que eu a quero aqui? – cochichou Emily, espiando para fora da sala de provas, para onde a mãe de Dillon vasculhava uma infinidade de vestidos de noiva com uma das consultoras. – Ela queria vir e eu não estava a fim de discutir. Além do mais, tem algum evento beneficente às sete, então ela não vai ficar muito mais tempo.

Estalando a língua, Olivia revirou os olhos.

– A mulher é uma porra de uma praga: sai destruindo tudo o que vê pela frente. Eu nunca a suportei.

Emily respirou fundo e se voltou para Olivia. Ela estudou o vestido de noiva Reem Acra que vestia. Dando voltinhas, perguntou:

– Que tal este?

Olivia enrolou uma mecha dos cabelos louros num dedo.

– Quer sinceridade ou puxa-saquismo?

– Qual é, Liv? – disse ela, pondo as mãos nos quadris.

– Está parecendo uma merda de uma sereia.

Emily balançou a cabeça.

– Você perguntou, amiga, e eu escolhi a sinceridade. – Como se uma lâmpada tivesse se acendido em sua cabeça, Olivia acrescentou: – Ah, tenho uma ideia. Que tal se você escolher seu vestido de noiva, já que o casamento é seu? Juro por Deus, se a Vaca da Peste entrar aqui com mais uma porra de um vestido e insistir para você provar, vou derrubá-la aqui mesmo no chão desta boutique e enchê-la de porrada.

– Dá para você se acalmar, por favor?

– Não, Emily, não vou me acalmar. Nesse momento, você deu um nó tão fodido na minha cabeça com essa história de casamento que eu nem sei o que pensar.

Pressionando as têmporas com os dedos, Emily fechou os olhos.

– O que quer que eu diga?

– Quero que me diga, mais uma vez, por que está indo em frente com isso. Ainda não processei direito. Mas tenho que ser sincera: preciso dar os parabéns ao Cabeça de Bagre por azucrinar você atrás de uma reposta depois de dizer que lhe daria tempo. Sério, Emily... Novembro? Já estamos na primeira semana de setembro, caramba.

– Eu já disse, Liv. Dillon é o último neto a se casar e eles acham que a avó dele não vai sobreviver mais do que seis meses. Ela está muito doente – respondeu Emily, fazendo sinal para que Olivia ajudasse a desabotoá-la. – A família quer que ela o veja se casar.

Olivia se levantou e caminhou até Emily.

– Claro, porque você deve basear seu futuro nessa avó dele, anciã e fossilizada, que talvez bata as botas uma hora depois do casamento.

– Esse não é o único motivo, e você sabe muito bem disso. Quer saber de quanto tempo é a espera para uma recepção no Waldorf Astoria? Três anos, Olivia. Os pais de Dillon têm contatos lá e houve um cancelamento. Essa era a data disponível, então ficamos com ela.

Olivia a ajudou a sair do vestido.

– Vou lhe dizer mais duas coisas, quer você goste ou não.

– Como eu esperava que você faria – suspirou Emily, estendendo a mão em direção a um esvoaçante vestido evasê, em chiffon que ela própria escolhera.

– Primeira: não vejo problema em esperar três anos para conseguir o Waldorf se fosse esse o tempo de que você precisasse para pensar no assunto. – Emily ia dizer mais alguma coisa, porém foi silenciada por Olivia, que pressionou um dos dedos nos lábios da amiga. Ela colocou as mãos sobre os ombros de Emily e olhou fundo nos olhos verdes que haviam parado de piscar. – E segunda: você não mencionou o fato de amar Dillon como um de seus motivos, amiga.

Emily retribuiu o olhar por um momento, se virou e, em silêncio, deu um passo para dentro do vestido que não a faria parecer uma sereia, puxando-o para cima.

– Você sabe que eu o amo.

Olivia fechou o zíper para a amiga. Elas se olharam pelo espelho.

– Eu também sei o que aconteceu entre você e...

– Não – Emily a interrompeu, sentindo o já familiar golpe no estômago.

Ainda de pé atrás de Emily, Olivia se aproximou do ouvido dela e sussurrou:

– Ele está arrasado, Emily. Trevor me contou que nunca o viu tão fora do ar.

O coração de Emily ficou apertado diante da ideia de que Gavin pudesse estar sofrendo, mas não podia fraquejar dessa forma: não agora, nem por causa dele. Não era certo.

– Não quero falar sobre isso, Olivia – sussurrou, descendo da plataforma onde estava.

– E você também está infeliz, Emily. Dá para perceber. Desde aquela noite, não é mais a mesma.

– Eu não estou infeliz. – Ela respirou, tentando abrir o zíper. – Eu estava bêbada e tive uma atitude ruim. A história toda foi péssima.

– Precisa de ajuda com isso aí? – perguntou Olivia, com muito cuidado.

Claramente alvoroçada, Emily bufou.

– Sim, por favor.

Olivia a ajudou a abrir o vestido.

– Às vezes, escolhas infelizes nos levam às pessoas certas, Emily – disse em voz baixa.

Aquelas palavras fizeram Emily se arrepiar dos pés à cabeça, e ela enterrou as unhas nas palmas das mãos. Gavin gerava um maremoto de emoções dentro dela, maior e bem mais perigoso do que qualquer coisa que já conheceria. Confusão, mágoa, dor e um medo horrível dele e de si mesma navegavam em meio à tempestade que se formava em sua cabeça.

Tudo isso passou por sua mente naqueles segundos, mas, antes que o tormento a derrubasse, outro apareceu – metido num terno Valentino, o lenço Hermès de seda balançando a cada passo dado sobre os saltos agulha.

– Donna – disse Joan para a consultora –, pode deixar que eu assumo daqui em diante.

A mulher de meia-idade olhou para Emily.

– Eu estou bem, Donna. Obrigada pela ajuda.

– De nada, Srta. Cooper. Se precisar de alguma coisa, é só me avisar – disse ela, deixando a sala.

– Ah, Emily, você não está mesmo pensando em usar evasê, está? – perguntou Joan, com um suspiro. – É tão sem-graça. Além do mais, você tem um corpo mignon e violão, mais apropriado para este Elie Saab. – Ela ergueu um vestido que fez Emily querer vomitar o almoço.

Olivia deixou escapar uma risada melodramática:

– Isso é alguma piada? Eu não a deixaria nem ser enterrada neste troço, quanto mais andar até o altar. Vai ficar parecendo uma porra de uma cacatua.

Joan lhe lançou um olhar venenoso.

– Você nunca foi capaz de segurar essa sua língua muito bem, não é, Olivia?

A garota sorriu, embora não houvesse o menor sinal de humor em sua voz quando falou:

– Mas que surpresa!

– Joan... – Emily estendeu a mão em direção ao vestido. Joan desviou o olhar de Olivia. – Eu amo a Elie Saab, só não gosto deste modelo em especial. – Emily pendurou o amontoado de plumas e pegou um Monique Lhuillier que experimentara mais cedo. – Acho que vou ficar com este daqui.

Adoro o aplique de renda e o decote canoa. E as mangas compridas são perfeitas para um casamento no inverno.

Joan bufou.

– Mas este deixou seus quadril três vezes maior.

Emily ficou boquiaberta e de olhos arregalados.

– Puta merda – vociferou Olivia, franzindo as sobrancelhas. – Emily, para começar, você é miúda demais. Seus quadris nunca vão parecer largos. – Ela lançou um olhar assassino para Joan e se virou outra vez para a amiga. – E, depois, estou bem perto de armar um barraco. – Ela tirou os brincos de pressão e arregaçou as mangas.

Os olhos de Joan ficaram implacáveis.

– Não – Emily intercedeu depressa, correndo em direção a Olivia. – Sente-se aí, Liv.

Os olhos imploravam. Cruzando os braços, Olivia afundou numa cadeira, olhando para Joan de cara feia.

– Está certo, Joan, eu experimento. Mas você não tem que ir embora daqui a pouco?

Os olhos de Joan verificaram o relógio de pulso e ela respirou ruidosamente.

– Meu Deus, tenho mesmo – disse, lacônica, pegando a bolsa. – Muito bem, então experimente o Elie Saab. Também mostrei a Donna um estilo trompette que ficaria fabuloso em você. Peça para ela trazer. – Assentindo, Emily abriu um sorriso forçado. – Maravilha. Ligo para você mais tarde, então.

– Joan partiu apressada, depois de ela e Olivia trocarem olhares ameaçadores.

Olivia se levantou na mesma hora.

– Você não está falando sério sobre...

– Experimentar esta coisa horrenda? – interrompeu Emily com uma gargalhada. Olivia riu com ela. – Não se preocupe em não querer me ver nem enterrada com ele. Eu não permitiria isso.

Emily vestiu os jeans, o suéter vermelho que caía nos ombros e o All-Star preto. Pegou a bolsa na cadeira e foi até a recepção. Avisou a Donna que ia ficar com o Monique Lhuillier e deu à recepcionista o cartão de crédito de Dillon para pagar o sinal. Depois de discutir e de marcar algumas provas, também combinaram que a loja cuidaria das provas do vestido de madrinha

da irmã de Emily, que morava em outro estado. Sentindo-se assoberbada com a grandiosidade daquilo tudo, Emily ficou mais do que satisfeita de sair dali.

– Estou morrendo de fome – disse Olivia ao saírem para o ar frio da cidade. – Tem um sushi bar maneiro não muito longe daqui que serve uns rolls bem decentes. Quer conhecer?

– Quero.

Algumas quadras depois, chegaram ao restaurante japonês. Antes de entrar, Emily parou e começou a vasculhar a bolsa.

Com a mão na porta, Olivia perguntou:

– O que você está fazendo? – Emily a ignorou. – Ei, Emily, o que você está fazendo?

– Estou com uma dor de cabeça terrível. Sei que tenho um remédio aqui, em algum lugar – respondeu ela, as mãos trabalhando freneticamente em meio a uma confusão de recibos de cartão de crédito, óculos escuros e uma bolsinha de maquiagem abarrotada.

Com um sorriso, encontrou o que procurava e suspirou aliviada. Dirigiu-se à entrada e viu o rosto de Olivia ganhar uma perceptível expressão de choque.

Emily inclinou a cabeça.

– O que foi?

– Hum, meia-volta, Em.

Com as sobrancelhas franzidas, Emily encarou Olivia com olhos inquisidores e se virou depressa.

Ai, Deus...

Ela perdeu o ar ao ver o BMW de Gavin parado em fila dupla, em frente ao restaurante. Colton estava no banco do motorista, balançando a cabeça enquanto Gavin cambaleava para fora, pelo lado do carona, não muito graciosamente.

– Vou pegando uma mesa – avisou Olivia.

– Não, espere – sussurrou Emily, a testa suando mesmo com o ar quase frio. – Não se atreva a me deixar aqui.

Olivia estreitou os olhos castanhos, mas manteve a voz calma:

– Você tem que falar com ele, amiga. – Sem olhar para trás, abriu a porta e desapareceu dentro do restaurante.

Com o coração disparado, Emily tentou se recompor enquanto Gavin se aproximava.

– Você está bêbado – suspirou ela, percebendo como Gavin cambaleava.

Quando ele passou a mão pelos cabelos negros rebeldes, um sorriso repuxou-lhe os cantos dos lábios.

– E você está simplesmente divina.

A voz arrastada quase a deixou estatelada no meio de Manhattan. Ainda tentando se orientar, Emily o encarou, a respiração presa na garganta. Por mais desganhado que estivesse – sem o paletó, com a gravata afrouxada e as mangas arregaçadas de maneira displicente –, ela nunca tinha conhecido um homem tão deslumbrante, em todos os sentidos. E não só fisicamente – embora Deus soubesse que ela o considerava o cara mais sexy do planeta –, mas ia muito além disso.

Lento e vacilante, ele avançou em direção a Emily.

– Você está divina... e agora está noiva – disse ele, baixinho, tomando-lhe a mão esquerda.

Ele a ergueu e analisou a aliança. Embora desejasse fazê-lo, Emily não recolheu a mão. Não conseguia se mexer, paralisada pelo toque dele.

– Hum, mesmo com todo o dinheiro que tenho, acho que não teria lhe dado algo tão espalhafatoso. Não para uma mãozinha tão linda como esta. Merece coisa melhor. Eu teria ido atrás de algo mais elegante.

Os passantes se esquivavam deles, que estavam parados na calçada. O estridente misto de buzinas, risadas e música vinda de um bar próximo ecoava ao redor, mas nenhum dos dois ouvia o barulho.

Estavam perdidos um no outro e, naquele momento, nada mais existia. Emily desviou os olhos dos dele e Gavin ergueu o queixo dela, fazendo-a fitar seus olhos azuis. O único som que escapou dos lábios de Emily foi um suave arfar.

– Depois do nosso breve encontro, nunca pensei que Dillon seria o

sortudo que botaria uma aliança neste lindo dedo.

Ofegante, Emily engoliu em seco e continuou a olhar para Gavin. A determinação bruta, implacável e sexy dele eram fortes o bastante para fazer tremer o chão sob seus pés.

– Eu estava bêbada – sussurrou ela, sem tirar os olhos dos dele. – Eu... Eu só precisava tirar você da cabeça.

Ainda segurando o queixo dela, Gavin deslizou lentamente o polegar, pelos lábios, a voz tão suave quanto a dela:

– Boneca, você não vai me tirar da cabeça, assim como não vou tirá-la da minha. É impossível.

Antes que Emily pudesse processar aquelas palavras, Gavin se abaixou e roçou a boca contra a dela, tomando seu lábio inferior entre os dentes e sugando com delicadeza. Ela se afastou um pouco, mas, na melhor das hipóteses, a tentativa foi breve. Deslizando a língua sobre os lábios, ele aumentou um pouco a força com que segurava o queixo dela, apenas o suficiente para que Emily não conseguisse se mover. Gavin soltou um gemido longo e deu um último e alucinante puxão no lábio dela com os dentes. Se não estivesse de olhos fechados, Emily teria visto o sorriso reverente que se abriu no rosto de Gavin. Ele se virou, de um jeito gracioso, e se afastou, deixando Emily lutando para respirar. Tateando em busca da porta do restaurante, ofegante, ela o viu entrar no carro pelo lado do carona e desaparecer no tráfego.

Assim que o nevoeiro de euforia e o choque deu uma trégua, Emily entrou no restaurante, atordoada, com a calcinha úmida e uma grande necessidade de tomar várias doses de saquê.

13

Confissões de todos os tipos

EMILY SE CONVENCERA DE que estava pronta, mas não poderia ter estado mais enganada.

Enquanto ela e Dillon cumprimentavam os convidados na noite da festa de noivado, flagrou-se tonta de medo. Olhando para o relógio, uma série frenética de emoções a invadiu, pois sabia que em breve estaria frente a frente com Gavin. O peso daquela situação lhe dava a sensação de que seus nervos se desfiavam como uma corda, uma fibra de cada vez. Seus pensamentos desaceleraram ao sentir o suave toque de Dillon em seu braço. Esta noite precisava se concentrar nele – e só nele –, por mais difícil que fosse.

– Você está bem? – perguntou Dillon, abraçando-a. Beijou seus lábios e afastou os cabelos de seus ombros.

– Estou bem, sim – respondeu ela, deslizando as mãos pelas lapelas do terno preto.

– Você está linda – sussurrou ele. – É bem possível que eu queira você de sobremesa quando isso tudo terminar.

– Eu ouvi isso, Dillon. – A voz de Lisa cortou o ar, as sobrancelhas arqueadas sobre os olhos castanhos-esverdeados. – Por favor, não se refira à minha irmãzinha como sobremesa.

Dillon sorriu e puxou Emily para mais perto.

– Mas ela é tão... tão apetitosa, Lisa. Quero dizer, sério, não tem como enjoar.

Emily balançou a cabeça e riu.

– Sério, eu não preciso saber quanto ela é apetitosa. – Lisa deu um leve puxão no braço de Emily, libertando-a de Dillon. – Queria falar com a minha irmã em particular por um segundo se você não se importa.

– Ela é toda sua – respondeu ele, dando um último beijo em Emily.

Pegando a mão da irmã, Lisa a conduziu pelo grupo de convidados que se dirigia ao salão de baile. Emily seguiu sorrindo e retribuindo cumprimentos pelo caminho.

Enquanto as duas percorriam a festa, Emily notou que os pais de Dillon não haviam feito nenhuma economia. O restaurante estava realmente lindo. Havia um balcão de mogno no canto do salão, ao lado de uma imensa janela com vista para o porto de Nova York. Havia sofás e poltronas de couro vermelho-escuro espalhados por toda parte. Arandelas ornamentadas enfeitavam as paredes, e um lustre requintado deixava o salão à meia-luz. Ao lado de um piano de cauda – que fornecia a música ambiente – havia uma lareira crepitante, que dava à noite um clima romântico.

Virando num corredor vazio, elas foram até uma sala desocupada e Lisa fechou a porta. Colocou as mãos nos ombros de Emily, os olhos se suavizando, preocupados.

– Dá para perceber que você está uma pilha de nervos.

Emily passou uma das mãos pelos cabelos e um sorriso muito fraco se abriu em seu rosto.

– É tão óbvio assim?

– Não para os outros, mas conheço você melhor do que ninguém – disse Lisa, tomando a mão de Emily com carinho. – Ele já chegou?

– Não. Pode acreditar, quando chegar, você vai saber – respondeu ela com uma risada nervosa.

Mordendo o lábio, fez uma pausa, o rosto se suavizando e a voz ficando mais baixa: – Queria que mamãe estivesse aqui, Lisa.

– Ah, querida, eu também – sussurrou a irmã, aproximando-se para abraçá-la.

Emily a apertou com força, e o calor de seu corpo a fez se lembrar da mulher cuja perda ainda choravam. Emily sentiu no peito a dor de uma ferida recente.

– Emily, se mamãe estivesse aqui, ia lhe dizer para fazer o que seu coração está mandando. Não ia facilitar sua decisão nem um pouco. Eu só

preciso saber, exatamente como mamãe faria, que é isso que você quer.

Com uma levíssima hesitação, Emily respondeu:

– Sim, é o que quero.

– Está certo, então vamos curtir sua festa. – Lisa pegou Emily pela mão e começou a voltar para a sala de jantar principal.

A quantidade de convidados havia dobrado – a maioria era da família de Dillon, seus colegas de trabalho e seus amigos. É claro que Emily conhecera alguns deles ao longo do último ano, mas grande parte não era mais que um borrão distante de tios e primos que ela encontrara brevemente em eventos de família. As pessoas que Emily conhecia poderiam se acomodar numa única mesa.

O salão estava abarrotado de gente naquele momento, mas ela sentia-se estranhamente solitária, até que seus olhos encontraram os de Gavin. Para Emily, o mundo pareceu parar. A música sussurrou em segundo plano e as vozes emudeceram. Mais uma vez, a inegável atração entre os dois se fez evidente através do espaço, mesmo passando despercebida por qualquer outra pessoa. Lá estava: inabalável e implacável. Achou difícil respirar enquanto o maremoto esmagador de emoções tomava conta dela e a correnteza a arrastava, golpeando e rugindo com uma força suprema.

Seus olhos o percorreram por inteiro. Usava um terno cor de carvão que ocultava o corpo malhado, porém esbelto. Por baixo, vestia uma camisa de colarinho branco e gravata listrada em preto e cinza. Os lustrosos cabelos escuros estavam sensualmente despenteados, como se ele não tivesse se dado ao trabalho de arrumá-los depois do banho. Sua presença imponente emanava poder e refinamento, uma graciosidade discreta e o mais inflexível grau de exigência. Era uma força que ela não tinha como deixar de notar. Embora Gavin estivesse abraçado a uma das mulheres mais lindas que Emily acreditava já ter visto, os olhos permaneciam firmes e focados nela. Lançou-lhe um sorriso que teve o poder de desarmá-la, afundando-a num mar de desejo e necessidade, lutando para voltar à tona.

Apertando a mão suada de Emily, os olhos castanho-esverdeados brilhando de curiosidade, Lisa perguntou:

– É ele?

Emily assentiu e um nó se formou em sua garganta enquanto observava Dillon fazer um gesto chamando Gavin. Lambendo os lábios secos, ela apertou a mão de Lisa e, ansiosa, atravessou o salão.

Deus, como ela é linda, pensou Gavin, observando Emily vencer a distância entre eles. O corpo se movimentava com elegância sob um vestido de noite em seda verde-esmeralda. Seus olhos seguiram as pernas esguias até um par de sandálias de tiras e salto agulha prateadas que adornavam seus pés.

Ele tentou impedir os olhos de viajarem de volta pelas curvas sutis de seu corpo e pelos cachos longos e castanho-avermelhados. Lutou para afastar a dor já familiar, mas o corpo continuou a reagir enquanto ela se aproximava. Sentiu as pupilas se dilatarem quando ela passou a língua pelos lábios, incitando o corpo dele a bombear o sangue com força brutal em direção às partes baixas.

Desejava cada centímetro dela: o cheiro do hálito adocicado em seus lábios famintos, o sabor da língua, a maciez da pele e o som da voz rouca sussurrando em seus ouvidos. Ela atacava seus sentidos, era uma sede constante a ser saciada. Gavin tivera uma provinha, mas para seu temor restara apenas o instinto de desejá-la mais e mais, a necessidade de senti-la vezes sem fim. Com tudo isso, o que mais o cativava eram os olhos: tinha a sensação de que aqueles poços profundos do verde mais sedutor lhe perfuravam a alma. Ele até apertou mais a cintura de Stephanie, mas em sua mente, as mãos estavam sobre Emily.

Quando Emily e Lisa se aproximaram, Dillon estendeu a mão para ela, puxando-a de encontro ao peito:

– Gata, esta é a acompanhante de Gavin, Stephanie.

Com um sorriso, Emily respirou lenta e instavelmente.

– É um prazer conhecê-la, Stephanie.

– O prazer é meu – respondeu a outra, prendendo algumas mechas do cabelo cor de caramelo atrás da orelha. Os traços de porcelana enfatizavam os enormes olhos cor de uísque. – Parabéns pelo noivado.

– Obrigada.

Os olhos de Gavin capturaram os de Emily.

– Sim... parabéns.

Com a voz tão tranquila e impassível, Emily não conseguiu evitar se perguntar se seria a única ali com os nervos à flor da pele. Sorrindo, apenas assentiu em sinal de agradecimento. Sentiu o estômago revirar, pois podia jurar ter visto um lampejo de divertimento nos olhos de Gavin diante de sua reação.

– É só uma suposição – continuou Gavin, virando-se para Lisa. – Mas deve haver algum tipo de parentesco entre você e Emily. São bem parecidas.

– Tem razão – respondeu ela. – Somos irmãs.

– Hum, mais nova ou mais velha?

– Ah, como ele é encantador. – Lisa riu, olhando para Emily. – Sou dez anos mais velha, mas obrigada pelo elogio.

– Ele é encantador, sim – disse Emily, séria, apoiando-se em Dillon.

Gavin deu um sorriso breve, mas permaneceu em silêncio.

– Prefiro não comentar nada em relação a isso – cortou Dillon, com um sorriso torto. Gavin balançou a cabeça. – Agora preciso de outra bebida. Gata, você quer mais uma taça de vinho?

Só havia um jeito de ela sobreviver ao restante da noite. Emily sorriu.

– Acho que vou querer uma dose de algo mais forte.

Dillon assentiu e se afastou.

Gavin lançou a Emily mais um olhar de puro divertimento. Ela sabia que ele a sentia naufragar e isso a irritava. Antes que o desejo de dar um golpe certo na cabeça dele se acentuasse, Trevor e Fallon apareceram. Emily sorriu para eles, feliz por estarem dando certo. Realmente curtiam estar juntos e pareciam uma combinação perfeita de fogo e gelo. Imaginava que Dillon discordaria, pois tinha rido ao ficar sabendo do namoro. Emily, no entanto, estava animadíssima, ciente de que ele não teria escolha senão aceitar Fallon como sua amiga. Ela escolheu Fallon como uma de suas madrinhas.

Stephanie e Fallon foram apresentadas antes de Trevor perguntar se poderia roubar Emily para uma dança. Ela aceitou, segurando o braço dele, que a guiou até a pista. Com os pianistas tocando

“Summer Wind”, de Frank Sinatra, começaram a dançar.

Olhando para ele, Emily disse:

– Eu não sabia que você gostava de dançar juntinho.

Ele riu.

– Para falar a verdade, não gosto mesmo. Aliás, detesto. – Emily o fitou, confusa. – Só queria conversar com você sobre o que falei da última vez em que nos encontramos.

Emily sabia que ele estava se referindo à confusão entre ela e Gavin. Tinha ficado surpresa quando Trevor lhe telefonara para dizer como se sentia sobre a situação. Ele não fora grosseiro, mas era possível dizer que sua abordagem tinha sido, no mínimo, pouco compreensiva.

– Ah... – Ela assentiu. – Bem, você explicou que a coisa toda o deixava numa posição ruim.

Entendo isso, mas, para ser sincera, não existe mais nada entre nós.

A expressão dele se abrandou.

– Eu a considero como uma irmã adotiva e queria lhe pedir desculpas pelas coisas que falei. Bem, principalmente pelo modo como falei. Eu só quero que saiba que, se você e Gavin decidirem continuar o que quer que role entre vocês, eu não tenho nada a ver com isso. Os dois são adultos e a vida é sua. Seria uma situação estranha para mim porque sou amigo do Dillon? Claro que sim. Mas eu ia ter que aprender a lidar com isso.

Arregalando os olhos, ela inclinou a cabeça para o lado.

– Trevor, eu estou noiva agora e, como falei, não tem mais nada acontecendo. – O sorriso inconsequente que ele deu iluminou seus traços demonstrando sua diversão com o comentário. – Por que está com esta cara?

– Eu posso usar óculos, Emily, mas não sou cego.

– O que quer dizer com isso? – questionou ela, recuando o corpo ligeiramente. Com carinho, ele a puxou de volta.

– Em primeiro lugar, conheço o Gavin desde que era criança e, para ele, nunca foi problema perseverar quando queria alguma coisa. E, em segundo, embora eu não a conheça há tanto tempo assim, fica estampado na sua cara quando você olha para ele.

Emily parou de se mexer ao som da música, mas Trevor os manteve em movimento.

– Não quero falar sobre isso – disse ela com um sorriso, tentando se mostrar imperturbável no salão lotado.

– Por mim, tudo bem. Só queria que soubesse como eu me sinto.

– Bem, eu lhe agradeço por me dar sua bênção, mas ela não é necessária nesse caso, papai. – Ele riu. – Agora vamos passar ao próximo assunto, pode ser?

– Claro. Então, como você se sente a respeito de Dillon ter que passar alguns dias fora em outubro?

– Ele vai viajar? Não me falou nada.

– É, nós dois vamos. A firma vai nos mandar para a Flórida para fisgarmos a conta de um magnata japonês, Takatsuki Yamamoto. – Ele lutou para pronunciar o nome corretamente.

Emily franziu as sobrancelhas.

– Espere aí, Dillon falou que já tinha conseguido essa conta.

– Não, ainda não. – Ele balançou a cabeça. – Você deve estar confundindo. Estamos tentando consegui-la agora.

Vasculhando a memória, Emily tinha quase certeza de que esse havia sido o motivo de Dillon ter cancelado o encontro do Central Park. Lembrou-se de que ele dissera estar em Nova Jersey. No entanto, com tudo o que acontecera desde então, Emily começou a se questionar.

– Posso interromper? – perguntou Dillon, olhando para Trevor.

Curvando-se graciosamente, Trevor riu.

– É toda sua. Falo com vocês daqui a pouco.

Trevor voltou para junto de Fallon, Stephanie e Gavin. Olivia e Tina também haviam se reunido ao grupo.

Sorrindo, Dillon passou uma das mãos em torno da cintura de Emily.

– Você está se divertindo? – perguntou num sussurro, a mão livre acariciando o braço dela.

– Estou achando tudo um pouco intenso demais. Mas sim, estou me

divertindo. – Ele sorriu e a puxou para si. – Posso lhe perguntar uma coisa, Dillon?

– Se for sobre as posições em que estou pensando em colocar você assim que arrancar este vestido no fim da noite, com certeza.

Emily deixou escapar um suspiro.

– Eu estou falando sério, Dillon.

– Tudo bem. O que está acontecendo?

– Por que você me disse que estava em Nova Jersey na manhã em que marcamos nosso encontro no Central Park?

Ele inclinou a cabeça, apertando mais a cintura dela.

– Porque eu estava em Nova Jersey. Isso foi há semanas. Por que está me perguntando isso agora?

– Por que você vai para a Flórida em outubro?

Dillon parou de repente, os olhos se estreitando.

– Por que está respondendo à minha pergunta com outra pergunta?

– Porque você não está respondendo à minha – devolveu ela, sem pestanejar.

Ele deixou as mãos caírem dos lados do corpo.

– Emily, vá direto ao ponto, porra.

Surpresa, ela estudou a reação dele por um segundo.

– Você me disse que estava em Nova Jersey, naquela manhã, porque um cara do Japão voou até aqui para se encontrar com você pessoalmente, certo?

– Isso mesmo, Emily, ele queria se encontrar comigo. Eu me encontrei com ele e consegui a conta dele para a empresa. Vá logo ao que interessa.

Ainda chocada com a forma como ele estava agindo sob seu escrutínio, ela respirou fundo.

– O que interessa, Dillon, é que Trevor acaba de me dizer que vocês dois vão viajar a negócios daqui a duas semanas para se reunirem com esse mesmo japonês cuja conta você disse já ter conseguido.

Emily observou os olhos dele varrerem o salão, como se estivesse se perguntando o que deveria dizer. À espera da resposta, ela cruzou os braços,

impaciente.

Apertando o alto do nariz, entre os olhos, ele voltou a encará-la.

– Está certo, eu menti.

– O quê? – perguntou ela, sem fôlego, sentindo a bile percorrendo depressa o caminho de volta até o fundo da garganta. – Onde você estava?

Embora ela tivesse se afastado, ele a abraçou e a puxou para perto outra vez.

– Isso foi de manhã... – Dillon hesitou por um segundo. – Fui buscar sua aliança de noivado. – Emily entreabriu os lábios para falar, mas ele continuou: – Só que houve um problema com a armação e fiquei preso lá. Quase tive um ataque, achando que teria que ir comprá-la em outro lugar.

Antes que Emily pudesse questioná-lo, Joan veio deslizando até os dois, os cabelos louros presos num coque apertado, o que acentuava ainda mais as maçãs do rosto proeminentes.

– Dillon, tio Bruce e tia Mary acabam de chegar. Eles não estão se sentindo bem por causa do enfisema. Malditos fumantes. De qualquer forma, querem cumprimentar você e Emily. Faça o favor de ir falar com eles. – Com um movimento breve do punho, ela apontou para o casal sentado confortavelmente a uma mesa do outro lado do salão. Cada um tinha a seu lado o próprio ventilador pulmonar.

Dillon tomou a mão de Emily.

– Claro, estaremos lá em um segundo.

– Antes tenho que ir ao toailete – disse Emily, se afastando. – Encontro vocês daqui a uns minutinhos e então iremos falar com eles.

Passando as mãos pelos cabelos, Dillon olhou para ela e assentiu. Enquanto ele atravessava o salão com a mãe, Emily suspirou. Na verdade, não precisava usar o toailete. Só tinha que desanuviar os pensamentos. A confusão fazia sua mente girar. Não entendia por que, mesmo ela dizendo que sabia sobre a viagem que ele faria em breve, Dillon continuava mentindo para ela. Compreendia que ele não poderia ter lhe falado onde estivera naquela manhã, ainda mais se estivesse mesmo comprando a aliança... Mas, agora, por que não dizer a verdade?

Quando um dos garçons se aproximou com champanhe, ela pegou duas taças na bandeja, virou uma e lhe agradeceu. Com isso, se voltou para o terraço, apenas para dar de cara com Gavin observando-a. Ignorando-o, deixou o salão.

Gavin se remexeu desconfortavelmente na cadeira, tentando afastar os olhos de Emily enquanto ela saía do restaurante. Parecia uma princesa: tão linda que fazia seu peito doer com o desejo de tocá-la. Mesmo com as risadas e a conversa entre Stephanie, Fallon e Tina zumbindo à volta, ele não conseguiu resistir à tentação de achar um pretexto para segui-la até lá fora. Teve sua chance quando Trevor se aproximou do grupo.

– Alguém precisa de uma bebida? – perguntou Trevor. – Estou indo para o bar.

– Traga um Alabama Slammer para mim e um para a Tina – pediu Olivia, ajustando as alças do vestido prateado. – Na verdade, traga logo dois para cada uma.

Trevor assentiu.

Colocando-se de pé, Gavin sorriu.

– Eu preciso de mais um, então vou dar uma volta com você. – Ele se virou para Stephanie. – Quer alguma coisa?

– Não, obrigada. Estou bem.

Sentindo-se uma cobra por deixar Stephanie ali, Gavin inspecionou a multidão na tentativa de localizar Dillon. Encontrou-o entretido em uma conversa com um grupo de homens que deviam ser da mesma faixa etária que ele. Gavin imaginou que fossem amigos de escola ou de faculdade.

Enquanto ele e Trevor se aproximavam do bar, ficou evidente para Gavin, pela expressão dos olhos de Trevor, que o amigo sabia que ele estava aprontando alguma.

Trevor fez o pedido para o barman e se virou para Gavin:

– Você não quer bebida nenhuma, não é?

– Não – admitiu Gavin, os olhos varrendo o salão. – Quero falar com Emily um instante. Fique de olho no Dillon para mim.

O barman deslizou os copos na direção de Trevor.

– E a Stephanie?

– Peça a Olivia para mantê-la ocupada. Ela vai ficar bem.

Balançando a cabeça, Trevor ergueu sua bebida e tomou um gole.

– Você está brincando com fogo, cara.

– Apenas faça o que eu pedi.

Sem dizer mais nada, Gavin atravessou aquele labirinto de vestidos de festa e ternos bem-cortados. Ao despontar no terraço, encontrou Emily de costas para ele, os cabelos castanho-avermelhados esvoaçando ao ar frio de final de setembro. Sem saber que ele a observava, era como se o corpo dela o chamasse. Ele tentara – Deus sabia que sim – se manter afastado. As últimas semanas tinham sido um inferno e Gavin tentara salvá-los não indo ao local de trabalho dela ou evitando aparecer em seu apartamento quando sabia que Dillon não estava. No entanto, vê-la, estar ali com ela, absorvendo sua presença, lhe dava a sensação de que sua mente fora possuída. Todos os neurônios disparavam uma tempestade de faíscas e Gavin não acreditava que seu corpo fosse capaz de contê-las. Ele estava surpreso por não explodir em um milhão de pedacinhos brilhantes. Não importava a situação, naquele momento, naquele lugar, precisava ir até Emily.

Deu um passo e, como se tivesse sentido sua presença, ela se virou de súbito, uma mecha dos cabelos sedosos grudando na boca.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou, a voz baixa e trêmula.

Gavin foi até Emily, ficando a apenas alguns metros de distância.

– Preciso falar com você.

– Não temos nada para conversar – rebateu ela, dando-lhe as costas novamente.

– Temos muito o que conversar e você vai se virar para mim, Emily. – O sussurro áspero saiu com a mais clássica dominância masculina enquanto ele se aproximava.

O tom de voz chamou a atenção dela, o coração parando antes de começar a martelar outra vez.

Ela se virou e o encarou. Ele a fitava como se tentasse ler sua mente e Emily sentiu-se nua sob aquele olhar. Gavin era tão sexy, tão perigoso e

autoconfiante que quase a enojava. Por mais arrogante que fosse seu pedido, ainda assim ele conseguiu sugá-la para dentro de um vórtice de desejo. Como uma adolescente rebelde, muito irritada com um dos pais, ela cruzou os braços e esperou que ele falasse.

– Você sente minha presença quando não estou com você, Emily?

Com o choque cintilando em seus olhos, ela riu, nervosa.

– Que tipo de pergunta é essa?

– A que eu estou lhe fazendo – rosnou ele. – Porque eu consigo sentir você quando não está comigo. Agora responda.

– Estamos de volta a isso, é?

– Estamos. Agora, mexa esses lábios bonitos e responda à pergunta – exigiu ele, aproximando-se mais.

A mulher de vidro que vivia por baixo de sua pele se quebrou sob o peso da paixão, da luxúria e do desejo. Os estilhaços de si mesma se dispersaram e voltaram a se recompor na forma do homem parado bem à sua frente. Aquele era seu ponto de ruptura. Emily não ia mais negar para ele ou para si mesma o que sentia. Gavin a levava ao limite e não havia como recuar. Seu estômago deu um nó diante da consciência do que estava prestes a confessar.

– Você quer me ouvir dizer? – sibilou ela.

Ah, como ele a sentia agora.

Com intuito flagrante, Gavin fez a única coisa que sabia ser capaz de irritá-la profundamente: mordeu o lábio inferior enquanto os olhos a atravessavam.

– Sim, quero ouvir.

– Tudo bem! Quero transar com você tanto quanto você quer transar comigo, Gavin. Quero isso desde que pus os olhos em você pela primeira vez. Sonho com você. Sinto você quando não está comigo. Até me masturbo com uma imagem clara sua em meus pensamentos. Pronto, está feliz agora?

Mas que inferno! Já tinha perdido a conta das vezes que tinha gozado pensando nela, mas não era isso que o estava levando à loucura. O rosto dele se enrugou com um misto de choque, raiva e dor diante daquela confissão.

– Não, eu não estou feliz. Acha que só quero comer você?

Ela riu outra vez.

– Ora, dê um tempo. E o que mais seria? Sei que sou ingênua em relação a determinadas coisas, mas não sou burra, Gavin.

Algo nos olhos e na postura de Emily deixou Gavin cheio de calor. O leve traço de vulnerabilidade na voz dilacerou seu peito e, droga, acabou com ele. Mas associado à explosão de desafio e raiva, fez com que o desejo que ele sentia por ela o consumisse feito uma doença angustiante. Ele deu um passo adiante, passando o braço em torno da cintura dela, colando-a ao seu quadril, ao mesmo tempo que a guiava rapidamente para longe da vista dos outros. Até ali tiveram sorte, mas Gavin sabia que era apenas questão de tempo até a sorte acabar.

– O que você está fazendo? – bufou Emily, lutando contra ele, os calcanhares se chocando freneticamente contra o concreto.

A raiva dele explodiu, quente e profunda, ao encostá-la na parede. Gavin a encarou com olhos azuis pensativos, a expressão dura como granito naquele espaço mal iluminado.

– Não quero apenas transar com você.

– Ah, não? – Ela arfou e afastou os cabelos esvoaçantes do rosto.

– Não! E não vamos nos esquecer de que eu já poderia ter feito isso.

Plantando a mão na parede, acima dela, Gavin pressionou o corpo contra o de Emily. Ela levou as mãos até o peito dele e tentou afastá-lo, mas não foi páreo para sua força. Roçando os lábios na orelha dela, ele falou, num arquejo lento e quente:

– Eu poderia ter comido você uma vez... e de novo... e de novo. E teria feito isso muito bem, mas parei porque não quero desse jeito.

Com o peito arfando, o coração acelerado e a calcinha úmida de desejo, Emily desviou o olhar.

– Então o que você quer de mim, Gavin? – perguntou ela, num sussurro irritado.

Ele a pegou pelo queixo para obrigá-la a encará-lo. Seus olhos – aquele azul-claro selvagem – incendiaram os dela.

– Droga, Emily, eu quero nós dois juntos! Você pertence a mim, não a ele. – Gavin meio que rosnou a declaração. – Cada pedacinho de você foi feito para mim. Seus lábios foram feitos para beijar os meus, seus olhos foram feitos para se abrirem para mim de manhã e encontrarem os meus a admirando, na minha cama, todos os dias, e sua maldita língua foi feita para dizer meu nome.

Tenho mais certeza sobre nós do que do fato de que preciso de oxigênio para respirar.

As palavras quase deixaram Emily sem fôlego. Ela parecia estar à beira das lágrimas e ia falar alguma coisa quando Gavin ergueu a mão de repente e lhe tapou a boca. Ele balançou a cabeça brevemente. De início, Emily não entendeu o que ele estava fazendo, mas logo em seguida as vozes de Dillon e de Trevor cortaram a respiração frenética de ambos. Com os olhos arregalados, o coração de Emily acelerou enquanto fitava Gavin.

– Bem, onde está ela? – perguntou Dillon, o tom cheio de raiva e de preocupação. – E onde diabos está Gavin?

Alguns segundos se passaram antes de Trevor responder. Considerando a rapidez com que o coração de Emily batia, ela teve certeza de que Dillon podia ouvi-lo. Bastava ele fazer a curva para encontrá-la nas sombras com Gavin.

– O salão estava muito barulhento e Gavin teve que atender uma ligação de trabalho. Subiu em busca de algum lugar tranquilo. – Trevor pigarreou algumas vezes. – Vamos entrar, vou pedir para Olivia olhar nos banheiros outra vez.

Emily ouviu Dillon soltar um suspiro pesado e, em seguida, os dois recuaram.

Enquanto o oxigênio voltava a encher os pulmões completamente vazios de Emily, Gavin foi liberando sua boca da mão que a cobria, bem devagar. Apesar do som distante de risadas e de conversas, um silêncio ensurdecedor se estabeleceu entre eles enquanto se olhavam. Emily desencostou da parede e começou a se afastar, mas, assim que o fez, Gavin a chamou. Ela se deteve, mas não se virou para encará-lo.

Ele chegou por trás dela, esfregando as mãos pelos seus braços, as

palavras abafadas junto à curva de seu pescoço:

– Eu nunca a machucaria, Emily. Pare de lutar contra mim. Pare de lutar contra o que você já sabe.

Apesar do toque dele, arrebatador e inebriante, e do coração ribombando, ela não se virou. Não conseguia. Com as pernas trêmulas, fez o caminho de volta para a festa. Vasculhou o salão para se certificar de que Dillon não estava por perto. Assim que percebeu que o caminho estava livre, foi se embrenhando entre os convidados, a cabeça a mil por hora, apavorada com a ideia de que Dillon pudesse tê-los flagrado juntos. Seu corpo estremeceu com uma onda de adrenalina ao sentir a mão de alguém pegar seu cotovelo, mas a tensão em seus ombros desapareceu ao se virar e deparar com Olivia.

– Venha comigo – disse a amiga depressa, conduzindo-a até a frente do restaurante. Elas saíram e Olivia lhe entregou um frasco de aspirina.

– Diga a Dillon que você estava com dor de cabeça e que pediu para o manobrista trazer o carro, pois precisava pegar isto no porta-luvas.

– Mas Dillon está com o bilhete do estacionamento – sussurrou Emily.

Olivia deu um sorriso.

– Não se preocupe com isso. Eu costumava sair com o manobrista. – Ela apontou para o rapaz alto e magro que as observava.

Com um sorrisinho, Emily desviou os olhos do cara.

– O que foi? – esbravejou Olivia. – Isso foi no período pré-mulheres e ele estava me devendo um favor. Já falei com ele, que disse que confirmará a história, se for preciso.

Emily assentiu.

– Tudo bem. Isso vai funcionar, não vai?

– Ah, seu noivo sem dúvida está puto da vida – respondeu ela, enrugando o nariz –, mas, sim, a desculpa vai funcionar.

Com isso, elas voltaram para a festa. Assim que entrou, o olhar de Emily encontrou o de Gavin.

Ele voltava do terraço e a encarava com a mesma intensidade. Caminhou até Stephanie, estendeu-lhe a mão e falou com ela por alguns

minutos. Com Stephanie em seu braço, foi abrindo caminho pela multidão, indo na direção de Emily.

Olivia riu.

– Bem, você tem que ver a graça nisso tudo, amiga.

Emily olhou para ela. Aquilo estava longe de ter graça. Era doloroso, confuso e desgastante, mas, antes que pudesse dizer qualquer uma dessas coisas a Olivia, Gavin e Stephanie se aproximaram.

Ele sorria, mas Emily notava a dor evidente em seus olhos.

– Está ficando tarde, então nós vamos indo – disse ele, olhando para Emily. – Diga ao Dillon que falo com ele durante a semana.

Emily assentiu, querendo confortá-lo de alguma forma. Depois daquela noite, sentia que ambos talvez fossem dormir lambendo as próprias feridas – pelo menos era o que ela faria.

– Pode deixar que digo a ele – respondeu Emily, num sussurro.

– Foi um prazer conhecê-la. – Stephanie sorriu. – Mais uma vez, parabéns para você e para o seu noivo.

– Obrigada – respondeu Emily.

Olivia se inclinou para dar um abraço em Gavin. Quando ela o soltou, ele lançou um último olhar cansado para Emily e, sem pronunciar mais uma palavra, saiu do restaurante com Stephanie.

Embora não tivesse bebido quase nada alcoólico, Emily sentiu-se um tanto embriagada depois que ele se foi. Pelo restante da noite, dor e confusão continuaram a esmagar tudo que havia ao redor. Olivia estava certa. Dillon tinha acreditado na história da aspirina no porta-luvas do carro, mas isso não fez com que Emily se sentisse melhor. Enquanto conversava com os convidados, as palavras de Gavin ecoavam em sua cabeça, abrindo um buraco em seu coração e arrancando o último pedaço de alguma coisa dentro dela. Apenas alguns meses antes, Emily acreditara poder enxergar e desnudar algumas das muitas camadas dele.

No entanto, hoje, fora Gavin quem desnudara as dela.

14

Arrasada

EMILY SOFRIA MAIS UM acesso de tosse. Seus olhos seguiram Dillon, que a pôs no táxi, bateu a porta e contornou o veículo. O fato de que Gavin fosse estar lá esta noite era irrelevante no momento. Ela se sentia péssima e o corpo doía da cabeça aos pés. Não conseguia acreditar que deixara Dillon convencê-la a ir à festa, mas algo em sua persistência implacável e no tom intolerante não admitira discussão. Já embriagado, ele se jogou de qualquer jeito no banco de trás e informou o destino ao motorista.

Depois de procurar a carteira nos bolsos da calça, ele olhou para Emily.

– Ah, qual é, gata? Não é possível que você ainda não esteja melhor.

Entre o cheiro de álcool no hálito dele e o enjoo causado pelos medicamentos, Emily tinha certeza de que ia vomitar ali mesmo.

– Não, Dillon, eu não estou melhor. – Emily suspirou e encostou a cabeça na janela. Um bar lotado de gente era o último lugar onde queria estar. – Não acho que haveria qualquer problema se eu não fosse.

Balançando a cabeça, ele chegou mais perto e passou um dos braços pelo ombro dela.

– É aniversário do Trevor. É importante.

– Já falei com ele mais cedo. Disse que estou doente e que não poderia ir.

– Depois de mais um acesso de tosse, ela acrescentou: – Ele não se importou nem um pouco.

– Não se esqueça de que viajo para a Flórida amanhã de manhã e que vou passar alguns dias fora.

– Dillon a puxou para si, repousando as pernas dela em seu colo. – Você não está a fim de me fazer companhia antes de eu viajar?

– Você sabe que não é nada disso – respondeu ela, tossindo. – A gente podia ter ficado em casa, juntos. Além do mais, não consigo entender por

que você insiste em sair hoje se tem um voo tão cedo amanhã.

Ele se inclinou e enfiou a mão por debaixo da saia dela, os dedos fazendo pequenos círculos sobre a renda da calcinha.

– Eu aguento um voo supercedo, gata. E espero que você consiga me aguentar quando a gente voltar para o meu apartamento.

Tomada pelo choque, Emily tentou afastar a mão dele.

– Você não está pensando que vai transar comigo esta noite, está?

Ela se afastou, espantada por Dillon cogitar essa possibilidade. Estava doente e ele sabia disso.

Com um movimento fluido, ele a puxou pelo braço para trazê-la de volta. Ancorou uma das pernas sobre as dela.

– Eu sei que vou transar com você esta noite, Em. – Ele deslizou a língua pelo seu pescoço enquanto enfiava a mão debaixo da saia de novo. – Vou passar uns dias fora. Preciso de alguma coisa para aguentar até a volta.

– Dillon, me largue. Você já está bêbado!

Ela se afastou, tentando ignorar o motorista, que os espiava pelo retrovisor. Para garantir que Dillon não se aproximaria outra vez, tossiu forte na direção dele, esperando que os germes microscópicos fizessem um caminho direto para dentro de suas narinas.

Infelizmente, aquilo não o impediu de tentar de novo. Para a sorte de Emily, o celular dele tocou, dando a ela uma trégua da tentativa embriagada de ser comida ali mesmo no táxi. Lançando-lhe um olhar frio, Dillon pegou o telefone no bolso. Emily deslizou pelo assento, enfiando o casaco e a bolsa entre eles.

Suspirando, tentou ignorar a conversa. O que não podia ignorar era a ansiedade crescente que pulsava dentro dela, sabendo que estava prestes a passar a noite na presença de Gavin. Após o último encontro, as semanas tinham sido nada menos do que... complicadas. Embora tivesse mergulhado de cabeça no novo emprego como professora, na caça a um apartamento para morar com Dillon e nos preparativos do casamento, Gavin permanecia

em seus pensamentos como uma sombra, linda e persistente – que nunca a abandonava, simplesmente pairava por ali o tempo todo.

Estava magoada e confusa, e as pequenas coisas a faziam pensar nele. Ficava paralisada ao ouvir certas canções de que ele gostava. Distraía-se pensando nele, perguntando-se sempre o que ele estaria fazendo. Ela se transformava num ser muito pouco produtivo quando ele lhe anuviava a mente. De modo geral, Emily se encontrava tensa demais. Gavin lhe estimulava as emoções, os nervos e todos os sentidos. Ela podia até desejá-lo, mas sabia que não devia ter sentimentos tão imprudentes em relação a ele, sobretudo a um mês de se casar. Odiava o fato de se sentir tão impotente na presença de Gavin. Odiava o fato de ele ter ressuscitado sentimentos que precisavam ficar enterrados. Gavin a fazia querer se arriscar com ele – por eles. Fazia com que ela questionasse o noivado com o único amor que já conhecera, com o único homem que se mostrara presente para ela. Gavin fizera isso com ela. Ela fizera isso consigo mesma. O destino fizera isso com eles. Não sabia a quem ou ao que culpar, mas tinha consciência de que a situação a estava deixando em frangalhos.

Parando diante de um bar para amantes de esportes em Tribeca, Emily respirou fundo e saltou em meio ao ar frio e seco de final de outubro. Seria mentira dizer que não estava ansiosa.

Gavin viu Emily assim que ela entrou. Era impossível não vê-la. Até mesmo em meio à multidão mais alvoroçada, ela brilhava com intensidade, como uma estrela ardente, iluminando um céu melancólico. O seu céu melancólico.

O fio invisível em torno do pescoço dele ficou mais apertado, deixando-o praticamente sem fôlego. Ela estava impressionante: de saia preta, botas sensuais que iam até os joelhos e um suéter verde justo que realçava cada curva que Deus lhe dera. Gavin nunca conhecera uma mulher tão linda. Nas últimas semanas, ele se afundara no trabalho tentando não pensar nela. A intenção era bloqueá-la por completo de sua mente, só que quanto mais tentava, mais raízes ela criava.

Não era para ela estar ali esta noite – pelo menos fora isso que Trevor lhe dissera. Agora, enquanto a observava percorrendo o mar de corpos, Gavin achava que seu coração ia saltar do peito. O corpo pulsava com energia,

fazendo vibrar seu desejo e a necessidade de tê-la. A conexão e a atração que Emily provocava – desde a primeira vez em que pusera os olhos nela – ainda o impressionavam. Nos segundos antes de ela e Dillon se aproximarem, Gavin ouviu a voz da razão, que o mandava deixar essa história para lá e abrir mão de tudo. No entanto, por mais que ele quisesse obedecer, a cabeça já estava a toda. Era Emily a destinatária de todas as suas emoções represadas – pois ela, e mais ninguém, alimentava todo o fogo de sua vida. Emily não era menos do que torturantemente viciante. Os olhos de Gavin encontraram os dela, que desviou o olhar, ignorando a existência dele. Depois de apertar a mão de Dillon, Gavin a observou se aproximar de Trevor.

– Você veio – comemorou Trevor, se inclinando para abraçá-la. – Está se sentindo melhor?

Afastando-se com um sorriso frágil nos lábios e uma tossidinha, ela respondeu:

– Não. Não estou melhor, então talvez você não queira me abraçar.

Apesar do aviso, Trevor a puxou para si. Ela ergueu o rosto para fitá-lo:

– Trevor, estou falando sério. Nesse momento minha capacidade de contágio está no nível máximo.

Ele a apertou com mais força ainda e riu.

– Em, tem álcool suficiente circulando dentro de mim para matar qualquer porra de germe que você possa espalhar.

Dando um jeito de rir, ela retribuiu o abraço.

– Está certo, então, mas a culpa é toda sua. – Trevor sorriu para ela. – Feliz aniversário, cara.

Qual é o número da noite, o grande três-ponto-zero?

– Não exatamente. A idade jovem, porém madura, dos 29 anos – respondeu ele, passando o braço pela cintura de Fallon. – E este vai ser um belo ano.

Fallon ergueu a cabeça para beijá-lo e olhou para Emily.

– Sou uma menina de sorte.

– Você é mesmo uma menina de sorte, e ele é um homem de sorte

também. Não se esqueçam disso. Adorei a cor nova.

Fallon jogou os cabelos escarlate para o lado.

– Gostou mesmo? Não estou acostumada com uma cor só de cada vez.

– Gostei, sim. Fica muito bem em você. – Emily olhou ao redor. – Onde estão Olivia e Tina?

– Pelo visto, você não é a única pessoa em Manhattan que está doente – respondeu Trevor. – Tina não estava se sentindo bem, então Olivia a levou para casa.

Emily assentiu e se acomodou num banquinho ao lado de Dillon. Ele já estava pedindo algumas doses, rumo a um porre ainda maior.

– Se me derem licença – continuou Trevor –, vou suar um pouco com minha namorada gostosa.

Emily observou Trevor e Fallon sumirem em meio à pista de dança. Na meia hora que se seguiu, Emily e Gavin não trocaram mais do que um olhar ocasional e apreensivo.

Ela ficou escutando enquanto ele e Dillon conversavam sobre beisebol. Os Yankees tinham chegado à final e o terceiro jogo estava sendo televisionado em vários aparelhos de tela plana espalhados pelo bar. Os rivais – imaginem só – eram os Baltimore Orioles. Emily teve que sorrir diante disso.

Sem poder controlar a ansiedade que sentia com álcool por causa dos remédios, ela aguentou a situação da melhor maneira possível – sem prestar a menor atenção a nenhum dos dois. Ao aceitar um copo de água gelada das mãos do barman, o celular iluminando-se dentro da bolsa chamou sua atenção.

Pegando-o, leu uma mensagem de texto de um número desconhecido: Devo admitir que você joga esse jogo muito bem...

Franzindo as sobrancelhas e sem ter a menor ideia de quem se tratava, escreveu de volta: Quem é?

Após alguns segundos, a resposta chegou: No entanto... os passarinhos dos Orioles não têm a menor noção de como jogar... então dá no mesmo...

Erguendo a cabeça de súbito para Gavin, seu coração deu um salto.

Embora estivesse empoleirado do outro lado de Dillon, ele permanecia no campo de visão de Emily. E a fitava com um sorriso largo e desinibido. Ela olhou para o noivo, que não prestava a menor atenção nela ou em Gavin, ainda mais bêbado do que quando haviam chegado. Estava entretido numa conversa sobre o jogo com outro cliente do bar enquanto riam e bebiam juntos.

Mais uma mensagem de texto fez o telefone vibrar: Dá só uma olhada no placar...

Nervosa, ela voltou a olhar para Gavin.

Sorrindo, ele apontou para um dos televisores com a garrafa de cerveja.

Desviando os olhos para a tela, que mostrava os Yankees na frente por cinco pontos, Emily deixou escapar a respiração que vinha prendendo. Olhou para ele outra vez.

Escreveu de volta: Como conseguiu meu telefone?

Vamos, admita que os passarinhos não têm a menor chance contra os Yankees... talvez assim eu responda...

Tossindo, ela ergueu uma das sobrancelhas e olhou para Gavin. Ele deu de ombros displicentemente.

– Que audácia – murmurou Emily, enquanto escrevia de volta: Não vou fazer isso...

Seus olhos voltaram aos dele. A perplexidade se estampou no rosto de Gavin e ela percebeu que ele corria os dedos de modo ágil pela tela do telefone.

Então você vai ficar com sua percepção original da minha personalidade... Sou um stalker e você é minha linda presa.

Balançando a cabeça ao constatar como ele era espertinho, ela acabou cedendo à curiosidade: Está bem, os passarinhos não estão jogando muito bem esta noite...

Ouviu Gavin soltar uma gargalhada rouca.

Ele respondeu: Vou simplificar as coisas... Seu time é uma DROGA. E já que você não admitiu que seus passarinhos não têm a menor chance contra os meus amados Yankees, senti um súbito desejo de fazer você... implorar.

Pura perversão, não é? Aguardo sua resposta...

Tomando um gole d'água, ela zombou:

– Ele perdeu o juízo.

Então viu um sorriso superior surgir no rosto de Gavin.

Começou a lhe escrever de volta, avisando que não ia implorar por uma resposta, mas ele mandou outra mensagem: Estou generoso, já que meu time está acabando com o adversário. Não precisa implorar... embora eu saiba que você iria fazer isso... Mande de volta a palavrinha mágica e liberarei a informação que você tanto deseja. Uma dica... Começa com por...

Ela revirou os olhos e escreveu: Por favor...

A resposta foi rápida: Sabia que conseguiria fazer você implorar... Molly.

Dessa vez, ela não pôde deixar de rir. Sua mensagem foi um pouco mais exigente desta vez: Emily para você, “stalker”. Você não conseguiu me fazer implorar por coisa alguma. Só quero a informação.

O sorriso de Gavin oscilava entre a obscenidade e a travessura quando olhou de novo para ela.

Ele respondeu: Você implorou, sim, boneca, e tenho quase certeza... não, tenho certeza absoluta... de que conseguiria fazê-la implorar por um bocado de coisas se me fosse dada a oportunidade. Várias. Mas em resposta à sua pergunta, Olivia me deu o seu telefone. Imagino que a fonte não seja um choque...

Ela suspirou.

Discordo com a parte da súplica. Chamo isso de ser educada. Não sei como responder à sua segunda declaração, a não ser dizendo que você é um filho da puta arrogante. Não, não me choca o fato de Olivia ser sua cúmplice... Vocês dois são loucos de pedra...

Consumida pelos textos que escrevia para Gavin e pelo rugido dos torcedores dos Yankees, Emily não percebeu que Dillon havia desaparecido. No entanto, não pôde deixar de notar que Gavin a encarava agora que só um banco de bar os separava. A respiração dela ficou presa na garganta quando ele diminuiu a distância, passando para o assento ao lado do dela. Plantou o cotovelo no balcão, o sorriso não menos convencido do que antes.

– E então, começou o “filho da puta arrogante” – disse ele, virando-se para encará-la –, ainda vai negar que eu a fiz implorar?

A familiaridade daquela voz, cheia de humor, lhe causava arrepios na espinha. Com um sorriso torto, ela deixou escapar um suspiro exasperado.

– Você é implacável.

– Sempre – respondeu ele, calmo. Tomou um longo gole da cerveja, sem tirar os olhos dos dela. – Achei que seria uma boa forma de aliviar a tensão.

– Você tem um jeito engraçado de aliviar a tensão, Gavin.

– Por que diz isso?

– Vamos ver... Tentando me fazer admitir que eu estava implorando. – Ela cruzou as pernas e acrescentou: – Coisa que eu não estava.

– Implorou, sim, boneca, mas vou deixar para lá.

Rindo, ela balançou a cabeça.

– Eu desisto. Você venceu.

Ele sorriu, e por um minuto permitiu afogar-se nela, perdendo-se na lembrança do seu toque.

– Sério, achei que as mensagens de texto pudessem funcionar. – Seus olhos brilhavam com algo semelhante a um pedido de desculpas. – Pelo menos, espero que tenham funcionado.

Gavin tinha razão. A tensão dentro dela parecia ter se dissipado. Respirando fundo, Emily assentiu.

– É, funcionou, sim.

Ele deslizou uma tampinha de garrafa na direção dela e sorriu.

– Trégua?

Baixando a vista para o balcão envernizado, ela pegou a tampinha e a rolou entre os dedos, com um sorriso débil nos lábios. Não sabia como ia suportar, mas precisava estar bem com ele. Emily sabia que o destino não estava jogando limpo com o coração de nenhum dos dois. O destino havia quebrado todas as regras, criando um jogo perverso e ilimitado que os vinha destruindo por dentro.

Mas ela não permitiria que arruinasse mais suas vidas. Respirando fundo

mais uma vez, fitou os olhos de Gavin e meneou a cabeça numa resposta positiva.

– Está certo, Gavin... trégua.

Tomado de alívio, Gavin estudou o rosto dela, esperando gravar sua imagem na memória.

Parecia haver uma eternidade desde que a vira pela última vez.

– Então, como tem passado?

– Bem. E você?

– É, bem – mentiu ele, rezando para que ela não notasse.

Emily lhe lançou um sorriso débil que o fez duvidar de sua habilidade como ator.

– Então... Olivia me disse que, como Dillon viaja a negócios amanhã, ela vai ser sua acompanhante oficial no evento de captação de recursos da minha mãe neste fim de semana.

– É verdade. Tina vai viajar para a casa dos pais, no Texas, então vamos aproveitar para fazer uma noite só de mulheres.

– Legal. – Ele sorriu e se recostou na cadeira. – Tenho certeza de que você vai se divertir bastante.

Ela tossiu.

– Bem, estou ansiosa.

– Você não parece bem – comentou ele, pondo o dorso da mão na testa dela. Emily se encolheu.

– Está febril.

– Dá para saber só sentindo minha testa, é? – Ela levou a mão à própria testa e começou a vasculhar a bolsa à procura de Tylenol. – Agora, além de magnata dos negócios e babá, seu currículo também inclui médico?

Ele riu e deu de ombros.

– A parte da babá tem a ver com a parte médica. Tomei conta de Timothy e de Teresa algumas vezes quando estavam doentes. – Ele bebericou um gole de cerveja. – Você não devia ter saído nesse estado.

Ela suspirou.

– É, eu sei.

Gavin olhou para ela sem entender. Enfiando o comprimido na boca, Emily bebeu um pouco de água e disse:

– É uma longa história.

Embora tivesse uma boa noção de quem a arrastara para sair, Gavin não fez mais perguntas.

Olhando para ele, Emily foi vencida pela curiosidade e ela se perguntou por que ele estava sozinho.

– Então, é... o que aconteceu com a garota que você levou à minha festa de noivado?

Ela não era você...

– Ela se mudou para a Costa Oeste para ficar mais perto da família – respondeu ele, a mentira saindo de sua boca sem o menor esforço.

– Ah, sinto muito.

– Imagine, não era nada de mais.

Trevor e Fallon foram se aproximando dos dois, ambos suados de tanto dançar.

– Caipirinha – Fallon respirava com dificuldade, enxugando a nuca –, venha comigo ao banheiro.

Preciso retocar a maquiagem. Estou certa de que deve estar toda manchada.

– Claro – disse Emily, levantando-se do banco. Ela olhou para Gavin. – Dá uma olhada na minha bolsa?

Ele assentiu, mas Trevor a pegou de cima do balcão e a cruzou no corpo.

– Deixe que eu olho. Blake pode roubar alguma lembrancinha bizarra sua.

Todos riram e as duas mulheres seguiram em direção aos toaletes. Enquanto serpenteava pelos infindáveis torcedores que comemoravam a vitória dos Yankees, Emily viu Dillon jogando uma partida de sinuca. Estava com um grupo de homens e de mulheres do outro lado do bar. Ao se preparar para uma jogada, dava para perceber que reunia todas as suas

forças para se manter de pé enquanto o corpo balançava. Risadas eclodiram quando ele encaçapou a bola oito.

– Pelo visto ele não faz mais questão da minha companhia – murmurou ela.

Fallon abriu a porta do banheiro com um puxão e as duas entraram.

– Sei que não conheço bem o Dillon, Caipirinha, mas suponho que ele tenha feito você vir esta noite.

– Bem, eu poderia ter dito não – respondeu ela, olhando-se no espelho.

Fallon pegou uma toalha de papel, umedeceu-a um pouco e se pôs a limpar o suor do rosto e dos braços. O canto da boca se curvou num sorriso malicioso.

– Certo, só que não foi o que você fez.

Emily deu de ombros.

– Eu me senti mal por não vir. Adoro o Trevor.

Fallon atirou a toalha de papel no lixo e olhou para Emily, os olhos cinzentos brilhando de preocupação.

– E o Trevor também a adora, mas você precisa ser mais firme com seu noivo. Colocá-lo no devido lugar quando for preciso.

Emily a estudou por um segundo, sentindo-se um pouco confusa.

– Acho que o coloco no lugar dele, Fallon.

Inclinando a cabeça, Fallon pôs a mão no ombro da amiga.

– Não estou tentando arranjar confusão com você, Caipirinha. Só acho que poderia ser um pouco mais dura com ele, só isso.

Um leve sorriso surgiu nos lábios de Emily, mas ela não respondeu. Fallon pegou a mão dela e as duas saíram. Deram de cara com um enorme grupo que se formara diante da porta, dificultando a passagem das duas pela multidão.

– Merda – resmungou Fallon. – Acho que acabei de menstruar. Vai voltando para o bar. Vou em seguida. – Emily assentiu e tentou abrir caminho pela aglomeração.

– Pelo visto, você está presa aqui. – Um homem ao seu lado berrou mais

alto que a música estridente. Emily percebeu a altura intimidadora do cara, que passava a mão pelos fios rentes ao couro cabeludo. – Eu poderia levá-la e carregá-la até onde tiver que ir.

– Hum, não, obrigada. Consigo passar. – Emily suspirou enquanto continuava sua tentativa de se espremer em meio aos outros clientes.

– Eric – disse ele, estendendo a mão e tentando ele próprio se esquivar da massa de gente.

Ela aceitou o cumprimento.

– Emily. É um prazer.

– Bem, Emily, estou aqui com alguns amigos se você quiser vir à nossa mesa beber alguma coisa.

Estão bem ali – disse ele, indicando um reservado a alguns metros de distância. – Se é que vamos conseguir chegar até lá. Não está parecendo que iremos muito longe no meio dessa gente toda.

– Obrigada pelo convite, mas estou aqui com meu noivo.

– Vai se casar? Que legal. Quando é o grande dia? Não vai ser um casamento com temática de Dia das Bruxas, vai?

– Não, mas teria sido uma boa ideia. – Ela ficou na ponta dos pés na tentativa de enxergar por cima da multidão. – Vai ser no dia 24 de novembro.

– Que incrível – disse ele. – Posso ver a aliança?

Emily achou aquele pedido estranho, mas, pensando bem, pensou que poderia usá-lo a seu favor.

– Que tal uma troca, Eric? Eu deixo você ver minha aliança se abrir esta multidão igual ao mar Vermelho para eu poder voltar até onde meus amigos estão.

– É melhor do que nada – brincou ele, com um sorriso largo. Emily levantou a mão e ele a pegou.

Ficou boquiaberto e de olhos arregalados. – Caramba, isso é que é diamante! Bem, parabéns para você e para seu noivo. Desejo a vocês...

– Emily – interrompeu Dillon, com a voz raivosa. Ele a paralisou com um olhar severo e ela estremeceu. Puxando a mão, ela ia começar a dizer

alguma coisa, mas Dillon voltou a atenção para Eric: – Por que diabos você está segurando a mão da minha noiva, hein?

– Dillon – começou Emily, tensa –, ele só estava...

– Cale a boca, Emily – rosnou ele. – Responda à porra da minha pergunta, cara. Por que estava com as mãos em cima dela?

Eric estreitou os olhos.

– Relaxe, amigo. Só perguntei se podia ver o anel de noivado.

Sem mais nenhuma palavra, a cabeça de Eric foi jogada para trás quando Dillon lhe acertou um soco no nariz. O sangue voou no suéter de Emily. Contendo um grito, ela sentiu a velocidade do coração triplicar enquanto observava o corpo de Eric se chocar contra a parede. Cambaleando para se levantar, ele esfregou o nariz por um segundo e começou a tentar atingir Dillon descontroladamente.

Fallon saiu do banheiro com os olhos arregalados de choque.

– Puta merda!

– Dillon – gritou Emily enquanto ele partia para cima de Eric, arremessando o corpo do outro de encontro à parede com uma força brutal.

– Eu vou chamar o Trevor e o Gavin! – gritou Fallon, abrindo caminho em meio ao turbilhão que formava uma roda em torno dos dois homens.

Emily chorava, gritando o nome de Dillon, em choque, enquanto os homens continuavam aquele massacre horrível. Enquanto clientes sedentos de sangue assistiam à briga, rugindo feito animais enjaulados, o corpo de Emily ia sendo empurrado e puxado para todas as direções durante aquela histeria. Em poucos segundos, dois seguranças monstruosos surgiram com cara de que estavam prontos para uma boa briga. Sem muito esforço, um dos seguranças ergueu Dillon pelos braços, puxando-o de cima de Eric, que era puxado para longe pelo outro. Gritaram para que todos esviassem a área senão também seriam expulsos. Diante do aviso, o grupo recuou de volta para o balcão, ainda empolgado com aquela loucura.

Conforme a multidão se diluía, Fallon, Trevor e Gavin apareceram, os dois rapazes com expressão de fúria, e Fallon completamente chocada.

– Meu Deus, Dillon, você está sangrando – gritou Emily.

Gavin olhou para Dillon e perguntou em tom áspero:

– Caralho, o que aconteceu aqui?

– Foi ela, porra! Vá buscar suas coisas, Emily!

Algo luziu nos olhos de Dillon, algo que Emily não se atreveu a questionar naquele momento.

Nunca o vira tão soturno e sedento de vingança. Com o corpo tremendo, ela assistiu a um dos seguranças escoltá-lo pelo cotovelo para fora do bar. Ainda chorando, Emily parou, levou a mão à boca num movimento rápido e começou a olhar ao redor, frenética.

– Minha bolsa! Quem está com a minha bolsa?

– Eu – disse Fallon, entregando-a a ela.

Ao saírem do bar, Emily encontrou Dillon andando de um lado para outro no estacionamento, agarrando os próprios cabelos.

– Dillon – gritou Gavin, aproximando-se dele. – Que merda foi aquela lá dentro?

Sem responder, Dillon caminhou com passos duros até Emily e a agarrou pelo braço. Ela tentou recuar, mas ele a segurava com força. Pegou-a pelo queixo e ergueu sua cabeça à força.

– Você acabou de deixar que um cara qualquer pusesse as mãos em você! O que você é? Uma puta, porra?

Os olhos de Gavin ficaram injetados de raiva.

Os pelos de seus braços se arrepiaram. Com um músculo latejando na mandíbula, os ombros contraídos de um jeito hostil e o azul-claro dos olhos ardendo como carvão em brasa, ele desferiu um golpe súbito e brutal no queixo de Dillon, jogando a cabeça dele para trás. Dillon caiu no asfalto com um baque nauseante, o corpo imóvel – indo a nocaute.

Com o impacto, Emily cambaleou para trás e caiu no chão. Escorregando sobre pedacinhos minúsculos de cascalho, sentiu as palmas das mãos e os punhos serem ralados.

Sem prestar a menor atenção no amigo desmaiado, os olhos de Gavin voaram para Emily. Seu coração se apertou. Com um movimento elegante e fluido, ele a levantou do chão e fitou seu rosto, preocupado.

– Meu Deus, Emily, me diga que eu não a atingi sem querer. – Ele correu os dedos pelas bochechas dela, acariciando-as através dos cabelos. Com o corpo tremendo, ele a encarou, a voz num sussurro: – Meu Deus, por favor, me diga que não machuquei você.

Ela engoliu com dificuldade, o choque se instalando em todo seu corpo.

– Não, você não me acertou – respondeu, engasgando, as lágrimas escorrendo.

Pela segunda vez naquela noite, o alívio tomou Gavin.

– Vou levá-la de volta para o seu apartamento – sussurrou ele, deslizando as mãos pelos braços de Emily.

– Eu... eu não posso deixá-lo aqui, Gavin – gaguejou ela, enxugando os olhos.

– Pode, sim. E é o que vai fazer – respondeu ele, com cuidado. Olhou para Trevor. – Leve Dillon para a sua casa.

Trevor agachou-se ao lado de Dillon, examinou a pulsação dele e depois ergueu a cabeça e assentiu.

– Está bem, mas você vai me ajudar a colocá-lo no carro.

Embora tivesse precisado de cada grama de autocontrole para não jogar Dillon no porta-malas de Trevor e afundá-lo em algum lugar do Atlântico, Gavin concordou, relutante. Depois que um Dillon muito bêbado e inconsciente foi atirado dentro do carro de Trevor, Gavin levou Emily para casa. Durante todo o percurso, o estômago dele se contorcia de dor ao ouvi-la chorar enquanto explicava o que havia acontecido. A expressão dela era de vulnerabilidade, e a necessidade por respostas girava em seus olhos.

Depois que entraram no apartamento, Gavin a fez se sentar no sofá enquanto ia ao banheiro pegar uma toalha e curativos. Foi à cozinha e encheu uma tigela de água fria. Quando voltou, a encontrou balançando o corpo para a frente e para trás, segurando o rosto. Seu peito ficou pesado, como se houvesse um tijolo no lugar do coração. Era quase impossível resistir ao desejo de tomá-la nos braços e protegê-la da dor.

Sentado no chão diante dela, Gavin mergulhou a toalha na água e pegou um de seus pulsos. Ela se encolheu de dor quando ele encostou a toalha na pele. E então Gavin sentiu a raiva dominá-lo, pois Dillon tinha causado

tudo aquilo. Gavin rangia os dentes enquanto torcia o excesso de água da toalha, notando que o tecido branco estava tingido de rosa por causa do sangue de Emily. O sangue daquela linda mulher estava sendo derramado por causa de um babaca que não merecia o sorriso, o toque nem o amor dela.

Querendo lhe dizer como a trataria melhor, como cuidaria de cada necessidade dela de todas as formas possíveis, Gavin fez calar a voz de seu desejo, para evitar chateá-la ainda mais.

– Sinto muito por ter causado isso, Gavin. Sinto muito – sussurrou ela enquanto as lágrimas escorriam.

Com a testa franzida e a cabeça inclinada, Gavin colou o último curativo. Ergueu os olhos e tentou compreender por que Emily estava dizendo aquilo.

– Você acha que foi culpa sua?

– Acho. Dillon tem razão. Se eu não tivesse deixado aquele cara me tocar, nada disso teria acontecido.

– Emily... – Ele fez uma pausa, erguendo a mão para lhe acariciar o queixo. – Você não é responsável pelo que aconteceu. Está me entendendo?

Fungando, ela balançou a cabeça, inflexível, e olhou no fundo dos olhos dele.

– Não, Gavin. A responsabilidade é minha, sim. Eu não tinha o direito de ficar de papo com aquele cara, para começo de conversa. – Ela soluçava, incontrolavelmente. – Você e Dillon eram amigos e não voltarão a ser depois disso. Não consigo acreditar no que causei.

Ele podia ver o misto de confusão e dor no rosto dela, o que só fez aumentar a raiva que sentia.

Mas que droga, Dillon. Ele tinha um controle muito maior sobre Emily do que Gavin imaginava.

– Ele faz com que você acredite que a culpa é sua, Emily. – As palavras dele foram ditas em voz baixa, porém firme. – Não estou preocupado com a amizade dele neste momento. Acho que nunca estive. Estou preocupado com você... com você, Emily, não com ele.

Balançando a cabeça, ela continuou a chorar, mal conseguindo respirar. Gavin ficou de pé e se acomodou no sofá, ao lado dela. Colocando uma almofada no colo, ele fez com que Emily deitasse a cabeça ali, com todo cuidado. Não se surpreendeu por ela não resistir. A mulher que ele conhecera estava em pedaços – dilacerada por um homem que enxergava sua fragilidade e que a usava contra ela sempre que tinha uma oportunidade. Talvez tenham ficado ali por segundos, minutos ou talvez horas – Gavin não soube dizer –, mas durante todo o tempo ele lhe acariciou os cabelos, até Emily pegar no sono. Com olhos injetados, Gavin ficou olhando o peito dela subir e descer pacificamente.

À medida que cada um daqueles segundos iam se passando, Gavin se dava conta – e não pelo que desejava para si, mas só pelo bem de Emily – de que precisava afastá-la de Dillon.

15

Relaxando por inteiro

O CÉU DE OUTUBRO, FRIO e infinito, era iluminado pela lua cheia quando Emily e Olivia deixaram o prédio. Respirando fundo, Emily olhou para as estrelas cintilantes, sobre os edifícios muito altos.

Adorava o outono. O ar, apesar de frio, tinha o poder de acalenta-la, fazendo com que se lembrasse do Colorado.

Seu lar.

Se havia um momento na vida no qual mais precisava da mãe, era este.

– Nós estamos o máximo, amiga – vibrou Olivia, fazendo sinal para um táxi. – Minha mãe sempre diz que não existe dinheiro mais bem gasto do que em cabelo, maquiagem e unhas para uma noite como esta.

Antes que Emily pudesse concordar, uma elegante limusine preta parou à sua frente. O chofer saltou e Emily recordou que ele os havia levado à casa de Gavin nos Hamptons.

– Boa noite, Srta. Martin – disse o cavalheiro rechonchudo de cabelos grisalhos para Olivia. – Perdoe-me o atraso. A cidade está com várias quadras fechadas para obras que eu desconhecia.

– Oi, Marcus – disse Olivia com um sorriso. – Foi aquele filho da mãe traçoeiro que mandou você, não foi?

– Sim, Srta. Martin. O Sr. Blake me mandou chegar às seis horas em ponto para buscar você e a Srta. Cooper. Mais uma vez, peço desculpas pelo atraso.

– Caramba, adoro surpresas! Achei que iríamos de táxi. – Olivia se virou para Emily com as sobrancelhas erguidas. – Pelo visto o Sr. Blake cobre as pessoas que ele deseja desesperadamente com o que há de melhor... porque ele nunca mandou uma dessas antes. – Emily balançou a cabeça e entrou na limusine. Depois de se acomodarem, Olivia abriu uma garrafa de

champanhe e serviu uma taça para si e outra para a amiga. – Dinkerbell ligou para você hoje de novo?

– Dinkerbell?

– É, como Tinkerbell. Ele ligou de novo?

– Esse apelido é novo. – Emily suspirou. – O que você acha?

– Bem, pensei que ele tivesse se tocado, já que você não tem atendido os telefonemas dele. – Ela deu de ombros. – E não chegou nenhuma flor no apartamento hoje, então presumi que ele enfim tivesse desistido.

Emily sabia que não era o estilo de Dillon desistir de nada com tanta facilidade.

– Certo, talvez não para o apartamento, mas mandou para o Bella Lucina.

– Caramba! – exclamou Olivia, arregalando os olhos. – Quantas dessa vez?

Emily olhou para ela por cima da borda da taça.

– Digamos apenas que foi o suficiente para Antonio decorar todas as mesas, o bar e ainda ficar com uma dúzia inteira para levar para a namorada.

Virando a bebida, Olivia se recostou no assento, suavizando a expressão.

– Bem, estou orgulhosa de você por não ceder. Com toda sinceridade, espero que se mantenha firme quando ele voltar da Flórida. Quando falei com Trevor hoje mais cedo, ele contou que, desde que chegaram lá, o idiota só fala sobre como está decidido a reconquistar você.

Emily espiou pela janela, os olhos absorvendo as luzes cintilantes da cidade. Enquanto as via passar, pensou em quanto se sentia como a vítima de um acidente violento – machucada e cheia de hematomas. Embora não tivesse nenhum osso quebrado, o coração sangrava das feridas infligidas por Dillon. As palavras ditas por ele não lhe saíam da mente, ferindo tanto agora quanto no momento em que ele as pronunciou.

Não tinha como negar que se sentia culpada por causar a situação como um todo. Sabia que poderia ter evitado aquilo. Mesmo assim não iria ceder. Não podia. Estava mandando os telefonemas dele direto para a caixa postal.

Dillon chegara a ligar para a escola onde ela lecionava.

Emily ignorara esses recados também. No entanto, sua maior surpresa foi quando a mãe dele apareceu no apartamento dela, sem aviso e puta da vida. Emily encurtou a visita ao máximo batendo a porta na cara de Joan.

– Vou ter que conversar com Dillon quando ele voltar – suspirou Emily.
– Não posso terminar o noivado sem dar nem uma explicação.

– Por que não? Ele não merece explicação alguma, Em.

– Não estou falando de fazer isso por ele, Olivia. Mas eu preciso botar um ponto final. – Emily virou o resto do champanhe e imediatamente encheu a taça outra vez. – De uma forma ou de outra, Dillon fez muito por mim e pela minha família. Sei que o que ele fez no bar foi errado, mas estava bêbado e essa é uma coisa que preciso levar em consideração.

Olivia a olhou de cara feia do outro lado da limusine.

– Você está caindo na armadilha dele outra vez.

– Como estou caindo na armadilha dele, Olivia? Ele nem está aqui.

Olivia deu uma batidinha na têmpora da amiga.

– Certo, mas ele está aí dentro desse seu cérebro, igual a um funguinho. Meu irmão fica de porre e não pira para cima da Fallon. – Olivia inclinou o corpo para a frente e se serviu de uma segunda taça de champanhe. – Eu já saí com um monte de caras que ficavam chapados e não faziam a merda que ele fez com você. E estou certa de que você já teve ex-namorados que também não fizeram.

– Eu não namorei muito antes de Dillon. – Emily deu de ombros. – Na verdade, não tenho nenhuma base de comparação.

O rosto de Olivia se contraiu, demonstrando confusão.

– E por que você precisaria de uma base de comparação para uma coisa dessas, Em? Já chega dessa história. Bêbado ou sóbrio, para baixo ou para cima, puto da vida ou feliz, nenhum homem tem o direito de tocar um dedo sequer numa mulher. Nunca. – Tomando um gole de champanhe, Emily desviou o olhar. – Não estou brincando, Emily. Você pode achar que o que seu pai fez com sua mãe é normal, mas não é, amiga. Longe disso. – Engolindo com dificuldade diante das lembranças ruins, Emily forçou-se a

se concentrar em Olivia. – Eu sugiro que você se livre da necessidade de dar uma conclusão ao que você teve com aquele babaca porque ele é igualzinho ao seu pai. Separe as coisas que ele deixou no nosso apartamento e eu mando meu irmão buscar suas coisas na casa do Cuzão. – Cruzando as pernas por baixo do vestido de noite vermelho, ela acrescentou: – Graças a Deus vocês ainda não tinham assinado o contrato daquele apartamento.

– Não quero mais falar sobre isso hoje – pediu Emily, a voz entre o limite da frustração e da súplica. – Quero curtir uma noite sem pensar em toda essa confusão com Dillon. Por favor, Olivia?

– Está certo, mas amanhã vou voltar a atazanar você.

Emily suspirou e assentiu.

– Tudo bem.

Cinco minutos depois, a limusine parava na frente do hotel St. Regis. Marcus abriu a porta e elas deslizaram até a calçada, agradecendo-lhe. Puxando o xale por cima dos ombros, Emily enlaçou o braço de Olivia e elas entraram no lobby.

Depois que Olivia deixou o casaco na chapelaria, elas se dirigiram ao amplo salão de baile. O evento estava a todo vapor. A música da banda enchia o local enquanto garçons de luvas brancas percorriam o salão com caviar e taças de champanhe. O ambiente extravagante tinha tetos abobadados salpicados de nuvens que realçavam os lustres dourados. Uma iluminação suave em rosa-claro – em homenagem à cor da campanha de conscientização contra o câncer de mama – deixava a seda branca que cobria as mesas com aparência de cascatas. Lindas rosas e cravos pink despontavam de dentro de reluzentes montanhas de hortênsias no centro de cada mesa.

No segundo em que Emily entrou no salão, seus olhos encontraram os de Gavin. Ela percebeu que precisava se lembrar de respirar. Um sorriso surgiu no rosto dele enquanto ela o observava pedir licença e se afastar de um grupo de homens. Emily não só se concentrou nele enquanto Gavin atravessava o ambiente, como notou que os olhos de todas as outras mulheres gravitavam na direção dele. Jovens, velhas, altas, baixas, negras ou brancas – nenhuma conseguia evitar fitá-lo. Ele estava impressionante, trajando um smoking Armani cortado à perfeição. Deslizando a mão pelos cabelos, atravessou o salão com passadas ao mesmo tempo sensuais,

poderosas e fortes.

Olivia o abraçou.

– Obrigada por ter mandado a limusine para nos buscar. – Ela fez uma pausa e um sorriso malicioso dançou em seus lábios. – Bem, não foi para nos buscar, mas ainda assim, foi um gesto simpático.

Balançando a cabeça, Emily mordeu o lábio para esconder a onda de vergonha que fez sua barriga revirar.

– É claro que era para buscar as duas. – Ele riu, erguendo uma das sobrancelhas, culpado. – Só nunca tinha pensado em mandar uma antes.

– Claro, Blake, como você preferir – rebateu Olivia, a voz contendo um ceticismo brincalhão.

Gavin riu outra vez, pois sabia que ela o havia desmascarado. – Onde estão seus pais? Quero dar um oi.

– Estão ali – respondeu ele, apontando uma mesa no meio do salão.

– Beleza, depois eu falo com vocês.

Com isso, Olivia saiu em direção a Chad e Lillian.

Gavin se virou para Emily, os olhos ansiando por cada centímetro daquele corpo. Ela estava estonteante: uma princesa entre camponeses. Ele ficou sem fôlego. Ela usava um vestido tomara que caia de veludo preto que destacava o colo e descia até o chão, abraçando como uma luva suas curvas sutis. Os olhos de Gavin subiram pela gargantilha de diamantes, ignorando o brilho da joia, e se fixaram naqueles lábios cor de rubi: impressionantes, fartos, brilhantes. Minúsculos grampos de diamantes prendiam os cabelos dela, deixando apenas alguns fios a emoldurar o rosto em formato de coração. Tons de cinza esfumado cintilavam em suas pálpebras enquanto os lindos olhos cor de esmeralda fitavam os dele, azul-gelo.

Tentando se recompor, Gavin tomou a mão de Emily e, num gesto régio, a levou até os lábios, dando-lhe um beijo delicado.

– Palavras seriam incapazes de descrever sua beleza esta noite.

– Obrigada – disse ela, nervosa, agarrando a clutch. – Você também está ótimo.

– Ora, muito obrigado. – Ele deu um sorriso carinhoso. – Vamos?

Com alguma hesitação, ela assentiu e Gavin pousou a mão dela sobre a dobra de seu braço. Ele a conduziu através do salão, parando um instante para conversar com alguns dos convidados que o detinham. Ao longo do caminho, apresentou Emily a algumas das famílias que a fundação da mãe tinha ajudado ao longo dos anos. Seus rostos alegres revelavam sua gratidão. Dentre os convidados estavam alguns dos principais pesquisadores de câncer de mama de Nova York, representantes de organizações, entidades e alguns políticos que tiveram um ente querido acometido pela doença.

Como o tema afetara Gavin e a família de maneira tão íntima, Emily ficou impressionada com a generosidade que haviam estendido aos necessitados.

Gavin puxou uma cadeira para ela.

– Emily, você se lembra do meu irmão, Colton, e da esposa dele, Melanie.

Assentindo, Emily apertou as mãos de ambos.

– Lembro, sim. É bom revê-los.

– Você também – replicou Melanie. – Na verdade, meus filhos já perguntaram por você algumas vezes.

– É mesmo? – indagou Emily, a surpresa estampada nos olhos.

Passando o braço por cima do encosto da cadeira de Melanie, Colton respondeu:

– Com certeza. Nos disseram que você é a melhor jogadora de futebol do mundo.

– Que engraçado – observou Emily, sorrindo. – Bem, diga a eles que mandei um “oi”. Temos que organizar outra partida de futebol.

Gavin sorriu e sentou-se ao lado de Emily.

– Não deixe que ela engane vocês. Se bem me lembro, fui eu que lhe ensinei a jogar futebol. – Olhando para Emily, ele piscou. Ela balançou a cabeça.

– Ah, claro, cunhado, fique com todo o crédito. – Melanie afastou os cabelos louros do ombro, os olhos revelando anos de sabedoria. – Emily, é bom você ser avisada de antemão que todos os homens da família Blake

tentam levar o crédito por tudo que puderem.

Emily arqueou a sobancelha para Gavin e ele riu.

– Mas, neste exato momento, esta mulher do clã dos Blake está prestes a levar o crédito por ensinar o marido a dançar – continuou Melanie, levantando-se e tomando a mão de Colton. – Não é verdade, meu bem?

De pé, Colton passou o braço pela cintura da esposa e lhe deu um beijo na cabeça.

– Eu tenho dois pés esquerdos, então vou mesmo lhe dar o crédito por tentar me ensinar a dançar.

– Cuidado para não cair de bunda, maninho – gritou Gavin enquanto o casal seguia para a pista de dança.

Colton se virou e fez um gesto obsceno com o dedo do meio para Gavin.

– Hum, será que estou percebendo certa rivalidade entre irmãos? – perguntou Emily.

– A mais completa rivalidade entre irmãos – respondeu ele, chamando um dos garçons. – Eu me divirto com qualquer chance que tiver de fazê-lo de bobo.

– Você é de mais! – disse ela, rindo.

– Eu sei, mas ele merece.

O garçom se aproximou da mesa com uma garrafa de champanhe caríssimo e uma toalha estendida sobre um dos braços.

– O que você gostaria de beber? – perguntou Gavin.

Sabendo que ela e Gavin não combinavam bem com bebidas alcoólicas, Emily achou melhor pegar leve.

– Na verdade, vou querer uma água gelada.

Ele franziu a testa.

– Tem certeza? – Respondendo com um sorriso, Emily assentiu. Depois de pedir um bourbon com gelo, Gavin se recostou na cadeira e olhou para ela. – Estou feliz em ver que você não está mais doente.

– Obrigada. Foram dias bastante difíceis.

– Tenho certeza que sim – respondeu ele, sabendo que tinham sido

difíceis o suficiente para ela, mesmo tendo sarado da gripe. – Dei uma passada pelo restaurante para ver como você estava e Fallon disse que você já tinha saído.

– Eu soube. Quis telefonar, mas acabei me esquecendo. Desculpe.

– Não precisa se desculpar. Eu só queria ter certeza de que você estava bem.

– Obrigada por se preocupar. Agradeço de coração. Mas estou bem, de verdade.

Ela sorriu e pôs um guardanapo no colo. Ainda assim, Gavin não percebeu nem um traço de felicidade em seus olhos. Durante toda a noite, manteve a conversa leve, evitando qualquer coisa que tivesse a ver com Dillon. Descobriu que, embora o trabalho como professora devesse ter sido em tempo integral, algo dera errado e Emily só estava trabalhando em meio período, como substituta. Ainda assim, ela parecia satisfeita. Ele a provocou um pouco mais pela classificação dos Yankees para o World Series, prometendo-lhe que um dia a transformaria numa torcedora de carteirinha. Ela discordava, mas mesmo assim riu, e isso era tudo que importava para Gavin.

Depois que todos jantaram, os pais de Gavin foram até a mesa deles. O imponente casal chegou de braços dados, os rostos corados por causa da dança e do champanhe.

– Olivia – começou Chad com um sorriso maroto –, minha linda esposa me deu permissão para dançar com você.

Ela arqueou uma sobrancelha, incrédula.

– Deu mesmo?

– Deu, sim – observou ele, pegando a mão dela.

– Você tem certeza, Lillian? – Olivia se levantou. – É bem possível que eu o roube de você.

– Ele é mesmo um homem muito simpático. – Lillian sorriu, os olhos verdes brilhando, deliciados. – É bem possível que ele vire a sua cabeça, menina. No seu lugar, eu tomaria cuidado.

– Não posso discordar de você quanto a isso. – Olivia caminhou até ele.

– Vamos lá, meu velho.

Vou lhe mostrar como nós, jovencinhos, fazemos as coisas. – Rindo, Chad deu um beijo na bochecha da esposa e em seguida Olivia o conduziu até a pista.

– Você está linda esta noite, Emily – disse Lillian, sentando-se ao seu lado. – Espero que esteja se divertindo.

– Obrigada, Sra. Blake, a senhora também está linda. Eu estou me divertindo, sim. Está tudo espetacular.

– Ai, ai, ai. – Lillian deu um tapinha carinhoso na mão de Emily. – Lembre-se de que o “Sra.

Blake” faz eu me sentir velha. Mas fico feliz que esteja se divertindo.

– Obrigada, Lillian.

– Você está mesmo linda esta noite, mãe. – Gavin se levantou da cadeira e pôs a mão no ombro de Lillian. – Talvez eu tenha que ficar de olho em você para me certificar de que nenhum homem a roube do papai.

Erguendo a vista para o filho, ela cobriu a mão dele com a sua.

– Você sempre foi meu maior fã, Gavin – vibrou ela, sua alegria evidente. – Mas, na verdade, querido, depois de 35 anos de casamento, não vou a lugar algum. É bastante seguro dizer que seu pai não precisa se preocupar com isso.

– Não tem que se preocupar com o quê? – perguntou Colton, aproximando-se da mesa com uma bebida na mão.

– Ah, não é nada. Seu irmão está sendo superprotetor. – Ela riu, levantando-se. – Onde está Melanie?

Colton apontou para trás.

– Está no saguão, ligando para a babá para ver como estão as crianças.

– Bem na hora, então – retrucou Lillian, pegando o braço dele. – Quer dançar com a mulher que o pôs no mundo?

– Sem dúvida. – Ele virou o restante da bebida. – Vou fazer o possível para não pisar no seu pé.

Assim que mãe e filho desapareceram em direção à pista de dança,

Gavin olhou para Emily.

– Quer dançar?

Mordendo o lábio, Emily olhou ao redor do salão de baile e de volta para ele.

– Dançar, é?

– Sim, dançar – afirmou ele, fingendo-se de inocente. – Prometo que vou me comportar.

– Disso eu realmente duvido, mas vou confiar em você uma última vez.

Gavin deu uma risada simpática enquanto ela removia o guardanapo do colo. De pé, Emily sorriu.

– Mas devo avisar que provavelmente não sou muito melhor do que seu irmão.

– Isso é impossível – retrucou Gavin. – Espere aqui um segundo. Já volto.

Ela assentiu e o viu caminhar até a banda. Ele falou com o vocalista por alguns instantes e em seguida voltou com um sorriso malicioso.

– Por que está com cara de quem está aprontando alguma? – indagou ela, erguendo uma das sobrancelhas.

O sorriso de covinhas se abriu ainda mais quando Gavin pegou a mão dela e a pôs em seu braço dobrado.

– Deve ser porque estou aprontando alguma.

– E o que é?

Conduzindo-a até a pista de dança, ele permaneceu em silêncio.

– Gavin – disse ela, com uma risada.

– Emily.

– O que você está aprontando?

Ele esperou até que a banda começasse a tocar os primeiros acordes de seu pedido.

– Você ouve jazz? – Ele pôs a mão nas costas de Emily. Entrelaçando a outra mão na dela, ele a trouxe de encontro ao peito.

Surpresa pela enorme proximidade, ela levou um segundo para organizar

os pensamentos.

– Hum, ouço. Minha avó costumava escutar enquanto cozinhava.

– Conhece esta música?

– Não sei o nome, nem quem canta – respondeu ela, lutando para ignorar o perfume sedutor dele. – Mas eu me lembro de tê-la achado linda na primeira vez em que a ouvi.

Olhando para ela, Gavin não pôde deixar de notar o nervosismo com o qual Emily o abraçava enquanto ele os embalava num ritmo lento. Sentiu o coração inflar.

– O nome é “La Vie en rose” e a cantora original era a francesa Édith Piaf, mas a versão que eu gosto mesmo é do Louis Armstrong.

– É linda.

– É, sim. E era isso que eu estava aprontando – sussurrou ele ao ouvido dela.

Tentando recuperar o fôlego, Emily mordeu o lábio quando um arrepio percorreu seu corpo.

– O que quer dizer com isso?

– Bem, é que já nos imaginei dançando esta música.

– É mesmo? – perguntou ela, tentando esconder qualquer sugestão de choque diante da revelação. Por dentro, riu de si, pensando nas confissões que já havia feito a ele.

– É. – A voz suave de Gavin transbordava carinho. – E, sendo assim, muito obrigado por esta dança.

– De nada.

Ela viu a expressão nos olhos dele: a mesma que quase a afogava sempre que a fitava daquela forma. Desviou o olhar para o local onde os pais dele agora dançavam juntos.

– É impressionante que estejam casados há tanto tempo. É quase impossível acreditar que um amor forte assim possa existir.

Gavin estudou o rosto dela enquanto Emily observava seus pais. Algo no tom cansado e no olhar distante dela ansiavam por algo mais profundo do

que a relação que tivera com Dillon. Foi então que Gavin se deu conta de que precisava acordar com ela ao seu lado. Queria ver que tom tinham aqueles olhos verdes quando ainda estavam lânguidos de sono. Queria os cabelos dela emaranhados e caídos em seus braços fortes quando acordasse e a visse sorrindo para ele. No mais frio dos invernos, quando cobertores não pudessem aquecer o corpo dela o suficiente, ele queria lhe proporcionar o calor de que precisava. Mais do que tudo, queria que Emily se apaixonasse por ele.

Era mais do que um desejo pelo corpo dela; era a necessidade de possuir seu coração e sua alma. Se pudesse ter uma noite com ela, Gavin tinha certeza de que seria capaz de convencê-la de que haviam sido feitos um para o outro. Seus dedos cálidos foram subindo preguiçosamente pela coluna dela, parando na nuca.

– Você merece ser amada assim – sussurrou ele de encontro aos seus cabelos.

Quando recuou, os lábios de ambos ficaram muito próximos. Ao menor movimento de qualquer um dos dois, se tocariam. Com o hálito de Gavin, suave e sensual, a revigorá-la, Emily respirou com dificuldade e tentou ignorar a eletricidade que formigava em sua pele. A combinação do toque à voz sedutora fizeram a dor do desejo se espalhar pelo seu corpo. Sua respiração estava pesada.

Sentia os seios subindo e descendo e notou os olhos de Gavin neles quando ela desviou o olhar sem dizer nada.

Gavin parou de se mexer e Emily voltou a atenção ao rosto dele. O contato físico era quase insuportável.

– Ainda consigo sentir seu sabor – sussurrou ele, enquanto os olhos a penetravam.

Com o coração ricocheteando no peito, Emily perdeu toda a capacidade de raciocínio e simplesmente se deixou afundar na sensação das mãos de Gavin, que deslizaram, carinhosas, até sua cintura. Incapaz de falar, ela apenas olhou fundo nos olhos azuis dele.

– Sinto falta do seu corpo no meu. – Umedecendo os lábios, ele apertou a cintura dela com mais força. – Sinto falta de como minha pulsação fica

acelerada quando toco você. – Gavin engoliu em seco, fechou os olhos e respirou fundo, inalando o perfume dela, o doce aroma de jasmim o intoxicando. Quando abriu os olhos, a voz ganhou um tom mais grave, porém ainda mais suave, ao mesmo tempo que as mãos emolduravam o rosto de Emily. – Quero me demorar com você, roçando os dedos nos locais que ele negligenciou. Ele nunca a amou da maneira que você merece ser amada

– murmurou em seu ouvido, puxando-a para mais perto. – Deixe que eu ame cada pedacinho de você. Sua mente... – Os dedos trilharam pelo pescoço de Emily. – Seu corpo... Seu coração... Suas cicatrizes... – As mãos desceram até a cintura outra vez. – Suas peculiaridades... Seus hábitos... Seus pensamentos... você inteira. Me dê tudo, Emily.

Engolindo em seco, o corpo dela estremeceu. Emily se afastou, sem deixar que os olhares se cruzassem outra vez.

– Não posso fazer isso com você, Gavin – disse, em voz baixa. – Nós... nós não podemos fazer isso.

Ele se aproximou dela, mas ela deu um passo atrás.

– Diga para Olivia que eu a encontro em casa. Preciso ir. – Ela deu meia-volta e se dirigiu à mesa para pegar a bolsa e o xale.

Com o choque estampado no rosto, Gavin a observou atravessar o salão, apressada, abrindo caminho pela multidão. No entanto, não estava disposto a deixá-la partir. Não estava disposto a permitir que ela saísse de sua vida.

Não agora. Nem nunca.

Com algumas passadas rápidas, atravessou a aglomeração e a tomou pelo cotovelo já no saguão.

Fitou-a com os olhos cheios de confusão, o coração disparado.

– Por que está fugindo de mim, Emily?

– Eu não estou fugindo de você – sussurrou ela, os olhos se enchendo de lágrimas.

Suspirando, ele passou os dedos pelos cabelos.

– Você está fugindo, sim, e quero saber por quê.

Ela desviou o olhar. Recusava-se a reconhecer a dor na expressão dele – e

recusava-se a sentir a dor no próprio coração.

– Nunca vai funcionar. Você e Dillon eram amigos e ele nunca admitiria que ficássemos juntos.

– O quê? – perguntou Gavin, incrédulo. – Como você acha que ele seria capaz de controlar qualquer coisa entre mim e você?

– Ele vai – afirmou ela, as lágrimas escorrendo.

– De jeito nenhum – esbravejou ele, chegando mais perto.

Antes que Emily pudesse se afastar, Gavin a agarrou pela cintura e enxugou as lágrimas de seu rosto.

– Você tem que ficar comigo, e sabe disso. Você mesma disse que sente minha presença quando não estou por perto. – Baixando a cabeça, ele olhou diretamente para dentro dos olhos dela, a voz baixa: – Emily, por favor... Você tem que nos dar uma chance. Deixe-me cuidar de você. Deixe-me amá-la.

Ela esperou que as palavras certas lhe ocorressem, mas elas não vieram. Cobrindo a boca com a mão, cambaleou para trás, sentindo as pontas dos dedos de Gavin deixarem sua cintura. Um fluxo constante de lágrimas escorria de seus olhos. Ela olhou para ele por um momento, sentindo o coração arrebentar e, sem mais uma palavra, se foi.

Observando-a tomar um táxi, Gavin ficou ali parado, o coração afundando no peito enquanto tentava processar o que havia acabado de acontecer. Ele sabia que Dillon exercia um poder sobre Emily, mas o fato de ela acreditar que ele seria capaz de separá-los deixava Gavin completamente perdido. Antes que se desse conta do que fazia, ele estava vasculhando os bolsos atrás das chaves e se dirigindo para o carro. Depois de enviar uma mensagem de texto para o irmão avisando que tinha ido embora, Gavin se pegou dirigindo por toda a cidade. Parte dele queria ir até o apartamento de Emily e pressioná-la ainda mais. No entanto, a razão lhe dizia que ele já havia forçado até o limite.

Não podia dizer mais nada para ela, então acabou indo para casa.

Ao entrar em sua cobertura, Gavin tirou o paletó do smoking, pegou uma garrafa de bourbon e serviu-se de uma dose. Depois de virá-la, arrancou a gravata-borboleta, chutou os sapatos para longe e se sentou à

ilha da cozinha. Não pôde deixar de rir, embora por dentro não achasse graça alguma. Estava afundando ainda mais naquilo de que precisava. Esmurrando os punhos contra a bancada, ele se amaldiçoou por não ter ido ao apartamento de Emily. Recordando-se das palavras do irmão, Gavin soube naquele momento que não havia lutado o bastante. Levantando-se, começou a andar de um lado para outro, fitando o telefone enquanto se perguntava o que fazer. Fez menção de ligar para Emily, mas se deteve. A situação deles não pedia um telefonema. Ele precisava ir até ela – e se recusava a não seguir seus instintos dessa vez.

– Foda-se. – Enfiou a mão no bolso em busca das chaves.

Abrindo a porta, ele quase se esqueceu dos sapatos, mas isso não tinha importância, pois deu de cara com os mais lindos olhos verdes o encarando. Eles não o cumprimentaram. Palavras eram desnecessárias. Ambos compreenderam, no mesmo momento, que falariam tudo por meio de suas atitudes antes de o dia amanhecer. Um incêndio espontâneo começou dentro dos dois ao se moverem ao mesmo tempo, unindo-se, as bocas deslizando uma sobre a outra. Em algum momento, a porta se fechou e a camisa de Gavin foi arrancada.

Ele segurava Emily pela nuca, e o beijo explodiu como balas traçantes. Antes que ela se desse conta, Gavin a havia erguido e encostado na parede. Colocando os braços dela acima da cabeça, ele prendeu seus pulsos ao mesmo tempo em que Emily enroscava as pernas na cintura dele. Com o corpo dele pressionando o dela com força e rigidez durante o beijo ardente, a mão livre de Gavin desceu pela coxa de Emily, levantando o vestido dela. Um ruído se fez ouvir quando a calcinha foi rasgada. Cheia de expectativa, a fenda molhada e lisa dela escorregava pelo tecido refinado da calça dele. À medida que um desejo enorme começava a se espalhar como fogo através de Emily, ela relaxava sob o controle de Gavin. Soltando os braços, começou a desafivelar o cinto dele, freneticamente.

– Não consegui descer do táxi em casa, Gavin. Meu Deus, não consegui – gemeu ela, a boca colada à dele.

Não podia mais ignorar o desejo, a necessidade e a sensação de que pertenciam um ao outro. Não queria mais ignorar. Gavin era tudo o que Emily desejava e a única coisa que temia era que não houvesse o suficiente

dele para satisfazê-la.

– Eu estava indo atrás de você – rosnou ele, deslizando a língua pelo queixo dela. – Não ia permitir que escapasse desta vez.

Deslizando a mão, Emily a enfiou na cueca dele, acariciando o membro espesso e duro.

Deleitava-se com a sensação do fluido perolado na pontinha, que molhava seu polegar. Um gemido entrecortado atravessou a garganta de Gavin enquanto ela subia a mão outra vez, libertando seu membro ereto. Os lábios dele passaram da boca ao ouvido dela e desceram ao pescoço, mordendo e sugando enquanto ela o estimulava.

– Preciso sentir você dentro de mim, Gavin. Agora, por favor.

– Tenho que pegar uma camisinha – gemeu ele.

– Eu tomo pílula.

Foi só o que ele precisou ouvir antes de erguê-la ainda mais alto – apenas para puxá-la sobre si.

Enquanto ele penetrava aquele calor úmido, Emily jogou a cabeça para trás, de encontro à parede, incapaz de acreditar em como era incrível senti-lo. Deu um suspiro profundo enquanto enlaçava o pescoço de Gavin. Arqueou as costas e ele a penetrou com força, outra vez, enterrando-se por completo. Com a língua deslizando por dentro e por fora da boca de Emily, gemeu quando ela fechou as pernas com ainda mais força em torno da cintura dele, as mãos agarrando seus cabelos.

Embora as costas dela roçassem contra a parede a cada estocada, a queimação prazerosa que ele lhe proporcionava era maior do que qualquer dor.

Gavin recuou um pouco e eles se olharam, sorvendo as emoções. Seus peitos subiam e desciam, compassados, toda vez que inspiravam, ofegantes. Enquanto ondas de prazer faziam o corpo de Emily estremecer, Gavin cobriu-lhe a boca com a dele, continuando a exploração com a língua enquanto a carregava até o quarto.

Ela deu um gemidinho quando ele a pôs de pé. Então Emily se viu diante de Gavin, o corpo tremendo da cabeça aos pés enquanto tentava recuperar o fôlego. Sem hesitar, ele se livrou da cueca e das meias, o olhar

predador quente e concentrado sobre os lábios dela.

Os olhos de Emily deixaram o belo rosto de Gavin e deslizaram por seu lindo abdômen plano, o V da penugem a conduzindo diretamente até a resposta, há tanto esperada, de onde terminava a tatuagem. Era magnífica. Serpenteava pelas costelas do lado esquerdo, contornando o quadril antes de mergulhar ainda mais abaixo. Enquanto os olhos de Emily a seguiam, admirou a intrincada tinta preta que circundava a coxa, o rabo do dragão a envolvê-la. Imaginou os dedos, ou mesmo a língua, seguindo aquele mesmo caminho.

– Não existe um homem sequer na Terra que não desejaria ser eu nesse instante – disse ele, tomando o rosto dela entre as mãos enquanto lhe acariciava os lábios com o polegar. Como um animal selvagem perseguindo a presa, ele passou os lábios pelos ombros dela e subiu a língua pelo pescoço. – Sua mente e seu corpo nunca mais vão se esquecer das coisas que vou fazer com você esta noite. Cada... mínimo... centímetro do seu corpo vai me sentir.

Além do toque provocante, as palavras dele davam a Emily a sensação de estar prestes a entrar em combustão.

– Ai, meu Deus! – Ela arfou.

– Sim – disse Gavin, com um sorriso pretensioso.

Ele continuou a circundar e a tentar o corpo de Emily com beijos suaves, e então se posicionou atrás dela. Com o hálito quente, beijou sua orelha. Com os cílios se agitando até se fecharem, ela sentia o prazer percorrer seu corpo feito um raio a cada suave roçar dos lábios dele. Gavin foi abrindo o zíper do vestido de veludo, lentamente, e o observou deslizar até o chão, embolando-se aos seus pés.

Soltou os grampos de diamantes que prendiam os cabelos dela e a fez dar um passo à frente, livrando-a da roupa no chão.

Os fios caíram feito cascatas sobre os ombros, espalhando-se acima dos seios. Tentando respirar, Emily se afastou do vestido enquanto um desejo ainda maior arrepiava sua pele. Ainda de pé atrás dela, Gavin lhe abriu o sutiã tomara que caia com uma das mãos enquanto a outra deslizou até sua barriga. Ela ficou paralisada. Enterrando o rosto na curva do pescoço macio, Gavin a agarrou com todo cuidado pela parte de trás das coxas e posicionou

a perna dela em cima da cama. Emily gemeu quando ele enfiou os dedos bem fundo dentro dela. Um prazer abrasador percorreu cada terminação nervosa do corpo mignon. Jogando os braços para trás, ela enterrou os dedos nos cabelos de Gavin, arranhando e agarrando com toda sua força. Segurando o queixo dela entre as mãos, Gavin inclinou seu rosto para o lado, apenas o suficiente para grudar os lábios nos dela, gemendo enquanto a língua adejava para dentro e para fora. Enquanto uma das mãos penetrava ainda mais fundo nela, a outra alisava seu seio, segurando o mamilo rijo entre os dedos. Um tremor quente fez Emily vacilar, o corpo inteiro formigando. Ofegante, ela levou os dedos úmidos de Gavin até a boca, chupando e girando a língua por eles. Gavin a virou e a beijou outra vez.

– Você me enlouquece quando faz isso – gemeu ele, a voz cada vez mais áspera e rouca.

Com o coração aos saltos, Emily afundou os dedos nos cabelos dele.

– Que bom, agora me enlouqueça – gemeu ela, o corpo quente, arrebatado de desejo.

– É pra já. – Ele deslizou a língua pela clavícula dela. – Deite este corpo maravilhoso na cama, mas não tire as meias nem os saltos – ordenou ele.

As palavras dele fizeram um arrepio subir pela espinha de Emily e só lhe restou obedecer. O frescor dos lençóis de seda deslizavam pelo seu corpo quente enquanto ela ia descendo pela cama king-size. Gavin estava tão perto que ela sentia o calor e o desejo emanando dos poros dele. O coração de Emily acelerou quando ela sentiu os olhos ardentes deslizando por seu corpo nu, devorando cada centímetro.

Com os olhos azuis penetrando os dela, Gavin se ajoelhou lentamente e puxou o corpo de Emily até a beirada da cama. Abriu-lhe bem as pernas e as pôs sobre seus ombros. Deleitou-se com os sons de seus gemidos antes mesmo de fazer contato com a carne. Passando uma das mãos pela barriga dela, ele ergueu um de seus pés e beijou-lhe o tornozelo através da meia.

– Diga quanto você quer que eu a saboreie – sussurrou ele, movimentando a língua, muito devagar, panturrilha acima, ao mesmo tempo que o dedo fazia pequenos círculos sobre a fenda molhada.

Emily estava encharcada de desejo e Gavin mal conseguia se controlar.

– Ah, meu Deus, Gavin, por favor – implorou ela, erguendo os quadris e apertando os seios.

Abrindo ainda mais as pernas dela, ele exalou um último sopro quente em suas partes íntimas antes de lambe o clitóris. Escorregando o dedo para dentro dela, sorveu os fluidos doces que escorriam. E, por Deus, foi a coisa mais doce que sua língua já provou. Ele lambeu ainda mais fundo e enfiou a língua, sorvendo a umidade como se temesse nunca mais ter aquela experiência. Ela era puro mel. Gavin abriria mão de qualquer coisa para sentir aquele sabor – para cheirar, tocar e explorar cada centímetro dela – de forma tão íntima, todos os dias, para o resto de sua vida.

– Você é deliciosa – sussurrou ele, enfiando os dedos ainda mais fundo.

A respiração de Emily cortou o ar, o corpo arqueando e tremendo de encontro à boca de Gavin, o que só o deixava ainda mais ávido. Seu membro estava quente e duro, cada centímetro ardendo para estar dentro dela. Toda vez que Emily gritava seu nome e puxava seus cabelos, ele sentia o próprio corpo tremer com uma expectativa que jamais experimentara. Teve de se controlar ao máximo para não explodir sem nem mesmo penetrá-la. Quando a sentiu chegar perto do limite, diminuiu a velocidade da língua, deixou que ela se recompusesse e começou tudo de novo, até estar certo de que Emily não aguentava mais. Quando as coxas macias estremeckeram com as ondas do orgasmo, ele agarrou as laterais dos quadris dela, puxando-a com mais força ainda de encontro à sua boca faminta, mordiscando, sugando e puxando a carne intumescida e aveludada entre os dentes.

Antes que Emily pudesse descer das alturas às quais Gavin a levara, ele foi desenhando círculos lânguidos com a língua pelo seu corpo acima. Ele a olhou nos olhos, o rosto dela ruborizado, a respiração entrecortada.

– Meu Deus, você é tão linda – gemeu ele.

Investiu contra um dos seios, a língua fazendo círculos e chupando o bico rijo. Ele agarrou a parte de trás dos joelhos dela para colocar suas pernas ao redor de sua cintura.

Emily prendeu a respiração enquanto Gavin continuava a provocá-la com a língua no mamilo.

Cada toque era proposital, cada investida da língua tinha a intenção de

provocar uma reação. E ela reagia. Os seus gemidos ecoavam pelo quarto, a respiração difícil perfurava até mesmo os próprios ouvidos. A língua dele – redemoinhando ao redor do seio – fazia o corpo de Emily saltar em direção àquela boca diabólica.

Emily já não conseguia respirar direito quando Gavin enfim mergulhou dentro dela. Nenhum homem – nem mesmo Dillon – lhe dera o prazer que Gavin proporcionava.

Eles se perderam naquele momento, olhando fundo nos olhos um do outro enquanto emoções inomináveis os dominavam. Foi então que Emily sentiu que, sem precisar dizer nada, Gavin a reivindicara como sua. Ela havia perdido seu corpo, que agora era definido apenas pelo corpo de Gavin.

Gemendo, Gavin a penetrou ainda mais fundo e Emily soltou a respiração com força, tomando a boca dele com a sua. Ele deslizava a língua, entrando e saindo, enterrando as mãos nos cabelos castanho-avermelhados enquanto a respiração de ambos ficava mais rápida por causa das sensações que transbordavam de dentro deles.

– Você gosta do seu sabor na minha língua, não gosta? – indagou ele, a respiração arfante, entrecortada.

Emily arquejava, as unhas cravadas nas costas dele enquanto o beijava com intensidade crescente.

– Gosto.

– Seu corpo foi feito para o meu. – Ele deslizou a língua até o queixo dela, as mãos segurando-lhe a cabeça. – Cada centímetro do seu corpo foi feito para mim, Emily.

Beijando-a, Gavin passava as mãos pelos cabelos dela enquanto Emily afundava a cabeça no travesseiro, erguendo os quadris para receber as estocadas. Os corpos se movimentavam juntos, como se fossem peças perfeitas, feitos um para o outro, ambos se contorcendo sob o calor e a necessidade que sentiam. Embora o corpo dele fosse todo músculos, seu abraço era suave e carinhoso. Ele não fazia nada com rapidez ou com força. Seus movimentos pacientes e deliberados demonstravam controle, e ele se demorava aproveitando o momento, adorando cada centímetro do corpo de Emily. Conforme os hálitos se misturavam, as bocas brincavam, unidas, as

mãos deslizando sobre o corpo um do outro. Aumentando o ritmo, Gavin tomou os seios de Emily, enchendo as mãos com aquela maciez enquanto os ouvidos se deliciavam com cada gemido que saía dos lábios dela.

Gavin mergulhou no pescoço dela.

– Você é minha fraqueza, Emily – gemeu, deslizando a língua pelo pescoço dela. – Uma fraqueza muito doce.

Enfiando os dedos pelos cabelos dele, Emily o puxou para a própria boca quando ele se enterrou ainda mais fundo dentro de seu calor. Gavin sentiu que ela estava prestes a gozar assim que Emily lhe agarrou os braços, enterrando as unhas na carne enquanto a boceta escorregadia se fechava à sua volta com a força de um torno.

Posicionando o braço sob as costas dela, ele a puxou de encontro ao peito enquanto os dedos se enroscavam em seus cabelos.

– Goza para mim, Emily – gemeu.

Os músculos de Gavin tremiam de tanta força que estava fazendo para controlar o próprio orgasmo. Assim que sentiu o corpo de Emily desmoronando sob o seu, ele se permitiu gozar com ela. Seus corpos se entrelaçaram no mais puro prazer enquanto estremeciam nos braços um do outro. Suor contra suor, alma contra alma, eles subiram às maiores alturas e caíram juntos, perguntando-se se algum dia voltariam a aterrissar.

Quando a respiração e os corpos desaceleraram, Gavin a fitou nos olhos. Afastou os cabelos dela do rosto, ainda admirado por ser Emily a mulher debaixo dele. Demorou-se beijando-a apaixonadamente.

Emily retribuiu o beijo, os dedos alisando os cabelos dele, acariciando o rosto esculpido.

Gavin nunca se sentira tão ligado a alguém. Abraçá-la o completava, senti-la o tornava inteiro, e ele precisava que ela soubesse disso.

– Amo você, Emily – sussurrou, os lábios colados aos dela. – Acho que a amei desde o segundo em que pus os olhos em você. – Ele inclinou a cabeça levemente para trás e Emily fez menção de falar, mas ele colocou um dos dedos sobre seus lábios. – Não espero que você me diga o mesmo. Só quero que saiba que não era só sexo para mim. – Ele deu mais um beijo suave em seu queixo. – Eu quero tudo, Emily. Quero passar minhas noites de mãos

dadas com você. – Ele sussurrava as palavras em seu ouvido. – Quero mensagens de texto o dia inteiro. – Ele beijou-a na têmpora e acariciou seu rosto. – Quero risadas e beijos na testa. Quero noites com encontros românticos, quero assistir a filmes e preparar o café da manhã juntos. – Ele correu as mãos pelos cabelos dela, mordiscando de leve seu lábio inferior. – Quero passeios de carro tarde da noite, ver o pôr do sol com você, quero gritos, berros e choro. – Beijando-a, ele sorriu. – Tenho certeza de que vou querer o tipo de sexo que só se tem quando se está fazendo as pazes com alguém depois de todos aqueles berros e choros. Eu quero o bom, o ruim e tudo o que há entre um e outro. Tudo isso é o que vai nos tornar incríveis juntos.

Embora tivesse dificuldade para engolir, Emily não demorou muito para responder, pois não tinha muitas dúvidas. Agora ela enxergava com clareza, no fundo de sua alma e com cada fibra do seu ser, que também o amava. O toque de Gavin, as emoções que sangravam de suas palavras e a sinceridade em seus olhos afastavam qualquer medo que ela pudesse ter dele – ou de ficar com ele.

Olhando para o belo rosto, ela passou as mãos em torno do pescoço dele, as lágrimas correndo.

– Também amo você, Gavin.

Erguendo a cabeça, ela beijou-lhe os lábios com suavidade e percebeu o choque percorrê-lo. Daí o beijou ainda mais profundamente, na tentativa de aliviar aquele mesmo choque. Funcionou, pois sentiu o corpo másculo relaxar.

– Também quero todas essas coisas... e com você. Quero fazê-lo feliz.

Encostando a testa na dela, Gavin tomou seu queixo na mão e lhe acariciou os lábios com o polegar.

– É impossível não ser feliz com você.

Gavin rolou para o lado, puxando Emily sobre si. Fizeram amor de maneira apaixonada e terna até as primeiras horas da manhã seguinte.

16

A abertura das comportas

A LUZ DO SOL QUE SE derramava pela janela acordou Emily de uma das melhores noites de sono que tivera nos últimos meses. Espreguiçando-se demoradamente, ela puxou as cobertas emaranhadas para junto do peito, sentou-se na cama e se encostou na cabeceira. Os olhos percorreram o quarto amplo à procura de Gavin. Ouviu o barulho do chuveiro enquanto absorvia a sensação deliciosa que a dominava.

Não costumava se preocupar com sua aparência ao acordar. Naquela manhã, no entanto, foi diferente. Sabendo que os cabelos deviam estar um verdadeiro ninho de ratos e que a maquiagem da noite anterior borrava seu rosto, levantou-se, arrastando as cobertas, na tentativa de estudar o próprio reflexo. Quando os pés descalços bateram no chão de mármore frio, algo caiu. Olhando para baixo, viu uma caixa grande amarrada com um laço vermelho. Pegou-a e sentou-se na cama outra vez. Era para ela – para Molly, na verdade. Emily riu.

– Engraçadinho...

Balançando a cabeça, começou a abri-la e, pelo canto do olho, viu um movimento ali perto.

Erguendo a vista, foi recompensada pela imagem de Gavin saindo do banheiro com uma toalha de algodão branca enrolada na cintura. Engolindo em seco, Emily apertou as cobertas junto ao peito e voltou a se encostar na cabeceira. Correndo a mão sobre os cabelos úmidos, Gavin sorriu para ela do outro lado do quarto, os músculos do abdômen ondulando enquanto ele se espreguiçava.

Retribuindo o sorriso timidamente, Emily o secou com os olhos. Ele era, no mínimo, maravilhoso.

Não era possível privar seus olhos de passear por ele. Gavin era lindo – e não era apenas o corpo que era impressionante, o rosto também. O queixo

forte e anguloso que complementava tão bem as maçãs do rosto proeminentes e a barba rente por fazer só acentuavam sua masculinidade, fazendo a respiração dela acelerar ainda mais.

E bendita seja essa tatuagem!

– Você encontrou seu presente – comentou ele.

Emily arqueou uma das sobrancelhas.

– Bem, encontrei um presente. Mas é para Molly.

Rindo, Gavin caminhou até a cama e sentou-se ao lado dela.

– Se bem me lembro, você mesma disse que eu nunca mais pararia de pegar no seu pé por causa disso, então estou honrando minha parte no acordo.

Balançando a cabeça, ela deu um tapinha brincalhão no braço dele. Gavin riu e prendeu os cabelos dela atrás da orelha.

– Hum, eu sabia que você ia acordar bonita.

Mordendo o lábio, visivelmente constrangida, Emily desviou o olhar.

Hipnotizado pela expressão naqueles olhos, Gavin ficou cativado pelo fato de ela não ter a menor noção da própria beleza. Os lábios, da cor profunda de um vinho tinto, os sedutores olhos verdes e as curvas sutis do corpo, tudo isso lhe atormentava os sentidos. Fitando-a, seu coração batia forte enquanto os olhos mapeavam cada centímetro do belo rosto. Não era apenas a beleza física. Era tudo nela, até o cheiro da pele – as coisas que Gavin faria só para poder sentir seu aroma.

Ela o aquecera a noite inteira e ele estava disposto a sacrificar qualquer coisa para que ficassem juntos. Seus sonhos e devaneios, longos e elaborados, sobre como seria aquele exato momento – quando compartilharia com Emily seus desejos mais profundos e ela faria o mesmo, com a confiança única dos amantes – se desenrolava com intensidade enquanto ela o olhava outra vez.

Gavin sentia-se nas alturas. Nem todo dinheiro do mundo poderia comprar aquela sensação.

Colocando a mão sob o queixo dela, fitou-a nos olhos.

– Você está linda – sussurrou, trazendo o rosto dela com toda a gentileza

para perto do dele.

Roçou os lábios nos dela de maneira suave, apaixonada e terna. Os dedos de Emily mergulharam nos cabelos dele, puxando com força suficiente para fazê-lo gemer. Ficaram ali, se beijando como dois adolescentes num encontro – ambos satisfeitos apenas com o beijo... e nada mais.

Depois de passar alguns minutos se deleitando com o sabor mentolado dos lábios dele, Emily se afastou. Gavin a admirou, seus olhos praticamente fazendo amor com ela.

– O que foi? – perguntou ele, um sorriso infantil erguendo os cantos da boca.

– Eu... é... preciso escovar os dentes – disse ela.

Com uma gargalhada, ele estendeu a mão para o presente ainda fechado e o entregou a ela, dando mais um beijo sensual em seus lábios.

– Na minha opinião, você está deliciosa. Tome, abra.

Ela sorriu.

– É uma caixa muito grande para uma escova de dentes.

Gavin passou os nós dos dedos pelo queixo dela.

– É, não é?

Com a testa franzida, Emily olhou para ele com desconfiança.

– O que foi? – perguntou Gavin.

– Quando você teve tempo de sair e comprar alguma coisa para mim?

– Bem, dorminhoca, já não é tão cedo assim – avisou ele, apontando para o relógio e mostrando que já eram quase onze da manhã. – Mas, respondendo à sua pergunta, pedi à minha assistente que comprasse para você umas coisinhas de uma lista que passei para ela.

– Ah, sua assistente.

– É, minha assistente. – Uma expressão brincalhona cruzou o rosto dele.

– Mas eu estaria disposto a substituí-la pela mulher deslumbrante sentada na minha cama agora.

– Ah, você me contrataria como sua assistente, é?

– Sem nem pensar duas vezes – sussurrou ele, junto à curva do pescoço dela. Deslizou a boca e roçou os dentes pelo seu ombro. Emily quase desabou sob aquela carícia. – Mesmo sem saber quanto conseguiríamos trabalhar. – Afastando-se, ele sorriu. – Agora, abra seu presente.

Com uma das mãos segurando as cobertas contra o peito, Emily tentou abrir a caixa com a outra.

Gavin riu, percebendo que ela tentava esconder o corpo nu. Achou aquilo ao mesmo tempo fofo e sexy. Sem dizer nada, ele a ajudou.

Ao abrir o embrulho, Emily encontrou lá dentro duas caixas médias e uma mais fina. Com um enorme sorriso, Gavin abriu uma das caixas médias para ela, tirando de lá um conjunto de moletom com capuz dos New York Yankees.

– Você pirou de vez. – As palavras escaparam dos lábios de Emily com uma risada exasperada. Ela arrancou o moletom das mãos de Gavin e tentou lhe lançar um olhar de reprovação, mas em seu íntimo estava adorando a tentativa dele de transformá-la numa torcedora. – Se acha que vou sair em público vestindo isto, está muito enganado.

Os olhos dele percorreram o rosto dela devagar, os lábios muito próximos dos dela.

– Quem disse que vamos sair de casa hoje?

– Hum, não vamos?

– Não. Vou mantê-la refém aqui – respondeu ele em voz baixa, inclinando-se para beijá-la. – O conjunto é só para meu divertimento pessoal.

– Parece interessante – respondeu ela, beijando-o de volta. – E o que você planejou para a gente hoje?

Mordiscando o lábio inferior dela, ele sorriu.

– Achei que a gente podia pedir comida o dia todo.

– Sim, comida é uma necessidade.

Emily deu um gemidinho enquanto ele continuava a roçar os lábios dela com os seus.

– Dormir um pouco, já que ficamos acordados até tão tarde.

– É mesmo, precisamos recuperar as energias. – Ela passou a mão pela nuca dele.

Ainda a beijando, Gavin ergueu o outro braço dela para enlaçar seu pescoço, fazendo o cobertor cair de seus seios.

– Nos enroscamos no meu sofá para assistir a filmes de terror.

– Eu gosto de filmes de terror – disse ela, massageando os cabelos dele com os dedos enquanto o desejo percorria seu corpo.

Gavin começou a massagear os seios expostos. Sorriu quando ela gemeu. Adorava o jeito como Emily reagia a ele.

– E, no meio da comida e dos filmes, eu gostaria de reviver os acontecimentos da noite passada, um a um. – Ele a pôs no colo e os cabelos dela caíram como uma cascata sobre seus ombros enquanto o beijo se intensificava. – Várias vezes.

Mais ou menos no mesmo instante em que Emily começou a afastar a irritante barreira da toalha enrolada na cintura dele, o celular de Gavin tocou. Ele não demonstrou a menor intenção de atender.

Com a respiração acelerada, Emily se afastou e olhou para ele.

– Devia atender, Sr. Blake.

Ele enfiou os dedos pelos cabelos dela e a puxou de volta para sua boca.

– De jeito nenhum – gemeu ele, encostando-se na cabeceira da cama, o beijo ficando ainda mais intenso. – Seja quem for, pode esperar.

– De jeito nenhum. – Emily se afastou outra vez com um sorriso maroto. Mesmo que aquilo exigisse um esforço enorme, resolveu brincar um pouco, fazendo um jogo no qual ele se achava mestre. – Pode ser sua mãe.

Gavin passou a mão pelo rosto e soltou outro gemido.

– Você está me matando, Emily.

Ela sorriu, divertindo-se com o fato de poder fazer um homem tão poderoso desmoronar.

Rolando para longe dele, começou a rir.

– Hum, quem é que está implorando agora?

Balançando a cabeça, ele jogou as pernas para fora da cama.

– Ah, você vai pagar por isso. Eu juro.

Enquanto o ouvia falar com quem quer que estivesse do outro lado da linha, Emily sorriu e foi passando os dedos pelas suas costas, esperando que ele cumprisse a ameaça.

– Não dá para esperar? – perguntou Gavin ao interlocutor.

Emily começou a dar beijos leves sobre o ombro dele. Adorando a sensação que ela lhe causava, Gavin virou o pescoço, convidando-a a beijá-lo na boca. Ela o beijou por alguns segundos, até ele ter que falar outra vez:

– Tudo bem, me dê um minuto. – Colocando a mão por cima do celular, ele se virou para ela. – É

Colton. Tenho que ver umas coisas de trabalho com ele. Talvez demore. – Emily assentiu.

Ele tocou o rosto dela com o dorso da mão, acariciando a curva do queixo. Pousando os lábios sobre os dela, beijou-a ternamente.

– Abra o restante dos presentes, tome um banho... vou preparar nosso café da manhã quando terminar de falar com ele.

Ela assentiu, os olhos a seguiu-lo enquanto deixava o quarto. Tentando domar os sentidos acalorados, respirou fundo e se pôs a conferir os outros itens da caixa. Além de um par de tênis rosa e cinza, encontrou tudo de que precisava para o banho. De xampu a uma variedade de sabonetes líquidos e lâminas de barbear, Gavin parecia ter pensado em tudo. Havia também um frasco de perfume Jimmy Choo, seu favorito. Emily imaginou que ele devia ter consultado Olivia. Abrindo a caixa mais fininha, ela sorriu ao ver uma calcinha de renda preta e um sutiã combinando.

Juntando aquilo tudo, Emily se levantou da cama e foi até o banheiro, onde se entregou a uma chuva quente e relaxante. Embora o corpo já estivesse relaxado, em completo êxtase, os pensamentos estavam longe disso. Dizer que se sentia oprimida teria sido eufemismo. Sabia que teria que enfrentar muita coisa quando Dillon voltasse. Aquilo a deixava apavorada. Pensou nas coisas que lhe diria. No entanto, ainda não conseguia afastar a sensação de que, de alguma forma, o circo estava prestes a pegar fogo – e queimaria ela, Gavin e Dillon. Saindo do chuveiro, pegou uma toalha e tentou afastar os pensamentos negativos.

Uma vez vestida com seu desagradável conjunto dos Yankees, foi até a sala, os olhos varrendo a colagem de fotografias em preto e branco feita por Gavin. A maioria era enorme. Dessa vez, realmente as estudou, ao contrário de sua última visita. Foi então que notou que cada imagem era de um edifício ou estrutura conhecida. Reconheceu o Panteão, de Roma; um retrato do palácio de Versalhes. Os olhos percorreram o Taj Mahal, a Torre Eiffel e o Gateway Arch. Perguntou-se se Gavin já os havia visitado ou se estavam em sua lista de lugares para conhecer.

Com isso em mente, seguiu a voz dele e encontrou-o em seu escritório, sentado a uma grande mesa de mogno, com a silhueta de Manhattan se delineando além da janela que ia do chão ao teto.

Embora os prédios da cidade mais poderosa do mundo o assomassem, ele parecia um rei em seu trono.

E agora esse rei era dela.

Com os olhos voltados para o laptop, ainda com a mente nos negócios e o receptor Bluetooth no ouvido, Gavin não notou que Emily o observava da porta. Para sua decepção, ele já tinha se vestido.

Ainda assim ela se sentia atraída por ele, com aquela roupa informal, metido em calças pretas de moletom e camiseta branca de gola em V, além de óculos de leitura. Atravessou a sala, em silêncio.

Foi só quando estava à distância de um braço que Gavin ergueu a cabeça, de súbito, um sorriso contagiante invadindo seu rosto. Ele ergueu o dedo, sinalizando que só levaria mais um minuto – mas ela não quis esperar. Em vez disso, tirou as calças de moletom, bem devagar, os olhos grudados nos dele.

Hoje, ela era a caçadora... e Gavin era sua presa.

Percebeu que Gavin engoliu em seco, com dificuldade, o pomo de adão subindo e descendo enquanto ele se recostava na cadeira de couro, cruzando os braços. Ele manteve a voz fria e monótona – continuando a conversa como se não estivesse sendo afetado pelo striptease dela, embora a reação física – a ereção sob a calça de moletom – mostrasse o contrário.

Posicionando-se na frente dele, Emily pôs o pé sobre a cadeira, entre as pernas de Gavin. Um sorriso lascivo despontou nos cantos de sua boca

enquanto ela tomava impulso e deslizava o corpo para cima da mesa dele. Com a cabeça na altura da barriga dela, Gavin se inclinou para a frente e agarrou-a pela cintura enquanto a olhava. Mordiscando o lábio inferior, ele sorriu e balançou a cabeça como se quisesse alertá-la das maravilhas que estavam por vir.

– Colton, não é uma boa jogada – disse ele.

Fez uma pausa e ouviu, sem tirar os olhos de Emily. Uma onda de calor percorreu o corpo dela enquanto as mãos dele se fechavam com mais força em torno de sua cintura e os polegares faziam círculos lentos sobre sua barriga sensível. Ela tampouco demonstrou misericórdia, tirando o casaco de um jeito provocante, o pé descalço deslizando suavemente pela virilha de Gavin. O olhar no estilo “vem cá” quase o fez derreter.

Se Emily não estava enganada, um leve gemido escapou do fundo da garganta dele, e ela poderia jurar que aquele era o som mais erótico que já tinha ouvido. A presença dele se tornava dolorosa enquanto a carne entre suas pernas ia se contraindo com ferocidade. Ela inclinou a cabeça para trás e, sedutora, passou as mãos sobre a renda preta do sutiã, amassando os seios com os dedos na esperança de encurtar a conversa.

– Certo, entendo, mas essa conta está a meses de ser lançada, então não estou preocupado com isso no momento – disse ele, a voz um pouco embargada. – Olha, tenho que ir. Falo com você sobre isso mais tarde. – Ele arrancou o fone de ouvido e o jogou em cima da mesa.

Prontinho...

Ele ia tirando os óculos, mas Emily o agarrou pelo pulso, detendo seus movimentos.

– Não, fique com eles – murmurou, o olhar percorrendo o rosto dele. – Você fica sexy de óculos.

Com um sorrisinho infantil, Gavin inclinou a cabeça para o lado e a estudou.

– Eu fico sexy de óculos? – perguntou ele, as mãos abrindo as pernas dela.

Assentindo, Emily soltou um suspiro enquanto as palmas das mãos escorregavam pela superfície fria da mesa. Ele puxou a calcinha para o lado e

enfiou um dos dedos dentro dela. Puxou-o para fora, lambeu os fluidos que o cobriam e, em seguida, enfiou dois.

– Gavin, isso... por favor, não pare – gemeu ela, as costas se curvando, os quadris se remexendo em círculos, sem o menor pudor, de encontro às investidas dos dedos dele. Enquanto isso, a outra mão dele lhe arrancava a calcinha.

– Cacete, você está toda molhada – sibilou ele por entre os dentes, levantando-se depressa da cadeira.

Com a mão livre, Gavin tirou as próprias roupas rapidamente. O ritmo dele era constante, sem pressa, o polegar fazendo círculos no clitóris sensível. O sexo de Emily ondulava, ávido, ao redor dos dedos dele enquanto ela segurava as laterais da mesa com força, os nós dos dedos brancos.

– Eu causei isso em você, Emily. Eu faço seu corpo ficar assim.

Ela gemeu e buscou o pau dele, deslizando a mão por toda a sua extensão, da base à ponta. Emily o ajudou a guiá-lo por suas dobras encharcadas, e quando Gavin enfim estava confortável dentro dela, ela suspirou. Depois de arrancar a camiseta dele, desabotoou o sutiã e o atirou para o lado.

– Ah, meu Deus, você é tão apertadinha! – exclamou ele, os ardentes olhos azuis intensos enquanto a observava. – Adoro a sensação de ter você em volta de mim.

Com os punhos cerrados na cintura dela, a cabeça de Gavin pendeu para trás e ele deixou escapar um gemido gutural. Seu ritmo era veloz e implacável – e Emily adorou. O rosto ficou vermelho, a pele ficou úmida de suor e o corpo tremia a cada estocada. Agarrada ao pescoço dele, ela o puxou para baixo a fim de beijá-lo, mas ele resistiu.

– O que você está fazendo? – perguntou ela, ofegando enquanto ele a penetrava mais lentamente, embora com mais força. – Quero beijar você, Gavin.

Saindo um pouquinho de dentro dela, ele a fitou, a boca se curvando com malícia.

– Eu sei, mas não vou deixar.

Enterrando as unhas nos ombros dele, ela inclinou o corpo para a frente,

outra vez, na tentativa de chegar à sua boca, mas Gavin a deteve, segurando seu pescoço. Roçou o polegar por cima dos lábios dela, penetrou ainda mais fundo e ela arfou, arqueando as costas. O corpo parecia prestes a entrar em combustão.

– Por que não quer me deixar beijá-lo? – arquejou ela, arrancando os óculos do rosto dele e atirando-os para o lado no instante em que ondas de prazer absoluto rasgaram seu corpo.

Ele deu um sorriso torto e, com uma última estocada lenta e brusca, gemeu.

– Quero ver seu rosto lindo o tempo todo. Ver como você fica enquanto eu estou dentro de você, quando goza para mim.

Ele impulsionou os quadris para a frente, com mais força e mais fundo, ao mesmo tempo que as mãos agarravam as laterais das coxas dela. As dobras de Emily envolviam cada centímetro rígido de Gavin, o corpo dela tremendo e contraindo em torno dele.

– Você vai me deixar vê-la gozar, Emily.

Achando o pedido extremamente sensual, ela sentiu um desejo selvagem, tão feroz que sentiu que precisava dar a ele o que queria. Seu corpo inteiro estremeceu e, em questão de segundos, sua boceta convulsionava em ondas de orgasmos que rasgavam cada célula. A sensação foi irradiando de dentro para fora, até ela estremecer da cabeça aos pés, inconsciente de êxtase.

Assim que ela gozou, Gavin a segurou pela nuca, grudando a boca contra a dela. Com um rosnado, o nome de Emily lhe escapou dos lábios com violência e ele foi descendo a língua pela lateral do seu queixo, ainda investindo dentro dela sem parar. Emily sentiu o corpo dele ultrapassar o próprio limite e explodir. Sentiu o calor líquido fluir dele enquanto Gavin gemia junto ao pescoço dela, o corpo todo tremendo com o orgasmo.

Com o cheiro de sexo saturando o ar e uma mistura sedutora de amor e feromônios correndo por seus corpos, Gavin a pegou no colo e a levou até a sala de estar. Desabaram no sofá. Com espasmos de êxtase ainda percorrendo os músculos, Gavin pegou uma manta e atirou-a sobre a pele

nua de ambos, puxando Emily de encontro ao peito.

– Você é incrível – sussurrou, beijando a testa dela.

Emily deixou escapar um suspiro satisfeito e sorriu para ele. Os dois se abraçaram, absorvendo os tremores que ainda percorriam seus corpos enquanto a respiração ia ficando mais lenta e mais calma. Gavin afastou as mechas de cabelo úmidas do rosto de Emily, as pontas dos dedos deslizando pelos lábios e descendo pela curva do queixo. Com braços, pernas e corpos entrelaçados, deixaram-se levar pela mais gloriosa névoa de sono, sem querer acordar daquele sonho.

Com o sol descendo no horizonte, o único som que Gavin ouvia na cobertura era a respiração superficial de Emily contra seu peito nu. Afastando os cabelos dela do ombro, teve plena consciência de que os minutos que ainda tinham juntos estavam se passando rapidamente.

Fechando os olhos, Gavin tentou se agarrar àquele momento, mas os pensamentos eram consumidos por algo com que ele não estava acostumado.

Medo.

Em geral, Gavin não tinha medo de nada, mas agora sentia-se dominado por essa sensação.

Embora Dillon não fosse voltar até a terça-feira, sabia que, quando retornasse, era possível que as coisas mudassem entre Gavin e Emily. Não tinha qualquer receio de que ela não o amasse. Afinal, Emily passara as últimas 24 horas provando isso. No entanto, não podia ignorar a possibilidade de que mudasse de ideia quando Dillon voltasse. Sabia que ela se sentia presa ao ex, às migalhas de bondade que ele demonstrara para com ela de vez em quando. Não havia dúvida de que o Babaca usaria isso contra ela. Olhando para o corpo de Emily, adormecida e enroscada nele, Gavin beijou-lhe a testa. Rezou para que a mulher que lhe dera mais do que poderia imaginar, que preencheria sua vida vazia com sua simples presença, não desmoronasse sob as súplicas de Dillon para aceitá-lo de volta.

Tentando não acordá-la, Gavin deslizou do sofá e foi até a cozinha. Pegou um folheto de restaurante para encomendar o jantar. Lembrava-se bem do encontro deles na frente do sushibar, então imaginou que fosse a

melhor opção. Feito o pedido, foi até o escritório para recuperar as roupas que tinham largado lá. Vestiu-se e, quando voltou para a sala, encontrou Emily acordada.

Ela sorriu e esticou os braços compridos, espreguiçando-se, antes de se levantar do sofá, arrastando o cobertor junto. Gavin observou a dona de seu coração caminhar até ele, a respiração acelerando instantaneamente enquanto ela se aproximava. Com o cobertor enrolado no corpo, Emily ficou nas pontas dos pés, passou um dos braços ao redor do pescoço dele e começou a beijá-lo. Gavin envolveu a cintura dela, puxando-a para si enquanto retribuía o beijo, embriagando a boca com sua doçura, o nariz com seu cheiro e a pele com seu toque.

Ela se afastou, os olhos preguiçosos, cheios de sono.

– Já está quase escuro lá fora. Não acredito que dormi tanto.

– Bem, você vem nos mantendo... muito ativos desde ontem à noite.

– E você participou de cada instante, Sr. Blake – devolveu ela com naturalidade. – E, se não me engano, gostou de cada segundo, também.

– Hum, você me pegou. Gostei de cada fração de segundo, para dizer a verdade. – Emily riu e ele segurou o queixo dela, acariciando seu rosto com o polegar. – Na verdade, acabei de acordar – confessou ele, abrindo aquele sorriso de covinhas. – Você está com fome, não está? Bem, deve estar, já que não tomamos café da manhã nem almoçamos.

– Eu estou morta de fome.

– Eu pedi comida japonesa. Está bem?

– Perfeito – respondeu ela, dando-lhe um beijo na bochecha. – Já volto. Vou me lavar e vestir o maravilhoso conjunto dos Yankees que você me obrigou a usar hoje.

Encostando-se no balcão, ele riu e a observou entrar no banheiro.

– Espertinho! – gritou ela, antes de fechar a porta.

Emily deu uma risadinha quando o ouviu rir de seu comentário, mas o sorriso desapareceu quando se olhou no espelho. Embora o corpo tivesse sido levado ao êxtase ao longo das últimas horas, sua aparência estava desgrenhada. Com os cabelos embaraçados, os lábios inchados por causa

dos beijos ardentes e os olhos traindo a falta de sono da noite anterior, concluiu que uma rápida chuva seria prudente.

Ao terminar, se deu conta de que tinha esquecido de trazer aquele elegante conjunto dos Yankees para o banheiro. Enrolando o corpo molhado numa toalha, abriu a porta e deu com Gavin com as roupas dela na mão. Ele enfiou a cabeça pela fresta da porta, agitando o traje diante dela. Toda vez que Emily tentava pegá-lo, Gavin puxava o braço para trás.

– Quer parar? – Ela fez beicinho, tentando mais uma vez apanhar a roupa.

– Você tem alguma ideia do autocontrole que estou tendo que exercitar neste instante? – Ela inclinou a cabeça para o lado e sorriu. – No entanto, você está com sorte. A comida já chegou e não quero que você passe mais fome. – Ele lhe entregou a roupa. – Mas não prometo nada depois que terminarmos de jantar.

– Parece divertido.

Ele se inclinou para beijá-la e se afastou, mas parou no corredor e se virou.

– Emily.

– Gavin.

– Não se esqueça – alertou ele, o sorriso explodindo no rosto –, minhas mãos impacientes rasgaram sua calcinha mais cedo, então acho que você vai ter que ficar sem ela.

– Gavin – disse ela, a expressão zombando da dele.

– Emily.

– Eu gostei de cada fração de segundo de você rasgando minha calcinha.

Quando Gavin tentou entrar no banheiro outra vez, Emily fechou e trancou a porta.

– A comida vai esfriar – gritou ela, tentando conter o riso.

– É japonês. Tem que ser frio. Vou lhe dar cinco minutos para sair e comer – gemeu ele. – Senão, vou derrubar esta porta e jantar você, Srta. Cooper.

Rindo, ela o ouviu se afastar e se flagrou tentando controlar o desejo

súbito de deixá-lo fazer dela o prato principal. Apesar da ameaça lhe parecer imensamente sedutora, Emily secou os cabelos com o secador e foi para a sala de estar. Para sua surpresa – e muito para o seu agrado – ele tinha diminuído as luzes, acendido a lareira a gás e criado um piquenique improvisado em frente às chamas. Mais uma vez, ela o admirou sem que ele notasse. Hipnotizada por tudo o que lhe dizia respeito, ela o observou servir uma taça de vinho tinto para cada um, o corpo relaxado, sentado de pernas cruzadas sobre o cobertor. Encostando-se na parede, ela cruzou os braços e se perguntou como teria sido seu último ano se Gavin, e não Dillon, tivesse ido visitar Olivia com Trevor.

No entanto, naquele momento, um paradoxo doentio lhe ocorreu. Por pior que as coisas entre ela e Dillon tivessem ficado, Emily jamais poderia se esquecer dos percalços que ele a ajudara a superar, e uma parte dela sempre o amaria por isso. Mas agora seu coração estava nas mãos de Gavin. Ele era seu novo amor, um novo caminho e a nova estrada que queria seguir.

Com um suspiro, Emily se aproximou de Gavin e se ajoelhou ao lado dele, que sorriu ao envolvê-la pela cintura. Ela se aproximou e deu um beijo suave em seus lábios. Ao fazer isso o calor que ele despertou em seu corpo se mostrou extremamente presente, mas ao mesmo tempo a culpa lhe encheu a alma. Em parte, era culpa por causa de Dillon, mas também por Gavin estar prestes a se meter numa catástrofe. Os dois haviam aberto as comportas para algo que poderia destruir a ambos.

Só lhe restava rezar para que ele fosse forte o suficiente para suportar a turbulência que iriam enfrentar quando Dillon voltasse.

– Eu te amo, Gavin – sussurrou ela.

Afastando-se, ele buscou seus olhos.

– Eu também te amo, Emily – disse ele, passando os dedos pelos cabelos dela. – De verdade.

Ela lhe ofereceu um sorriso débil e atravessou o cobertor, com cuidado para não derrubar nada.

Foi abrindo alguns dos potes e se servindo.

Entregando-lhe um par de hashis, Gavin a estudou por um instante, captando imediatamente a mudança em seu comportamento. Não pôde

deixar de sentir um aperto no peito, mesmo que apenas por um segundo.

– Você está bem?

Ela tomou um gole de vinho e assentiu.

– Sim, estou.

– Tem certeza?

– Tenho. – Ela se aproximou e acariciou a bochecha dele. – Obrigada por tudo isto. Está perfeito.

O toque reconfortante acalmou os pensamentos de Gavin. Soltando a respiração, ele sorriu.

– Eu é que tenho que agradecer.

– Deixe de ser bobo. – Emily enrugou a testa num gesto questionador: – Me agradecer por quê?

– Por tudo, Emily – respondeu ele, com doçura na voz e nos olhos. Ela o fitou, os movimentos silenciados pelo tom de sua voz. – Obrigado por se apaixonar por mim. Obrigado por compartilhar um pouco de você comigo. E muito obrigado por não ter desejado me matar por ter perseguido você. Eu sei que a coloquei numa posição ruim, mas eu não podia... – Ele fez uma pausa, respirando fundo enquanto baixava os olhos para o prato. Quando tornou a erguê-los de volta para os dela, percebeu as lágrimas transbordando nos olhos de Emily. – Eu simplesmente não conseguia ficar longe de você – sussurrou. – Senti você no segundo em que entrou no meu prédio. Caramba, acho que senti você antes mesmo de entrar. Eu nunca havia experimentado nada parecido. Tudo passou num lampejo na minha frente: casamento, filhos, envelhecer juntos. Você me atraiu e eu soube... eu apenas soube que tínhamos que ficar juntos.

Então ela se deslocou em direção a ele, sem se importar se derrubaria alguma coisa. Ajoelhou-se e foi se aproximando bem devagar sobre o cobertor, até se aconchegar em seu colo. Passando os braços em volta do seu pescoço, ela o puxou para sua boca. Toda e qualquer dúvida que tivera sobre a incapacidade de suportar o que estavam prestes a enfrentar juntos desapareceu.

– Você está chorando – sussurrou ele colado aos lábios dela, enxugando uma lágrima. – Eu sempre acabo fazendo você chorar.

– Dessa vez são lágrimas de alegria, Gavin, sério – disse ela, fungando.

– E serão só de alegria a partir de agora. – Ele se inclinou para beijá-la. – Juro por Deus que serão só de alegria, Emily.

Ainda sentada no colo dele, ela pegou um par de hashis e tirou um sushi de uma das latinhas.

– Abra – disse, levando-o aos lábios dele. – Quero dar comida na sua boca.

Ele obedeceu, sorrindo enquanto mastigava.

– Eu poderia me acostumar com isso.

– Aposto que sim. – Ela deu uma risadinha divertida.

– Mas é claro. – Ele ergueu a taça e tomou um gole de vinho. – Quero mais – disse, abrindo bem a boca.

Ela lhe deu outro sushi.

– Posso lhe perguntar uma coisa, Sr. Blake?

– Qualquer coisa.

– Você já foi a todos estes lugares? – Com um gesto amplo, ela indicou as fotos das paredes.

Engolindo, ele levou um segundo olhando para algumas das imagens. Assentiu.

– Já, sim. Fui estudá-los.

– Na faculdade? Achei que tivesse estudado administração.

– Eu estudei administração – disse ele, sorrindo. – Mas, de início, queria ser arquiteto. Fico fascinado com a forma como as coisas são criadas: das histórias dos livros aos prédios. – Ele acariciou o contorno do queixo de Emily, desceu até a clavícula e, em seguida, passou pelo ombro.

Sentiu-a estremecer. – Acho incrível que um pensamento possa se transformar numa coisa de tanta beleza ou com tanto poder de mudança, partindo apenas de uma visão ou de uma ideia.

– Por que não estudou isso, então?

Os olhos dele percorreram as imagens de novo.

– Depois que minha avó morreu, Colton e eu recebemos uma herança

considerável. Ele quis começar a Blake Industries. – Pegando mais um sushi, Gavin o meteu na boca e deu de ombros. – Ele precisava da minha metade da herança para começar. Em vez de me tornar um parceiro silencioso, entrei como coproprietário. Na essência, a indústria da publicidade cria coisas, então eu pensei: “Por que não?” Além disso, era algo que ele queria muito e não quis decepcioná-lo.

Emily tocou o rosto de Gavin.

– Você fez isso por ele.

– Mais ou menos. – Ele deu de ombros. – Nunca deixaria aquele escroto saber disso.

– Mas você gosta do que faz? Quero dizer, seu trabalho o faz feliz?

– Fico feliz por termos nos tornado tão bem-sucedidos. – Arqueando uma das sobrancelhas, ele sorriu. – Na maior parte dos dias, não tenho que chegar ao trabalho antes das dez da manhã, então isso é um bônus.

– Sorte sua. Eu gostaria de poder entrar tarde assim – suspirou ela. – Mas você não respondeu à minha pergunta, Blake. – Ela se ajeitou em seu colo. – Você é feliz fazendo isso?

– Quer que eu seja sincero?

– Quero, acho que sinceridade é exatamente o que estou procurando.

– Eu detesto. Só falta me matar de tédio.

– Você devia se sentir feliz com aquilo que faz para ganhar a vida – disse ela, erguendo a cabeça para beijá-lo. – Já pensou em vender sua parte?

Afastando os cabelos dela do rosto, ele a beijou na testa.

– Já. E vou acabar fazendo isso em algum momento. Mas, considerando que a gente só conseguiu recuperar a empresa nos últimos anos, quero ter certeza de que está sólida antes de dar esse passo.

– Você é um bom irmão, sabia?

– Ah, eu sou bacana pra caralho. – Ambos acharam o comentário engraçado e Gavin a puxou para mais perto. – Mas chega de falar de mim. O que fez você se decidir pela carreira de professora?

– Bem, eu sou disléxica. Quando era pequena, minha escola ou não queria reconhecer o que eu tinha ou não contava com o pessoal adequado

para me ajudar. – Ela pegou a taça de vinho e tomou um gole. – As outras crianças zombavam de mim porque eu me saía mal nos estudos. Quando eu estava no ensino médio, resolvi que queria me tornar professora porque nós, disléxicos, sacamos imediatamente quando uma criança é disléxica. Eu pensei que, se pudesse ajudar uma única criança a ser diagnosticada desde cedo, já valeria a pena.

Ele olhou para ela por alguns segundos e sorriu.

– Sabe, você também é bacana pra caralho.

– Sou? – questionou ela, radiante. – Nunca me disseram isso. Nunca.

Com todo cuidado, ele a reposicionou, colocando as pernas dela em torno da sua cintura e roçando os lábios nos dela.

– É, sim. Você é, sem dúvida, a mulher mais bacana que conheço – disse Gavin, sugando-lhe o lábio inferior. – E prometo sempre lhe dizer isso.

– Ora, obrigada. – Ela riu com a boca colada na dele. – E eu prometo sempre chamar você de espertinho.

– Hum, você tem minha permissão para me chamar de qualquer coisa. – Ela sorriu e continuou a se deleitar com aquela boca excessivamente bem treinada. Depois de alguns minutos, Gavin chegou para trás, a verdade que não podia ser ignorada pesando sobre seu peito. – Posso lhe fazer uma pergunta agora?

– Claro – respondeu ela, dando um beijo em seu queixo.

– Como vamos contar para o Dillon?

Gavin sentiu o corpo de Emily enrijecer. Ele pôs a mão em sua nuca e trouxe o rosto dela, com cuidado, para bem perto do dele, os olhos cheios de ternura.

– Emily – sussurrou –, nós. Eu disse nós. Não vou deixar você conversar com ele sozinha, está entendendo?

Engolindo em seco, ela assentiu.

– Estou, mas será que podemos não falar sobre o Dillon agora?

Gavin buscou os olhos dela. Dava para perceber que estava tensa, e ele sabia que ela estava se arriscando bem mais do que ele, mas também sentia-se confuso.

– Nós temos que falar sobre ele, Emily.

– Eu sei – respondeu ela, levando as mãos às bochechas de Gavin. – É só que ele não volta até terça-feira. É domingo à noite e só quero que o aqui e agora sejam sobre mim e você. Não sobre o Dillon... só sobre a gente, Gavin.

Ela encontrou aquela boca perfeita outra vez e o beijou com ferocidade, desejando tirar Dillon da cabeça. Gavin a apertou com mais força e gemeu. Ela recuou lentamente e olhou para ele.

– Amanhã à noite, está bem? Conversaremos sobre isso amanhã à noite.

– Tudo bem, mas você precisa jurar que não vai dizer nada a ele antes. – Ele alisou os cabelos dela com as mãos. – Eu quero estar lá. Como falei, isso diz respeito a nós dois.

– Sei que diz respeito a nós dois. Obrigada – sussurrou ela, encostando a testa na dele. – Mas, sinceramente, não estou nem atendendo os telefonemas dele.

– Está certo, eu só quero ter certeza...

Emily pôs um dedo sobre a boca de Gavin para silenciá-lo, e ele sorriu.

Retirou o dedo para substituí-lo pelos lábios. Enquanto sua língua deslizava pela boca de Gavin, Emily tentava acalmar os nervos. Não demorou muito.

– Suponho que você vai ficar comigo esta noite, também – sussurrou ele, a boca roçando pelo queixo dela.

Emily inclinou a cabeça enquanto seus beijos lhe desciam pela clavícula.

– Não posso. Estou trabalhando como substituta e tenho deveres para corrigir. Além disso, preciso estar na escola às sete da manhã.

– Você dá aulas para o primeiro ano, não é? – perguntou ele, erguendo os braços dela cuidadosamente para tirar o suéter.

– Sim, dou aulas para o primeiro ano. – Ela abriu o sutiã e o jogou de lado. – Por que a pergunta?

Gavin fixou os olhos em seus seios deliciosos e um sorriso reverente se abriu em seu rosto.

Umedecendo os lábios, ele permaneceu em silêncio. Emily colocou um dos dedos sob o queixo dele, trazendo o olhar de volta ao seu.

– Por quê?

Ele a puxou para sua boca e começou a beijá-la.

– Por que o quê? – perguntou ele, mordendo-lhe o lábio.

– Gavin. – Ela riu. – Você me perguntou se dou aula para o primeiro ano.

– Ah, certo. – Ele riu também, tirando a camisa depressa. – Você disse que não pode ficar comigo porque tem deveres para corrigir, certo?

– Certo.

– Mas, nessa idade, as crianças não passam automaticamente? – disparou ele, passando as mãos por baixo dos joelhos dela antes de se levantar e carregá-la até o quarto. – Quero dizer, elas só colorem e fazem outras bobeirinhas assim.

– Não, elas não passam automaticamente – afirmou ela, divertida, aninhando o nariz na bochecha dele. – E fazem mais do que colorir.

Colocando-a na cama, Gavin a observou deslizar o corpo nu em direção aos travesseiros. Tirou o restante das roupas e se enfiou debaixo dos cobertores.

– Não há nada que eu possa dizer para você, não, espere aí... corrija isso. Não há nada que eu possa fazer por você para que mude de ideia sobre ficar comigo esta noite?

Ela sorriu e passou as mãos pelos ombros dele.

– Não posso mesmo. Mas vou deixar você tentar me convencer.

– Hum, é difícil negociar com você – respirou ele, passando os lábios de leve pela curva de seu pescoço. – Mas eu aguento, Srta. Cooper.

Durante as horas que se seguiram, Gavin e Emily se deliciaram por completo com a... sobremesa.

Várias vezes. Embora tenha insistido um pouco mais sobre ela passar a noite, não conseguiu convencê-la. Por fim, Gavin a levou para casa – apesar de todo o seu empenho com beijos apaixonados e ternos, e até mesmo a oferta de lhe pagar um ano de salário pela noite – e a assistiu fechar a porta do apartamento. Amaldiçoou o fato de o dia seguinte ser segunda-feira e Emily precisar trabalhar.

Com o corpo acelerado de emoção e o coração nas alturas com um amor diferente de qualquer coisa que já sentira, Gavin teve que fazer um esforço enorme para chegar em casa sem se envolver num acidente de carro. Repassava as últimas 24 horas, repetidamente, como um filme vívido, uma pulsante história de amor. Casablanca ficava no chinelo. Ele estava apaixonado – e agora de fato se sentia um deus.

Agora tinha tudo.

Sabia que parecia um bobo apaixonado e pateta quando entrou no prédio, assoviando. O porteiro o recebeu inclinando o chapéu e ostentando uma expressão curiosa. Até ele tinha notado que algo mudara em Gavin. Sorrindo, Gavin deu um tapinha no ombro do sujeito, lhe apertou a mão e se dirigiu para os elevadores.

Decidiu não tomar banho para ficar com o cheiro de Emily em seus corpo – mas já passava muito das onze quando sentou-se na frente do laptop para trabalhar um pouco. Foi quando a campainha tocou. Erguendo a cabeça de súbito, não conseguiu controlar o sorriso que invadiu seu rosto enquanto seguia pelo corredor. Emily tinha prometido que, se alguma coisa mudasse, ela voltaria.

Ele estendeu a mão em direção à maçaneta e, ao abrir, encontrou um par de conhecidos olhos verdes.

Infelizmente, não eram os que ele esperava. Sentindo o sangue sumir do rosto, a confusão nublou sua mente.

– O que está fazendo aqui?

– Que maneira simpática de cumprimentar uma pessoa com quem você passou meia década – devolveu Gina, enxugando as lágrimas enquanto o cheiro de bebida impregnava o ar. Gavin enfiou a cabeça para fora e olhou de um lado a outro do corredor. – O que é que você está fazendo? – perguntou ela, cambaleando para trás.

– Procurando a equipe de filmagem escondida, porra – vociferou ele. As sobranceiras se juntaram como as asas de um corvo acima dos olhos enfurecidos. – Isso é algum tipo de pegadinha?

– Não, Gavin, não é uma pegadinha – disse ela, engasgando, a voz pastosa. – Sei que sou a última pessoa que você quer ver, mas só estou aqui

porque meu pai morreu.

Ele olhou para baixo e balançou a cabeça.

– Gina, o que você quer? – perguntou ele, agora com a voz mais calma.

– Credo, Gavin, acabei de falar que meu pai morreu – soluçou ela, se aproximando. – Meu irmão está na Grécia. Você sabe que não tenho mais ninguém – choramingou ela, enterrando o rosto nas mãos. Ela levou os olhos injetados e inchados de volta aos dele, os lábios trêmulos. – Você podia, pelo menos, me deixar entrar por alguns minutos?

Engolindo em seco, ele olhou para ela por um longo instante enquanto os pensamentos exploravam todas as formas possíveis de escapar daquela situação. Olhar a mulher com a qual passara tantos anos tremer como uma criança perdida, de coração partido, não impediu que seus pensamentos voassem até Emily. Perguntou-se o que a mulher pela qual se apaixonara pensaria caso ele deixasse a ex-noiva entrar.

– Por favor, Gavin. Só preciso de alguém com quem conversar – sussurrou ela, olhando para o chão, enquanto o corpo oscilava levemente.

– Gina, você entende que só está entrando para conversar, certo? – Ela enxugou as lágrimas e assentiu. – Vou ser bem claro. Estou lhe dando quinze minutos, e aí você vai ter que ir embora.

– Está bem – concordou ela, olhando em seus olhos. – Obrigada.

Sem dizer mais nada, ele passou a mão pelos cabelos, nervoso, e deu um passo atrás, com relutância, para deixá-la entrar. A mente lutava contra a decisão enquanto fechava a porta com um baque. Ela foi cambaleando sala adentro, tirou o casaco e o deixou cair no chão como se fosse um lenço de papel usado.

– Tem uma bebida? – perguntou Gina, afundando no sofá.

– Acho que você já bebeu o bastante – respondeu ele, sentando-se numa poltrona do outro lado da sala. – O que aconteceu, exatamente?

– Ele se enforcou. – Ela soluçou, cruzando as mãos sobre a barriga, como se sentisse dor. – Consegui se afundar e perder tudo. E, dessa vez, me levou junto.

Gavin compreendeu de imediato o que ela estava falando. Tinha passado

os cinco anos do relacionamento entre eles livrando a cara do pai dela de alguma confusão com dívidas de jogo. De corridas de cavalos até as viagens de fim de semana para Las Vegas. A conta chegou a 300 mil, se não mais. Com um suspiro pesado, Gavin cruzou as mãos e inclinou o corpo para a frente.

– Precisa de ajuda com as despesas do enterro ou com seu aluguel? Qual dos dois?

Passando a mão bruscamente pelos cabelos louros, ela respirou fundo, indignada.

– Como pode me dizer uma coisa dessas num momento como este? Acha que vim atrás de dinheiro?

– Cacete, para falar a verdade, tenho quase certeza de que foi por isso mesmo que você veio aqui.

Usando o dorso da mão para secar o nariz, ela olhou para ele, boquiaberta.

– Não posso acreditar no que você está me dizendo, considerando...

– Considerando o quê? – Ele a cortou com um tom áspero. – Você saiu da minha vida e agora aparece à minha porta, do nada, jogando esse peso todo em cima de mim. Se está procurando um ombro para chorar, não sou o cara certo. – Ele se levantou da poltrona, foi até a cozinha e escancarou um dos armários. Pegando uma garrafa de bourbon da prateleira, serviu-se de uma dose e a virou. – Sinto muito sobre seu pai, de verdade, mas não sei o que você quer de mim.

– Gavin, vim aqui porque você é a única pessoa no mundo todo que realmente me conhece e me entende. – Ela suspirou, os olhos banhados em lágrimas, magoados. – Você sabe que minha mãe nos abandonou. Não tenho ninguém. Como você pode ser tão cruel?

– Claro, eu é que sou cruel. Mas aprendi com uma especialista, não vamos nos esquecer disso. Se está precisando de dinheiro, diga logo, porra. Mas que merda! – Ele bateu o copo sobre a bancada com tanta força que Gina deu um pulo, sobressaltada com tanta raiva.

Em algum lugar entre a adrenalina que corria pelas suas veias e os soluços dela, Gavin registrou o som do celular tocando. Por um momento,

sentiu os pés congelados no chão. Não conseguia acreditar que a mulher que o magoara tanto e que o fizera passar por tanto desgosto estava ali, sentada em seu sofá, pedindo a ele que aliviasse sua dor. Balançando a cabeça, Gavin se virou e deixou a sala para atender à chamada. Até chegar ao escritório, o telefone já havia parado de tocar.

Seu coração parou por um instante ao ver que fora Emily quem ligara. Recostou-se na cadeira de couro, digitou a senha do maldito telefone e recuperou o recado que ela havia deixado.

Alô, espertinho. Sei que é tarde e eu mesma estava prestes a ir para a cama, mas quis ligar para agradecer por uma das melhores noites e um dos melhores dias da minha vida. Eu sei que você e eu temos muita dureza pela frente... Ela fez uma pausa e baixou a voz. Mas, por mais que eu estivesse apavorada com tudo isso, não estou mais com medo, Gavin. Não mesmo. Você descartou qualquer dúvida que eu pudesse ter a nosso respeito. Ah, sei lá. Agora estou só falando pelos cotovelos, mas queria que você soubesse que o amo e que estou animada para ver quanto vamos ser incríveis juntos. Nos vemos amanhã à noite. Bons sonhos.

Gavin perdeu a conta da quantidade de vezes que ouviu o recado de Emily, a voz soando como a de um anjo em meio ao pesadelo que se encontrava sentado em sua sala. Suspirando, ele esfregou o rosto e se perguntou se deveria lhe enviar uma mensagem de texto. Achou melhor não, pois ela dissera que estava indo para a cama. Levantando-se da cadeira, fez o caminho de volta até a sala, apenas para encontrar a ex dos infernos dormindo em seu sofá e vestindo apenas o suéter e a calcinha. No chão, ao lado das calças jeans, a garrafa de bourbon encontrava-se emborcada e quase vazia.

– Como um dia tão bom pode acabar tão mal, porra? – murmurou ele, se dirigindo ao sofá. – Gina – chamou, inclinando-se sobre ela e cutucando-lhe o ombro –, você tem que ir embora.

Ela tentou enxotar a mão dele com um tapa, mas errou feio o alvo.

– Estou bêbada demais para ir a qualquer lugar, Gav – respondeu com a voz arrastada. – Não se preocupe. Não vou roubar seus milhões enquanto você estiver dormindo.

– Não, Gina, você não vai dormir aqui – avisou ele, a voz insistente. –

Levante-se.

– Se me quer fora daqui vai ter que me pegar no colo – disse ela, rindo baixinho, pegando o cobertor.

Gavin se encolheu. A coberta que envolvia seu corpo embriagado era a mesma debaixo da qual ele passara o dia todo enroscado com Emily. Concluiu que teria de queimá-la depois disso.

– Não vou pegar você no colo. Você nem está vestida. – A voz deixava claro que sua paciência estava se esgotando. Ele cutucou o ombro dela outra vez. – Levante-se, Gina. Não estou brincando.

Ela não respondeu. No entanto, o ronco leve disse tudo, dando sinais de que ela não iria a lugar algum tão cedo.

Pegando a garrafa, Gavin entrou na cozinha e esvaziou o resto do conteúdo na pia. Deixando escapar um suspiro pesado, ele a jogou no lixo, encostou-se na bancada e olhou para Gina do outro lado da sala. Visto que sua única opção era se livrar dela, do sofá e de tudo o mais, Gavin se resignou ao fato de que ela iria, de fato, passar a noite ali. Com isso, apagou as luzes e se dirigiu para o quarto, os músculos enrijecendo de irritação e de raiva a cada passo. Já passava da meia-noite quando Gavin se deitou. Também já passava da meia-noite quando decidiu que a conversa com Emily, na noite seguinte, incluiria muito mais do que Dillon. Também incluiria sua hóspede inesperada.

Ele só rezava para que Emily compreendesse.

Mestre da trapaça

GAVIN SENTIU AS MÃOS dela deslizando pelo seu pescoço, delineando os músculos do peito e, enfim, avançando abaixo do abdômen. Era impossível não sorrir. Enquanto a mão mergulhava dentro da calça de moletom e a abaixava, ele sentiu os cabelos sedosos caírem sobre seus quadris nus. Gavin respirou fundo, enchendo os pulmões, quando a língua dela lambeu seu membro endurecido, fazendo círculos lânguidos na cabeça. Com os olhos ainda fechados, ele a agarrou pelos cabelos enquanto a cabeça subia e descia – a boca envolvendo cada centímetro dele, a língua ávida lambendo seus fluidos. Podia ouvir o ruído de cada sugada sacana e aquilo o estava levando à loucura. Com uma enorme necessidade de ver a mulher que adorava chupando-o até levá-lo à perdição, ele se ergueu sobre os cotovelos e deparou com seu pior pesadelo a fitá-lo, os olhos cheios de malícia enquanto continuava sua exploração.

Gina.

Gavin pulou da cama, apenas para se dar conta de que era um pesadelo e nada mais. Penteando os cabelos molhados com os dedos, suspirou de alívio. O corpo começou a suar frio enquanto os olhos vasculhavam o quarto vazio. Com o coração disparado, sentou-se na beirada da cama antes de ir até a sala.

– Gina, você precisa se levantar – gritou, passando para a cozinha, onde preparou um café forte e muito necessário.

A ideia de acrescentar uma bebida alcoólica à caneca lhe pareceu atraente, considerando a confusão que se encontrava em seu sofá, mas ele logo a dispensou. Na noite anterior, antes de dormir, Gavin telefonara para o irmão de Gina e descobrira que toda aquela história era uma grande mentira – uma espécie de truque doentio para tentar reconquistá-lo ou extorqui-lo. O irmão confirmara que o pai, de fato, estava enfiado em alguma confusão

por causa de jogo, mas que estava vivo e bem, escondido no México.

Gina resmungou alguma coisa inaudível e puxou o cobertor sobre o corpo enquanto dava as costas para ele, dispensando-o com a mão como se Gavin não passasse de um terrível incômodo naquela manhã de segunda-feira.

– Eu estou falando sério. Você precisa se levantar. Não vamos esquecer que você tem um funeral para planejar. E, a esta altura, considerando o mau humor que conseguiu despertar em mim, talvez não seja o do seu pai.

Ele pegou uma caneca e olhou o relógio. Eram sete e quinze. Gina não se mexeu, então ele achou que era hora de ser mais enérgico.

– Nunca agredi uma mulher, mas você está me fazendo questionar meu senso moral. Levante-se.

Agora.

Isso chamou a atenção dela. Lerda, Gina sentou-se e esfregou os olhos.

– Posso saber por que você está com tanta pressa de me tirar daqui?

– Você nunca deixa de me surpreender – bufou ele, balançando a cabeça. Tomou um gole de café.

Ela se levantou do sofá e caminhou até a cozinha, ainda sem os jeans.

– Ora, vamos, Gavin. – Ela roçou a mão pelo queixo dele, que se afastou com um pulo. – O que há de errado? – perguntou ela, os olhos esbugalhados. – Você adorava quando eu o tocava. Está agindo como se eu estivesse contaminada.

Ele pôs a caneca sobre a bancada, as sobrancelhas unidas numa carranca.

– Tudo em você está contaminado – sussurrou ele por entre dentes cerrados. – Eu tenho que tomar banho. Quando eu sair, não quero vê-la aqui ou vou expulsá-la à força.

Ele ia se afastando, mas ela segurou seu braço.

– Eu ainda amo você – declarou. Gavin se desvencilhou. – Deixar você

foi o maior erro da minha vida, Gavin. Por favor. Podemos consertar isso.

– Como eu disse, se você ainda estiver aqui quando eu sair do chuveiro, vai ser expulsa à força. – O tom deixava claro que ele não estava brincando. Gavin se encaminhou para o quarto, mas, antes de entrar, virou-se outra vez para Gina. – Aliás, eu estou completamente apaixonado por outra pessoa, nas nuvens, tipo “não me acordem desse sonho sensacional”. Ela é tudo o que você não é e mais um pouco. Então acho que lhe devo um agradecimento. Obrigado, Gina, de verdade. Obrigado por ter me largado e fodido minha vida por um tempo. Foi mesmo a melhor coisa que você poderia ter feito por mim. – Com um sorriso cretino, ele fez uma reverência, deu uma risada e entrou no quarto.

– Vai se foder, Gavin – disparou ela, arregalando os olhos diante daquela rejeição derradeira.

Com isso, ele fechou a porta, mas não sem antes deixar escapar uma última gargalhada rouca.

O aroma celestial de bagels nova-iorquinos do café Everything Bagels fluuava dentro do táxi que Olivia e Emily dividiam. Com o granizo pesado batendo contra o veículo, martelando como se fossem moedas caindo do céu, Emily precisou se esforçar para não enfiar a mão dentro do saco e comer um.

– Dá para ouvir seu estômago roncando mais alto do que o granizo batendo no carro – disse Olivia, e entregou uma maçã à amiga. – Tome, pelo menos coma isto enquanto não chega à casa dele.

– Mas quero tomar café da manhã com ele – rebateu Emily, aceitando a maçã. – Foi por isso que comprei os bagels. São os favoritos de Gavin.

Emily olhou pela janela e registrou toda a bagunça na qual Nova York se transformara da noite para o dia. Arados trabalhavam furiosamente, tentando remover aquela mistura glacial.

Considerando que eram os dois últimos dias de outubro, Emily se chocara com a implacável mudança de tempo, embora também tivesse ficado animada. Ao acordar, ouvira um recado no celular dizendo que a escola estaria fechada naquele dia. O plano era uma visita surpresa à casa de Gavin. Sabendo que ele não ia para o trabalho até mais tarde, estava

contente por ainda ter algumas horinhas com ele.

Olivia inclinou a cabeça para o lado e riu.

– Até parece que vocês dois vão comer. Coma logo essa maldita maçã.

Balançando a cabeça, Emily deu uma mordida.

– Nós vamos comer, sim... – Ela fez uma pausa, erguendo uma das sobrancelhas numa expressão travessa. – E vou mandá-lo para o trabalho todo feliz... depois que eu deixá-lo se refestelar com outras coisinhas deliciosas.

As duas riram. Sem se dar conta de como estava, de fato, faminta, Emily devorou a maçã.

– Argh, estou com tanta inveja por você ter o dia livre – grunhiu Olivia.

– Talvez eu me torne professora só para poder matar aula em dias como este.

– Você ficaria infeliz. Adora trabalhar na galeria de arte.

– Eu poderia me tornar professora de arte. – Olivia deu de ombros e enfiou a mão no saco de bagels. Pegou um e deu uma mordida. – Pensando bem, você tem razão. Eu ficaria mesmo infeliz.

Não sou muito boa com crianças. – Emily balançou a cabeça. – Ei, amigão – gritou Olivia para o motorista, bruscamente. – Eu fico nesta esquina aqui. Talvez você queira ir mais devagar, considerando que as ruas estão cobertas de morte em potencial.

O motorista de aparência durona revirou os olhos.

– Trouxe você ao seu destino no horário certo – disse ele, parando diante do trabalho de Olivia.

– Você ainda está viva, então não tem nada com que se preocupar. São vinte e dois e cinquenta. Sem a gorjeta.

Olivia retribuiu o revirar de olhos e começou a vasculhar a bolsa.

– Está bem, está bem, eu sei como isso funciona. Fique com o troco.

Ela lhe entregou 30 dólares e o motorista abriu um sorriso largo. Ajeitando alça da bolsa no ombro, Olivia se virou para Emily e deu um beijo no rosto dela.

– Tudo bem, além de tomar café da manhã e depois dar para seu

namorado milionário até não poder mais, quais são seus planos para o dia?

A declaração de Olivia pareceu despertar o interesse do motorista, que agora as olhava pelo retrovisor com um sorriso malicioso.

Emily ficou boquiaberta e de olhos arregalados.

– Caramba, Olivia!

– Bem, é a verdade. E você vai ter um bom tempo com ele, considerando que ele trabalha pertinho daqui. Sendo assim, aproveite, amiga.

– Muito bem, estou dando essa conversa por encerrada agora mesmo. – Emily inclinou-se por cima de Olivia para abrir a porta e praticamente a empurrou para fora do táxi. – Saia, sua louca.

Rindo, Olivia pulou para fora do carro quase escorregando na calçada lisa demais.

– Pelo menos veja se consegue comprar comida para a gente.

– Pode deixar, eu faço as compras. Nos vemos mais tarde. Tenho umas coisas para fazer e às cinco vou encontrar Gavin no escritório dele. Vamos sair para jantar e tentar resolver essa confusão toda com Dillon.

Enfiando a cabeça de volta no táxi, Olivia segurou o queixo de Emily entre as mãos, os olhos cheios de carinho.

– É uma maravilha que vocês estejam tentando resolver essa bagunça toda. Não se esqueça disso. – Ela deu outro beijo rápido na testa de Emily, afastou-se do veículo e fechou a porta.

Suspirando, Emily a observou caminhar até a galeria. Menos de dois minutos depois, foi sua vez de vasculhar a bolsa e pagar o motorista pelo curto trajeto. Agradeceu e saltou do táxi com cuidado. O porteiro se aproximou dela rapidamente, oferecendo a mão para ajudá-la a cruzar a calçada coberta de lama e neve. Fuçando dentro da bolsa mais uma vez, ela fez menção de lhe dar uma gorjeta, mas ele recusou, explicando que ficava mais do que satisfeito em ajudá-la. Depois de lhe agradecer, Emily atravessou a portaria e se dirigiu aos elevadores. Durante a subida, não pôde deixar de lembrar como havia se sentido nas vezes anteriores, naquele mesmo elevador. Dessa vez, apesar do estômago estar dando cambalhotas de felicidade, sentia-se tranquila.

Depois de passar pelo corredor até a cobertura de Gavin, Emily tocou a campainha. A tranquilidade que vinha sentindo de repente se transformou num misto de choque e confusão quando a porta foi aberta. Com o coração aos pulos – na mesma velocidade de uma britadeira – os olhos passearam pela mulher que atendeu a porta vestindo apenas um suéter e calcinha.

Com a respiração acelerada e o corpo coberto de suor, Emily conseguiu perguntar:

– Quem é você?

Inclinando a cabeça, Gina olhou Emily de cima a baixo.

– Eu sou Gina. E quem é você?

Em algum lugar do fundo da mente de Emily, o comentário feito por Gavin durante o jogo de beisebol veio à tona: “Além do mais, o nome dela é Gina e o meu, é claro, é Gavin, dois Gs. Eu acho que era um aviso de que estava destinado a não funcionar.”

O estômago de Emily se revirou de dor quando percebeu de quem se tratava. Gavin a fizera sentir que tinha alguma chance ao seu lado, mas na verdade, não tinha. Não podia competir com o maior amor da vida dele, com a mulher que ele amara tanto a ponto de querer se casar com ela. Sem dizer mais nada, Emily se virou depressa e voltou aos elevadores. Não ia falar com ele. Não conseguiria. O orgulho manteve seus pés em movimento, velozes.

– Ei – gritou Gina –, você vai responder à minha pergunta ou não? Quem é você?

– Pelo visto, não sou ninguém. Estava com o endereço errado – respondeu ela, com muita vontade de chorar.

Com muita vontade de saber que não estava anestesiada.

Que ainda sentia alguma coisa.

No fim das contas, não precisava se preocupar com a possibilidade de não mais sentir, pois o coração parecia ter sido esmagado como uma flor imprensada entre as páginas de um livro velho.

Sentia toda a dor. Ela fazia um esforço tremendo para não vomitar. Seu espírito estava derrotado, aos pedaços, espancado e arrasado pela agressão

provocada pelo homem no qual fora ingênua o bastante para confiar. Pior, fora ingênua o suficiente para acreditar que ele a amava.

Quando o elevador chegou ao térreo, apesar de todo seu esforço para controlá-lo, o estômago de Emily resolveu se rebelar. Bem ali, no meio da portaria apinhada de gente, ela deixou cair o saco de bagels enquanto as convulsões a dominavam, mesmo depois de ter vomitado. Envergonhada, registrou ao longe uma mulher arquejando de choque. Cobrindo a boca com a mão, Emily fugiu do prédio. O ar gelado a golpeou, mas não ofereceu alívio algum para o suor que lhe cobria a pele.

Enquanto o mundo zumbia à sua volta com os pedestres percorrendo as ruas apinhadas, Emily lutava para organizar os sentidos e engolir a dor. Mas suas feridas clamavam alto, como os ventos velozes que uivavam na tempestade. Apertando a bolsa, flagrou-se andando a esmo, com pensamentos confusos. Ao dobrar a esquina, encontrou uma lanchonete. Entrou e sentou-se a uma mesa, as mãos trêmulas – e aquele tremor nada tinha a ver com a baixa temperatura.

Tirando o casaco salpicado de granizo, ela correu os dedos pelos cabelos molhados e só então perdeu completamente o controle. As lágrimas escorriam sem parar enquanto ela tentava encontrar algum sentido no que acabara de acontecer. Tentou encontrar sentido na percepção tóxica, turva de quem Gavin fingira ser. Aos seus olhos, ele era o mestre da trapaça, que não lhe oferecera nada além de palavras manchadas por mentiras e traição. O longo caminho que deviam trilhar juntos agora estava coberto pelos cacos do seu coração – e ele os posicionara de maneira estratégica para que ela tropeçasse e caísse. Ele era tudo o que ela queria e, ao que parecia, ela não era nada do que ele precisava.

Nada.

Ele havia lhe mostrado o que ela de fato era: só mais um preenchedor de vazios. Emily não soube quanto tempo ficou sentada naquela lanchonete, chorando, indiferente aos clientes que a olhavam e comentavam. Quando pegou um táxi para casa, estava destruída. O coração parecia ter passado por um moedor de carne. Com os olhos embaçados pelas lágrimas, ela entrou no quarto, tirou as roupas encharcadas e vestiu uma camiseta e calça de moletom.

Depois de escovar os dentes, foi para a sala de estar e afundou no sofá, o corpo ainda tremendo.

Gavin apunhalara seu coração. Ele lhe rasgara o peito com grande precisão, expondo o tecido vermelho e pulsante com suas mentiras e não havia pontos suficientes para fechar a ferida. Ela se entregara ao homem com quem achara que ficaria. No entanto, nada daquilo era real. Era apenas uma ilusão. Confiara nele e achava que o havia decifrado. Mas a verdade era simples. Por uma noite, tinha sido um fantoche nas mãos de Gavin e dançara ao som das lindas melodias que ele tocara. No entanto, nunca mais permitiria que ele voltasse a magoá-la.

Nunca mais.

Passou o dia todo ignorando as inúmeras mensagens de texto que ele enviou, dizendo-se muito animado para vê-la. Ele telefonou uma vez, mas ela dispensou a chamada, que foi direto para a caixa postal. E depois excluiu o recado sem nem ao menos ouvi-lo. Era óbvio que Gavin não sabia que tinha sido descoberto e isso só servia para deixá-la ainda mais enjoada.

Enquanto a mente tentava absorver aquilo tudo, uma batida suave soou à porta, retirando-a temporariamente do pesadelo criado pelas mentiras de Gavin. Com os reflexos entorpecidos, Emily se levantou do sofá. Abrindo a porta, o coração sofreu outro golpe devastador quando os olhos encontraram os de Dillon. Ele só deveria voltar no dia seguinte. Ela quis perguntar o que ele estava fazendo ali, mas as palavras congelaram em sua língua quando o silêncio prolongado envolveu a sala.

As palavras dele saíram suaves e relutantes enquanto a olhava no fundo dos olhos úmidos.

– Por favor... fale comigo.

Incapaz de se mexer, Emily olhou para ele sem conseguir que um pensamento coerente lhe passasse pelos lábios. Timidamente, ele ergueu o braço e colocou a mão trêmula na bochecha dela, enxugando suas lágrimas. Embora os pés tivessem permanecido plantados no chão, ela desabou quando o corpo e a mente não aguentaram a pressão feita pelos dois homens. Dillon estendeu o braço para apoiá-la, segurando Emily com força enquanto encostava a testa na dela. Ela cambaleou para trás e o som da porta se fechando ecoou pelo apartamento.

– Em, me perdoe, gata. – Caindo de joelhos, Dillon passou os braços pela cintura dela, encostando o rosto em sua barriga enquanto ele próprio começava a chorar.

Emily tremia ainda mais, o choro e a dor na voz de Dillon quase a matando.

– Gata, eu juro, vou procurar ajuda. Vou parar de beber, Emily. Por favor, eu não posso perder você, gata. Não posso.

Emily achou que estivesse perdendo o juízo. Num determinado momento, Dillon fora a única razão pela qual ela se mantivera viva, mas aqui e agora, ele era um dos dois motivos pelos quais tinha vontade de morrer. Não queria dar poder a ele com suas lágrimas, mas a pior parte era que aquele homem de joelhos diante dela de fato a amava. Gavin, por sua vez, a havia testado e torturado com sua língua cruel e mentirosa, embora o coração de Emily ainda sofresse por ele. Sua mente disparava pensamentos conflitantes em todas as direções. Houvera uma época em que Dillon fora o retrato da perfeição, mas tal imagem se estilhaçara e só restaram cacos – uma colagem do que ele um dia parecera ser. Lutando para se manter à tona nas águas envenenadas nas quais afundara, Emily se deu conta de que não estava conseguindo lidar com nada daquilo.

Recuando com cautela, baixou os olhos para ele.

– Eu não posso... Não consigo falar sobre isso agora – sussurrou, o corpo tremendo. – Você precisa ir embora, Dillon. Por favor. Vá embora.

Ainda de joelhos, ele enterrou o rosto nas mãos. Seus soluços perfuravam os ouvidos de Emily e lhe causavam arrepios.

– Emily, por favor. Não vou sobreviver sem você. Se você me deixar, eu vou me matar. – Ele ficou de pé, o corpo tremendo enquanto caminhava até ela. Ergueu as mãos para abarcar seu rosto molhado. – Meu Deus, gata, por favor, me dê outra chance. Olhe só para você. Está tão arrasada quanto eu. Precisamos um do outro.

Quando Emily agarrou os pulsos dele, Dillon encostou a testa na dela, os olhos intensos.

– Deixe-me consertar isto. Me dê uma chance de melhorar as coisas. Eu estava bêbado, Emily.

Você sabe que eu nunca teria tocado em você. Nunca, gata.

– Por... por favor, Dillon – gaguejou ela, balançando a cabeça. – Você tem que ir embora. Eu não posso...

– Não, gata, por favor, me escute – implorava ele com a testa ainda encostada na dela. – Não paro de pensar na primeira vez em que beijei você. Não paro de pensar na primeira vez em que fizemos amor. Você se lembra? Eu nunca mais vou deixar de lhe dar o devido valor, Emily. Por favor. – Ela tentou falar, mas ele não deixou. Apertou os lábios nos dela. Ela tentou se afastar, mas ele desceu as mãos até sua nuca, também chorando enquanto continuava suas súplicas. – Você se lembra do que sua mãe disse antes de morrer, Emily?

Dessa vez, ela se afastou. Seus olhos se estreitaram enquanto os soluços ficavam mais intensos e tentava recuperar o fôlego.

– Não se atreva a metê-la neste assunto, Dillon. Não se atreva.

Ele deu um passo à frente, colocando as mãos trêmulas nas bochechas dela mais uma vez.

– Ela nos disse para cuidarmos um do outro. Ela nos disse para resistir a qualquer batalha mais difícil que a vida pusesse em nosso caminho. Disse para nunca desistirmos do nosso relacionamento.

Esta é a minha batalha e você vai me abandonar assim, Emily? Deixe-me consertar isso – sussurrou ele, fungando. – Posso dar um jeito nas coisas e melhorar tudo para a gente. Posso voltar a ser como era.

Ela olhou para ele por um longo momento. As lágrimas que escorriam pelo seu rosto mais pareciam ácido, queimando a carne. Antes que pudesse responder, o som de chaves tilintando na porta fez com que eles desviassem o olhar um do outro.

Olivia entrou no apartamento, o choque em seu rosto era palpável.

– O que você está fazendo aqui? – disparou ela, olhando duro para Dillon.

Passando as mãos pelos cabelos, ele se afastou de Emily, a voz se alterando.

– Nem pense em encher a porra do meu saco agora, Olivia.

– Deixa eu lhe dizer uma coisa – devolveu ela, aproximando-se dele, os gestos e o tom de voz deixando bem claro que ela não estava nem um pouco intimidada. – Se você não der o fora do meu apartamento agora mesmo, vou chamar a polícia. E só para mexer com você mais um pouco – sibilou ela, enfiando o dedo no peito dele –, vou me certificar de que o melhor amigo do meu pai, que por acaso é promotor público, não se esqueça do seu nome.

Mentalmente esgotada e com o estômago se contorcendo, Emily correu para o banheiro, caindo de joelhos diante do vaso sanitário. A bile vinha com violência, num refluxo, enquanto as lágrimas banhavam seus olhos.

– Você é um filho da puta! – gritou Olivia para Dillon, indo atrás da amiga no banheiro. Ele a seguiu. Olivia se postou atrás de Emily, segurando os cabelos dela para afastá-los do rosto. – Veja o que fez com ela! Agora saia daqui!

– Dillon, por favor. – Emily conseguiu dizer enquanto o corpo continuava o ataque, o gosto acre fazendo a língua arder. – Ligo para você mais tarde, mas vá embora.

Ele entrou no banheiro, estendendo a mão para ajudar Olivia a segurar os cabelos de Emily, mas Olivia lhe deu um tapa para afastá-lo.

– Caramba, você ouviu o que ela disse? Saia, Dillon!

Ele esfregou as mãos no rosto, olhou para Olivia por um segundo e, com os ombros caídos e os olhos baixos, deixou o apartamento.

A porta batendo fez Emily dar um pulo. De pé, ela encostou na parede e tentou recuperar o fôlego. Carinhosamente, Olivia a pegou pelo braço e a ajudou a chegar até a pia. Abrindo a torneira, Olivia embebeu uma toalha em água fria e a passou pelo rosto da amiga, que continuava a soluçar. Depois de escovar os dentes, Emily abriu o armário, as mãos tremendo enquanto avaliava os vários remédios. Estava à procura de um em especial, um frasco de Valium que seu médico do Colorado lhe receitara depois da morte da mãe. Encheu um copo plástico com água e pôs um comprimido na boca, esperando que a levasse para longe daquele pesadelo, pelo menos por um tempo. Voltou à sala de estar.

Caindo no sofá, ela cobriu os olhos com o braço e tentou se recompor. Lembrava-se de ter se sentido dessa mesma forma apenas duas vezes na

vida: no dia em que a mãe morrera e no dia do enterro. Os nervos de Emily estavam em frangalhos. Ela só queria desaparecer.

Olivia sentou-se ao lado dela e ergueu as pernas de Emily sobre seu colo, a voz cheia de preocupação.

– Meu Deus, Em, não consigo acreditar que ele veio aqui. Você está bem?

Sem tirar o braço de cima do rosto, ela fez que sim.

Olivia suspirou, esfregando a perna da amiga.

– Espere só até o Gavin ficar sabendo. Vai dar um ataque. – Ela olhou para o relógio. – Já são cinco horas. Não era para você encontrá-lo no escritório daqui a pouco?

– Eu não vou – disse Emily, engasgando e começando a chorar outra vez.

Olivia franziu as sobrancelhas.

– Em, o que houve?

– Quando cheguei à casa dele hoje de manhã, foi Gina quem abriu a porta – soluçou ela, se levantando do sofá. Entrou na cozinha, balançando a cabeça, ainda sem conseguir processar tudo aquilo. – Mal estava vestida. E o filho da puta ainda teve a coragem de passar o dia todo me ligando e mandando mensagens de texto.

Olivia saltou do sofá, os olhos arregalados.

– Cacete! Como é que é?

– Eu não entendo – fungou Emily, pegando um guardanapo e assoando o nariz. – Estou me sentindo uma babaca, uma completa idiota. Ele me usou. – Ela atirou o guardanapo no lixo e sentou-se à mesa da cozinha, as mãos cobrindo o rosto. Olivia puxou uma cadeira e afastou os cabelos de Emily dos ombros. – Mas eu sei o que foi, Liv. Ele não conseguiu ficar comigo desde o começo, então virei um brinquedo doentio e perverso para ele conquistar.

– Você já falou com ele?

– É claro que não! Nem vou falar.

– Bem, vou ligar para esse escroto. Não consigo acreditar numa coisa

dessas – bufou ela, levantando-se da cadeira. Acelerada, pegou a bolsa sofá e soltou um palavrão, baixinho.

– Não, Liv. Não quero que você ligue para ele. Gavin vai vir aqui e eu não consigo lidar com mais nada nesse momento.

Ela sacou o telefone, ignorando Emily. Olhou para o aparelho.

– Pelo visto, nem vou precisar.

Emily enxugou o nariz no dorso da mão.

– Como assim?

– Tenho quatro chamadas perdidas e duas mensagens de texto dele. – Olivia as estudou, os olhos se arregalando. – Ele está vindo para cá.

– O quê? – Emily deu um pulo e se aproximou. Agarrou o telefone de Olivia e verificou as mensagens.

Gavin: Eu liguei e mandei algumas mensagens para Emily. Você falou com ela hoje? Ela não me retornou. O sempre impaciente e um pouco tenso G.B.

Gavin: Esquece. Acabei de falar com seu irmão e ele disse que Dillon voltou mais cedo. Estou indo para o seu apartamento. Saindo do escritório agora. G.B.

– Acho que você vai conversar com ele esta noite, Emily.

– Não. Não consigo lidar com ele agora. – Emily começou a andar de um lado para outro. Apesar do Valium, os nervos não estavam mais calmos. – Entre a vinda de Dillon e tudo que aconteceu hoje, simplesmente não aguento, Olivia.

– Bem, o que você vai fazer? – perguntou Olivia, a voz suave. Aproximou-se e colocou a mão no ombro da amiga. – Ele enviou o último texto há vinte minutos. Mesmo com trânsito, vai chegar a qualquer momento.

– Diga a ele que estou doente, de cama ou algo assim.

– Amiga, se eu falar com ele, vou perder a cabeça. Eu adoro o Gavin, mas estou tão puta com ele que não vou conseguir ficar calada. Aí ele vai saber de tudo e ainda vai querer entrar e falar com você.

Sem hesitar, Emily atravessou a sala, pegou o celular na bancada e

mandou uma mensagem de texto para ele.

Emily: Eu estou bem, Gavin. Estou em casa doente, de cama.

A resposta dele chegou relativamente depressa.

Gavin: Queria que você tivesse me avisado, docinho. Eu poderia ter tomado conta de você o dia todo.

Chego aí em cinco minutos. Estou dobrando a esquina. Está precisando de alguma coisa? Te amo.

Balançando a cabeça, enojada, ela tentou abafar um soluço, mas de nada adiantou. Com as mãos trêmulas, mandou uma mensagem de volta.

Emily: Não venha para cá. Falo com você outra hora.

O texto seguinte não chegou tão rápido. Emily começou a ficar nervosa, até que ele respondeu.

Gavin: O que está acontecendo, Emily? Dillon está aí com você? Sei que ele já voltou.

– Meu Deus, ele acha que Dillon está aqui – soltou ela, limpando as lágrimas do rosto. – O que eu digo agora?

Olivia suspirou.

– Emily, você precisa conversar com ele.

– Liv, não vou conversar com ele agora. O que escrevo de volta?

Emily não esperou a resposta da amiga. Entrou em pânico e mandou uma mensagem que esperava ter algum efeito.

Emily: Eu não estou em casa.

– Bem – começou Olivia –, o que você disse a ele?

– Eu disse que não estava em casa. – Ela atirou o telefone em cima da mesa. A ideia de triturá-lo em pedacinhos se tornava mais atraente a cada segundo. – Agora ele não virá até aqui.

– Ai, meu Deus, Emily. Agora mesmo é que ele vai vir.

– Por que viria aqui se não estou? – perguntou ela, na defensiva.

– O Gavin não é bobo, só por isso. – Olivia foi até a cozinha pegar uma garrafa de água. – No máximo você conseguiu convencê-lo de que Dillon está aqui com você.

– Ele não vai vir – retrucou ela, afundando no sofá.

– Amiga, eu estou dizendo, ele está vindo para cá.

Olivia mal terminou a frase e uma batida soou à porta – e como foi brusca. Com o coração acelerado, Emily pulou do sofá e foi até lá. Pelo olho mágico, viu Gavin no corredor.

– Puta merda – sussurrou.

Olivia se aproximou.

– Eu avisei. O que vai fazer agora? – perguntou ela, a voz tão baixa quanto a de Emily.

– Diga a ele que menti sobre não estar aqui. Que estou realmente de cama e... – Ela fez uma pausa, enxugando as lágrimas enquanto organizava os pensamentos. – Que eu não queria que ele me visse porque estou horrorosa, ou algo assim.

– E como você espera que eu o impeça de entrar? – sussurrou Olivia com urgência.

Gavin bateu outra vez e Emily jurou ter sentido como se alguém apontasse uma arma para sua cabeça.

– Eu não faço ideia, mas não diga nada a ele sobre o que sei. Vou conversar com ele em breve. É que eu não consigo... – Sua voz foi sumindo. Cobrindo a boca com a mão, Emily começou a chorar de novo.

– Em, eu entendo, está bem? Não vou falar nada para ele. Vá para o seu quarto, apague as luzes e se enfie na cama. Vou tentar mantê-lo no corredor.

Sentindo o coração na garganta, Emily fez o que Olivia dizia e correu para o quarto. Olivia abriu a porta, saiu para o corredor e a fechou às suas costas. Cruzando os braços, olhou para Gavin.

Gavin olhou para ela por um momento, a intuição lhe corroendo o estômago.

– O que diabos está acontecendo? Ele está aí dentro com ela?

– Não. Ele não está lá dentro com ela, Gavin. Ela está de cama, doente e muito sozinha. Acabou de dormir por causa de um remédio que lhe dei mais cedo.

– Em primeiro lugar, ela me mandou uma mensagem há menos de cinco

minutos. Em segundo, por que ela mudou a história de repente?

– Bem, ela tem baixa tolerância a qualquer tipo de medicamento. E como eu disse, dei a ela o remédio uma boa meia hora antes de ela mandar a mensagem. – Olivia respirou fundo. – Respondendo à sua pergunta sobre ela ter modificado a história, digamos apenas que ela teve um dia horrível e que está com cara de merda. Ela não queria que você a visse assim.

Ele sorriu com ironia.

– Você acha que sou idiota, Olivia? – mandou ele, surpreendendo-a. – Porque, se acha, está redondamente enganada. Se ela está lá dentro tentando fazer as pazes com ele, o mínimo que poderia fazer é me contar em vez de mentir, caralho!

– Já falei que ele não está aqui. Você me conhece o bastante para saber que não sou uma mentirosa dissimulada e intrigueira, Gavin. – Deixando escapar um suspiro melodramático, ela olhou para as unhas. – É uma pena que eu não possa dizer o mesmo sobre certas pessoas que conheço.

Embora tivesse ficado confuso, Gavin percebeu que havia mais por trás do comentário de Olivia, mas não estava disposto a lhe perguntar a respeito – não naquele momento. No entanto, ia se certificar, em definitivo, de que não estava sendo enganado. Passando por ela, estendeu a mão para a maçaneta e entrou. Com o coração batendo de forma irregular, examinou a sala de estar à procura de Emily.

– Eu já disse que ela está na cama, dormindo – repetiu Olivia.

A palavra cama reverberou pela cabeça de Gavin como um rufar de tambores enquanto uma onda de náusea o dominava. Sem pensar – e sentindo-se o psicopata paranoico completo no qual tinha certeza estar se transformando –, Gavin atravessou o corredor depressa até o quarto de Emily.

– Puta merda! Que porra você está fazendo, Blake? – cuspiu Olivia, indo atrás dele. – Ela está dormindo.

Pedindo a Deus que Olivia não estivesse mentindo, ele abriu a porta de Emily, bem devagar. Uma luz tênue vinda da cozinha se derramou para dentro do quarto, mostrando que Emily, de fato, se encontrava sozinha na cama. Gavin teve certeza de que o suspiro de alívio que escapou de seus

lábios e que saíra queimando seus pulmões a acordara. Respirou fundo, encostou-se à porta e passou as mãos pelos cabelos energicamente.

– Está vendo? Ela está dormindo, Gavin – sussurrou Olivia. – Agora vamos. Ela não está se sentindo bem.

Gavin sentiu-se um perfeito idiota por não ter acreditado na mulher em quem deveria confiar.

Ele não podia sair. Ficou paralisado quando os ouvidos se saturaram com a respiração de Emily, a mesma que, havia menos de 24 horas, lhe dissera repetidas vezes que o amava. Por Deus, ele a adorava, mas, mesmo que apenas por um instante, duvidara do que ela lhe dissera. Não queria acordá-la, mas precisava tocá-la. Precisava sentir alguma parte do corpo de seu anjo. Apesar das súplicas de Olivia, Gavin se viu atravessando o quarto. Aproximou-se da cama, onde Emily estava deitada de costas para ele. Um sorriso amargo se formou em seus lábios enquanto as pontas dos dedos penteavam os cabelos dela, com delicadeza. Inclinou-se pertinho dela, os movimentos cuidadosos na intenção de não despertá-la enquanto lhe acariciava a bochecha com os nós dos dedos.

– Amo você, Emily – sussurrou antes de lhe beijar na cabeça com ternura. – Eu queria ter estado aqui hoje para cuidar de você, boneca.

Era tudo do qual ele precisava, só aquele pouquinho, e então seria capaz de dormir a noite toda.

Com a respiração se acelerando devido ao toque dele, desejado e indesejado, a cabeça de Emily berrava: Você me enfurece! Você me dá nojo! Você me despedaçou!, ao mesmo tempo que o coração gritava: Por favor, fique. Preciso de você na minha vida. Somos incríveis juntos. Uma lágrima quente escorreu pelo rosto dela enquanto as unhas cravavam nas palmas cerradas. Mas ela não se mexeu.

Ficou quietinha até ouvi-lo sair do quarto. Olivia o acompanhou para fora do apartamento – e para fora da vida de Emily. Soltando a respiração que vinha prendendo desde o instante em que ele entrara, Emily se virou. Com os olhos banhados em lágrimas, viu a silhueta de Olivia à porta.

Ela ia entrando, mas Emily disse:

– Preciso ficar sozinha, está bem? Eu... Desculpe por fazer você passar

por isso, Olivia. Eu... eu sinto muito – gaguejou enquanto chorava. – Muito obrigada. Mas simplesmente não consigo... não consigo falar sobre isso.

– Tem certeza de que vai ficar bem, Em? – sussurrou Olivia, a voz cheia de preocupação. – Vou encontrar Tina daqui a pouco. Mas posso ficar em casa se você precisar.

Fungando, Emily balançou a cabeça.

– Não, pode ir. Vá se divertir. Eu vou ficar bem.

Olivia ficou ali por um segundo, soltou um suspiro pesado e então fechou a porta lentamente.

Na escuridão completa, Emily enrolou os cobertores bem apertados ao redor do corpo trêmulo, a cabeça tentando absorver o dia cruel que tivera.

Sono.

Precisava do sono como precisava de oxigênio, de água e de comida – mas tinha certeza de que ele não viria. Não, o sono não seria seu amigo esta noite.

Em vez disso, a solidão, a mágoa, a confusão e a dor o substituiriam.

18

Engolida por inteiro

GAVIN TELEFONOU PARA Emily e deixou recados.

Nada.

Mandou torpedos.

Sem resposta.

Sentado à sua mesa na Blake Industries, pegou o telefone pelo que parecia ser a centésima vez naquela manhã. Colocando-o de volta no gancho, se recostou na cadeira e avaliou cuidadosamente os sentimentos perturbadores que se enraizavam na sua cabeça. Havia alguma coisa errada. Mesmo que Emily ainda estivesse doente, sabia que já deveria ter recebido notícias dela. O lado mais calmo do seu cérebro, no entanto, o mandava relaxar. Podia haver várias razões para ela ainda não ter retornado suas mensagens. Considerando que tinha perdido um dia de trabalho, era bem possível que estivesse tentando compensar.

Isso. Ele se apegaria a essa explicação.

No entanto, conforme a manhã foi se arrastando até se transformar no final da tarde, Gavin teve certeza de que só estava tentando se convencer de que não havia nenhum problema. Embora seu corpo tivesse sido obrigado a comparecer a várias reuniões de negócios, a mente não estivera presente em nenhuma delas. Os pensamentos foram sendo consumidos e cenários doentios foram apertando seu coração a cada minuto sem um retorno dela.

Depois de completar uma teleconferência com um cliente em potencial, ele se levantou da cadeira e cruzou o escritório, perguntando-se que diabos estaria acontecendo. Olhando para baixo, para as ruas caóticas por causa da hora do rush, resolveu fazer mais uma ligação para Emily.

Mas, antes que pudesse agir, a voz da secretária soou pelo interfone, interrompendo seus pensamentos conturbados.

– Sr. Blake, Dillon Parker está aqui para vê-lo.

Virando-se, Gavin olhou para a porta do escritório. Embora um fluxo constante de adrenalina corresse dentro de seu corpo, ele não demonstrava nada além de calma. Antes de responder, caminhou devagar até a mesa e, com a maior calma possível, despiu o paletó e o pendurou nas costas da cadeira. Afrouxou a gravata e arregaçou as mangas da camisa, muito tranquilamente. Seu instinto masculino gritava que o amigo já sabia que ele e Emily estavam juntos, e Gavin teve a sensação de que a visita-surpresa estava prestes a se tornar muito... interessante. Gavin tinha plena consciência de que poderia acabar passando a noite na prisão. Respirando lenta, mas profundamente, alongou o pescoço, aprumou os ombros e apertou o botão do interfone.

– Pode mandá-lo entrar, Natalie. Obrigado.

Com a mandíbula cerrada, Gavin observou Dillon entrar em seu escritório. Os dois se encararam assim que a porta se fechou.

Depois de alguns momentos de tensão crescente, Dillon quebrou o silêncio, o tom de voz baixo, mas a expressão dura:

– O que você fez foi errado pra caralho.

Cruzando os braços, Gavin encostou na mesa enquanto olhava Dillon de cima a baixo.

– Se você tratasse Emily como ela merece, talvez eu não tivesse feito o que fiz. Já pensou nisso? – A voz estava comedida, mas os pensamentos, não. Entre a lembrança de Dillon agarrando Emily e o fato de ela ter revelado alguma coisa para o ex sem a presença dele, Gavin estava pronto para derramar o sangue de alguém.

Dillon permaneceu imóvel como pedra.

– Eu não deveria ter que pensar em nada, cara. Você não tinha o direito de fazer o que fez, porra.

– Talvez não, mas o que está feito, está feito – disse ele, com firmeza, reduzindo a distância entre eles pela metade. – Talvez eu precise reiterar as coisas para você. Se a tratasse como um homem de verdade trata uma mulher, talvez as coisas estivessem diferentes para você agora.

– Eu estava bêbado. Nunca teria tocado nela se não estivesse – disse ele,

os olhos ainda grudados nos de Gavin. – Você me deu um soco do nada, cacete! Aquilo não foi nada legal, cara.

Gavin coçou o queixo, distraído. Ao que parecia, Emily não tinha contado nada.

– Uau, mas que original. “Eu estava bêbado”... então isso faz com que fique tudo bem? – Gavin não deixou Dillon responder. – Deixe eu ver se entendi direito... – Ele riu, balançando a cabeça. – Você veio aqui para falar esse monte de merda para mim porque o nocauteei por estar maltratando a Emily?

– É. Por que outro motivo eu estaria aqui, porra?

Gavin decidiu se esquivar da pergunta com outra pergunta.

– De fato, por que você veio aqui? Olha, vou deixar uma coisa bem clara, Dillon. Se eu visse você fazer aquilo com um cachorro, teria reagido do mesmo modo, quanto mais com Emily. Alguma vez você já me viu ficar sentado olhando um homem fazer uma coisa daquelas com uma mulher? Pode ser sincero, porque agora fiquei curioso, além de estar achando muita graça nisso tudo.

A expressão de granito de Dillon se suavizou um pouco.

– Olha, não estou a fim de discutir com você. Eu...

– Ah, não está? – interrompeu Gavin. – Pois é o que parece. Se você não consegue entender por que fiz o que fiz, então não há nenhuma razão para a gente continuar esta conversa. Se você vai usar essa desculpinha de merda de que estava bêbado para não assumir o que fez com ela, então realmente não há motivo algum para a gente ir em frente. – Gavin apontou para o outro lado da sala. – Se pretende vir com essa para cima de mim, a saída fica bem ali.

Dillon olhou para ele por um momento, os olhos se estreitando.

– Como eu disse, não quero discutir com você, Gavin. Admito que errei e já disse para a Emily que vou melhorar.

Gavin inclinou a cabeça de lado, perguntando-se quando exatamente eles teriam se falado, já que Emily lhe dissera não estar atendendo as ligações de Dillon. Permaneceu em silêncio e deixou que Dillon prosseguisse:

– O problema é que você parece estar mais puto com o que aconteceu do que minha própria noiva.

– Noiva? – perguntou Gavin, tentando ignorar a alteração na voz e o súbito aumento em sua temperatura. – Ela terminou com você.

– É, mas já falei com ela e o casamento está de pé outra vez.

Dillon continuou a falar e, apesar de Gavin encará-lo, não ouvia uma só palavra do que o outro dizia. Não conseguia. Engolindo em seco, os ouvidos de Gavin zumbiam com o anúncio de Dillon, seu sussurro insidioso caindo como ácido em seus pulmões. Uma dor lancinante pulsava pelas veias de Gavin, manifestando-se como um câncer terminal.

Erguendo o braço, Gavin correu a mão nervosa pelos cabelos.

– O casamento está de pé? – perguntou, a voz baixa e perplexa.

– É, cara. Acabei de lhe explicar tudo. Está de pé, sim – respondeu ele com uma pitada de confusão na voz. Dillon suspirou e balançou a cabeça. – Olha, eu entendo, está bem? Você está certo. Eu não deveria ter usado a bebida como pretexto para o que fiz. Apesar de eu continuar achando que você não deveria ter me batido, estou disposto a perdoá-lo por isso.

– Você acha que preciso do seu maldito perdão? – vociferou Gavin, ainda tentando se recuperar da dor em seu peito. – Você tem mesmo muito colhão de vir ao meu escritório me dizer que está disposto a me perdoar. Tem sorte de eu não enchê-lo de porrada agora mesmo.

– Está vendo? É disso que estou falando. Vim aqui tentar consertar as coisas e você está agindo como um doido. Que porra é essa, cara?

Gavin olhou para ele por um longo tempo enquanto lampejos de Emily lhe invadiam a mente.

Cruzando os braços, foi até a janela. O sol já havia descido por trás dos prédios havia muito e a lua cheia tinha tomado seu lugar. Respirando fundo, Gavin assentiu. Ele certamente não estava sendo benevolente e sem dúvida não estava perdoando Dillon. Seu único objetivo era concluir a conversa e chegar a Emily da forma que pudesse. Portanto, entraria no jogo.

Lembrava-se por alto de ela ter dito que ia cobrir o turno do jantar hoje à noite no Bella Lucina.

Da mesma forma que o fizera tantos meses antes, ele lhe faria uma visita inesperada. No entanto, chegaria até ela como um homem muito magoado e confuso, à procura de respostas. Só esperava encontrá-las.

– Você tem razão, Dillon – disse, a voz tão desprovida de emoção que até ele se chocou. – Eu estou agindo como um doido. – Ele se virou e fitou o outro, o rosto adquirindo a mais ilegível impassibilidade. – Se você é capaz de me perdoar pelo que fiz, então também posso relevar o que você fez com Emily.

Gavin observava com atenção enquanto Dillon baixava a guarda de vez.

– Certo, então está tudo bem entre a gente? – perguntou Dillon. Cruzando os braços e sem dizer palavra, Gavin simplesmente assentiu. – Beleza, então – continuou, olhando para o relógio. – Vou tomar uns drinques com uns caras do trabalho. Por que não vem também? Acho que nós dois merecemos tomar umas depois dessa.

– Tenho umas coisas para resolver – respondeu Gavin, a voz impassível. – Coisas muito importantes.

– Bem, se você terminar cedo, estarei no Ainsworth Prime, no Penn Plaza.

Gavin assentiu e Dillon se dirigiu à porta.

– Mais uma coisa – disse Gavin, atravessando a sala, a voz baixa. Dillon se virou. Gavin o encarou e, naquele momento, soube que sua expressão dizia tudo. – Se você voltar a tocar nela, eu o matarei com minhas próprias mãos.

Inclinando a cabeça para o lado, Dillon retribuiu o olhar e ia dizer alguma coisa, mas não o fez.

Balançou a cabeça e saiu. Com a confusão fluindo do seu corpo como ondas, Gavin levou alguns minutos tentando se recompor. Ainda tremia enquanto tentava respirar. Em choque diante de tantos acontecimentos, atravessou o escritório e afundou na cadeira. Com as palavras de Emily dançando em sua mente, era impossível tentar se recompor. A cabeça

latejava e a visão estava turva.

Emily o engolira por inteiro, mentira sobre o desejo de ter um futuro com ele e o descartara assim que Dillon voltou. Incapaz de esperar mais, Gavin fechou os olhos por um segundo, respirando fundo, e vasculhou o bolso em busca das chaves. Levantou-se da cadeira e deixou o escritório.

Mágoa, raiva e dor comprimiam seu peito. Sabia que ainda faltavam algumas horas até o turno de Emily terminar, mas, quando acabasse, ele estaria à espera dela.

– Caipirinha – chamou Antonio, aproximando-se da mesa onde Emily e Fallon estavam sentadas. – Se já tiver terminado o serviço de apoio, pode ir embora.

Emily ergueu os olhos para ele enquanto enroscava a tampa de um saleiro. Assentiu.

– Obrigada, Antonio.

– E eu? – perguntou Fallon, jogando um conjunto de talheres já embrulhados dentro de um balde de plástico.

– Está sem sorte, garota. – Ele riu. – Você foi escalada para o fechamento.

Fallon fechou a cara.

– Qual é, Antonio? Está chovendo pra cacete lá fora e só tive duas mesas nas últimas três horas. Já são oito da noite. Isso aqui está tão morto que você dá conta sozinho.

Balançando a cabeça, ele resmungou alguma coisa em italiano e se afastou. Fallon sorriu.

– Acha que eu devia tomar isso como um não?

– Acho que essa seria uma aposta segura – brincou Emily, se levantando do seu assento. Alongou o pescoço e desamarrou o avental. – Trevor vem buscar você hoje?

– Com certeza. Vamos jogar boliche mais tarde – respondeu ela, sorrindo.

– Que legal. Divirta-se. – Emily foi caminhando até o balcão para pegar a bolsa.

Depois de passar por baixo da bancada do bar, viu Fallon ao seu lado, o rosto cheio de preocupação. Emily olhou para ela, desconfiada.

Brincando com os cabelos pretos entre os dedos, Fallon hesitou.

– Trevor me disse que você voltou com Dillon.

– É verdade. Resolvemos nossas diferenças – respondeu ela, tirando o casaco do cabide. – Por que está tocando no assunto agora?

– Bem, não quis que você se zangasse durante seu turno.

– E por que eu me zangaria?

Fallon ergueu uma das sobrancelhas, incrédula.

– Ora, Em. Sei o que aconteceu entre você e o Gavin.

Emily tentou ignorar a pontada de dor em seu peito ao ouvir o nome dele, mas foi inútil. Vestiu o casaco e olhou de maneira inquisitiva para Fallon.

– Como ficou sabendo do que aconteceu entre a gente?

Fallon piscou os olhos cinzentos e deu de ombros.

– Olivia me contou.

– É claro. – Ela suspirou e se dirigiu para a porta. Fechou o zíper do casaco, pendurou a bolsa no ombro e suspirou mais uma vez. – Olha, eu estou bem – disse, baixinho, mentindo da melhor maneira que conseguia.

Não estava bem. Estava um caco e, pela expressão de Fallon, teve certeza de que a amiga sabia disso.

Fallon se aproximou e pôs a mão no ombro dela.

– Por que você vai se casar com ele, Emily?

Os traços de Emily registraram o choque diante da pergunta.

– Fallon! – exclamou, exasperada. – Como assim, por que vou me casar com ele?

– Acho que é uma pergunta bastante direta, Caipirinha. – Ela retirou a mão. – Por que vai se casar com ele se está apaixonada pelo Gavin?

Perplexa com o ritmo alucinante da conversa, Emily achou melhor responder da forma mais sincera que pôde:

– Acho que a resposta é bastante direta, Fallon. Vou me casar com o homem que me ama. Falo com você outra hora – disse ela, se dirigindo depressa para a porta.

– Emily, espere! – gritou Fallon.

Emily levantou a mão para silenciá-la e segurou a maçaneta. Abriu a porta e perdeu o fôlego quando deparou com os brilhantes olhos azuis de Gavin fixos nos seus. O choque percorreu seus membros e se acomodou em seu peito como aço. Ela olhou para ele, encostado no carro, sem se importar com a chuva fria. Com os braços cruzados, os olhos de Gavin a estudaram da cabeça aos pés e, se Emily não estava enganada, continham algo similar a raiva. Por um instante, a confusão cruzou o rosto dela, mas desapareceu quando a própria raiva a invadiu. Apesar de não querer lidar com nenhuma desculpa esfarrapada que ele certamente estava prestes a dar, não havia como se esconder dessa vez. Precisava enfrentá-lo. Ofegante, reuniu coragem, se recompôs e saiu para a calçada.

– Ah, aí está ela. A garota que partiu meu coração – disse ele, a voz alta e ameaçadora. – Era esse o seu objetivo? Porque, se era, você conseguiu o que queria.

– Como ousa me dizer isso?! – berrou ela, a cólera brotando e borbulhando ainda mais.

– Como eu ousa dizer isso? Não fui nada além de um passatempo para você enquanto Dillon estava fora! – Ele deu um passo para a frente, jogando as mãos para o alto em sinal da mais completa rendição. – Isso é algum tipo de piada? – Ele riu, mas sem o menor indício de diversão. – Eu enxerguei um bocado de coisas neste rostinho bonito, mas não vi uma sedutora, uma manipuladora doentia.

Emily ficou de queixo caído. A chuva gelada nem se comparava à tenacidade que Gavin tinha demonstrado aparecendo ali e a acusando de ser manipuladora. Aquilo a deixara paralisada. Ainda assim, escolheu ficar calada. Se Gavin queria ficar de joguinho, Emily permitiria, mas no fim ela seria a vencedora. Algo dentro dela gritava para deixá-lo se afundar. Cruzou os braços enquanto o espírito de desafio luzia em seus olhos verdes, convidando-o para o próprio enterro.

E Gavin morderia a isca, pois o olhar dela quase o levou à loucura.

Embora ela tivesse lhe arrancado a alma do corpo, não tocá-la não era uma opção. Era impossível não beijá-la. Precisava fazer isso ali mesmo enquanto a chuva caía. Gavin se aproximou com a fluidez de um tigre atacando a presa. Antes que Emily pudesse cambalear para trás, ele a pegou pela cintura e pressionou os lábios contra os dela com força, a língua os entreabrindo enquanto ela tentava afastá-lo.

Por um segundo, ela sentiu nele o gosto da raiva, da irritação e do senso de posse e aquilo a deixou ainda mais confusa e irritada. Enquanto ele sorvia a chuva do lábio inferior dela, um raio caiu, rachando a terra em algum lugar ao longe.

– Porra, você pirou, Gavin? – sibilou ela, tentando afastar a cabeça e se desvencilhar dele.

– Se eu pirei? Como um tolo, acreditei em você, em nós dois juntos! – rosnou ele, erguendo a voz, mal conseguindo controlá-la enquanto agarrava a cintura de Emily. Ele a olhou nos olhos, vendo as gotas de água escorrerem pelos cílios e pelas bochechas. – Quando foi que você voltou com ele, hein, Emily?

Poças se formavam ao redor dos pés deles e pedestres encharcados de chuva passavam apressados.

Ela olhou para Gavin, o coração batendo e a revolta luzindo com ousadia em seus olhos.

– Voltei para ele mais ou menos uma hora depois de você sair do meu apartamento – sussurrou ela, a voz deixando clara a intenção de partir o coração dele em pedacinhos. Tentou se afastar, mas Gavin a segurou com firmeza. – Voltei para ele uma hora depois de você ter ido me ver, ficar me acariciando e descaradamente dizendo que me amava!

Fuzilando-a com os olhos, ele a agarrou pela nuca e puxou seu rosto a centímetros do dele, os narizes se roçando. Ela sentiu o hálito quente soprando por suas bochechas frias enquanto o próprio peito subia e descia com a respiração arfante.

– Você estava acordada quando fui lá?

– Ah, eu estava acordada, sim, e muito bem de saúde, aliás. – Ela soltou uma gargalhada histérica, as palavras revelando toda a sua ira.

Gavin não podia acreditar no que estava ouvindo ou vendo. Aquela não podia ser a mesma mulher com a qual estivera apenas algumas noites antes. Já ouvira falar em gente que passava por crises de insanidade temporária e, naquele exato momento, estava pronto para levá-la direto para a ala psiquiátrica mais próxima.

Sem fazer pergunta alguma.

– Como você consegue ser tão perversa? – rosnou ele. Ela ia dizer alguma coisa, mas Gavin a interrompeu: – Você transou com ele ontem à noite, Emily?

A respiração ficou presa na garganta dela e o corpo esquentou por completo quando Gavin inclinou a cabeça dela para trás, segurando-lhe os cabelos. Passou os lábios de leve pelo canto da boca. Foi descendo lentamente até a orelha, a barba por fazer roçando a pele, a voz um sussurro:

– E, se você transou, a sensação de tê-lo dentro dessa bocetinha linda foi tão boa quanto comigo?

Ele foi capaz de fazer você implorar por mais do jeito que eu fiz? – Mordiscou a orelha dela com suavidade e Emily quase derreteu ali mesmo. – E uma última pergunta: você gozou com tanta vontade para ele como gozou para mim?

Enquanto a chuva martelava a calçada, os olhos dela se estreitaram, o coração explodindo de dor e de raiva. Os dois tinham as roupas encharcadas, coladas aos corpos, a respiração pesada.

– Ele me fez gozar mais! – Diante disso, Gavin pareceu chocado, até mesmo magoado, mas mesmo assim Emily não se conteve: – A sensação dele dentro de mim foi tão incrível quanto deve ter sido a do seu pau enfiado na Gina!

Gavin cambaleou para trás.

– Do que você está falando?

– Da Gina – esclareceu ela, a voz venenosa. – Fui fazer uma surpresa para você ontem. Levei o café da manhã. Mas quem foi surpreendida fui eu. Pelo visto, você já tinha comido. Seus lençóis ainda estavam quentes de nós dois e ela abriu sua porta praticamente nua. Dá um tempo, porra! – Ela assistiu à expressão no rosto dele se transformar em inquietação.

Gavin sabia que os olhos de Emily a haviam traído naquela história, mas também sabia que suas atitudes, o fato de ter deixado Gina entrar em sua casa, haviam conduzido àquela batalha. Que Deus tivesse piedade de Gavin se esse fosse o motivo para perder Emily.

Ele sabia que tinha que tomar muito cuidado. A mulher à sua frente estava arrasada e machucada, mas a mente dele estava paralisada. Não conseguia formular as frases com rapidez suficiente.

A ausência de uma resposta rápida pareceu confirmar aquilo em que Emily acreditava. Gavin sabia que fora pego em flagrante e não tinha ideia do que dizer. E antes que ele pudesse se dar conta do que estava acontecendo, Emily ergueu a mão e lhe deu um tapa na cara, com toda força. Ele cambaleou, atordoado.

– Seu filho da puta! – gritou ela, sem se importar com os passantes.

Cravou os olhos nele como punhais e estava prestes a agredi-lo outra vez, mas Gavin a segurou pelo pulso.

– Você precisa me ouvir, Emily – implorou ele, a voz firme.

Ela tentou se soltar, mas Gavin a puxou para seu peito. Com a mão livre, afastou os cabelos molhados do rosto dela.

– Ela já tinha ido embora quando saí do chuveiro. Eu não fazia ideia de que você tinha ido lá. – Os olhos de Emily se arregalaram enquanto ela tentava se libertar outra vez. – Não, espere! Porra!

Não é nada disso que você está pensando!

Emily ainda tentava se afastar, as lágrimas escorrendo.

– Isso é o melhor que você consegue inventar? – bufou ela.

Sentia-se presa sob o brilho daqueles lindos olhos azuis e não estava disposta a deixar que eles a capturassem outra vez sob seu feitiço.

– Você só pode estar louco se acha que vou cair nessa! Não vai conseguir mentir para entrar no meu coração outra vez, Gavin. Odeio o que fez comigo, odeio o que fez com a gente e, acima de tudo, odeio você!

Parte dela ficou paralisada ao pronunciar essas palavras, afinal ela não o odiava. Não conseguia.

Ela o amava do fundo da alma. No entanto, tudo o que achava que ele

representava no instante em que o conheceu tinha se provado verdadeiro.

Gavin recuou como se Emily o tivesse atingido outra vez. Seu coração afundava dentro do peito enquanto o choque dava lugar à ideia de que talvez ele a tivesse perdido de vez – e isso significava perder a si mesmo.

– Você não me odeia. Você me ama – disse ele, engasgando, sem tentar esconder a dor que o esmagava. Erguendo os braços, ele tomou o rosto dela entre as mãos, acariciando-lhe os lábios com os polegares. – E, meu Deus, Emily, eu amo você com tudo que existe dentro de mim, com tudo que sou, com tudo que algum dia serei. Por favor. Não me abandone dessa forma, sabendo que, se eu não tivesse deixado Gina entrar, isto não estaria acontecendo. Ela foi à minha casa... Eu não devia ter permitido que entrasse. Sei que não devia, mas ela estava bêbada e...

– Pare! – gritou ela, dando um empurrão violento no peito dele.

Funcionou, pois enfim conseguiu se libertar. Desceu até o meio-fio, lágrimas quentes de raiva escorrendo pelo seu rosto enquanto ela agitava os braços para chamar um táxi. Com cortinas de chuva caindo do céu, seu empenho passava despercebido enquanto os motoristas cortavam pela rua, apressados, encharcando-a ainda mais.

Aproximando-se dela, Gavin sentia-se tonto, vazio. Segurou-a com firmeza pelo cotovelo e a virou. Os olhos dos dois, igualmente cheios de mágoa, fuzilaram-se. Erguendo os braços outra vez, ele tomou o rosto dela entre as mãos e encostou a testa na dela.

– Você precisa acreditar em mim – sussurrou, rouco, a voz cheia de dor.
– Ela desmaiou no meu sofá. Dormi no meu quarto e não aconteceu nada. Nada mesmo.

Emily soluçava incontrolavelmente e tentava se afastar, mas Gavin a segurou pela nuca, mantendo a testa pressionada contra a dela.

– Eu disse que nunca a machucaria e estava falando sério. Todas as minhas palavras foram sinceras. Por favor, não faça isso com a gente... por favor. Eu não estou mentindo para você. Eu não sou ele. Eu não sou Dillon.

Sentindo-se presa na escuridão do olhar dele, o coração de Emily parou por um instante enquanto ela fitava as gotículas de água escorrendo pelo rosto de Gavin – descendo até aqueles lábios perfeitos que tinham adorado

cada centímetro do seu corpo. Aqueles lábios perfeitos que também tinham adorado o corpo de outra mulher depois que ela saíra. As lágrimas vieram numa torrente quando o pensamento do que ele havia feito a golpeou outra vez com força brutal.

Balançando a cabeça, ela deu vários passos para trás, os olhos gélidos. Virando-se, levantou a mão para chamar um táxi e, para sua surpresa, um deles parou. Ela abriu a porta, mas Gavin a fechou de novo e a manteve assim.

– Me deixe entrar, Gavin!

– Não. Eu não vou deixar você ir – esbravejou ele. – Você não acredita em mim?

– Eu não estou brincando! Me deixe entrar – ordenou ela, a ferocidade de seu tom assustando a ambos.

Correndo a mão livre pelos cabelos encharcados, Gavin rangeu os dentes.

– Você acredita nas mentiras que ele conta todos os dias, mas não consegue acreditar em mim?

– Ah, agora você está forçando a barra – zombou ela, tentando tirar a mão dele de cima da porta.

– Ele não foi o único que mentiu para mim!

– Mas que merda, Emily! – rebateu Gavin. De repente, ele a pegou pela cintura e a puxou com força contra o peito. Ela respirou fundo, indignada enquanto olhava fundo nos olhos azuis. – Não confunda meus apelos com fraqueza. Não sou um filho da puta. Eu disse que não estou mentindo, mas, se você acha, por um minuto, que ele nunca mentiu, ou que não está mentindo, é porque tem algo muito errado com você.

– Ei – berrou o taxista, impaciente –, ela vai entrar ou não vai?

– Vou!

– Não!

Os dois gritaram ao mesmo tempo.

Gavin desviou o olhar furioso para o motorista.

– Ela não vai entrar. Vai nessa. Agora.

Com um olhar irritado, o homem balançou a cabeça e saiu em disparada.

– Não dá para acreditar em você – gritou Emily, mais lágrimas escorrendo pelo rosto. Cada uma delas flechava o coração de Gavin. Ela empurrou o peito dele mais um pouco, mas ele a manteve presa com um braço de aço ao redor da cintura. – Por que está fazendo isso comigo, Gavin?

– Porque amo você e porque não estou mentindo – respondeu ele, a respiração irregular e difícil.

– Diga que você não me ama e vou embora. Vou embora e você nunca mais vai precisar me ver.

Com a mão livre, ele inclinou o pescoço dela para trás. Abaixou a cabeça e começou a roçar os lábios, muito de leve, pela sua têmpora, pelo rosto e ao longo da curva da mandíbula. Emily não conseguiu se conter; um ligeiro gemido escapou dos seus lábios.

– Nunca mais vai ter que sentir meu toque, Emily. Nunca mais vai ter que ouvir minha voz.

Nunca mais vai ter que acordar comigo ao seu lado. Diga que você não me ama e eu sumo... para sempre.

Emily tremia por dentro, mas não quis demonstrar. Se deixasse escapar o que quer que fosse, cederia, e isso não podia acontecer. Embora cada fibra do seu corpo quisesse acreditar nele, não conseguia. Aquela era uma mentira muito bem bolada com a qual ele tentava manipulá-la. Era um ator num palco, aperfeiçoando sua habilidade, e Emily era sua única plateia. Agora era sua vez de mandar o coração dele para o crematório, o mesmo lugar onde o dela se encontrava agora.

– Eu não amo você – disse ela, mentindo descaradamente. E isso a destruía. Os olhos pingavam, cheios de lágrimas, enquanto o encarava. – Eu disse que precisava tirar você da cabeça e foi o que fiz. Foi só isso que aquela noite significou para mim. – Outra mentira. No entanto, uma verdade única deixou os lábios dela: – E não acredito em uma palavra do que você disse.

Gavin fez uma careta de dor e segurou as lágrimas que ardiavam em seus olhos. As palavras de Emily arrancaram o ar de seus pulmões. Ela pegara o coração dele e o triturara. Quase sem fala, ele recuou e a soltou.

– Obrigado pela cicatriz permanente – sussurrou ele, a voz em frangalhos, derrotado. Sem outra palavra, enfiou as mãos nos bolsos e caminhou até o carro.

Emily cobriu a boca com a mão, deixando escapar um grito de dor enquanto o observava se misturando ao fluxo de carros, os pneus cantando na rua molhada. Com o coração pesado, fez sinal para um táxi. Abriu a porta com as mãos trêmulas, entrou e disse o endereço ao motorista.

Naquela noite, o sono não viria para nenhum dos dois.

Naquela noite, a solidão, a mágoa, a confusão e a dor visitariam tanto Emily quanto Gavin.

19

Tempo

O TELEFONE CHAMOU PELA vigésima vez. Gavin desligou e atirou o aparelho ao seu lado no sofá.

A essa altura, Dillon estava sendo implacável e Gavin estava pouco se lixando. Acabando a última cerveja de um pack de seis, ele ficou zapeando pelos canais da televisão sem nem pensar no que fazia. O líquido frio deslizou pela garganta. No entanto, o único sabor que guardava na boca e que sentia correndo por suas veias era o de Emily. Gavin não conseguia se livrar dela, por mais que tivesse passado as últimas duas semanas tentando. Mesmo assim manteve sua promessa. Ainda que aquilo exigisse todo seu autocontrole, não a havia procurado. O que não a impedia de aparecer em todos os pensamentos coerentes dele, tampouco de assombrar seus pesadelos enquanto dormia.

Emily tinha se transformado numa dor diferente de tudo que ele já havia conhecido.

O som do relógio tiquetaqueando na parede chamou a atenção de Gavin. Olhou para ele e imaginou Emily saindo da igreja. Era a noite do ensaio de casamento dela e de Dillon. Gavin não estava com a menor vontade de avisar a Dillon que não compareceria. Porra, nada daquilo tinha importância. Ele não sabia quanta dor seu coração ainda seria capaz de suportar, e aparecer na igreja ou no jantar só o deixaria ainda mais arrasado. Padrinho de casamento ou não, ele não iria.

Em menos de 24 horas, a mulher que amava, com quem se imaginara dividindo toda uma vida, a mulher que ele achava que, um dia, daria à luz seu filho, já não seria Emily Cooper, mas a Sra.

Dillon Parker.

Tudo isso era muito mais do que Gavin conseguia suportar.

De pé, ele foi até a cozinha com a intenção de abrir o segundo pack de

cerveja. Mas então alguém bateu à porta. Depois de pegar a bebida na geladeira, foi atender. Um pouco surpreso com a visita, voltou para a sala de estar e se largou no sofá, sem dizer uma única palavra.

– Você está um lixo – observou Olivia, entrando na cobertura. – Me avise se eu estiver enganada, mas tenho quase certeza de que você possui recursos para comprar uma lâmina de barbear. Será que o homem que vale milhões foi à falência?

– Você sempre foi engraçadinha – murmurou ele sem olhar para ela, continuando a zapear pelos canais. – Não deveria estar no jantar de ensaio?

Depois de largar a bolsa no chão, ela tirou o casaco e o cachecol.

– Tanto quanto você – brincou Olivia, se jogando numa poltrona de couro. – Você não estava na igreja e não está vestido para a festa. Vamos lá, vá tomar um banho. Eu espero você se arrumar. Ah, e eu dirijo, já que está evidente que você andou bebendo.

Balançando a cabeça, Gavin pegou uma garrafa do pack, tirou a tampa e bebeu um longo gole.

Ele não respondeu, mas lançou para Olivia um olhar, no mínimo, ameaçador.

– O quê? – perguntou ela com um dos tons mais inocentes que ele já ouvira.

– Ah, porra, Liv! Dá um tempo. – Ele estreitou os olhos. – Você sabe que eu não vou.

Ela inclinou a cabeça para o lado, os olhos castanhos arregalados.

– Uau, Gavin, pensei que tivesse um pouco mais de garra. Você é um homem poderoso em todos os aspectos, a não ser quando se trata disso? Quando se trata de Emily, você simplesmente joga a toalha, é? – Ela deu de ombros e cruzou as pernas. – Hum, acho que não o conheço tão bem quanto imaginava.

– Se ainda tenho garra? – rebateu ele. Desligando a televisão, jogou o controle remoto em cima da mesa de vidro. O som agudo fez Olivia se sobressaltar. Ele ficou de pé. – Por que eu iria lutar por alguém que não corresponde ao meu amor? Estou arrasado com o que aconteceu. Acredite em mim, você nem imagina as ideias que brotaram na minha cabeça nas

últimas semanas, entre elas sequestrar Emily. Vou amar aquela garota até o dia em que morrer, mas não sou nenhum otário.

Sua amiga é um pouco mais sacana do que eu imaginava.

Olivia o avaliou por um momento enquanto Gavin caminhava pela sala.

– Sacana? Você se dá conta de quem foi que abriu a sua porta só de calcinha logo depois que deixou Emily em casa? – Ele a fitou com um olhar gelado, mas Olivia prosseguiu: – Ela está em frangalhos, Gavin. Você tem um longo histórico de abandonar as mulheres depois de ir para a cama com elas. Minha amiga está machucada porque você a traiu. Esperava mesmo que ela reagisse de outro modo?

Passando as mãos pelos cabelos, Gavin fechou os olhos.

– Eu não a traí! – Quando abriu os olhos outra vez, viu o choque no rosto de Olivia, mas não se importou. – Talvez você tenha razão quanto a não me conhecer tão bem quanto imaginava, mas sabe que me transformei num animal insensível nos últimos anos. Por que eu iria até o trabalho dela para conquistá-la de volta? Por que eu abriria meu coração para ela? Por uma trepada? – Ele riu, embora sem nenhuma diversão. Enfiando a mão no bolso, pegou o celular e o atirou para ela.

– Porra, Gavin!

– Porra, nada. Pode olhar minha lista de contatos. Não faltam mulheres disponíveis para mim e ansiosas por isso. São muitas. Com um telefonema posso trepar por dias e dias, se quiser. Gina veio aqui bêbada naquela noite, falando que o pai dela tinha morrido. Certo, talvez eu não devesse tê-la deixado entrar. Talvez eu devesse tê-la jogado na rua como o animal no qual ela me transformou. – Soltando um suspiro derrotado, ele sentou-se no sofá com os cotovelos sobre os joelhos, a cabeça apoiada nas mãos e os dedos enterrados nos cabelos. – Mas não fiz isso – sussurrou. – Não fiz e agora Emily se foi. A mulher que amo não acredita em mim porque fui estúpido o suficiente para deixar a garota que amei um dia entrar na minha casa. Ela estava bêbada, tirou a calça e desabou no meu sofá. Eu nem quis tocar nela para colocá-la para fora daqui naquela noite porque ela não estava vestida. Não quis que minhas mãos tocassem nela porque tinham acabado de tocar Emily.

Ele ergueu a cabeça e olhou para Olivia, imóvel.

– Eu amo a Emily. Cacete! Eu a amo tanto que passaria por tudo outra vez, pela dor e tudo mais, só para abraçá-la novamente. Mas não fiz nada de errado, a não ser deixar Gina entrar aqui. Então, não, Olivia, não tem nada a ver com o fato de eu ser poderoso ou de estar jogando a toalha. A questão é que Emily não acredita em mim e, acima de tudo... que ela não me ama.

Depois de passar alguns segundos tentando absorver tudo o que Gavin tinha dito, Olivia se levantou e sentou-se ao lado dele, pondo a mão em seu ombro.

– Ela ama você, sim, Gavin. Ela...

– Ora, Liv – interrompeu ele, pegando a cerveja. Terminou-a com um só gole. – Ela me disse que não. Você quer que eu repita as palavras dela? Continuam bem gravadas na minha memória. Bêbado ou não, acho que eu não teria a menor dificuldade em repeti-las.

– Eu sei o que ela disse. – Ela pegou a garrafa vazia da mão dele e a colocou na mesa. – Mas também sei o que ela me disse depois que você foi vê-la naquela noite. – Ele fez menção de falar alguma coisa, mas Olivia o silenciou: – Ela não acredita em você nesse momento, mas ela o ama, sim. Ela falou aquelas coisas para tentar magoá-lo, do mesmo jeito que achava que você a tinha magoado. Emily está um caco, Gavin – sussurrou ela, os olhos cheios de carinho. – Seus nervos estão em frangalhos. Ela está deprimida, calada e vomitando por causa dessa situação toda. Mesmo achando que consegue tirar você da cabeça e se apaixonar por Dillon outra vez, sempre que ele não está, ela fica chorando... por sua causa.

– Você diz que ela me ama, que chora por minha causa, mas mesmo assim vai se casar com ele? – perguntou Gavin, nada convencido.

– Eu sei o que você está pensando, mas...

– Ah, sabe? Porque nem eu sei direito o que estou pensando! – exclamou, ficando de pé.

A cerveja não estava cumprindo sua função. Precisava de algo mais forte. Foi à cozinha, abriu a porta do armário e pegou uma garrafa de bourbon e um copo.

Olivia se levantou, cruzando os braços.

– Vai me deixar terminar de falar, babaca?

– Agora sou infiel e babaca? Claro, por que não? – devolveu ele, o tom de puro sarcasmo. Encheu o copo. Depois de virá-lo, estalou os lábios e olhou para ela. – Que merda é essa da qual você está tentando me convencer, Olivia? Nada disso faz sentido, caralho!

Passando para a cozinha, Olivia jogou os cabelos dourados de lado e olhou para Gavin como se ele tivesse dez cabeças.

– Qual parte você não entende, Blake? – Ele retribuiu com a mesma expressão, mas ela foi em frente: – Dillon foi uma aposta segura quando ela se mudou para cá. Ela conheceu você e, por mais que tivesse tentado lutar, nunca conseguiu resistir, Gavin. Não vamos nem mencionar a forma como vocês dois se conheceram. – Fazendo uma pausa, uma leve risada escapou de seus lábios. – Ela se tornou sua assim que o viu. Pode acreditar, tive que ouvir tudo sobre o Sr. Alto, Moreno, Gostoso e Bonitão. – Gavin não conseguiu se conter, erguendo uma sobrancelha curiosa diante daquela afirmação. – Depois de tudo que ela passou com Dillon, você se tornou a aposta segura.

Mas isso foi arrancado dela. Infelizmente, você a fez acreditar que Dillon é, de fato, a aposta mais segura.

– Pare de dizer “aposta segura” – resmungou ele enquanto se servia de outra dose, ainda intrigado com o apelido do qual nunca tinha tomado conhecimento. Olivia suspirou e revirou os olhos. – Então, deixe-me ver se entendi. – Ele se encostou na bancada com um sorriso torto. – Ela está ficando com o prêmio de consolação que, por acaso, é o cuzão que a traiu de verdade? – Ele fez uma pausa e riu. Embora a dor persistisse, o efeito da bebida foi rápido. – Mas espere. Ao que parece, eu sou o cuzão que a traiu.

– Prêmio de consolação? – perguntou ela, as sobrancelhas franzidas. – Isso é uma brincadeira para você, Gavin? Ela está sofrendo.

– É claro que não é uma brincadeira, caralho. É a porra da minha vida e o que deveria ter sido minha vida com Emily. – Ele engoliu outra dose, limpou a boca com as costas da mão e bateu o copo na bancada. – Eu também estou sofrendo, mas deixe-me tentar adivinhar, você ainda acha que eu traí Emily. Pode falar. Diga que não acredita em mim.

– Para dizer a verdade, até chegar aqui, não acreditava, mesmo – respondeu ela, olhando para o relógio e depois de volta para Gavin. – Mas agora acredito.

– Ah, acredita? – Ele deu um sorriso sarcástico, quase uma risada. – E por que você acredita em mim, de repente, poderosa rainha Olivia?

Ela o encarou por um longo momento e, em seguida, pegou a bolsa, o casaco e o cachecol. Refez o caminho até a porta e se virou para olhar para ele.

– Porque, mesmo quando estava na pior depois de Gina – sussurrou ela, a expressão dolorida –, você não ficou... com uma aparência tão torturada como agora.

Gavin estremeceu e o sorriso sarcástico abandonou seu rosto.

– Eu amo vocês dois – continuou Olivia. – Você é meu segundo irmão e ela é a irmã que nunca tive. – Ela deixou escapar um suspiro profundo. – E vê-los feridos desse jeito está me matando.

Correndo as mãos pelos cabelos, ele se empoleirou num banquinho.

– O que eu faço? – perguntou, a voz baixa e o coração ainda mais pesado. – Pela primeira vez na vida... – Ele hesitou e olhou para o chão. Bem devagar, ergueu os olhos de volta aos dela. – Deus, pela primeira vez na minha vida, Olivia, eu não sei o que fazer. Ela não acredita em mim.

Embora ele não pudesse ver, do outro lado da sala, os olhos de Olivia se anuviaram. Virando-se outra vez para o relógio, um sorriso tímido surgiu em seus lábios.

– Então faça com que ela acredite, Gavin. Você tem menos de 24 horas para mudar o curso das suas vidas. – Ela pendurou a bolsa no ombro e abriu a porta. – Espero ver você lá. – Então saiu para o corredor. Gavin a viu enfiar a cabeça pela porta outra vez. – Ah, e se decidir ir atrás da sua garota, faça o favor de se barbear. Você é muito lindinho, mas essa barba por fazer não tem graça nenhuma.

Gavin deixou escapar um suspiro profundo.

– Mais alguma coisa?

– Na verdade, sim – respondeu ela, batendo o dedo na bochecha. – Vê se

deixa de lado essa história de jeans e casaco de moletom também. Amo você, meu irmão.

Gavin balançou a cabeça e ficou olhando quando Olivia fechou a porta e se foi.

O tempo não estava do lado dele, nem do de Emily. Olhando outra vez o relógio, Gavin ficou ali, sentado. A mente continuava abalada com a conversa. Permaneceu imóvel por mais alguns minutos, tentando – sem sucesso – dar sentido a tudo que girava pela sua cabeça. Apesar da crescente inquietação diante da ideia de nunca mais estar ao lado de Emily, a ideia de ir até lá apenas para ser rejeitado o fez se dar conta de que a decisão que estava prestes a tomar era a melhor. Não havia como negar que precisava dela, assim como os pulmões precisavam de ar. No entanto, desta vez, ele preferia sufocar a ter que encarar Emily e ouvir de novo aquelas palavras maldosas. Não. Ele não iria esta noite.

E, com isso, Gavin soube que mudara o curso da vida dele e de Emily para sempre.

Apesar de algumas semanas terem se passado, Emily oscilava sobre uma linha tênue entre a sanidade e a loucura. Era como se fosse feita de vidro e dois pequenos martelos – segurados por Dillon e por Gavin – arrancassem suas lascas, pouco a pouco. Tinha certeza de que, a qualquer instante, quebraria em um milhão de cacos irregulares. Os pedaços maiores, que eram Dillon, cortavam sua carne. Os menores, Gavin, se enfiavam sob sua pele. Ambos iam fatiando seu coração, transformando-a num cadáver ensanguentado da mulher que fora um dia. Tinha a sensação de estar se observando a distância, como se fosse uma terceira pessoa, não mais no controle de seus pensamentos ou do caminho que seguia. Olhando para o próprio reflexo, não pôde negar a pequena sensação de alívio ao chegar à igreja e perceber que Gavin não tinha aparecido – mesmo assim, ainda o desejava. Parte dela sabia que estava sendo evasiva. Tentava colar o que se quebrara entre ela e Dillon, embora uma enorme parte do relacionamento tivesse virado pó. Ainda assim, precisava se apegar a alguma coisa – e se agarrou ao vislumbre de esperança de que talvez pudesse voltar a sentir por

Dillon o que já sentira um dia. Precisava se apaixonar por ele outra vez.

Nos últimos tempos, porém, tinha se transformado numa ótima mentirosa, fazendo o próprio jogo de resistência ao óbvio. Sentia-se a mestra da trapaça porque sabia que estava tentando se iludir achando que conseguiria esquecer Gavin e cada olhar roubado que tinham compartilhado, cada roçar acidental de pele e cada momento que tiveram juntos – até o momento em que se deu conta de que o amava. A força de vontade e a cadeia de mentiras da qual tentava se convencer jamais seriam suficientes para impedir que seu coração se abrisse por inteiro depois das cicatrizes que restaram daquela confusão. Portanto, esta noite, enquanto olhava para a casca vazia da mulher na qual tinha se transformado, perguntou-se até onde a ilusão a levaria em seu casamento, por quanto tempo Gavin iria assombrá-la e por quanto tempo conseguiria se enganar. Tentando se recompor, Emily desviou o olhar de seu reflexo quando Fallon entrou no banheiro.

– Você está bem? – perguntou a amiga aproximando-se dela. – Ou continua enjoada?

Emily balançou a cabeça e pigarreou.

– Não, estou bem, agora. – Ela pôs o batom na bolsa. – Olivia já chegou?

– Ela me mandou uma mensagem dizendo que estaria aqui em dois minutos. – Fallon entregou a bolsa para Emily e entrou em uma das cabines do banheiro. – Ela precisou passar em algum lugar depois da igreja.

– E para onde Trevor foi? – perguntou Emily, colocando as duas bolsas sobre a bancada.

– Assim que chegamos aqui, ele percebeu que estava sem dinheiro. Correu até um caixa eletrônico.

Respirando fundo, Emily abriu a torneira e começou a lavar as mãos. Foi nesse momento que Olivia surgiu no banheiro.

– Ei – cantarolou ela, tirando o cachecol.

– Aonde você foi? – sondou Emily, pegando uma toalha de papel.

Ela jogou os pertences em cima da bancada e estudou seu reflexo. Olhou para Emily.

– Eu... é... tive que sacar dinheiro.

– Mas que história é essa de todo mundo achar que precisa de dinheiro enquanto estiver aqui? – perguntou Emily, arqueando uma das sobrancelhas. – Já está tudo pago.

– Para as gorjetas de quem está nos servindo. – Olivia deu de ombros. – Você, melhor do que ninguém, devia pensar nisso.

– Ah, é mesmo, acho que eu devia, sim – respondeu ela, distraída, a voz sumindo.

– Sua cabeça não está onde deveria. Eu entendo. – Emily olhou para Olivia com uma pergunta nos olhos. – Eu sei que o Babaca não percebeu como você tem agido ultimamente, já que anda consumido por trabalhar até tarde outra vez, mas eu notei. – Emily fez menção de falar, mas Olivia continuou: – E devo admitir que acho esse papo de ele trabalhar até tarde pura balela. Mas você parece acreditar nele, então é isso que conta, certo?

Emily deu um suspiro exasperado.

– Ai, Deus, por favor, não comece com esse assunto outra vez, Liv. – Ela pegou a bolsa sobre a bancada. – Agora, não. Eu não aguento e não vou tolerar.

– Só estou tentando encontrar sentido em tudo isso, Emily. – Segurando o cotovelo da amiga com carinho, Olivia a impediu de sair. Com lágrimas nos olhos, Emily olhou para ela. – Você está apaixonada por um homem, mas vai se casar com outro. Sério, pare e pense no que está prestes a fazer. – Emily ficou muda e olhou para ela.

Mordendo o lábio e visivelmente desconfortável, Fallon saiu da cabine e lavou as mãos. Enxugou-as e pegou sua bolsa.

– Vou deixá-las a sós. Vejo vocês lá dentro.

– Você não precisa fazer isso – sussurrou Olivia, olhando para Emily depois que Fallon saiu. – Mesmo que não acredite em Gavin, não precisa se casar com Dillon.

– Eu amo Dillon – respondeu ela, olhando para baixo, a voz fraca.

Tomando o queixo de Emily na mão, Olivia levantou seu rosto.

– Não tenho a menor dúvida de que você gosta dele, Emily, mas não está

mais apaixonada, e achar que pode se apaixonar outra vez é delírio, amiga.

Emily secou uma lágrima.

– Eu vou me apaixonar por ele outra vez. – Ela olhou para Olivia por um longo instante e fez o seu caminho até a porta. Virando-se, fungou e balançou a cabeça. – Vou me casar com ele amanhã, Olivia. Você pode me apoiar ou não, e espero, por Deus, que me apoie, mas já me decidi.

Emily abriu a porta. Antes que sua mente pudesse sequer começar a digerir a conversa que acabara de acontecer, os olhos foram capturados por um azul gélido – aquele azul frio que lhe causava a mais inimaginável dor no coração, confusão e, agora, a respiração acelerada. Sentindo-se congelada, Emily conseguiu se mover enquanto fitava Gavin do outro lado do restaurante. Ele lhe pareceu mais amarfanhado do que ela poderia ter imaginado, mas isso não impedira seu corpo de reagir ao rosto sensualmente belo. Aquele rosto cheio de dor a fitava de volta. Quase que de imediato, Emily sentiu o coração martelando no peito, gotículas de suor rastejando por cada poro da pele e cada pelinho de seu corpo se eriçando. Embora convidados de diversas festas vagassem pelo saguão, os olhos deles não se desgrudaram. Com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans, ele caminhou até ela e a respiração de Emily ficou presa na garganta. Registrou por alto o som da porta do banheiro se fechando às suas costas quando Olivia saiu.

– Você precisa conversar com ele – disse a amiga, colocando uma das mãos nas suas costas.

Antes que ela pudesse protestar, Gavin estava bem à sua frente. Com sua colônia lhe fazendo cócegas no nariz e os olhos concentrados nela. Emily teve certeza de que ia desmaiar.

– Você está linda – sussurrou ele, se aproximando.

E, por Deus, estava mesmo. Com os cabelos castanho-avermelhados ondulados caindo sobre uma camisa branca combinando com uma saia curta vermelha e botas pretas na altura dos joelhos, Gavin lutava para se controlar. Fora um tolo de achar que conseguiria ficar longe depois do que Olivia lhe dissera. Mas aquela era sua última tentativa de reconquistá-la.

Engolindo em seco, Emily deu um passo para longe dele, as costas

batendo em Olivia.

– Por que você está aqui? – Nervosa, desviou o olhar do dele e passou a vasculhar à sua volta, à procura de Dillon. – Você tem que ir embora.

Gavin deu um sorriso triste, a voz saiu baixa:

– Bem, faço parte do cortejo deste casamento. Embora ache que o motivo de eu estar aqui seja bastante óbvio. – Ele chegou mais perto ainda. Foi então que Emily sentiu o cheiro de bebida em seu hálito. – E não, boneca, não vou embora até você conversar comigo. Está me entendendo?

Chocada, ela não respondeu. Na verdade, estava sem palavras. Apenas o fitou.

Gavin se voltou para Olivia.

– Você fica de olho no Dillon?

Ela assentiu.

– Eu verifiquei quando entrei. Tem uma sala vazia aqui. – Olivia apontou para uma porta adjacente a eles. – Mas seja rápido.

Afastando-se de Olivia, Emily semicerrou os olhos.

– Foi você que armou isto?

Olivia deu de ombros. Depois de fuzilar a amiga com o olhar, Emily se virou para Gavin.

– Não vou conversar com você – zombou, fazendo menção de se afastar.

Ele a pegou pelo cotovelo.

– Então acho que vai me obrigar a fazer uma declaração pública sobre nós dois bem aqui na sua festa.

– Você não faria isso – bufou ela, desvencilhando-se.

– Hum, quanto a isso, você está muito enganada. – Ele riu, o corpo cambaleante. Voltou a atenção para um homem mais velho que passava por eles. – Desculpe-me, senhor – disse Gavin, aumentando a voz.

O cavalheiro grisalho, que felizmente não estava com o grupo de Emily, olhou para ele.

– Posso ajudar?

– Pode, sim. É que estou com um problema. Sou completamente

apaixonado por esta linda mulher aqui – começou Gavin, apontando para Emily. Os olhos dela se arregalaram de incredulidade. – E ela não quer me dar alguns minutos para esclarecer um mal-entendido. O senhor tem alguma sugestão de como eu deveria lidar com essa situação?

Mostrando-se desinteressado, o homem balançou a cabeça e se afastou.

– Tudo bem – murmurou Emily, em tom acalorado. – Você tem dois minutos. – Dando meia-volta, ela empurrou as portas que conduziam à sala. Gavin olhou para Olivia.

– Mantenha Dillon ocupado pelo tempo que conseguir.

Ela assentiu.

Ao entrar no salão vazio, Gavin flagrou Emily olhando para ele, os braços cruzados demonstrando o aborrecimento óbvio. Na penumbra, iluminada apenas pela lua opulenta que se exibia através de uma enorme janela, Gavin percebia o fogo ardendo com violência por trás dos olhos verdes. Quando caminhou até Emily, ela foi se afastando e quase tropeçou em uma torre de cadeiras empilhadas.

– Não fuja de mim, Emily – disse ele, mantendo a voz baixa enquanto se aproximava.

– Não se atreva a me dizer o que fazer – cuspiu ela, o queixo empinado em desafio.

Ela continuou a se afastar, o som dos saltos ecoando por toda a sala. Queria ser impenetrável ao cheiro dele, à voz, ao rosto, mas sabia que com a proximidade de Gavin – sob o brilho sereno daqueles olhos azuis – seria impossível.

Implacável, ele continuou aquela perseguição até imprensar Emily contra uma mesa. Buscando forças, ela respirou fundo quando ele acariciou seu rosto. Mordendo o lábio, ele inclinou a cabeça e olhou fixo para ela, ambos com a respiração pesada.

– Quando eu quis ligar, não liguei, mas quase liguei. Quando eu quis ver você, e Jesus, como eu tenho precisado vê-la, eu entrei no meu carro e saí outra vez – sussurrou ele, descendo a mão livre até a cintura dela. – Diga que me ama, Emily.

– Vá se foder – sussurrou ela, o peito subindo e descendo.

Ele deu um sorriso irônico, puxando o rosto dela para o seu até estar bem pertinho.

– Esses lábios bonitos estão escondendo uma mentira. – Agarrando a cintura dela com mais força, ele a puxou de encontro ao peito. – Você acha que consegue me arrancar dos seus pensamentos?

Não. Você é minha, Emily. Minha – rosnou ele.

Emily não conseguia pensar. Antes que se desse conta, atirou os braços em volta do pescoço dele e o puxou para sua boca. Com os dedos enterrados nos cabelos de Gavin, ela gemeu de encontro aos lábios dele. Não era um beijo apaixonado. Era um beijo que não abria espaço para discussões, igualmente feroz e possessivo de ambas as partes. Uma irritação quente, sufocante e reprimida passou por eles, mas também havia amor ali. Com os lábios ainda colados aos dela, Gavin a tomou nos braços e a sentou sobre uma das mesas, posicionando-se entre suas pernas. Emily tentava recuperar o fôlego enquanto ele agarrava a parte de trás de seus joelhos e os enganchava ao redor de sua cintura. O doce sabor de álcool na boca de Gavin era quase o bastante para intoxicá-la. Um gemido profundo escapou da garganta de Gavin enquanto sua língua tomava a dela. Quanto mais Emily puxava os cabelos dele, mais intenso o beijo se tornava e mais profundamente ela caía – esquecendo-se de onde estava, de quem era, do espaço, do tempo e do quanto ele a magoara.

– Diga que me ama – rosnou ele, as palavras pronunciadas de encontro à boca de Emily, a mão mergulhando debaixo da saia.

Quando ele lhe arrancou a calcinha, Emily só conseguiu se concentrar na sensação das chamas que começavam a lambê-la, ameaçando o pouco de autocontrole que lhe restava. Ele cobriu a carne quente de Emily com a mão. Deslizou dois dedos para dentro dela enquanto o polegar fazia círculos em seu clitóris. Ofegante, ela afastou a boca da dele, os braços ainda agarrados ao seu pescoço enquanto respirava de maneira ofegante e abafada contra os ombros dele. Em seu misto de sentimentos – raiva, amor, paixão e mágoa –, ela cravou os dentes na pele dele. Queria sangue.

Queria que ele sentisse dor – que sentisse a mesma agonia que ela vinha sentindo todos os dias desde aquela manhã terrível. Gavin gemeu e, com a mão livre, agarrou os cabelos de Emily e inclinou sua cabeça para cima,

deixando as costas dela tensas. Os olhos dele fuzilaram os dela. Com a respiração pesada e os dedos ainda entrando e saindo de Emily, a mente se afogou em seus arquejos. Então ele a beijou outra vez.

– Se eu pudesse, arrancaria meu coração para lhe mostrar quanto a amo.
– Ele mordiscou a orelha dela e Emily quase gozou nos dedos dele. – Porra, como sinto sua falta! Eu a amo tanto e você está acabando comigo, Emily.

– Seu filho da puta, você não me ama. Eu te odeio, Gavin. Eu te odeio – dizia ela, tentando afastá-lo.

Mas ele não estava disposto a largá-la. Passou o braço pelas costas dela, puxando-a para a beirada da mesa sem que os dedos parassem a deliciosa investida em seu sexo. Emily mais uma vez enfiou as mãos nos cabelos dele, um gemido escapando dos lábios enquanto jogava a cabeça para trás, expondo o pescoço em toda a sua beleza. Gavin aproveitou a oportunidade para enterrar o rosto em sua clavícula. Ele traçou uma linha tórrida e molhada pescoço acima, mordiscando e sugando até a boca retornar à dela.

– Eu gostaria de poder odiá-la, seria mais fácil, mas você não tem ideia de quanto a amo – arquejou ele, chupando o lábio inferior dela e mordiscando-o. – E isso que você está sentindo não é ódio. Você me ama, porra. Está com raiva por algo que nunca aconteceu. Me bata de novo, caralho.

Me dê um soco se precisar, mas pare de dizer que não me ama porque a única coisa que você está fazendo é mentir para si mesma. Está destruindo a gente.

Ainda agarrada aos cabelos de Gavin, ela afastou os lábios dos dele. Ambos lutavam para respirar enquanto trocavam olhares lascivos. Mantendo uma das mãos enterrada nos cabelos dele, ela usou a outra para lhe dar um tapa. O som ecoou pelo salão. Ao mesmo tempo, Emily choramingou ao sentir os dedos de Gavin saírem de dentro dela. Seu corpo ficou vulnerável a uma torturante sensação de abandono por sua ausência.

– Odeio você – insistiu ela, o corpo todo se preparando para a batalha.

– Não, você não me odeia. Você me ama e eu a amo – rosnou ele por entre dentes cerrados, olhando furiosamente para ela. Tomou o rosto delicado entre as mãos. – Me bata de novo se precisar, boneca. Pode bater.

Ponha tudo para fora.

Ela não hesitou. Deu-lhe outro tapa, fúria e confusão queimando-a por dentro enquanto lágrimas de raiva escorriam pelo rosto.

Puxando-a pela cintura, Gavin a pôs de pé e, mais uma vez, pressionou os lábios contra os dela.

– Venha embora comigo, agora. Não faça isso. Não se case com ele – suplicou Gavin. Emily agarrava punhados do suéter dele, revirando os olhos enquanto se entregava, outra vez, à familiaridade daquele beijo, daquele cheiro, daquele toque. – Conversamos com ele, juntos. Eu disse que não a deixaria fazer isso sozinha. Gina não significa nada para mim. Eu não deveria tê-la deixado entrar, mas, cacete, eu não fiz nada com ela.

Lá estava a dor outra vez, fresca como uma ferida aberta, varrendo sua alma. Sangrava sem dar o menor sinal de estancar. Sussurrando palavras doces de sedução enquanto tentava encobrir o sabor amargo da verdade, Gavin tentava reduzi-la a nada além de minúsculas partículas de poeira. Como um chicote, a dura realidade da manipulação dele estalou em seu peito, interrompendo os pensamentos de Emily com sua potência. Na mesma hora, sem um esforço consciente, os portões que circundavam a fortaleza de seu coração estilhaçado se fecharam. O mais importante agora era proteger os pedaços que restavam.

Ela deu um impulso brutal contra o peito de Gavin, empurrando-o. Baixando os olhos, lutando para vestir a calcinha, não viu o choque estampado no rosto dele. Sem olhar para trás, ela se dirigiu à porta. Com poucas passadas, Gavin a alcançou. Sem a menor intenção de deixá-la sair, agarrou-a pelo braço e a fez parar com uma derrapada. Enxugando as lágrimas dos olhos semicerrados, Emily olhou para ele.

Com a alma gritando para que ela acreditasse nele, o rosto de Gavin se enrugou de dor.

– Nunca senti meu coração tão despedaçado e ao mesmo tempo tão apaixonado. Se você tivesse me dito, no dia em que a gente se conheceu, que ia partir meu coração, e que dias, meses ou mesmo anos se passariam e eu ainda estaria sofrendo assim, eu não teria deixado de me apaixonar por você.

Mas tem uma coisa que gostaria de ter feito diferente, e não é amá-la menos. – Lentamente, ele levou os nós dos dedos ao rosto de Emily, enxugando as lágrimas de seus olhos lindos e confusos, a voz suave. – Eu não teria deixado Gina entrar. Essa é a única coisa que eu teria mudado, Emily. Eu não a teria deixado entrar.

Enquanto o corpo dela tremia da cabeça aos pés, Emily o fitava, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, a porta se abriu. Olivia enfiou a cabeça lá dentro.

– Em, Joan está vasculhando a porra do restaurante à sua procura – sussurrou ela, o tom urgente.

Fungando, Emily desviou o olhar de Gavin, o coração se rasgando em pedaços. Não se sentia menos confusa do que quando entrara naquela sala com ele. Tentando se acalmar, respirou fundo, passou as mãos pelos cabelos e saiu. Gavin a seguiu, os pensamentos não menos perturbados do que os dela. Emily olhou para ele enquanto Olivia, apressada, lhe entregava um lenço de papel.

– Você precisa ir embora, Gavin.

Chocado com as palavras dela, a confusão e a raiva nublaram os olhos dele.

– Não vou a lugar algum. – Ele balançou a cabeça. – Eu faço parte desse cortejo de casamento e vou ficar.

Ela lhe lançou um olhar gélido.

– Você só está tentando me machucar agora.

– Quer saber de uma coisa? – começou ele, engolindo com dificuldade. – Talvez eu esteja, mesmo.

Talvez eu esteja tentando machucá-la tanto quanto você está me machucando. A parte mais triste disso tudo é que, enquanto eu estava lá dentro implorando que você ficasse, não tinha me dado conta de que você já tinha partido. Então é isso, vou ficar e espero que minha presença a machuque a cada minuto, tanto quanto vai machucar a mim.

Depois de passar um bom tempo boquiaberta, Emily se recompôs, girou e caminhou rumo ao banheiro.

Olivia segurou o braço dela.

– Não! Você não tem tempo. Tem que ir para lá agora, Em. – Arrancou o lenço de papel da mão de Emily e se pôs a limpar os rastros de rímel que borravam seu rosto.

Observando-a atentamente, Gavin sorriu com malícia.

– E não se esqueça do batom manchado na cara dela toda.

Emily olhou para ele e perguntou:

– Eu estou bem, certo? Não tem mais batom nenhum em mim, tem?

– Adoro ser beijado por mulheres que afirmam não me amar, fico muito excitado.

Deixando escapar um suspiro pesado, Olivia entregou seu batom a Emily.

– Meu Deus, Gavin, agora você está sendo escroto – disparou Emily, aceitando o batom e aplicando-o às pressas.

– Hum, você não viu nada, ainda. – Ele riu, correndo as mãos pelos cabelos negros rebeldes. – Tenho a impressão de que vou quebrar meu próprio recorde esta noite. – Ele fez menção de ir embora, mas se virou pouco antes. – E, se bem me lembro, acho que lhe disse uma vez para não chamar nenhuma atenção para estes seus lábios bonitos. Guarde este batom ou eu vou arrastá-la de volta para aquela sala. E então a faço mudar de ideia. – Ele passou a língua pelos lábios, lentamente, os olhos brilhando com uma luxúria insaciável.

Olivia arqueou uma das sobrancelhas, surpresa.

Com o coração em pedaços, Gavin se virou devagar, enfiou as mãos nos bolsos das calças jeans e seguiu para o salão de festas. Estudando o espaço de tamanho modesto com trinta e poucas pessoas, não demorou a cruzar o olhar com Dillon. Gavin grunhiu enquanto caminhava até o bar e pedia uma dose de tequila e uma garrafa de cerveja. Atirou uma gorjeta de 100 dólares para o barman e, quando se virou, deu de cara com Dillon.

Engolindo a necessidade de dar uma porrada nele, Gavin não conseguiu conter o riso.

– Ah, e cá está ele: a porra do noivo sortudo. – Entornou a dose de

tequila de que tanto precisava e, pelo canto do olho, viu Emily entrando no salão. – E lá está sua linda noiva. – Ele a indicou com um meneio da cabeça.

Com uma expressão desconfiada, Dillon olhou para ele por um momento e, em seguida, virou-se e fez um gesto para que Emily se aproximasse. Se Dillon não conseguiu perceber a forma nervosa com a qual ela olhou para os dois, Gavin certamente notou. Quando ela se aproximou, Gavin abriu a garrafa de cerveja com um estouro, arqueou uma sobrancelha perfeita e mordeu o lábio, certificando-se de que ela ouvisse o estalo sensual. Ela o fuzilou com os olhos.

– Você está bem? – sondou Dillon. – Parece chateada.

– Estou bem – respondeu ela, a voz monótona e os olhos sobre os de Gavin o tempo todo.

– Tem certeza? Você parece... meio fora do ar.

Com a respiração trêmula, ela enfim olhou para Dillon.

– Tenho, sim.

Depois de lhe dar um beijo no canto da boca, Dillon passou um dos braços pela sua cintura e voltou a atenção para Gavin.

– Qual é o problema, cara? – perguntou, olhando-o de cima a baixo. – Você não apareceu na igreja e agora vem no meu jantar de ensaio vestido desse jeito?

Enquanto Gavin observava Dillon fazer pequenos círculos com o polegar na cintura de Emily, uma raiva acumulada revirava seu estômago. Olhou na direção dela por um instante.

– Estou com problemas com uma mulher – respondeu Gavin, sem se alterar.

– E? Isso não é desculpa para aparecer aqui vestido desta forma – devolveu Dillon.

Com o pulso acelerado, Emily notou o fogo se acendendo por trás dos olhos de Gavin.

– Dillon – interrompeu ela imediatamente –, importa mesmo a forma como ele está vestido?

Vamos nos sentar, está bem?

– Importa, sim. Ele...

– Dillon – interrompeu Emily, outra vez, seu tom mais insistente. – Não estou brincando. Vamos nos sentar e pronto. – Dillon estreitou os olhos e, com isso, ela decidiu abrandar um pouco o tom.

– Não estou me sentindo bem. Vamos. – Ela pegou a mão dele.

– Se eu fosse você, faria o que ela está pedindo. – Gavin deu um sorriso afetado, jogando o braço por cima do balcão. Bebeu um longo gole da cerveja, quase terminando a garrafa. – É só um palpite, claro, mas, se você a irritar o suficiente, ela pode ser capaz de lhe dar um tapa. – Os olhos de Emily se arregalaram quando ele correu a palma da mão sobre o local onde ela o havia esbofeteado. – E aposto que ia arder pra cacete – acrescentou ele, dando as costas para os dois. Então voltou a atenção para o barman, pedindo mais uma cerveja a fim de aliviar aquele tormento autoinfligido.

– Qual é a sua, hein, meu irmão? – perguntou Dillon, batendo no ombro de Gavin, que não se virou.

– Em primeiro lugar, eu não sou seu irmão e, em segundo, já disse que estou com problemas com uma mulher.

– Ele só está bêbado, eu acho – sussurrou Emily ao ouvido de Dillon, o coração trovejando dentro do peito. – Vamos falar com minha irmã e com Michael.

Depois de fitar a parte de trás da cabeça de Gavin por mais alguns segundos, Dillon olhou para Emily e assentiu. Com os joelhos bambos de tanto alívio, ela soltou a respiração que vinha prendendo discretamente. Enquanto abriam caminho pela festa, Emily cruzou o olhar com o de Olivia, que conversava com Fallon do outro lado do salão. Balançando a cabeça, Olivia olhou para o chão e, em seguida, de volta para Emily. Foi então que Emily percebeu que a situação dela com Gavin havia colocado todos os amigos numa posição muito ruim – e isso só fez crescer a agitação em seu estômago. Tentando deixar a culpa de lado, estampou um sorriso no rosto enquanto caminhava de mãos dadas com Dillon, cumprimentando os convidados. Depois que Emily tolerou alguns minutos de troca de amenidades – basicamente com pessoas que mal conhecia – os olhos pousaram sobre a irmã e o marido. Pensando na tortura que a noite tinha sido até ali, sentiu-se um pouco mais à vontade quando eles vieram se

aproximando dela e de Dillon.

Seu cunhado deu um sorriso largo e simpático quando puxou Emily para um abraço.

– Para onde você fugiu ainda agora, hein, futura Sra. Parker?

Cruzando os braços, Dillon inclinou a cabeça para o lado depois que Michael a soltou.

– É mesmo. Onde você estava? Sério. Minha mãe disse que a procurou por todos os lados e não conseguiu achar você.

Emily abriu a boca para falar, o coração acelerado.

– Michael – começou Lisa, olhando para Emily. Os olhos castanho-esverdeados revelavam grande sabedoria. – Eu disse que ela foi lá fora para tomar um pouco de ar. – Emily deu um sorriso fraco e, mentalmente, agradeceu à irmã por salvá-la.

Parecendo confuso, Michael passou a mão pelos cabelos castanhos desgrenhados.

– É... talvez tenha dito mesmo. – Ele ergueu seu martíni. – É bem possível que eu tenha tomado mais do que deveria destes aqui.

– Por que você foi lá fora? – perguntou Dillon, pousando a mão nas costas de Emily. – Perguntei antes se estava bem e você disse que estava ótima.

Sorrindo, Lisa pegou a mão de Emily.

– Nós, meninas, podemos ficar um pouco... emotivas antes do grande dia. – Sentindo-se quase tonta, Emily segurou a mão de Lisa com mais força. – Michael, por que não explica para Dillon o que a gente está querendo fazer com nosso fundo de aposentadoria? Eu gostaria de conversar com minha irmã sobre a maravilhosa “fase de lua de mel”.

– Ah, sim – disse Michael, voltando-se para Dillon, que olhou para Emily por um segundo e ajustou a gravata. – Se Lisa e eu não conseguirmos nos organizar, definitivamente não vamos nos aposentar numa ilha em algum lugar.

Hesitante, Dillon desviou o olhar de Emily e deu atenção a Michael.

Ainda segurando Emily pela mão, Lisa foi puxando-a pela festa,

evitando cada convidado que tentava parar e conversar com ela. Sentando-se a uma pequena mesa de canto, olhou para a irmã caçula com empatia.

– O que ele disse? – sussurrou Lisa com uma curiosidade estampada nos olhos que beirava o pânico.

Emily esfregou as têmporas.

– Ele continua dizendo que não fez nada com ela – respondeu, tentando evitar que as lágrimas que faziam seus olhos arderem transbordassem. – Ele só... Eu não sei.

Formando uma linha reta com os lábios tensos, Lisa a estudou, preocupada.

– Emily, não existe a possibilidade de ele estar falando a verdade?

Lentamente, Emily virou a cabeça, seu olhar encontrando o de Gavin. Como acontecia todas as vezes que ela o fitava, o coração disparou e a respiração se tornou irregular. Embora ele estivesse conversando com Trevor, de pé, os cotovelos apoiados no balcão, os olhos estavam concentrados nela. A tristeza que o rondava era chocante e a deixava arrasada, assim como ele. Emily não soube dizer por quanto tempo ficaram daquele jeito, se encarando, mas lhe pareceu uma eternidade. Ela passou a mão pelos cabelos, a necessidade de acreditar nele aumentando de maneira insuportável.

Sem querer, desviou a atenção dele e se voltou à irmã.

– Eu estou tão confusa, Lisa – sussurrou. – Não paro de ver Gina abrindo a porta dele. Ela não estava vestida... Ela era, assim... tão linda.

Antes que Lisa pudesse questionar a situação um pouco mais, Joan chamou Emily, a alguns metros de distância. Emily ergueu a cabeça de súbito, o corpo tremendo.

– Aí está você – bufou Joan com uma expressão de dúvida moldando seu rosto. – Eu a procurei...

– Sim, Joan – interrompeu Lisa, levantando-se. Buscou a mão de Emily, que também se pôs de pé.

– Nós sabemos. Você procurou minha irmã por todos os cantos. Ela precisava de um descanso.

Estou certa de que compreende como uma noiva pode ficar nervosa na

véspera do casamento. – Deu um sorriso que Emily sabia ser dos mais falsos.

Joan ergueu uma das sobrancelhas devagar.

– É claro que sei – disse, ríspida. Tomando um gole de vinho branco, acenou para a mesa em forma de “U”, no meio do salão. – Todos precisam se sentar agora. O maître acaba de me avisar que os garçons já vão passar para anotar os pedidos. – Sem esperar uma resposta, Joan deu meia-volta, a voz ecoando por todo o cômodo enquanto repetia o aviso para o restante dos convidados.

Lisa revirou os olhos.

– Juro que se essa mulher ficar mais louca do que já está, vai ser capaz de ofuscar o sol na capacidade de cegar um ser humano. – Emily respirou fundo, balançando a cabeça. Tomando as bochechas da irmã entre as mãos, Lisa se inclinou para falar ao seu ouvido: – Amo você, maninha.

Gostaria de poder ajudá-la a superar isso. O único conselho que posso oferecer é ouvir o seu coração. – Emily olhou em seus olhos, lembranças da mãe fervilhando em sua cabeça. – Não importa que amanhã seja o grande dia. Você pode adiá-lo até conseguir resolver essa história toda com Gavin. O importante é que amanhã representa o resto de sua vida. Você precisa saber que vai passá-la ao lado do homem certo. Não se sinta presa. Você sabe que Michael e eu a ajudaremos em tudo o que for preciso, não sabe?

Pegando a mão da irmã, Emily assentiu e começou a atravessar a multidão. A cada passo, o som de um pêndulo de relógio balançando ecoava em seus ouvidos.

O tempo estava se esgotando.

Tique...

As palavras que Dillon lhe dissera poucas horas antes de ela reatar com ele:

“Você se lembra do que sua mãe disse antes de morrer, Emily? Ela nos disse para cuidarmos um do outro. Ela nos disse para resistir a qualquer batalha mais difícil que a vida pusesse em nosso caminho. Disse para nunca desistirmos do nosso relacionamento.”

Taque...

Os apelos lancinantes de Gavin na chuva:

“Você não me odeia. Você me ama. E, meu Deus, Emily, eu amo você com tudo que existe dentro de mim, com tudo que sou, com tudo que algum dia serei.”

Com as palmas das mãos suadas e o corpo tremendo, Emily deu mais alguns passos.

Tique-taque...

Enquanto tentava lutar contra as lágrimas, a voz de Dillon martelava em seu pensamento:

“Deixe-me consertar isto. Posso dar um jeito nas coisas e melhorar tudo para a gente. Posso fazer voltar a ser como era.”

Tique-taque... Tique-taque...

“Venha embora comigo, agora. Não faça isso. Não se case com ele. Conversamos com ele, juntos. Eu disse que não a deixaria fazer isso sozinha. Gina não significa nada para mim. Eu não deveria tê-la deixado entrar, mas, cacete, eu não fiz nada com ela.”

Tique-taque... Tique-taque... Tique-taque...

Completamente dividida, Emily fez um enorme esforço para retornar à cadeira sem desmaiar.

Soltando a mão de Lisa, afundou no assento à cabeceira, os olhos seguindo Gavin enquanto ele atravessava o salão. Posicionou-se de frente para ela, a visão um do outro tão desobstruída quanto a lua cheia numa noite de céu limpo. Passando um dos braços por cima da cadeira de Trevor, ao seu lado, Gavin inclinou a garrafa de cerveja para Emily, com um sorriso preguiçoso.

Remexendo-se desconfortavelmente, ela desviou sua atenção de Gavin quando Dillon se sentou ao seu lado. Quando ele se inclinou para beijá-la, os olhos dela voaram de volta a Gavin e, se não estava enganada, percebeu a mandíbula dele enrijecendo. Engolindo em seco, se afastou de Dillon.

– O que há de errado com você esta noite, hein? – perguntou ele, irritado.

Ela pigarreou.

– Nada. Já falei que não estou me sentindo bem. Só isso.

– Acho bom que você saia dessa antes de amanhã – avisou ele, aproximando a cadeira da mesa. – E algo me diz que você está mentindo sobre essa porra de indisposição.

O corpo de Emily foi varrido por um tremor involuntário ao pensar no quanto era transparente aos olhos dele. Sem dizer nada, estendeu a mão por cima da mesa para pegar o copo d'água.

Bebericando-o nervosamente, tentou acalmar os pensamentos turbulentos. Um dos garçons se aproximou para anotar seu pedido, oferecendo-lhe um alívio temporário. Precisava de uma bebida forte, mas, considerando que Dillon lhe dissera que não havia bebido nada desde que voltara da Flórida, ela abriu mão da ideia. Tentando impedir que os olhos vagassem até Gavin, manteve a cabeça abaixada, olhando para as próprias mãos em seu colo.

– Então – Peter, primo de Dillon, gritou para ele do outro lado da mesa –, devemos presumir que você e a patroa vão começar a fabricar bebês amanhã à noite, depois do casamento.

Emily ergueu a cabeça de súbito, os olhos voando até Gavin. Encarando-a, ele deu um sorriso forçado e afetado e falou:

– Eles devem produzir um monte de bebês e comprar uma minivan verde.

Emily entreabriu os lábios enquanto o observava se recostar no assento, muito à vontade.

Virando o resto da cerveja, Gavin deu de ombros e soltou uma risada leve que não combinou com a expressão em seus olhos. Tirando aqueles que sabiam o que estava acontecendo entre os dois, o restante do salão irrompeu numa gargalhada histérica.

– Vamos esperar que sim, Gavin – disse Henry, rindo. – Joan e eu queremos netos o mais rápido possível. E se eles puderem encher uma minivan verde de baixinhos, isso nos deixará ainda mais felizes.

– Bem, não sei se vamos começar a fabricar bebês assim tão rápido, mas com certeza vamos nos divertir praticando – devolveu Dillon, passando o braço pelos ombros de Emily. Ela deslizou a mão pelo pescoço, sentindo o

suor aumentar a cada segundo. – E a minivan verde não vai rolar.

– Tudo bem, já chega dessa conversa sobre minivans – riu Joan. – Peter, já que você é o padrinho, estou certa de que deve ter preparado um discurso para esta noite.

– Na verdade, tia Joan, não preparei, não – respondeu ele, chamando um dos garçons. – Só o que escrevi com muito cuidado em cartões para amanhã.

– Ora, vamos lá, Peter. – Ela apoiou os cotovelos na mesa, cruzando as mãos sob o queixo. – Você não precisa de cartões. É só se levantar e dizer alguma coisa para os noivos.

– Eu ficaria satisfeito em fazer um discurso para nossos maravilhosos noivos – afirmou Gavin, se metendo na conversa e cravando os olhos azuis frios em Emily.

Ela o encarou, o coração quase parando.

– Que nada, você não quer fazer discurso nenhum, Gavin – interrompeu Trevor, o nervosismo na voz revelando que tentava salvar aquela situação. – Você nunca foi bom nisso.

Levantando-se da cadeira, Gavin oscilou, ligeiramente. Olhou para Joan.

– Fiz cursos de oratória na faculdade. Trevor não tem a menor ideia do que está dizendo. Sou muito bom nessa merda.

– Valeu por me salvar, Blake – agradeceu Peter. – Sou péssimo de discurso, com ou sem cartão.

– Muito bem, Gavin. Faça sua mágica – vibrou Joan com um sorriso radiante brincando nos lábios.

Sentada ao lado dela, Olivia pegou a mão de Emily e sussurrou:

– Puta... que... pariu.

Emily rapidamente fitou Trevor, os olhos suplicantes. Ele balançou a cabeça e deu de ombros.

Virando-se, Gavin ficou de frente para Emily e para Dillon, os olhos imediatamente focando nos dela. Tentando controlar o corpo trêmulo, ela estava à beira das lágrimas enquanto o observava pegar a cerveja.

– Hum, o que dizer, o que dizer... – murmurou Gavin, olhando fixo para

Emily. Plantou os pés no chão e se encostou na parede, a cabeça pendendo de leve. – Bem, vamos começar com a verdade. É uma boa ideia, não é? – perguntou ele, erguendo a voz. Olhou ao redor por um segundo, para todos aqueles rostos sorridentes a observá-lo. Desencostando da parede, voltou a encarar Emily. – Me ensinaram que dizer a verdade é sempre uma coisa boa... e a verdade para mim é que, se eu disser que desejo a você e ao Dillon muita sorte... estaria mentindo... porque não desejo porra nenhuma disso.

Os sorrisos sumiram dos rostos. Logo depois que Joan deixou escapar um arquejo, um silêncio denso caiu sobre o ambiente. Com o coração martelando no peito e a respiração ofegante, Emily olhou para Gavin, a dor no rosto dele queimando o corpo dela. Sentindo a mão de Dillon apertar-lhe de leve o ombro, Emily se virou para ele. Seus olhos se estreitaram sobre Gavin como os de uma cobra.

Trevor pigarreou e se levantou da cadeira.

– Como podem ver, parece que a bebida está falando por Gavin. Eu avisei que ele nunca foi bom nisso.

– Sente-se, Trevor – murmurou Gavin, sem tirar os olhos de Emily.

– Sério, cara – começou Trevor –, acho que...

– Sente-se... aí... Trevor – repetiu ele, devagar.

Ajeitando os óculos sobre o nariz, Trevor retomou seu lugar, hesitante.

Depois de alguns momentos fitando Emily intensamente, o olhar de Gavin percorreu o salão.

– Sério, gente, eu estava brincando. Foi só uma piada, cacete. É claro que lhes desejo sorte. E como poderia não desejar, não é mesmo? Este casal maravilhoso que vai produzir um monte de bebês. – Ele riu, cruzando os braços. – Quem sabe não vão fazer esses bebês nos bancos traseiros de uma minivan verde?

– Gavin – começou Henry educadamente. – Filho, quem sabe você não para por aí? O jantar já deve estar chegando.

– Isso mesmo, pode parar essa merda por aí – disse Dillon, a voz fria e serena se projetando até o outro lado do salão. Ele apertou o ombro de Emily com mais força ainda, franzindo a testa. – Agora, Blake.

Os lábios de Emily tremiam. De repente, o salão lhe pareceu pequeno, como se o prédio inteiro desmoronasse. Com o coração falhando, ela olhou para Gavin. A boca dele formou um dos sorrisos mais tristes e doces que ela já tinha visto.

Erguendo a cerveja, Gavin esfregou a mão sobre o rosto com ferocidade.

– Certo, certo, vou parando por aqui. Certo – disse ele, olhando à sua volta. – Vamos lá, todo mundo, ergam seus copos em homenagem à linda noiva e ao noivo.

Com uma tensão desconfortável agitando o ar, amigos e familiares estenderam a mão em direção às suas bebidas.

Com os olhos concentrados em Emily, Gavin respirou fundo.

– Um brinde a tampinhas de garrafas, aos Yankees e, acima de tudo... – Ele fez uma pausa, a voz baixando a um sussurro. – E, acima de tudo, a uma bela garota chamada Molly que se recusa a acreditar no homem que a ama mais do que ela pode imaginar. – Ele soltou uma risada leve e condescendente. – Ah, sim... e a Emily e ao Dillon.

Lá estava a dúvida. Embora mal agitasse a superfície, estava ali, se fazendo presente, mexendo com cada nervo de Emily. De algum lugar bem no fundo de sua mente veio a noção de que talvez ele não estivesse mentindo. Fechando os olhos, ela sufocou um soluço que ameaçava subir pela garganta. Abrindo-os outra vez, sentiu o rosto empalidecer quando Dillon se virou para ela bem devagar, com uma expressão que ela nunca vira. Franzindo a testa, ele se virou de repente e fuzilou Gavin com um olhar glacial.

Levantando-se da cadeira, Trevor pegou o braço de Gavin.

– Vamos lá, meu irmão, acho que você bebeu demais esta noite. Vou levá-lo para casa.

Ainda olhando para Emily, Gavin desvencilhou o braço.

– Beleza. – Ele fungou, altivo. – Esta festa está uma merda, mesmo.

Emily registrou o arquejo de Joan. Tomando a mão da noiva, Dillon se levantou.

– Acho que Emily e eu vamos acompanhar você até lá fora, Gavin. – Sua

voz saiu ameaçadoramente baixa, a fúria ardendo em seus olhos.

Gavin o fuzilou antes de se virar para sair do salão com Trevor. Tentando tomar ar, Emily se levantou, o corpo tremendo.

Pondo-se de pé, Olivia sussurrou:

– Vou com vocês.

– Nós já voltamos – anunciou Dillon, apertando cada vez mais a mão de Emily.

– Está tudo bem? – sondou Henry, também se levantando da cadeira.

– Está tudo bem, papai – respondeu Dillon, passando por ele.

A irmã de Emily olhou para ela, preocupada. Fez menção de se levantar, mas com duas sacudidas silenciosas de cabeça, Emily acenou para que ela não os acompanhasse. Relutante, Lisa sentou-se outra vez e sussurrou alguma coisa ao ouvido de Michael.

Enquanto Dillon a arrastava pelo saguão, Emily se esforçava para acompanhá-lo, a mão suada contra a dele. Quando saíram do restaurante para o ar frio, os olhos de Emily buscaram os de Gavin, mas ele não olhava para ela. Seu foco era Dillon, que virava a cabeça de um lado para o outro, entre Gavin e Emily.

– Vocês dois estão trepando? – disparou entre dentes cerrados.

– Não, Dillon – respondeu Emily, sem fôlego, o estômago revirando de medo e náusea. – Não tem nada acontecendo entre a gente. Gavin só está bêbado.

Os olhos azuis de Gavin ganharam a dureza e o brilho de pedras preciosas, e a sede de sangue corria em suas veias.

– Você não a merece – rosnou, se aproximando de Dillon até seus rostos praticamente se tocarem. – Nem... um... pouquinho.

Antes que o coração de Emily desse mais uma batida, Dillon desferiu um golpe certo na boca de Gavin. Arfando, Emily puxou o braço do noivo enquanto olhava o outro cambalear para trás.

Um sorriso arrogante se espalhou no rosto de Gavin quando se recuperou do golpe. Dando um passo à frente, passou a mão pela boca ensanguentada, sem que os olhos cheios de ódio abandonassem os do rival.

Dillon partiu para cima de Gavin outra vez, mas Trevor o segurou. Sem se mostrar afetado por nada daquilo, Gavin permaneceu imóvel como pedra, olhando para ele.

Bufando, cuspiu em Dillon. A saliva tingida de sangue o acertou na cara, escorrendo. Henry saiu correndo do restaurante, os olhos arregalados diante da cena que se desenrolava.

– Seu filho da puta! – gritou Dillon, lutando para se desvencilhar de Trevor e de Henry. – Eu vou matá-lo, seu merda!

– Gavin! – soltou Olivia. – Vamos, vou levá-lo para casa!

Andando de costas, com Olivia puxando seu braço, Gavin olhava fixamente para Emily. Ela sentia seu olhar frio e cheio de dor percorrê-la por inteiro. Enfiando a mão no bolso, sacou uma tampinha de garrafa e a acariciou com os dedos antes de atirá-la para ela. Emily a sentiu batendo em seu peito, o coração se apertando diante do gesto. Baixando os olhos, como se estivesse em câmera lenta, viu a tampinha bater no chão e girar em círculos, sem controle. O movimento reproduzia seus sentimentos à perfeição. Embora Dillon continuasse gritando e outros clientes tivessem se reunido do lado de fora, o único som que chegava aos ouvidos de Emily, tal como unhas arranhando um quadro negro, era o tinir da tampinha. Ecoava em sua alma enquanto uma única lágrima se libertava, escorrendo pela face. Erguendo um pouco a cabeça, flagrou Gavin ainda a fitá-la. Seu belo rosto lhe pareceu cansado, despedaçado, derrotado. Ele se virou e, como um fantasma evaporando no ar, desapareceu dentro do carro de Olivia. Naquele segundo, com o coração no estômago, Emily teve certeza de que aquela última imagem dele ficaria cauterizada em sua lembrança e a assombraria para sempre.

Enquanto observava as lanternas traseiras se dissiparem até se transformarem num brilho distante em meio ao trânsito caótico de Manhattan, sentiu a mão de Dillon em seu braço, o toque rijo como ferro queimando sua carne. Antes que ela percebesse, ele a levava depressa de volta para o restaurante, ambos escoltados pelo pai de Dillon e por Trevor. Engolindo em seco, Emily ia enxugando as lágrimas enquanto o corpo tremia da cabeça aos pés. Uma vez que entraram no salão de festas, Dillon a soltou e caminhou, com passos duros, até a mesa. Desenganchou a bolsa

dela do assento da cadeira e tirou as chaves do bolso, o rosto febril de raiva:

– Eu e minha noiva estamos indo embora – esbravejou ele, caminhando de volta para Emily.

– Vocês não podem ir embora, Dillon – retrucou Joan, insistente, olhando em volta. Ela se levantou da cadeira, indicando o salão com um gesto amplo. – Você tem convidados aqui. É claro que tem algo acontecendo entre você e Emily, mas terão que resolver isso mais tarde.

Ele olhou para a mãe com frieza.

– Como eu disse, estamos indo embora, caralho!

Os olhos de Joan se arregalaram e ela fez menção de dizer alguma coisa, mas Henry pôs a mão em seu ombro, silenciando-a.

– Eu sei que diabos eu vou fazer amanhã – vomitou Dillon, apontando para si mesmo. Depois de pegar a mão de Emily, apontou para o grupo de madrinhas. – Vocês sabem o que vão fazer amanhã?

A multidão de familiares e de amigos os fitou, tensos, em silêncio, se remexendo nas cadeiras. A irmã de Emily ia se levantando. Mais uma vez, Emily balançou a cabeça, os olhos implorando para que ela não fizesse nada. Apertando os lábios de preocupação, Lisa cruzou os braços, fitando Dillon com os olhos semicerrados. No entanto, permaneceu em silêncio.

– Foi o que pensei. – Ele foi puxando Emily rumo à porta. – Nos vemos todos amanhã às onze.

Depois de pegar o casaco de Emily na chapelaria, Dillon foi abrindo caminho pelo saguão, praticamente atropelando os outros clientes. Uma vez que chegaram ao carro dele, Emily respirou fundo, tentando convencer seus nervos a se acalmarem. Deslizando no assento, mordida o lábio, nervosa, enquanto observava Dillon contornar o carro, o fogo nos olhos dele desencadeando uma onda de pavor por todo o organismo dela. Entrando, ele bateu a porta e, sem olhar para sua noiva, deu partida no motor.

Emily teve a sensação de estar sufocando enquanto ele saía da vaga, apertando as mãos no volante, a mandíbula se contraindo e relaxando. Com pensamentos sobre Gavin disparando em sua cabeça, ela percebeu que estavam indo na direção errada.

– Preciso voltar para o meu apartamento – sussurrou ela, o sangue

apressado nas veias.

Ribombava e combinava com a dor que latejava em seu peito.

– Caralho, você está completamente louca se acha que vou deixá-la voltar para casa – vociferou ele, sem que os olhos deixassem a rua. O coração de Emily parou por um segundo e começou a martelar como se fosse explodir. – Você vai ficar comigo esta noite – acrescentou Dillon, em tom mais duro. – Eu a levarei em casa amanhã, antes da cerimônia, para pegar suas coisas.

Pensando no que dizer, ela olhou para ele, mas se encolheu quando Dillon virou a cabeça em sua direção, a fúria nos olhos ameaçando incendiá-la. Durante o restante do percurso, Emily ficou em silêncio, e quando pararam na frente da casa dele, teve a certeza de que afundava nas profundezas do inferno. Saindo do carro, ele não pronunciou uma única palavra enquanto subiam as escadas até a porta da frente.

Com os nervos tremendo e a pele arrepiada, Emily teve um sobressalto quando Dillon bateu a porta com violência. Depois de arrancar o paletó, ele afrouxou a gravata e foi à cozinha, onde pegou uma garrafa de Jack Daniel's do armário. Escolhendo um copo na bancada, encheu-o até a borda e virou metade. Com as sobrancelhas franzidas e a hostilidade transbordando de seus olhos, ele fez sinal com o dedo para que Emily se aproximasse. Ela não conseguia respirar direito enquanto despiu o casaco e deixava a bolsa cair no sofá. Olhou para ele do outro lado da sala, uma espiral fria de medo percorrendo sua espinha.

– Venha aqui, Emily – ordenou ele, a voz com um tom calmo e repugnante.

Ela engoliu em seco, encarando-o. Respirando enquanto os passos ecoavam no chão de mármore, foi avançando com cautela, a ansiedade crescendo. Ao chegar perto dele, a bile subiu pela garganta de Emily quando Dillon a agarrou pelo braço, trazendo-a até seu peito. Sentindo o coração dele martelar contra o dela, Emily não ergueu os olhos para ele. Não conseguia. Algo mais sombrio do que o medo a havia dominado. Tentando recuperar o fôlego, olhou para a boca dele, encrespada num sorriso perverso.

Pondo os dedos sob o queixo dela, Dillon foi erguendo seu rosto lentamente, fitando-a nos olhos, a voz baixa:

– Você deu para ele, não deu?

– Não – sussurrou ela, os músculos ficando mais fracos a cada segundo.

Com o hálito quente no rosto dela, o tom de voz dele permaneceu igual, mas os olhos ficaram ainda mais rigorosos.

– E você espera que eu acredite nisso?

– Espero – respondeu ela, tentando manter o corpo firme.

Emily sentiu o estômago revirar quando ele passou o outro braço em torno de sua cintura, apertando suas costas. Ele baixou a cabeça, correndo o nariz ao longo da testa dela. Emily respirou fundo quando Dillon usou o peso do corpo para empurrá-la, prendendo-a contra a bancada de granito frio. Com lágrimas brotando, o coração triplicou de velocidade quando ela enfim o encarou. Os cabelos louro-escuros dele – geralmente penteados com capricho – caíam sobre a testa.

– Você sabe que, se deu, não significou absolutamente nada para ele – sussurrou, roçando os lábios na orelha dela. – Gavin trepa com qualquer coisa que abra as pernas para ele.

Embora dominada pelo pavor provocado pelo que ele acabara de dizer e seu coração estivesse exposto com feridas recém-abertas, Emily não respondeu, e ao mesmo tempo se esforçava para afastar as palavras dele.

Enterrando o rosto nos cabelos dela, Dillon a puxou com mais força ainda de encontro ao peito rijo.

– Você deu para ele?

– Não, Dillon. – Com o corpo ainda tremendo, as palavras sussurradas escaparam de sua boca, a voz fingindo inocência.

Lentamente, ele foi arrastando as pontas dos dedos pelo rosto de Emily e deslizou o polegar pelos lábios trêmulos dela.

– Você me ama, Emily?

Olhando para ele, ela ficou confusa com a pergunta e não soube responder. Baixou o olhar, a mente acelerando enquanto pensava no que dizer.

– Tivemos uns meses difíceis, Dillon – sussurrou ela, erguendo os olhos de volta para ele.

Dillon inclinou a cabeça para o lado.

– Você não respondeu à minha pergunta. – Ele chegou mais perto dela, o hálito soprando em seu rosto. Uma das mãos agarrou-lhe a cintura enquanto a outra a prendeu pela nuca.

– Você me ama, Emily?

Ela engoliu em seco e olhou para ele, um soluço escapando dos lábios.

– Eu o amo, sim, mas acho que...

Ele a interrompeu, levando rapidamente os dedos aos seus lábios para silenciá-la. Respirando com dificuldade, o corpo dela estremeceu quando Dillon deixou as mãos caírem e as pousou sobre a bancada de granito, imprensando-a como um animal.

– Então prove – sussurrou ele, o rosto a centímetros do dela, o hálito recendendo a bebida. – Se você não deu para ele e se me ama, Emily, então prove.

Ela olhou para ele – o corpo, a mente e a alma tremendo –, enquanto Dillon deslizava as pontas dos dedos pelo braço dela. Tomando sua mão, ele a levou para o quarto. Fechou a porta com um baque e começou a tirar a roupa. Durante todo o tempo, não tirou os olhos dela, sua intenção revelando uma necessidade urgente de reclamá-la para si.

– Tire a roupa – ordenou em voz baixa, aproximando-se.

Completamente nu diante de Emily, Dillon tinha a respiração pesada, o som pairando no ar.

Emily permaneceu enraizada, imóvel – morrendo aos poucos por dentro.

– Você vai provar. – Ele emoldurou o rosto dela com as mãos. Emily desviou o olhar, mas ele lhe segurou o queixo, trazendo sua atenção de volta para ele. – Porque, se não fizer isso – sussurrou ele ao ouvido dela –, vou saber que deu para ele. E você quer saber o que vai acontecer, então? – Com o coração ricocheteando, ela engoliu em seco, a garganta parecia ter sido forrada com uma lixa. Ela balançou a cabeça. – Serei obrigado a machucar vocês dois – sibilou ele, atrapalhando-se ao tentar desabotoar a blusa dela.

Imóvel e em silêncio, seus instintos a avisavam para fugir dali, mas ela não conseguia. Na escuridão do quarto, as lágrimas que tentava esconder

fluíam em silêncio enquanto Dillon a despia, por fim deixando-a exposta tanto física quanto mental e emocionalmente.

Empurrando-a para a cama, ele pairou sobre o corpo nu. Seu rosto estava salpicado com um misto de raiva, tesão e posse. Abrindo-lhe as pernas, afundou-se dentro dela e só então a obscuridade do que Dillon havia se tornado a envolveu como uma sombra fria. Ela compreendeu, naquele exato momento, que estava se apegando a algo que nunca mais voltaria a ser como antes.

Ela nunca poderia amá-lo como fizera um dia e nunca poderia amá-lo do jeito que agora amava Gavin. Quando seu corpo já não tinha mais nada para oferecer, ela sucumbiu à dormência que a abraçou. Fechando os olhos, tentou desligar-se por completo enquanto Dillon a penetrava com mais e mais força, uma dor interminável pulsando por sua cabeça. Imaginou os olhos azuis de Gavin acima dela, em vez dos olhos escuros e vingativos que a fitavam. Respirando fundo, tentou imaginar que eram as mãos de Gavin apalpando seus seios, o suor dele pingando sobre seu corpo e seus lábios beijando sua boca.

Gavin...

Dillon grunhiu e despencou todo o peso do corpo em cima dela quando terminou. Em poucos minutos, estava dormindo.

Emily passou horas ali, a mente repassando as palavras de Gavin, sem parar. Sentindo-se como se tivesse traído o próprio coração – que pertencia a Gavin –, Emily saiu da cama, a respiração rasa enquanto os pés tocavam o chão gelado.

Não haveria véus de renda e nenhum juramento no dia seguinte. Promessas não seriam feitas e mentiras não seriam ditas. Gavin estava certo. Seus lábios continham mentiras e elas talvez tivessem arruinado o futuro deles juntos. Ela o amava e agora iria atrás dele. Só lhe restava ter esperanças de que a perdoasse por duvidar dele e de seu amor. Emily juntou as roupas e se vestiu no maior silêncio possível. Também juntou a coragem de que tanto precisava para enfim abandonar Dillon.

Ficou no vão da porta do quarto dele, observando o vulto adormecido. Com lágrimas brotando nos olhos, sentiu o coração partir e se remendar de uma só vez.

– Adeus, Dillon – sussurrou.

Quase tropeçando nos próprios pés descalços, passou rapidamente à sala de estar e pegou os sapatos, o casaco e a bolsa. Tentando evitar fazer barulho, vestiu o casaco, mas manteve os sapatos na mão enquanto caminhava, pé ante pé, em direção à porta da frente. Pôs a mão na maçaneta, respirou fundo e abriu a porta, bem devagar. Embora a porta tivesse rangido, o som ecoando pela casa, seu medo de acordar Dillon foi reduzido pelo medo incapacitante de perder Gavin para sempre.

Essa última possibilidade a atirou no vento frio de inverno.

Tique-taque...

Agradecimentos

Escrever sempre foi uma válvula de escape para mim. Quando comecei a trabalhar em Tensão, eu não tinha ideia da estrada que estava prestes a tomar. Imaginei que seria fácil digitar algumas palavras, dar vida a alguns personagens e construir uma história relativamente boa. O que encontrei, em vez disso, foi uma viagem dolorosa e magnífica, torturante, bela e emotiva – tudo isso num pacote imperfeito, porém perfeito. O vínculo mental que tive de suportar, praticamente “me tornando” meus personagens, não foi algo para o qual eu estava preparada e é algo que nunca esquecerei.

Com isso, preciso oferecer meus mais profundos agradecimentos ao meu marido e aos meus filhos, por aturarem minhas muitas mudanças de humor, as muitas noites sem uma refeição quente e os muitos dias nos quais fui ausente como mãe e esposa.

Joe, sem sua paciência e apoio, nada disso teria sido possível. Juro que aquele sanduíche e um Mustang serão seus um dia. Amo você, Paizão. Sempre.

Depois do meu marido e dos meus filhos, vem minha cunhada, Cary. Ah, Cary, por onde começar? Suas poderosas sacadas e positividade extrema durante todo o processo sem dúvida salvaram um pouco da minha sanidade, mas definitivamente deram cabo de um pouco da sua. As incontáveis horas e muitas noites que passou, ao telefone, me ouvindo berrar, gritar e chorar meu progresso... deixe-me dizer logo... não tenho palavras suficientes para agradecer. Obrigada por ter embarcado nessa

viagem comigo. E prepare-se para fazer tudo de novo com Pulsação.

Lisa Kates é uma amiga que eu queria que ainda morasse perto de mim. Eu lhe agradeço por todos os telefonemas quando sonhávamos acordadas e conversávamos sobre cada capítulo enquanto eu os escrevia. Sua sinceridade, embora às vezes brutal, me ajudou a moldar Gavin. Amo você e sinto sua falta, amiga.

Embora muitos leitores não gostem da personagem que leva seu nome, Gina, sempre vou amar você!

Brooke Hunter, Lisa Maurer, Stephanie Johnson e Teri Bland, o que posso dizer? Uau, meninas, vocês me fizeram rir, chorar e acreditar que há leitores que amam incondicionalmente a mim e ao Tensão. Cada uma de vocês conhecia meus temores quando comecei esta empreitada e me convenceu a não queimar o manuscrito. Vocês me viram subir e descer e ficaram comigo o tempo todo. Estavam lá torcendo. Sem cobranças. Vou amá-las para sempre por esse apoio. Fico impressionada com a forma como nosso mundinho de leitura e de escrita acabou se esbarrando.

Destino. Um brinde a S.A. e a Cali, gatas!!!!

Para minha artista gráfica, Regina Wamba, da Mae I Design and Photography: Uau.

Simplesmente uau. Você não só é uma loja única para um autor à procura de fotos, como seu talento em design é incrível. Embora eu sempre vá ter uma conexão com a capa original do livro, você arrasou com a segunda. Estou ansiosa por passar muitos anos levando você à loucura enquanto descobrimos novas formas de fazermos Kevin e Talia suarem em bicas para nos darem uma capa deliciosa!

Para “Emily”, da Right Now It’s Your Tomorrow: a decisão que tomei certo dia de entrar em contato com você através de sua página do Facebook me levou a alguém que me ajudou durante o processo de construção de Dillon. Sua página me abriu os olhos para o número de mulheres que lidam com um narcisista no dia a dia. Suas inúmeras palestras e orientação a respeito de para onde levar a personalidade de Dillon me ajudaram muito, e nunca me esquecerei de seus conselhos. Você é uma mulher forte, atinge milhares de mulheres, deixando que saibam que há, sim, uma luz no fim do túnel. Só isso já diz muito sobre seu caráter. Espero conhecê-la um dia.

Senhorita escritora E.L. Montes, já passou da hora de sairmos para comer aquele Philly cheesesteak, hein? Obrigada pela ajuda e pelas mensagens particulares. Trocamos muitas, e cada uma, à sua maneira, me ajudou demais. Mas que coisa esses nossos meninos, Gavin e Marcus.

Precisamos impedir que briguem.

Para a longa lista de blogueiras que escrevem por amor à leitura: não há palavras suficientes para expressar minha gratidão. Vocês todas sabem quem são. A constante menção da minha página no Facebook para seus leitores maravilhosos me ajudou muito mais do que eu poderia ter imaginado.

Em cada uma de vocês, encontrei uma amiga que espero manter pelo resto da vida. Vocês, meninas, são espetaculares, e eu nem poderia lhes dizer quanto sou grata por cada favor. Alguns de seus blogs me levaram a mulheres das quais me orgulho de chamar de amigas. Eu me aproximei da maioria de vocês como uma escritora independente bastante confusa e vocês me receberam de braços abertos, me deram conselhos e torceram por mim o tempo todo. Algumas estão na faculdade, outras têm empregos em tempo integral e famílias, mas, independentemente da hora do dia em que entrei em contato com vocês, todas se fizeram presentes. Vocês, garotas, me tornam humilde.

Para minha primeira editora, Jovana Shirley, da Unforeseen Editing: obrigada por lidar com meu nervosismo e pânico enquanto editava Tensão, como nas conversas particulares às duas da manhã, quando eu tentava melhorar uma descrição ou estrutura porque suas recomendações não eram suficientes. Você é uma ótima pessoa para se trabalhar.

Para minha segunda editora, Cassie Cox: muito obrigada por me ensinar uma forma mais clara de escrever. Você deu asas à segunda edição do livro. Estou ansiosa por muitos anos de trabalho com você.

Para minha formatadora, Angela McLaurin, da Fictional Formats: tenho a sensação de ter encontrado uma mina de ouro trabalhando com você! Você é profissional, doce e trabalha com rapidez. Obrigada por ter aceitado meu trabalho e por ter fornecido tantas boas ideias em relação a cabeços e quebras de página. O que são cabeços mesmo? Rá rá rá!

Gostaria de agradecer também ao meu grupo de escritores do Facebook. Tem sido incrível me conectar a outros autores que compartilham do mesmo

amor pela escrita – além do mesmo temor de nos expormos para o mundo.

Por último, mas não menos importante, aos meus leitores da FictionPress: vocês foram os primeiros líderes de torcida do Tensão. Começaram a me seguir com o primeiro capítulo e o número só fez crescer a cada novo capítulo que eu postava. Os inúmeros e-mails me dizendo para continuar me alimentaram como nada neste mundo foi capaz. Vocês me colocaram onde estou agora. Suas palavras de incentivo me inspiraram a mergulhar de cabeça. Uma ideia que começou com “Hum, que tal eu escrever uma história aqui e ver se as pessoas gostam” se transformou em algo muito maior do que eu poderia imaginar.

Se não fosse pelo incentivo de vocês, eu não estaria sentada aqui – na noite de Natal – digitando uma lista de agradecimentos para o meu primeiro livro publicado. Não há palavras suficientes para descrever como sou grata a todos.

CONHEÇA O PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE

Pulsação

1

Um último encontro perdido

COM OS OLHOS CHEIOS DE lágrimas, Emily encostou a cabeça na janela do táxi e observou as luzes de Manhattan enquanto a expressão de Gavin indo embora passava pela sua mente como um borrão. Quanto mais se aproximava do apartamento e se distanciava do passado com Dillon, maior era a sensação de que sua sanidade beirava um limite tênue. A luz verde do relógio de pulso lhe informava que era quase uma da manhã e um lampejo de esperança inundou seu corpo. Inquieta, ela fechou os olhos, rezando para que Gavin a aceitasse de volta.

Quando o táxi finalmente parou, Emily tirou um bolo de dinheiro da bolsa e entregou ao motorista, sem saber direito a quantia, enquanto saía apressada em direção ao ar frio de novembro.

– Ei! – berrou o taxista do Oriente Médio. – Não vai fechar a porta, moça?

Emily ouviu a pergunta, mas ignorou-o. Os pés pareciam ter criado vida própria, mantendo-a naquele caminho incerto rumo ao que esperava ser um novo começo com o homem de sua vida.

Abriu a porta e atravessou a portaria. O suor colava sua roupa à pele. Com a mão trêmula, apertou o botão do elevador. O nervosismo só

aumentava, alimentado pela expectativa. Uma vez que as portas do elevador se abriram, ela entrou e se encostou à parede, física e mentalmente exausta, tentando controlar a respiração, o tremor do corpo e as lágrimas, que teimavam em descer. Não sabia qual seria a reação de Gavin.

Parecia impossível atenuar as emoções que invadiam seu corpo. As portas se abriram para o que poderia ser um novo começo... ou fim. Emily permaneceu imóvel por um momento, os olhos fixos na parede do outro lado do corredor. Só o vislumbrar das portas se fechando conseguiu tirá-la da inércia. Ela conseguiu mantê-las abertas e, um pouco desnorтеada, saiu no andar da cobertura de Gavin. A vista de Emily turvou e sua mente girava descontrolada diante de cada cenário possível.

Esforçou-se para recordar as palavras que ele lhe dissera mais cedo, permitindo que o medo diminuísse a cada passo em direção ao apartamento dele.

No entanto, centímetros diante da porta, o medo retornou com tudo, ancorando-se pesado sobre seu peito. Ela bateu à porta e cada batida parecia ecoar o palpitar feroz de seu coração. Secou as lágrimas, mas o corpo inteiro ainda tremia. Minutos se passaram sem que houvesse resposta.

Ela bateu de novo, com mais força e vontade.

– Atende, por favor – recitou, como numa prece, tocando a campainha dessa vez.

Com lágrimas escorrendo pelas faces, espiou pelo olho mágico, imaginando-o do outro lado. A ideia de que ele pudesse estar observando-a, sem dizer uma palavra, era dolorosa demais e rasgava um caminho até seu coração.

– Por favor – implorou ela, tocando a campainha outra vez. – Meu Deus, Gavin, por favor. Eu te amo. Eu sinto muito.

Nada.

Pegou o celular da bolsa e digitou o número dele. Com os olhos fixos na porta, ouviu-o tocar sem parar.

Você ligou para Gavin Blake. Sabe o que fazer.

O coração de Emily ficou apertado ao ouvir a voz dele. Aquela voz doce a assombraria para sempre se não a aceitasse de volta. A voz que implorou para que acreditasse nele. Ligou outra vez, mas não conseguiu deixar um recado. Sua respiração seria a única mensagem que Gavin receberia.

Palavras... não havia palavras.

Emily levou a mão à boca ao tomar consciência de que talvez ele nunca a perdoasse. Por dolorosos minutos, ficou em silêncio. Então, a dor explodiu em seu peito, seguida de uma torrente de lágrimas. Os gritos ecoavam pelo corredor. Dando um passo para trás, sentiu as costas baterem na parede. Seus olhos estavam fixos na porta de Gavin, a lembrança de seu rosto entranhada na mente. Uma dor lancinante se ondulou e enroscou dentro dela quando, por fim, Emily decidiu ir embora.

Seu coração despencando com o elevador rumo ao saguão.

Com os ombros caídos e o ânimo abatido, Emily destrancou a porta de seu apartamento. A pequena luz que ficava em cima do fogão projetava um brilho tênue através da sala de estar. Caminhando com cautela, para não despertar Olivia, Emily entrou no banheiro do quarto. Um manto de tristeza a envolvia.

Acendeu a luz e encarou o próprio reflexo no espelho. Os olhos verdes, antes tão cheios de esperança, não continham o menor sinal de vida. Correu os dedos pelo rosto, pálido e borrado de rímel. Eram sinais externos de seu coração doente. Espalmou as mãos sobre a superfície fria do mármore da pia, deixou pender a cabeça e chorou, sorvendo o ar e lutando contra a dor que envolvia sua alma. Era o arrependimento, em sua forma mais brutal, que lhe apertava o pescoço com força e sem clemência.

Abriu a torneira e deixou a água quente salpicar o rosto e limpar a maquiagem. Secou-se com a toalha, apagou a luz e caminhou até o quarto. Exausta, deixou-se cair na cama, com a esperança de conseguir algumas horas de sono.

Mas não, isso não aconteceria.

Segundos, minutos e horas se passaram. O rosto magoado de Gavin e seus olhos azuis confusos continuavam a invadir sua consciência. Com a

respiração vacilante, deitou de barriga para cima e encarou o teto. Durante as horas que se seguiram, ondas de dor penetravam seu coração.

Ela havia deixado Gavin escapar.

SOBRE A AUTORA



GAIL McHUGH, estreou na literatura com *Tensão*, que, junto com sua continuação, *Pulsção*, figurou na lista de mais vendidos do *The New York Times*. Chocólatra assumida, ela é casada há mais de quinze anos e tem três filhos.

www.authorgailmchugh.com